

Revista **Linguística**

Volume 16, número 2 de mai. - ago. de 2020

**Organizadores da edição:
Roberto de Freitas Junior e
Maria Maura Cezario**

O presente dossiê, Linguística Centrada no Uso e suas interfaces, apresenta pesquisas e reflexões de orientação cognitivo-funcional que representam o alicerce teórico da Linguística (Funcional) Centrada no Uso (LFCU).

ISSN: 2238-975X

UFRJ

COMISSÃO EDITORIAL

Editor-chefe

Aleria Lage, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores

Aniela Improta França, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Andrew Nevins, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Marcus Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editores Honorários

Miriam Lemle, UFRJ

Maria Luiza Braga, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Editor Fundador

Lilian Ferrari, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Conselho Editorial

Anthony Naro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fernanda Ferreira Spoladore, Michigan State University, EUA

Gabriela Matos, Universidade de Lisboa, Portugal

Kees Hegenveld, Universidade de Amsterdam, Holanda

Leticia Sicuro Correa, Departamento de Letras - PUC/RJ

Leo Wetzels, Universidade Livre de Amsterdam, Holanda

Luiz Amaral, University of Massachusetts, USA

Maria Armanda Costa, Universidade de Lisboa, Portugal

Maria Cecília Mollica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Roberto Almeida, Concordia University, Canada

Ruth Lopes

Organização da Edição

Roberto de Freitas Junior e Maria Maura Cezario

Redação e Assinaturas

Programa de Pós-Graduação em Linguística - Faculdade de Letras da UFRJ

Av. Horácio de Macedo, 2151 - Sala F. 321. Ilha do Fundão Cidade Universitária

CEP 21941-917 - Rio de Janeiro - RJ. E- mail: ppglinguistica@letras.ufrj.br

Editor Operacional

Elir Ferrari, Editorarte / UERJ

Design e Diagramação

Rafael Laplace, Agoobook/Agoodigital

<http://www.agoodigital.com>

Revista **Linguística**

Rio de Janeiro | Volume 16 | Número 2 | mai. - ago. de 2020

Linguística Centrada no Uso e Interfaces

Usage-based Linguistics and Its Interfaces

UFRJ

Programa de Pós-Graduação em Linguística
Faculdade de Letras UFRJ

Sumário

Apresentação

- 6** **Linguística funcional centrada no uso e interfaces**
Roberto de Freitas Junior e Maria Maura Cezario

Introduction

- 11** **Usage-based linguistics and its interfaces**
Roberto de Freitas Junior e Maria Maura Cezario

Entrevista

- 16** **Entrevista com Florent Perrek**
Marcia dos Santos Machado Vieira, Roberto de Freitas Junior e Karen Sampaio Braga Alonso

Artigos

- 22** **Competição interna na hierarquia construcional: um estudo do princípio da não sinonímia**
Flávia Saboya da Luz Rosa e Mariangela Rios de Oliveira
- 50** **A construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro**
Nahendi Almeida Mota e Marcia dos Santos Machado Vieira
- 69** **A construção de predicado fórico no português do Brasil contemporâneo**
Vinicius Maciel de Oliveira
- 89** **Uma análise construcional das formações lexicais baseadas em coronavírus no português brasileiro contemporâneo**
Carlos Alexandre Gonçalves
- 112** **Estudo diacrônico da ordenação das construções causais com porque e por+infinitivo sob a perspectiva de princípios funcionais**
Mayra França Floret e Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva

135 **Evidências sobre a representação cognitiva de construções funcionais do PB em crianças e adultos surdos**
Lia Abrantes Antunes Soares e João Paulo da Silva Nascimento

155 **Das páginas às telas: uma abordagem multi-dimensional da adaptação da linguagem da literatura young adult para o cinema**
Marcia Veirano Pinto e Tiago Marcondes Valente

191 **Linguística de corpus e diálogos de materiais didáticos de língua espanhola: uma análise do ato de fala “diretivos” no contexto de encontros de serviço**
Flávia Colen Meniconi

Resenha

215 **Resenha de The grammar network: how linguistic structure is shaped by language use de Holger Diessel**
Karen Sampaio Braga Alonso e Diego Leite de Oliveira

LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E INTERFACES *USAGE-BASED LINGUISTICS AND ITS INTERFACES*

Roberto de Freitas Junior¹

Maria Maura Cezario²

Organizadores

O dossiê *Linguística Centrada no Uso* e suas interfaces, da Revista *Linguística* da UFRJ, foi inspirado pelas discussões desenvolvidas durante o XXIV Seminário Nacional e o XI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, que aconteceram em novembro de 2019 na UFRJ. Nesses eventos, foram apresentados e discutidos inúmeros aspectos relacionados às pesquisas linguísticas, de orientação cognitivo-funcional, desenvolvidas no mundo e no Brasil e que se constituem como o alicerce da, aqui chamada, *Linguística (Funcional) Centrada no Uso (LFCU)*.

A LFCU, uma vertente brasileira do termo mais abrangente *Linguística Centrada no Uso*, destaca o termo *Funcional* em sua auto descrição, o que evidencia a própria percepção do Grupo de Estudos Discurso e Gramática acerca do papel instrumental, pragmático e concreto relacionado ao saber e ao fazer linguístico. A ênfase na perspectiva funcional tem também evidência histórica: a formação desse importante grupo de pesquisa tem suas raízes nas discussões do Funcionalismo Americano, representado por nomes como os de Sandra Thompson, Paul Hopper, Talmy Givón, Elizabeth Traugott e tantos outros que inauguram uma nova perspectiva de olhar sobre o fenômeno da linguagem, determinante na América e no resto do mundo, de então e no dos dias atuais.

O rótulo LFCU apresenta também perspectivas e abordagens que – sob o escopo do termo *Linguística Centrada no Uso* e seus inúmeros modelos – contribuem para um novo pensar da natureza da linguagem, que abarca a perspectiva funcionalista, mas que também traz contribuições advindas da *Linguística Cognitiva* e da teoria da Gramática das Construções. Essas abordagens trazem à baila

1 Roberto de Freitas Junior é Professor Adjunto do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ. É também professor do Programa de Pós-graduação em Linguística dessa Universidade e do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ- FFP. E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br.

2 Maria Maura Cezario é Professora Titular do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ. É professora do Programa de Pós-graduação em Linguística dessa Universidade. Atualmente faz estágio de Pós-doutorado na UFRN, com bolsa Capes. E-mail: mmcezario@gmail.com.

das discussões linguísticas de orientação não formalista uma epistemologia consistente e um tanto atualizada quanto ao que hoje já sabemos a respeito da psicologia, da memória, da aprendizagem, enfim, da cognição humana.

Nessa perspectiva, a gramática é entendida como uma rede conceptual de construções linguísticas, pareamentos simbólicos de forma-sentido, que formam o *constructicon* de uma língua. Tais construções são formadas e modificadas no uso, pela atuação de vários processos cognitivos de domínio geral, tais como a categorização, a analogia e a capacidade de leitura de intenções. Daí, a Linguística (Funcional) Centrada no Uso tem interesse em investigar como construções emergem e como se relacionam dentro do *constructicon*, procurando dar conta da produção, do processamento e da compreensão linguística.

Nesse sentido, temas como a representação cognitiva da linguagem, seja pela perspectiva da aquisição (L1/L2), da variação ou da mudança linguística, tornam-se objetos de investigação observáveis por pontos de vista que, cada qual a seu modo, trazem contribuições significativas para a observação dos fenômenos da linguagem. Tais pontos de vista, com a experiência da discussão funcionalista acerca da interface cognição/linguagem, remodelam toda a abordagem funcional e contribuem com propostas metodológicas complementares ao tratamento tão caro às abordagens baseadas no uso, de análise da expressividade, do sentido e da funcionalidade da língua, a partir da manipulação empírica de dados observáveis.

Assim, o desenvolvimento das novas tecnologias, o amadurecimento das práticas tradicionais de análise e a (re)construção de um pensar teórico fazem da LFCU uma área de investigação linguística que apresenta não apenas uma epistemologia consistente, mas também um conjunto de procedimentos metodológicos que combinam visões tradicionais e contemporâneas. Juntas, essas visões constituem-se em um instrumental qualitativamente fundamental para uma boa descrição da representação da linguagem das diferentes línguas, seja lá em quais contextos de usos.

É nesse percurso que se desenvolve a proposta do presente dossiê, ao trazer um leque de trabalhos que se enquadram nas múltiplas possibilidades de abordagens sob o escopo da L(F)CU. Apresentamos nesse número, portanto, trabalhos alinhados à perspectiva direta da L(F)CU, que focalizam majoritariamente a descrição do Português do Brasil pelo olhar construcionista, embora ainda apresentemos dois textos, de orientação funcional, que complementam a diversidade de pensares proposta nesta edição de nossa revista.

Destacamos, ainda, a importante entrevista gentilmente concedida pelo Professor Florent

Perek da Universidade de Birmingham, na Inglaterra. O pesquisador participou do XXIV Seminário Nacional e o XI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, ministrando cursos, debatendo temas da área e contribuindo com informações sobre metodologias experimentais e de análise de *corpus*. Tais metodologias vêm se mostrando de extrema vantagem para os estudos sobre a representação cognitiva da linguagem, em perspectiva construcional baseada no uso, em todo o mundo. Na entrevista, concedida aos professores Marcia dos Santos Machado Vieira, Roberto de Freitas Junior e Karen Sampaio Braga Alonso, todos da UFRJ, o convidado aborda vários assuntos, teóricos e práticos, e que oferecem ao leitor uma importante contribuição sobre sua área de atuação.

No artigo *Competição interna na hierarquia construcional: um estudo do princípio da não sinonímia*, Flávia Saboya da Luz Rosa e Mariangela Rios de Oliveira apresentam um estudo sobre a construção de subfunção refreador-argumentativa [$\text{Indut}_R \text{Afix}_{\text{Loc}} \text{RA}$], com base nas instanciações das seguintes construções: *alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá e para aí*. As autoras oferecem uma importante discussão sobre a relação variabilidade linguística e o princípio da não sinonímia de Goldberg (1995, 2006)³.

As autoras Nahendi Almeida Mota e Marcia dos Santos Machado Vieira apresentam o texto *A Construção de intensificação com lexemas de cor no português brasileiro*, no qual apresentam resultados da pesquisa sobre o subesquema [X cor de SN] da construção intensificadora [X cor de Y]. Na pesquisa, argumentam que emoção, muitas vezes revelada pela coloração facial, possa ser fator que contribui para a elaboração simbólica presente nos (sub)esquemas apresentados, descritos aqui como aloconstruções da rede construcional de intensificadores do português brasileiro.

O texto *A construção de predicado fórico no português do Brasil contemporâneo*, de Vinicius Maciel de Oliveira, aborda a construção de predicado fórico com o verbo *fazer*, demonstrando como tal construção mantém relação fórica com algum predicado já mencionado, a ser mencionado ou parte do contexto situacional. A pesquisa também mostra que o processo de referência pode ocorrer por meio da repetição, o que permite a observação do fenômeno pelo viés da variação linguística.

Em *Uma análise construcional das formações lexicais baseadas em coronavírus no português brasileiro contemporâneo*, Carlos Alexandre Gonçalves analisa a construção *coronavírus*, desde a sua criação na área da infectologia até os dias de hoje. Observa aspectos morfológicos e semânticos

3 GOLDBERG, A.E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A.E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

presentes nos processos de formação de palavras utilizados, com o objetivo de mapear as estratégias usadas pelos falantes para expressão de pontos de vistas com construções utilizadas. Suas principais fontes de dados são as redes sociais *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*, espaços em que os usuários da língua expressam, muitas das vezes, suas opiniões sobre o atual cenário político do país e sobre a pandemia com o uso de novas construções criadas a partir do nome do vírus.

Mayra França Floret e Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva, em *Estudo diacrônico da ordenação das construções causais com porque e por+infinitivo sob a perspectiva de princípios funcionais*, através de uma análise quantitativa de dados coletados de textos dos séculos XVII e XX/XXI, buscam verificar a ordem não marcada dessas construções e verificar se há relação entre ordem da oração com esses conectores e estatuto informacional, ou a relação entre ordem da oração e a relação icônica causa-efeito. As autoras também discutem possibilidades de ter havido mudança na organização sintagmática dessas construções na história do português.

Partindo de um análise centrada no uso, Lia Abrantes Antunes Soares e João Paulo da Silva Nascimento, no artigo *Evidências sobre a representação cognitiva de construções funcionais do pb em crianças e adultos surdos*, discutem a representação cognitiva de construções de predicação nominal do português brasileiro que instanciam o padrão [(S) V_(funcional) X], em que se inserem os verbos *ser*, *estar* e *ficar*. Os autores estudaram instâncias desses padrões em 58 produções escritas em PBL2 de estudantes surdos do ensino superior e de estudantes surdos do primeiro segmento do ensino fundamental. Os dados foram coletadas do *Corpus* do Núcleo de Estudos em Interlínguas e Surdez da UFRJ. Suas discussões apontam para a maior proximidade entre a abordagem teórica e metodologias de ensino de L2.

Como mencionado, o número apresenta dois artigos que, embora não tratem da abordagem construcionista, se relacionam com a chamada da Revista por seguirem uma abordagem funcional: os textos “*Das páginas às telas: uma abordagem multi-dimensional da adaptação da linguagem da literatura young adult para o cinema*” e “*Linguística de corpus e diálogos de materiais didáticos de língua espanhola: uma análise do ato de fala ‘diretivos’ no contexto de encontros de serviço*”.

O primeiro desses textos, cujos autores são Márcia Veirano Pinto e Tiago Marcondes Valende, tem como principal objetivo apresentar uma análise que busca compreender de que forma a linguagem verbal presente em livros *young adult* é adaptada para a linguagem audiovisual do cinema, como ocorreu com produções cinematográficas como *The outsiders* (1983), *The basketball diaries* (1995) e *Harry Potter and the sorcerer’s stone* (2001). O trabalho – feito a partir da análise de trinta obras

literárias e trinta legendas de filmes adaptados dessas obras – traz um estudo de variação entre diferentes tipos de linguagem, com base nas dimensões de variação do inglês (Biber, 1988). Os resultados mostram que as histórias ficam mais interativas, menos narrativas e mais dependentes de contexto nas adaptações cinematográficas.

O segundo texto, de autoria de Flávia Colen Meniconi, tem como objetivo principal comparar os atos de fala diretivos presentes nos diálogos de livros didáticos de língua espanhola adotados na Universidade Federal de Alagoas com os do *corpus* oral espontâneo da Universidade Autónoma de Madrid. O artigo traz uma análise das diferenças linguísticas e discursivas presentes nas formulações dos diretivos desses materiais e nos revela que há distância entre a fala oral espontânea e os diálogos criados em materiais didáticos de língua espanhola. Para o desenvolvimento da competência pragmática de estudantes de espanhol como língua estrangeira, os materiais didáticos deveriam ser embasados em amostras espontâneas do idioma, conclui a autora.

Por fim, Karen Sampaio Alonso e Diego Oliveira brindam a comunidade de estudantes e pesquisadores de Linguística com uma resenha que, ao mesmo tempo que apresenta as principais ideias do livro de 309 páginas *The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*, escrito por Holger Diessel, também discute seus principais postulados e conceitos. Segundo os autores, esse livro preenche uma lacuna, pois “faltava um trabalho que buscasse congregar as diversas contribuições multidisciplinares para um modelo de redes em um material sistematizado, coerente, didático e, ao mesmo tempo, permeado de reflexões teóricas importantes para a concepção de língua baseada no uso” (os autores, neste volume).

Dentre as várias correntes da Linguística, o número, através de sua chamada, relacionada com temas discutidos nos XXIV Seminário Nacional e o XI Seminário Internacional do Grupo de Estudos Discurso e Gramática, apresenta um conjunto de conhecimentos de pesquisas centradas nos usos linguísticos, em sua maioria, claramente vinculadas a uma visão construcional de gramática. Esperamos que a comunidade de estudiosos da área aproveitem ao máximo o volume organizado numa quarentena que já dura cerca de seis meses e que nos faz refletir muito sobre a grande importância dos estudos científicos de todas as áreas e no valor do estudo da linguagem humana, que serve, dentre outros razões, como instrumento para proteção da espécie humana.

USAGE-BASED LINGUISTICS AND ITS INTERFACES

Roberto de Freitas Junior¹

Maria Maura Cezario²

Guest editors

The Usage-Based Linguistics and its interfaces, dossier of the *Linguística* (UFRJ) journal, was inspired by the discussions developed during the 24th National Seminar and the 11th International Seminar of the Discourse and Grammar Research Group, which took place in November 2019 at UFRJ. In these conferences, several aspects related to the cognitive-functional linguistic research were presented and discussed. These researches are developed around the world and in Brazil and represent the foundations of Usage-Based Linguistics.

The UBFL (Usage-based Functional Linguistics), a Brazilian branch of the broader term Usage-Based Linguistics, highlights the term Functional in its self-description, which shows the Discourse & Grammar group's own perception of the instrumental, pragmatic and concrete role of linguistic knowledge and use. The emphasis on the functional perspective has also historical evidence: the creation of this important research group has its roots in the discussions of American Functionalism, represented by scholars like Sandra Thompson, Paul Hopper, Talmy Givón, Elizabeth Traugott and many others that launched a new perspective about the phenomenon of language, determinant in America and in the rest of the world ever since.

The label UBFL (LFCU) also stands for perspectives and approaches which – under the scope of the term Usage-based Linguistics and its several models – contribute to a new viewpoint of the

1 Roberto de Freitas Junior is an Adjunct Professor at the Brazilian Sign Language Department (UFRJ), at the Linguistics Graduate Program (UFRJ) and at the Arts and Linguistics Graduate Program (UERJ- FFP). E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br.

2 Maria Maura Cezario is a Full Professor at the Linguistics and Philology Department (UFRJ) and at the Linguistics Graduate Program (UFRJ). She is currently at a post-doctorate intership at UFRN and is supported by a CAPES scholarship. E-mail: mmcezario@gmail.com.

nature of language, which encompasses the functionalist perspective, but also brings contributions from Cognitive Linguistics and Construction Grammar. These approaches bring up for non-formal linguistic discussions a epistemology consistent and somewhat updated concerning what is currently known about psychology, memory, learning, in sum, about human cognition.

In this perspective, grammar is understood as a conceptual network of linguistic constructions, symbolic form-meaning pairings, which constitute the construction of a language. Such constructions are formed and modified in linguistic usage by the operation of several general domain cognitive processes, such as categorization, analogy and intention-reading abilities. Therefore Usage-Based Functional Linguistics is interested in investigating how constructions emerge and are related within the construction, aiming to explain the production, processing and the understanding of language

In this sense, themes such as the cognitive representation of language, whether from the perspective of acquisition (L1/L2), linguistic variation or change, have become objects of investigation under points of view that, their own way, bring significant contributions for the observation of language phenomena. These viewpoints, with the functionalist expertise on the cognition/language interface, remodel the whole functional approach and contribute with new methodological proposals complementary to the treatment of the analysis of the expressiveness, meaning and functionality of language through empirical manipulation of observable data.

Thus the development of new technologies, the enrichment of traditional analytical practices and the (re)construction of a theoretical thinking make UBFL an area of linguistic investigation that presents not only a consistent epistemology, but also a set of methodological procedures that combine traditional and contemporary views, which together constitute a qualitatively fundamental instrument for a good description of the representation of language and of different languages, in whatever contexts of use.

This dossier is developed in such scenario, by bringing a range of works that fall under the multiple possible approaches under the scope of UBFL. We, therefore, present in the current issue papers directly aligned with the UBFL perspective and that mostly focus the description of Brazilian Portuguese under the constructionist perspective, although we still present two functional texts, which complement the thought diversity proposed in this edition of our journal.

We also highlight an important interview kindly given by Professor Florent Perek from the University of Birmingham, England. The researcher participated in the 24th National Seminar and the 11th International Seminar of the Discourse and Grammar Research Group, delivering courses,

debating topics in the area and contributing with information on experimental methodologies and corpus analysis. These methodologies have shown extreme advantage for studies on the cognitive representation of language for the usage-based constructional perspective worldwide. In the interview, given to professors Marcia dos Santos Machado Vieira, Roberto de Freitas Junior and Karen Sampaio Braga Alonso, all from UFRJ, the interviewee deals with various theoretical and practical subjects, an important contribution from his area of expertise for the interested reader.

In the paper *Internal competition in construction hierarchy: a study of the non-synonymy principle*, Flávia Saboya da Luz Rosa and Mariangela Rios de Oliveira present a study about the restraining-argumentative subfunction construction, coded as [Indut_R Afix_{Loc-RA}], based on instantiations of the following constructions: *alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá e para aí*. The authors offer an important discussion about the relation between linguistic variability and Goldberg's principle of non-synonymy (1995, 2006)³.

Nahendi Almeida Mota and Marcia dos Santos Machado Vieira are the authors of the text *The Intensifying construction with color lexemes in Brazilian Portuguese*, in which there are some results of the research about the subschema [X cor de SN] of the intensifying construction [X cor de Y]. They argue that emotion, often revealed by facial coloring, can be a factor that contributes to the symbolic preparation present in the given (sub)schemes, described as alloconstructions of the constructional network of Brazilian Portuguese intensifiers.

The text *The phoric predicate construction in contemporary Brazilian Portuguese*, by Vinicius Maciel de Oliveira, addresses the phoric predicate construction with the verb *fazer*, showing how such construction maintains a phoric relationship with some predicate that has been mentioned, is to be mentioned or that is part of the situational context. The research also shows that the reference process can occur through repetition, which allows an observation of the phenomenon through the linguistic variation perspective.

In *A constructional analysis of the lexical formations based on coronavirus in contemporary Brazilian Portuguese*, Carlos Alexandre Gonçalves analyzes the coronavirus construction, from its creation in the field of infectology to the current days. He observes some morphological and semantic aspects present in the word formation processes used, in order to map the strategies followed by

3 GOLDBERG, A.E. (1995). *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press.

GOLDBERG, A.E. (2006). *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press.

speakers for the expression of points of view with the constructions chosen. The main sources of data are the social networks Twitter, Instagram and Facebook, spaces where users of the language often express their opinions about the current political scenario of the country and about the pandemic with the use of new constructions created from the name of the virus.

In *Diachronic study of the ordering of causal constructions with porque and por+infinitive based on the perspective of functional principles*, Mayra França Floret and Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva, through a quantitative analysis of data collected from 17th, 20th and 21st century texts, verify the unmarked order of these constructions and verify whether there is some relationship between the order of the clause with these connectors and the informational status; or if there is relationship between the order of clauses and the iconic cause-effect relation. The authors also discuss some possibilities of syntagmatic organization change of these constructions in the history of Portuguese.

Lia Abrantes Antunes Soares and João Paulo da Silva Nascimento, in the paper *Evidence on the cognitive representation of BP functional constructions in children and deaf adults*, based on usage-based analysis, discuss the cognitive representation of nominal Portuguese constructions that instantiate the [(S) V (functional) X] pattern in which the verbs *ser*, *estar* and *ficar* are inserted. They have studied instances of these patterns in 58 L2BP written productions by undergraduate deaf students and deaf students in the first grade of elementary school. Data were collected from the *Corpus* NEIS-UFRJ. Their results points to the need for a stronger relationship between these theoretical approach and L2 teaching methodologies.

As mentioned, this number presents two articles that, although do not deal with the constructionist approach, are related to the Journal's call as they follow the functional approach: the texts "*From pages to screen: a multi-dimensional approach to the adaptation of young adult novels to the movies* and *Corpus linguistics and dialogues of Spanish language learning materials: an analysis of the directive speech acts in the context of service encounters*."

The first of the texts, whose authors are Márcia Veirano Pinto and Tiago Marcondes Valende, has as main objective the understanding of how the verbal language presented in young adult books is adapted to the audiovisual language of cinema, as occurred with cinematographic productions like *The outsiders* (1983), *The basketball diaries* (1995) and *Harry Potter and the sorcerer's stone* (2001). The work - made from the analysis of thirty literary novels and thirty subtitles of their respective movies - brings a study of variation between the different types of language, based on the dimensions of variation in English (Biber, 1988). The results show that the stories become more interactive, less

narrative and more dependent on context in the cinematographic adaptations.

The second text, authored by Flávia Colen Meniconi, compares the directive speech acts present in the dialogues of Spanish language textbooks adopted at the Federal University of Alagoas to the spontaneous oral corpus of the Autonomous University of Madrid. The article shows an analysis of the linguistic and discursive differences used in the formulations of the directives of these materials and reveals the distance between spontaneous oral speech and the dialogues created in Spanish language teaching materials. The author concludes that for the development of the pragmatic competence of students of Spanish as a foreign language, the teaching materials should be based on spontaneous samples of the language.

Finally, Karen Sampaio Alonso and Diego Oliveira offer the community of students and researchers of Linguistics with a review that presents the main ideas of the book “*The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*”, written by Holger Diessel, and it also discusses its main postulates and concepts. According to the authors, this book fills a gap in the area, because “there was not a work that sought to bring together the diverse multidisciplinary contributions to a network model in a systematic, coherent, didactic material, and at the same time permeated with important theoretical reflections for the conception of usage-based language” (the authors in this volume).

Among the several fields in Linguistics, this dossiê, related to themes discussed in the 24th National Seminar and the 11th International Seminar of the Discourse and Grammar Research Group, presents a set of researches centered on linguistic usage, mostly connected to a constructional view of grammar. We hope that the community of scholars in the area enjoy the issue to the fullest, an issue organized in a quarantine that has already lasted six months and that makes us reflect on the importance of scientific studies in all areas and on the value of the study of human language, which serves, among other reasons, as an instrument for the protection of the human species.

INTERVIEW WITH FLORENT PEREK *ENTREVISTA COM FLORENT PEREK*

*Marcia dos Santos Machado Vieira*¹

*Roberto de Freitas Júnior*²

*Karen Sampaio Braga Alonso*³

ABSTRACT

Professor Florent Perek has a PhD in English and General Linguistics (University of Freiburg, Germany) and is a Lecturer in Cognitive Linguistics at the Department of English Language and Applied Linguistics at University of Birmingham, UK. Professor Perek is the author of several articles in international peer-reviewed journals and has, among his most important publications, the 2015 book, *Argument structure in usage-based construction grammar: experimental and corpus-based perspectives*, edited by John Benjamins.

RESUMO

Florent Perek é Doutor em Inglês e Linguística Geral (Universidade de Freiburg, Alemanha) e Professor da área de Linguística Cognitiva do Departamento de Língua Inglesa e Linguística Aplicada na Universidade de Birmingham, no Reino Unido. Perek é autor de uma série de artigos em artigos em periódicos internacionais revisados por pares e tem, entre suas importantes publicações, seu livro de 2015, o qual foi intitulado *Estrutura argumental na gramática de construções baseada no uso: perspectivas experimental e baseada em corpus* e foi editado pela John Benjamins.

1 Associate Professor at the Vernacular Letters Department (UFRJ) and at the Vernacular Letters Graduate Program (UFRJ). E-mail: marcia@letras.ufrj.br.

2 Adjunct Professor at the Brazilian Sign Language Department (UFRJ), at the Linguistics Graduate Program (UFRJ) and at the Arts and Linguistics Graduate Program (UERJ- FFP).E-mail: robertofrei@letras.ufrj.br.

3 Adjunct Professor at the Linguistics and Philology Department (UFRJ) and at the Linguistics Graduate Program (UFRJ). E-mail: karensampaio@letras.ufrj.br.

We would like to introduce Professor Florent Perek, PhD in English and General Linguistics and Lecturer in Cognitive Linguistics at the Department of English Language and Applied Linguistics at University of Birmingham, UK. Professor Perek is the author of several articles in international peer-reviewed journals and has, among his most important publications, the 2015 book, *Argument structure in usage-based construction grammar: Experimental and corpus-based perspectives*, edited by John Benjamins.

REVISTA LINGUÍSTICA: First, we would like to thank you, Florent, for accepting our invitation for this interview to Revista Linguística, a journal of the Graduate Program on Linguistics of the Federal University of Rio de Janeiro. We would like to begin by asking you to tell us a bit about your most recent works and concerns on language representation, learning and change.

FLORENT PEREK: My earlier research in construction grammar has so far mostly been centered on individual constructions or sets of constructions, with the underlying aim of studying how grammar is acquired, change over time, or simply how it is represented in the mind. This is pretty much what construction grammarians have been doing since the start of the field. However, there is a tendency for a small number of the same constructions to be used over and over in different studies, with comparatively fewer efforts to expand the empirical coverage of construction grammar. This is especially true for argument structure constructions, at least in English, with the ditransitive construction, the caused-motion construction, the resultative construction, the *way*-construction, and a couple of others being systematically used as examples in many studies, including some of my own. There is in principle nothing wrong with that, and furthermore it is perfectly understandable: we do not want to reinvent the wheel and are keen to benefit from an existing body of literature documenting these constructions. But on the other hand, this might give the impression, especially from outside the field, that construction grammar is good at describing a couple of patterns with special properties, but that outside of these, a more mainstream approach like generative grammar would not only be adequate but even preferable, especially for the more mundane and common building blocks of ordinary language (the likes of the transitive construction or the “verb + to-infinitive” pattern, for instance). As construction grammarians, we know that this is not true, but it undermines the theory’s original commitment to account for “the entirety of grammar”. Of course, this commitment was originally meant as “also including the periphery”, as opposed to ‘core’ grammar, but I wonder if construction grammarians have not strayed too far by focusing chiefly on the periphery, as there is also a tendency for us to be ‘butterfly collectors’, i.e. to strive to find new, “exotic” patterns with interest semantic and grammatical properties. However, these are also not common constructions, so it is not clear that focusing on these significantly helps to increase the empirical coverage of construction

grammar, and to demonstrate that it is indeed “constructions all the way down”, as Goldberg puts it.

Motivated by these concerns, in my recent research I have started to embark on a project that aims to expand the empirical coverage of construction grammar by focusing on lesser-studied grammatical patterns, describing them in terms of form-meaning pairs, and trying to catalogue the possible constructions that make up the English language, with a special focus on argument structure constructions, at least initially. In a sense, this is studying constructions in their own right, i.e. as a descriptive exercise that does not in itself aim at a wider goal, at least at first. We believe this is important work that needs to be done, and that it can be of interest not only to other researchers, but also for applications outside academic, for example in language teaching. At Birmingham, my colleague Amanda Pattern and I are currently working towards building a *constructicon* of English, i.e. a database of fully described constructions. In this, we are joining various projects working on constructicons in different languages that are currently in progress around the world; for instance, there is a constructicon of Brazilian Portuguese project led by Tiago Torrent at the Federal University of Juiz de Fora.

REVISTA LINGUÍSTICA: In your webpage, you define yourself as a cognitivist. So, assuming the close relationship between language and cognition, how do you deal with it in your work?

FLORENT PEREK: There are many ways to discuss the relation between language and cognition and how it should apply to language research. To me, it is very aptly captured by Lakoff’s *cognitive commitment*, “a commitment to providing a characterization of general principles for language that accords with what is known about the brain and mind from other disciplines”. In practice, this means that language facts should be analysed and explained with reference to what we know about human cognition, such as categorization, perception, attention, long- and short-term memory, pattern-finding abilities, social cognition, to name but a few. In this light, it is especially useful to look at findings from other fields of cognitive science, in particular psychology (especially cognitive psychology) and neurobiology, but also to some extent artificial intelligence and anthropology. I do, however, see one possible danger in applying the cognitive commitment to the extreme, namely that you run the risk of reading things into your linguistic data by applying some cognitive explanation to it without empirical evidence. To avoid this, it is especially important for linguists to conduct psycholinguistic experiments that directly address cause-effect relations (or at least correlations) between cognition and language.

REVISTA LINGUÍSTICA: Do you agree with the assumption that corpus analysis is a crucial

condition for usage-based linguistic research? If so, do you consider that the analysis of large amounts of data could offer insights about language storage, that is, the psychological reality of grammar?

FLORENT PEREK: It is tempting to create a false equivalence between quantitative corpus linguistics and usage-based linguistics, but in fact not all usage-based linguistics is strictly speaking corpus-based, and not all corpus linguistics necessarily claims to be usage-based in a theoretical sense in the way that it frames its results. Although usage-based linguists have naturally turned to corpus linguistic methods and have done so very early on, we should be conscious of the fact that the use of corpora is not, and has never been, part of the definition of the usage-based approach, as first put forward by Langacker or as later expanded by other users of the term (such as Bybee). The only claim that the usage-based approach makes is that the mental representation of language is shaped by usage events; hence, it is possible to adopt a usage-based approach without quantitative corpus methods. After all, there is ample evidence for the intuitive idea that language users are able to derive linguistic knowledge from a single usage event, with no need for repetition. In this light, you can in principle adopt a usage-based approach by considering individual hand-picked examples, or just on the basis of your own introspection about what possible usage events might be. There is also much experimental research that is squarely usage-based without making reference to corpus data, notably because it only considers usage events within the controlled setting of the experiment; artificial language experiments are a quintessential example of this idea. That said, what corpus data is really good for is telling us how common certain types of usage events are. In my view, that's important for two things: (1) making more reliable generalisations about what aspects of usage are more likely to matter, and (2) investigating frequency effects, i.e. how frequencies of occurrence and co-occurrence shape speakers' knowledge of language.

REVISTA LINGUÍSTICA: How do you see the rise of new forms of digital communication for the creation of new corpora with large amounts of data and for new research questions and methodologies? How can UBCG explore these possibilities?

FLORENT PEREK: I see much value in the data generated by some new forms of computer-mediated communication, such as Twitter, but at the same time I find that they are kind of a double-edged sword: on the one hand, they provide vast amounts of data that are truly unrivaled in size and are public by nature, but on the other hand, the data is extremely specific in its nature, notably in terms of the medium for which it is produced, its intended purpose, and the particular socio-cultural context of use (though admittedly, the same could probably be said of many other specific genres). I find that data from Twitter and other social media is extremely valuable for linguistic research, but

we should be careful what we use it for; there are claims I would be very suspicious of if they were made on the sole basis of a corpus of tweets, however large. That said, I think there is at least one domain in which the value of Twitter data shines through: the study of individual usage, or idiolects, which is a new area of interest in usage-based linguistics. To make any kind of generalizations about the grammar of individual speakers, and compare different individual grammars in a meaningful way, you need a massive amount of data, with clear information as to who produced each text. Twitter provides just that, while traditional corpora are inadequate. The idea is that you should be able to track some aspect of individual speakers' usage from the tweets posted from different accounts. The lines of authorship are sometimes blurred on Twitter (accounts may be shared between different contributors or maintained by a social media expert instead of the account holder), but this is not an insurmountable problem if the data is carefully selected.

REVISTA LINGÜÍSTICA: What are the future challenges for Usage-Based Construction Grammar? What kind of linguistic research (in fields like (supra)segmental phonology, morphology, syntax, semantics and pragmatics) still requires more investigation? What is missing for building bridges with other areas of knowledge and technology?

FLORENT PEREK: I think there are at least two areas where the field is yet to push new boundaries. The first one is the study of individual grammars, as I've already mentioned above. Usage-based approaches to grammar share a strong cognitive basis: they aim to describe grammar as it is 'stored' in the minds of speakers. But on the other hand, they have typically approached grammar in an idealized way, i.e. as a unified and homogeneous entity representative of a whole population of speakers. General-purpose corpora are seen as a way to access the linguistic knowledge of this population. This is in part a necessary fiction created for convenience: we don't aim to describe the knowledge of a single speaker, but rather to make broader generalisations, mostly guided by the assumption that individual speakers must share roughly the same grammar, otherwise communication would be impeded. But if grammar is a cognitive phenomenon, we can't gain a full understanding of it until we take individual minds into account. There are already some studies along these lines, for example focussing on the style of individual authors or speakers and describing/contrasting their use of particular constructions. But we have yet to fully understand how individual usage relates to variation and change in the system as a whole, and for this we need more of this work.

The second one is multimodality in constructions. UBCG is a functional theory; as such it does not study language *per se*, i.e. as a formal system, but as a tool whose primary function is communication. But communication relies on much more than just words, for example gestures

and facial expressions. It is highly desirable to take these other dimensions of communication into account, but it is not clear how they should be integrated with linguistic constructions. To the extent that at least some multimodal signals are meaning-making, are they to be considered constructions in their own right? Or are they additional properties of existing linguistic constructions? Or does their interpretation simply rely on pragmatics rather than conventionalised meanings? To me, the jury is still out, although there have been very valuable contributions to this debate over the past few years. But we still need more research of this kind, especially using quantitative methods, which unfortunately is difficult to do when you're dealing with multimodality.

COMPETIÇÃO INTERNA NA HIERARQUIA CONSTRUCIONAL: UM ESTUDO DO PRINCÍPIO DA NÃO SINONÍMIA

INTERNAL COMPETITION IN CONSTRUCTIONAL HIERARCHY: A STUDY OF THE NON-SYNONYMY PRINCIPLE

Flávia Saboya da Luz Rosa¹

Mariangela Rios de Oliveira²

RESUMO

Neste artigo, investigamos a variabilidade linguística em perspectiva construcional, com base no princípio da não sinonímia, nos termos de Goldberg (1995, 2006). A partir dos pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso, e conforme se encontra em Traugott e Trousdale (2013) e Hilpert (2014), entre outros, postulamos que esse princípio pode ser refinado e relativizado, levando-se em conta a hierarquia construcional proposta por Traugott (2008). Assim, elegemos aqui como objeto de pesquisa um esquema específico do português, integrante do paradigma dos marcadores discursivos formados por elementos indutor-refreadores e afixoides de origem locativa, nos termos de Rosa (2019); trata-se da construção de subfunção refreador-argumentativa, codificada como $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$, de que resultam dez construtos, que acabam competindo entre si no uso linguístico: *alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá* e *para aí*. Na pesquisa da não sinonímia, voltamo-nos para a *competição interna* (OLIVEIRA, 2018) ocorrida no esquema, defendendo que, em determinados níveis hierárquicos construcionais, é possível a proposição de *sinonímia virtual* e *sinonímia aparente*, contudo, na instância de uso efetivo, em que propriedades extra e intralinguísticas moldam as interações, no âmbito do construto, não ocorre, de fato, sinonímia, dado que o sentido é contextualmente dependente.

PALAVRAS-CHAVE: Não sinonímia; competição pelo uso; construção refreador-argumentativa; hierarquia construcional.

ABSTRACT

In this paper, we investigate linguistic variability in a constructional perspective, based on the principle of non-synonymy, in Goldberg's terms (1995, 2006). Taking on the assumptions of the Usage-Based Functional Linguistics, and as found in Traugott and Trousdale (2013) and Hilpert (2014), among others, we postulate that this principle can be refined and relativized, taking into account the constructional hierarchy proposed by Traugott (2008). Thus, we have chosen here as the research object a specific scheme of Portuguese, part of the paradigm of discourse markers formed by inductive restraining elements and affixoids of locative origin, in the terms of Rosa (2019); it is the construction of restraining argumentative subfunction, coded as $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$, which results in ten constructs, which compete with each other in the linguistic use: *alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá* and *para aí*. In the research of non-synonymy, we turn to the internal competition (OLIVEIRA, 2018) that takes place in the scheme, arguing that, at certain constructional hierarchical levels, it is possible to propose virtual synonymy and apparent synonymy, however, in the instance of effective use, in which extra and intralinguistic properties shape the interactions, within the construct, synonymy does not, in fact, occur since the meaning is contextually dependent.

KEYWORDS: Non-synonymy; competition for use; restraining argumentative construction; constructional hierarchy.

1 Pesquisadora, Doutora em Estudos de Linguagem, do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* sediado na Universidade Federal Fluminense (D&G – UFF). E-mail: flaviasaboya@gmail.com

2 Professora titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense e professora visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisadora do CNPq e da Faperj; líder do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática* – UFF. E-mail: mariangelariosdeoliveira@gmail.com

Introdução

Com a incorporação da abordagem construcional da gramática, de vertente cognitivista, na linha de Goldberb (1995, 2006) e Croft (2001), entre outros, à pesquisa funcionalista norte-americana, trabalhamos hoje sob o enfoque da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), tal como praticada no Brasil no contexto do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*³. Essa linha investigativa se fundamenta, em grande parte, nas pesquisas de Traugott e Trousdale (2013), Hilpert (2014) e Bybee (2010, 2015). A assunção dessa perspectiva teórica, que parte do pressuposto de que a língua é uma rede de pares simbólicos de conteúdo e forma, forjados via convencionalização de uso, tem se mostrado relevante para a pesquisa linguística funcionalista, porém tem lançado novos desafios aos investigadores da área.

Um desses desafios é contemplado no presente artigo: o tratamento da variabilidade em perspectiva construcional. Se partimos da premissa de que o significado construcional é distinto da soma do significado das subpartes e de que cada construção é um todo semântico-sintático altamente vinculado, então não há lugar para a sinonímia, tal como preconizado por Goldberg (1995). De outra parte, consideramos que os constituintes linguísticos competem pelo uso, que partilham, em maior ou menor grau, certos traços semânticos, e que, portanto, a variabilidade faz parte da natureza das línguas, como destacado por Bybee (2010, 2015).

Partindo dessas considerações preliminares, objetivamos aqui investigar e testar o princípio goldbergiano da não sinonímia, tomando como objeto de análise uma específica rede de construções do português – a dos marcadores discursivos (MD) formados por subparte indutora (Indut) e afixoide (Afix⁴), convencionalizada como [Indut Afix]_{MD} e classificada por Traugott (2008) como uma macroconstrução, pesquisada no Brasil por Rosa (2019). Desse nível hierárquico mais alto, elegemos uma subfamília, ou mesoconstrução, nos termos da mesma autora, de subfunção refreador-argumentativa (RA), codificada como [Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}. Nesse grupo, a primeira subparte é um elemento indutor-refreador, como as frases nominais *calma* e *alto*⁵, ou ainda como os verbos *para*, *espera*, *segura* e *aguenta*; a segunda subparte é um constituinte afixoide de origem locativa, como *lá* ou

3 Para maiores informações, consultar o site <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>

4 De acordo com Booij (2010; 2013), afixoide são elementos que exibem gradiência, situando-se entre constituintes lexicais, de conteúdo mais pleno, e constituintes gramaticais, de maior sentido procedural, como afixos e desinências. Trata-se de elementos mais leves, em termos de sentido e forma, que, vinculados a outros nucleares, concorrem para a configuração de expressões específicas; estas, uma vez fixadas, podem fornecer modelo para outras formações na língua, como os pronomes locativos *lá* e *aí*.

5 Termo oriundo do âmbito militar que significa “interrupção da marcha da tropa”.

ai. Desses níveis mais altos, resultam dez microconstruções, que acabam competindo entre si como construtos no uso linguístico: *alto lá, calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá e para aí*.

Neste artigo, o foco de nossa investigação se volta justamente para a *competição interna*, ou seja, para a variabilidade que, nos termos de Oliveira (2018), ocorre entre *types* pertencentes a um mesmo esquema, no nosso caso, a mesoconstrução $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$. Assumimos a hipótese de que esses *types*, em seus distintos níveis hierárquicos, meso, microconstrucionais e no nível do construto, partilham propriedades semânticas e estruturais e, paralelamente, têm propriedades específicas.

Consideramos que a sinonímia pode ser tomada como gradiente numa abordagem construcional e hierárquica. Postulamos que, na rede pesquisada, ocorre tanto *sinonímia aparente*, caracterizada pelo pertencimento ao mesmo paradigma, no caso deste estudo, ao dos marcadores discursivos refreador-argumentativos, quanto *sinonímia virtual*, em que *types* parcialmente esquemáticos são passíveis, em tese, de instanciar *types* preenchidos, de significado compatível. De outra parte, entendemos que não há *sinonímia perfeita*, uma vez que não detectamos correspondência absoluta entre *types* no nível do construto, do uso efetivo. Assim, propomos que a não sinonímia, tal como formulada por Goldberg (1995), deva ser relativizada e tratada a partir de um contínuo, tal como fazemos aqui. Nessa linha de entendimento, a competição pelo uso, a instanciação de uma construção, é motivada no nível do construto, ou seja, das condições contextuais, intra e extralinguísticas, que configuram as interações. Portanto, se a língua manifesta variabilidade, as propriedades em que ocorrem os usos selecionam a melhor alternativa, instanciam o que é mais adequado aos propósitos comunicativos.

Para dar conta de nossos objetivos e testar as hipóteses de trabalho, este artigo se divide nas quatro seções a seguir. Na primeira, voltamos para a apresentação dos pressupostos da LFCU que fundamentam as análises, com foco na abordagem construcional, nas propriedades e níveis hierárquicos da $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$ e também no princípio da não sinonímia. A seguir, tratamos da metodologia de trabalho, com informes acerca dos *corpora* da pesquisa e dos procedimentos de análise, que, privilegiando o viés qualitativo, utilizam a correlação de propriedades do eixo do conteúdo e da forma elaborados por Croft (2001) e o refinamento da hierarquia da $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$ estabelecidos por Rosa (2019). Na terceira seção, a variabilidade e a não sinonímia são analisadas a partir de dois níveis microconstrucionais estabelecidos por Rosa (2019) para a construção refreador-argumentativa; com base nessa análise, propomos uma escala de não sinonímia para o tratamento da competição interna, da variabilidade dentro da $[Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}$. Por fim, tecemos algumas considerações acerca dos resultados obtidos com base na análise realizada, tendo em vista também a continuidade da

pesquisa nessa área.

1. Fundamentação teórica

A vertente teórica que nos orienta é a da LFCU, com a adoção das contribuições de Traugott e Trousdale (2013), Bybee (2010, 2015) e Hilpert (2014). Nessa perspectiva, a pesquisa funcionalista de vertente norte-americana incorpora a abordagem construcional da gramática, de vertente cognitivista, na consideração de que as relações entre conteúdo⁶ e forma são biunívocas, com equilíbrio entre ambos os eixos. Tal consideração impacta a pesquisa nessa área, lançando novo olhar sobre a dimensão estrutural da língua, como as associações metonímicas e analógicas, que passam a ser tão destacadas quanto as derivações polissêmicas, de base metafórica, tal como assumido por Traugott e Dasher (2005). Assim posto, o Funcionalismo que hoje praticamos assume os usos linguísticos, foco das pesquisas nessa área, como consequentes de três fatores básicos: os estruturais, relativos à própria configuração da gramática; os pragmático-discursivos, atinentes às motivações intra e extralinguísticas que contextualizam os modos de dizer; os cognitivos, referentes aos processos de domínio geral, nos termos de Bybee (2010), que impactam esses modos, como categorização, analogização e *chunking*⁷.

Para a apresentação dos pressupostos da LFCU que fundamentam a análise de nosso objeto de pesquisa, esta seção está dividida em três subpartes. Na primeira parte, nos dedicamos ao tratamento da construção gramatical como unidade de análise, sua definição, propriedades e níveis esquemáticos. No segundo momento, destacamos a dimensão hierárquica da abordagem construcional assumida pela LFCU e trazemos uma proposta de refinamento dos eixos da forma e do conteúdo, com base na referida hierarquia. A seguir, voltamo-nos para o tratamento da variabilidade linguística no âmbito do Funcionalismo e sua articulação ao princípio da não sinonímia na perspectiva da construção, concentrando-nos no modo pelo qual essa questão se relaciona com o pressuposto da competição pelo uso.

1.1. Construção: conceito, propriedades e níveis esquemáticos

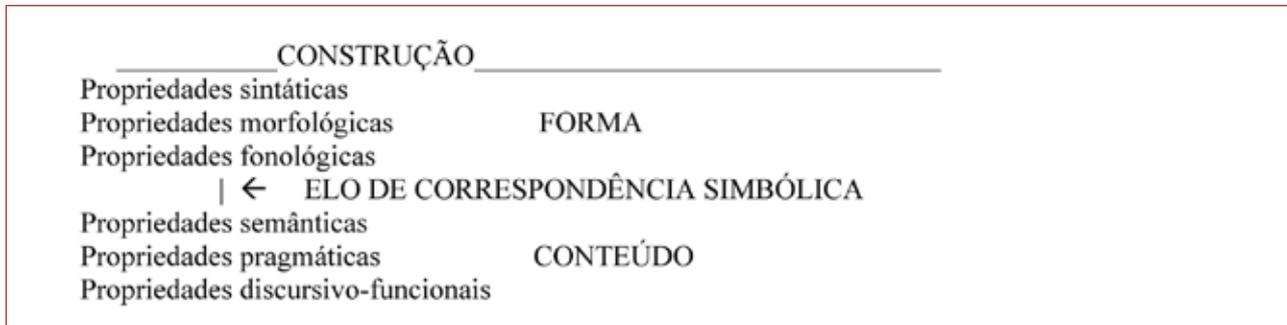
De acordo com Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001), entre outros, definimos construção como o pareamento simbólico entre conteúdo e forma. Segundo os mesmos autores, o conteúdo construcional não se resume à soma das subpartes da construção, embora cada uma destas concorra, com alguns traços de seu significado fonte, para o conteúdo convencionalizado. A Figura 1, a seguir,

6 Como Rosa (2019), adotamos o termo *conteúdo* para a referência ao eixo significativo da construção.

7 Termo usado por Bybee (2010), na referência ao processo cognitivo de agrupamento de sequências de unidades de forma e sentido, de base gestáltica.

detalha as propriedades que ligam as construções:

Figura 1: Modelo para a estrutura simbólica de uma construção.



Fonte: Adaptado de Croft (2001, p.18)

Como podemos observar pela Figura 1, sintaxe, morfologia e fonologia se encontram pareadas a semântica, pragmática e discurso na convencionalização construcional. No âmbito da LFCU, conforme Rosário e Oliveira (2016), consideramos que esse pareamento é consequente de mudanças construcionais em contextos específicos, como alterações ao nível do conteúdo ou da forma em um esquema; essas alterações podem chegar à construcionalização, ou seja, à formação de um novo nó de conteúdo e forma na língua, passando a constituir membro paradigmático.

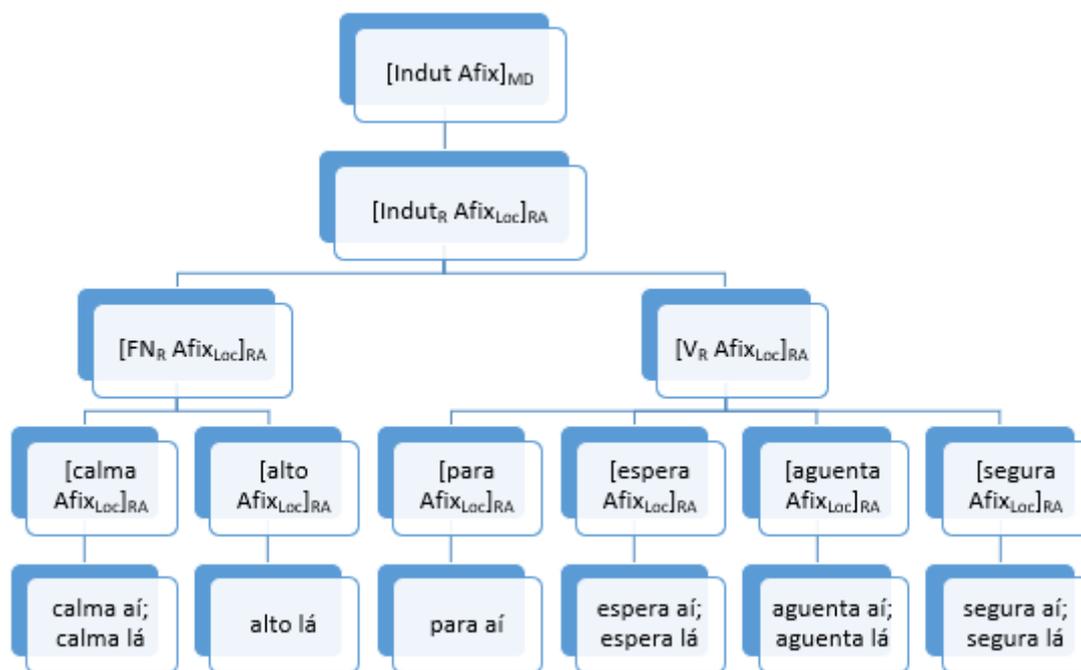
Ainda conforme os mesmos autores, na pesquisa das construções de uma língua, três fatores devem ser considerados e tratados como gradientes: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A esquematicidade diz respeito ao grau de generalidade e virtualidade das propriedades de conteúdo e forma; a produtividade se refere à frequência com que uma construção é instanciada, é recrutada no uso linguístico; a composicionalidade, por fim, tem a ver com seu nível de previsibilidade, a partir das propriedades de cada uma das subpartes. Temos, portanto, construções mais ou menos esquemáticas, produtivas e composicionais.

Na LFCU, a língua é tomada como uma rede de construções, que se interconectam por relações de herança. Tais relações ocorrem em distintos níveis: vertical, horizontal e transversal. Verticalmente, conforme aponta Traugott (2008), podemos estabelecer a seguinte hierarquia: a) o nível da macroconstrução, tomado como o mais alto, esquemático e o menos composicional, com posições abertas, ou *slots*, a serem preenchidos nos níveis mais baixos; b) o nível da mesoconstrução, integrado por conjuntos de subfamílias, que conjuga posições abertas e outras mais delimitadas; c) o nível da microconstrução, formado pelos *types* específicos, em formações mais preenchidas⁸, que são instanciados no uso, via construtos. Ao aplicarmos a taxonomia de Traugott (2008) a nosso objeto

⁸ Ressaltamos que, de acordo com Traugott e Trousdale (2013, p. 147), microconstruções podem ser parcialmente esquemáticas.

de pesquisa, é possível chegarmos à seguinte hierarquização elaborada por Rosa (2019), em que se apresenta também o refinamento dos três níveis esquemáticos inicialmente referidos:

Figura 2: Rede construcional dos MD refreador-argumentativos no português do Brasil



Fonte: Rosa (2019, p. 196) Legenda: Indut: indutor; Afix: afixoide; MD: marcador discursivo; R: refreador; Loc: locativo; RA: refreador-argumentativo; FN: frase nominal; V: verbo.

A Figura 2 ilustra um recorte da rede construcional dos MD formados por elementos indutores e afixoides, a partir da macroconstrução $[Indut\ Afix]_{MD}$, com foco numa de suas famílias, a mesoconstrução $[Indut_R\ Afix_{Loc}]_{RA}$, de subfunção refreador-argumentativa, e seus desdobramentos. Essa subfamília, totalmente esquemática, se distribui, em nível mais baixo, em dois subgrupos: mesoconstrução de subnível II (segundo alinhamento horizontal de cima para baixo), mais abstrata e abrangente, e mesoconstrução de subnível I (terceiro alinhamento horizontal de cima para baixo), menos abstrata e mais delimitada no que se refere às categorias da subparte nuclear. Como podemos observar, a segmentação mesoconstrucional de subnível I proposta pela autora fundamenta-se na natureza do *slot* nuclear: se se trata de elemento nominal ou de elemento verbal. Em conformidade com o refinamento elaborado no nível mesoconstrucional, a Figura 2 também ilustra dois subgrupos microconstrucionais: o subnível II (quarto alinhamento horizontal de cima para baixo) com preenchimento da subparte nuclear, e o subnível I (quinto alinhamento horizontal de cima para baixo), menos abstrato e mais específico no que se refere a ambas as subpartes. Assim, o subnível microconstrucional I é especificado via os *types* *calma aí*, *calma lá*, *alto lá*, *para aí*, *espera aí*, *espera lá*, *aguenta aí*, *aguenta lá*, *segura aí* e *segura lá*. Em síntese, a Figura 2 evidencia os níveis hierárquicos de pareamento de conteúdo e

forma preconizados pela abordagem construcional, demonstrando como a rede dos MD de subfunção refreador-argumentativa se organiza na língua.

1.2. Conteúdo e forma na hierarquia construcional

Se levarmos em conta que construções constituem pareamentos simbólicos de conteúdo e forma e que esses pareamentos são hierarquizados na rede linguística, tal como ilustrado na Figura 2, então é preciso refinar esses eixos também em termos hierárquicos. Perguntamos, assim, como se define cada um dos eixos na macro, na meso e na microconstrução, chegando inclusive ao plano do construto, do uso efetivo da língua?

Em Rosa (2019), no Quadro 1, encontramos uma proposta capaz de responder a essa questão:

Quadro 1: Pareamento forma-conteúdo na hierarquia construcional e no uso linguístico

Hierarquia construcional	Pareamento	
	Forma	Conteúdo
Macroconstrução	estrutura abrangente	função
Mesoconstrução	estrutura delimitada	subfunção
Microconstrução	estrutura específica	significado
Construto	estrutura substancial	sentido

Fonte: Rosa (2019, p. 52)

De acordo com a autora, que toma como ponto de partida a proposta de Oliveira e Arena (2019), é possível relacionar forma e conteúdo à hierarquia construcional com base no postulado de Traugott (2008) e em seu refinamento ilustrado na Figura 2. Para tanto, Rosa (2019) postula que a estrutura abrangente e mais esquemática da macroconstrução [Indut Afix], formada por elemento indutor e afixoide, está relacionada à função maior de marcação discursiva (MD), tomada como plano de conteúdo mais amplo, correspondente a uma categoria paradigmática da língua, no nível pragmático-discursivo. Abaixo, são apontados dois níveis mesoconstrucionais: a) um representa uma subclasse com delimitação categórica tanto das subpartes estruturais nuclear (indutor-refreadora) e periférica (afixoide de origem locativa) quanto da subfunção construcional (marcação discursiva refreador-argumentativa); b) outro apresenta maior delimitação estrutural, com instanciação de subcategorias da subparte nuclear (frase nominal indutor-refreadora e verbo indutor-refreador), ainda vinculada à subfunção refreador-argumentativa. Em níveis mais baixos, se encontram as microconstruções,

correspondentes a estruturas semiespecíficas e específicas, portadoras de significado⁹, essas últimas correspondem a membros individuais do paradigma. Por fim, no nível do uso, da instanciação construcional, temos o efetivo sentido instaurado, que se especifica no construto como estrutura substancial, a partir das relações contextuais, no nível intra e extralinguístico, configuradas em cada interação. No fragmento a seguir, ilustramos a proposta de refinamento aqui referida:

(1) *O Sr. José Luís Escanhoela – [...] Os municípios têm muita dificuldade em obter, por falta de informações, de obter recursos de como fazer. Então, quando se tem um escritório que faça isso, ou pessoas especializadas para isso, eles se socorrem deles. Porque há dificuldade de vir um prefeito à Brasília, pedir a um Deputado ou coisa assim; é muito difícil. O Sr. Itamar Franco - Não. **Espera aí.** V. S^a. diz que nunca veio à Brasília. Então, qual é a dificuldade? O escritório de V. S^a. nunca veio à Brasília; tinha aqui apenas um intermediador; uma hora era o Dr. Paulo, outra hora foi o Dr. Boni?* (Diário do Senado Federal, 15 dez. 1988).

Aplicada a taxonomia sintetizada no Quadro 1 ao construto destacado no fragmento (1), podemos analisar **espera aí** em termos de forma e conteúdo, de acordo com a hierarquia esquemática de que faz parte. Em relação à forma, esse MD é uma estrutura substancial, um *type* que integra a estrutura abrangente [Indut Afix]_{MD}, a estrutura delimitada, da mesoconstrução [Indut_R Afix_{Loc}]_{RA}, e a estrutura ainda mais específica, da microconstrução [V_R Afix_{Loc}]_{RA}. Acerca do conteúdo, interpretamos **espera aí** como: a) membro da classe dos MD do português; b) portador de significado específico de conter a proposição do interlocutor no discurso e sinalizar a alegação do locutor; c) instância de uso cujo sentido específico é o de marcar o posicionamento e a refutação de Itamar Franco à proposição de José Luiz Escanhoela, numa situação de interação simétrica, em contexto de debate político.

1.3. Não sinonímia e competição pelo uso

No Funcionalismo, área de pesquisa que nos orienta, devemos levar em conta que, no uso linguístico, há competição entre constituintes pela expressão de significado, ou seja, há variabilidade, como se encontra em Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2018). Já na fase inicial dos estudos funcionalistas, Hopper (1991) contempla essa assunção, ao listar, entre os fenômenos que marcam as etapas iniciais da mudança gramatical, o princípio de *camadas* (*layering*). De acordo com o autor, numa mesma sincronia, coexistem formas que, embora não sinônimas, passam a competir pelo uso devido à similaridade de significado que articulam, constituindo-se como alternativas de expressão

⁹ Como destacam Oliveira e Arena (2019) e Rosa (2019), a opção por nomear de *significado* o eixo do conteúdo no nível microconstrucional se justifica pela relativa correspondência estabelecida entre esse nível e o signo linguístico saussuriano, com base na correlação clássica *significante x significado*.

na comunidade linguística. Tal coexistência é resultante do encontro de trajetórias de polissemia e de rotas de mudança linguística cumpridas por elementos distintos. A eleição de uma ou outra forma é motivada por propriedades estruturais, pragmático-discursivas ou cognitivas que marcam cada interação especificamente.

Na abordagem construcional da gramática, viés incorporado à pesquisa no âmbito da LFCU, um dos princípios basilares é o da não sinonímia. De acordo com Goldberg (1995), à luz desse pressuposto, se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta. Se assumimos que a construção é um pareamento convencionalizado de forma e conteúdo, que o significado construcional não se resume à soma do significado das subpartes, então, de fato, não há lugar para sinonímia nessa abordagem. Destacamos, porém, que o referido princípio não leva em conta hierarquia construcional, não considera níveis gradientes como os especificados na Figura 2 e no Quadro 1, que assumimos como contribuição da LFCU ao aparato construcional cognitivista adotado.

Como Oliveira (2018), podemos relacionar o princípio da não sinonímia construcional ao princípio de camadas, distinguindo, de partida, o que é competição dentro de um esquema construcional, entre os *types* específicos, que partilham significados similares por integrarem o mesmo modelo virtual, como apresentamos na Figura 2, e o que é competição entre *types* de esquemas distintos, porém integrantes de um mesmo domínio funcional. De acordo com a autora,

é preciso destacar e identificar o que é competição interna, relativa à hierarquia construcional, e competição externa, quando, via mudança linguística, o novo nó, ou microconstrução, passa a integrar outros domínios funcionais, em outra(s) categoria(s) gramaticais da rede. (OLIVEIRA, 2018, p. 132).

Estando, assim, a nova microconstrução suscetível à variabilidade com outras microconstruções pertinentes a esquemas diferentes, mas vinculados àquele mesmo domínio funcional de que passa a ser parte integrante. Neste artigo, nosso foco é o que a autora nomeia como *competição interna*, ou seja, as alternativas pela instanciação numa mesma macroconstrução. Nesse sentido, voltando à Figura 2, interessa-nos analisar como se processa e interpreta a variabilidade entre as dez microconstruções listadas: *calma aí*, *calma lá*, *alto lá*, *para aí*, *espera aí*, *espera lá*, *aguenta aí*, *aguenta lá*, *segura aí* e *segura lá*. Esses *types* integram a macroconstrução [Indut Afix]_{MD}, portanto, partilham as propriedades de forma e conteúdo nesse nível abrangente com as demais do esquema; fazem parte

da mesoconstrução $[Indut_R \text{ Afix}_{Loc}]_{RA}$, apresentando subfunção refreador-argumentativa; de forma mais definida ainda, constituem microconstruções, com significado mais preciso, que, por sua vez, instanciadas no uso, articulam sentidos contextuais.

Para ilustrarmos a competição interna referida, apresentamos, no fragmento (2), o construto *peralá*¹⁰, instanciação de *type* pertencente à mesoconstrução $[Indut_R \text{ Afix}_{Loc}]_{RA}$:

(2) *Em toda a preocupação instrumental dos Mutantes, evidentemente, não havia lugar para uma cantora. Muito menos para uma que, no máximo, contribuía para o suporte sonoro tocando um pandeiro furado. Para Rita, restava a pantomina: mostrar as perninhas, fazer careta, balançar as cadeiras. “Eu não aguentei”, desabafa. “Chegou uma hora em que eu disse: ‘Mas **peralá** senhor diretor, eu também tenho talento’.”* (Revista Veja, 1979).

Comparados os fragmentos (1) e (2), com foco nos elementos destacados e nas relações contextuais que os emolduram, observamos que há motivações específicas para a seleção de cada uma das microconstruções instanciadas. Em (2), *peralá* é empregado por uma “performer”, em ambiente artístico, de modo informal. A própria estrutura morfofonêmica, apresentando aférese e justaposição, contribui para a identificação da informalidade contextual, bastante diversa da conjuntura observada no fragmento (1). Embora o conteúdo construcional não seja o somatório de significado de cada subparte, algumas características das subpartes podem contribuir para o conteúdo semântico-pragmático da construção. O afixoide *lá*, por exemplo, derivado de locativo de granulidade vasta (cf. BATORÉO, 2000), imprime menos apontamento para o discurso, o que condiz com a análise de que, em (2), o construto é usado para refutar uma proposição implícita, não declarada, decodificada a partir de ações do diretor, de que Rita Lee não tinha talento suficiente para ocupar o posto de cantora. Diferentemente, em (1), é apresentada uma proposição textual, o que propicia uma refutação mais direcionada, favorecendo o uso de *espera aí*, cujo afixoide deriva de locativo de granulidade fina ou estreita (cf. BATORÉO, 2000), correspondente a um ponto específico. Como observamos, a competição pelo uso de *types* como *espera aí* e *peralá*, a partir da ilustração de (1) e (2), é orientada e tem sua definição a partir do que se instaura na interação. O sentido advém da associação entre o conteúdo e o formato construcionais, acrescido do efeito das propriedades contextuais decorrentes do uso linguístico. É nessa perspectiva que procedemos à análise de nosso objeto de pesquisa.

¹⁰ No nível microconstrucional, consideramos diferentes morfossintaxes na grafia, por exemplo, *espera lá*, *pera lá* e *peralá*, como representantes da mesma microconstrução. No entanto, no nível do construto, assumimos que diferenciações morfossintáticas implicam particularização de conteúdo (sentido).

Conforme postulam Diewald e Smirnova (2012), consideramos as dez microconstruções da Figura 2 como membros de um mesmo paradigma, o dos MD refreador-argumentativos do português. Uma vez integrantes dessa categoria, tais elementos passam a constituir escolhas dentro do conjunto, com base em traços comuns partilhados e, de outra parte, traços específicos que os distinguem na mesma categoria. Nesse sentido, os MD que analisamos, membros da mesma macroconstrução e da mesma mesoconstrução, competem pelo uso; sua seleção e instanciação é motivada pelas condições contextuais em jogo na interação

2. Metodologia

Nesta seção, expomos os procedimentos de análise da competição interna na hierarquia construcional dos marcadores discursivos refreador-argumentativos no português do Brasil, em caráter, sobretudo, qualitativo. Os dados analisados são provenientes dos seguintes *corpora*: *Corpus* do Português e *Corpus* Tycho Brahe (textos do século XIII ao XX), Diário do Congresso Nacional (publicações dos séculos XX e XXI), além de algumas publicações de *sites* da Web.

Tal como em Rosa (2019), assumimos a nomenclatura forma-conteúdo para definir a relação biunívoca na construção. Para a análise dessa relação, conforme apresentado na fundamentação teórica, adaptamos o modelo de representação construcional de Croft (2001), em que são associadas propriedades da forma: sintática, morfológica e fonológica, e do conteúdo: semântico, pragmático e discursivo. No quadro a seguir, relatamos os critérios utilizados para a descrição sintética de cada uma dessas propriedades. Embora Traugott e Trousdale (2013) tratem do nível de preenchimento dos esquemas construcionais a partir da propriedade da forma fonológica, consideramos ser um atributo misto, morfofonêmico, levando em conta as produções comunicativas orais e escritas. Por termos lidado exclusivamente com material gráfico em nossas análises, realizamos os apontamentos sobre nível de preenchimento de esquemas relacionados à propriedade morfológica. Tais escolhas contribuem para as investigações linguísticas mais minuciosas, contudo, não se pode perder de vista as fortes vinculações existentes entre as propriedades apresentadas:

Quadro 2: Critérios de análise das propriedades de forma e conteúdo das construções

FORMA	Sintática (morfossintática)	Apontamento das relações de contiguidade ou não entre elementos (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13): - atômica: elemento individualizado sem relação de contiguidade; - complexa: elementos individualizados com relação de contiguidade; - intermediária: elementos justapostos ou aglutinados.
	Morfológica (morfofonêmica)	Especificação do nível de preenchimento dos esquemas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 13): - substancial (preenchida); - esquemática; - parcialmente esquemática. Destaque de formas reduzidas por aférese, crase etc.
	Fonológica	Indicação da quantidade de vocábulos fonológicos, segundo Câmara Jr (1985). Para apresentar tal análise, nos valem do Alfabeto Fonético Internacional, com base na variedade do português falado no Rio de Janeiro.
CONTEÚDO	Semântico (semântico-pragmático)	Referência ao significado, no nível microconstrucional, e/ou ao sentido, no nível do construto. Também pode ser sinteticamente expresso pela subfunção mesoconstrucional.
	Pragmático (pragmático-discursivo)	Alusão à relação entre os entes envolvidos no evento discursivo interativo.
	Discursivo	Descrição do modo de organização discursiva, também relacionado ao gênero textual, com base em Charaudeau (1992), a serviço da função macroconstrucional.

Fonte: Rosa (2019).

Para o estudo do princípio da não sinonímia, tomamos como ponto de partida a definição de Goldberg (1995): se uma construção é sintaticamente distinta de outra(s), também deve ser semântica ou pragmaticamente distinta. Os marcadores discursivos refreador-argumentativos aqui em avaliação apresentam distinção morfossintática, portanto, procedemos à verificação comparativa entre tais elementos em competição levando em conta as propriedades de conteúdo, conforme detalhamento do quadro anterior. Além disso, para orientar os encaminhamentos do estudo, adotamos a seguinte definição de *sinonímia perfeita*: a correspondência total ou sinonímia perfeita entre duas ou mais construções dar-se-ia se, e somente se, houvesse equivalência integral entre todas as propriedades de conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) no nível do construto, isto é, do uso efetivo.

Como neste artigo tratamos da competição interna, nos termos de Oliveira (2018), na hierarquia construcional dos marcadores discursivos refreador-argumentativos, é preciso atentar para a disposição e as características com que se configuram os níveis dessa construção. Conforme exposto na Figura 2, anteriormente apresentada, e no Quadro 3, adiante, temos trabalhado em nossas pesquisas

com os seguintes níveis, ordenados do mais concreto para o mais abstrato: nível do construto; nível microconstrucional de subnível I; nível microconstrucional de subnível II; nível mesoconstrucional de subnível I; nível mesoconstrucional de subnível II e nível macroconstrucional. No quadro a seguir, detalhamos a relação do pareamento forma-conteúdo com cada um dos níveis mencionados da construção marcadora discursiva refreador-argumentativa.

Quadro 3: Pareamento forma-conteúdo na hierarquia construcional dos MD RA

Hierarquia construcional	Representação do pareamento		Características distintivas
	Forma [núcleo <---> periférico]	Conteúdo [] _{Conteúdo}	
Macroconstrução	Estrutura abrangente: [Indut Afix]	(Macro)Função: marcação discursiva [] _{MD}	Macroclasse que pode instanciar outras subclasses
Mesoconstrução subnível II	Estrutura delimitada: [Indut _R Afix _{Loc}]	Subfunção: refreadamento argumentativo [] _{RA}	Subclasse com delimitação categórica das subpartes nuclear e periférica e da subfunção
Mesoconstrução subnível I	Estrutura mais delimitada: [FN _R Afix _{Loc}]; [V _R Afix _{Loc}]	Subfunção: refreadamento argumentativo [] _{RA}	Subclasse com delimitação de subcategorias da subparte nuclear
Microconstrução subnível II	Estrutura semiespecífica: [alto Afix _{Loc}]; [calma Afix _{Loc}]; [espera Afix _{Loc}]; [segura Afix _{Loc}]; [aguenta Afix _{Loc}]; [para Afix _{Loc}]	Significado: contenção da proposição no discurso, sinalizando a alegação [] _{RA}	Instanciação parcial, virtual, com especificações das subpartes nucleares. Seu significado representa a definição da subfunção RA
Microconstrução subnível I	Estrutura mais específica: [alto lá], [calma aí], [calma lá], [espera aí], [espera lá], [segura aí], [segura lá], [aguenta aí], [aguenta lá]; [para aí]	Significado: contenção da proposição no discurso, sinalizando a alegação [] _{RA}	Instanciação total, virtual, dos níveis anteriores.
Construto	Estrutura substancial: instancieções das microconstruções anteriores no uso efetivo	Sentido: flagrado em cada instância de uso	Instanciação total, concreta, dos níveis anteriores. O sentido é construído por particularidades contextuais do significado microconstrucional

Fonte: elaboração própria, baseada em Rosa (2019).

As análises da seção seguinte dão conta dos três níveis mais baixos anteriormente apresentados: nível do construto; nível microconstrucional de subnível I; nível microconstrucional de subnível II. Essa ordenação dos níveis e subníveis se dá de baixo para cima, em conformidade com os postulados da LFCU, que primam pela análise do uso efetivo da língua. No entanto, aqui, neste artigo, optamos por realizar as análises em ordem decrescente (do mais abstrato para o mais concreto), justamente no

intuito de demonstrar, de modo mais didático, a importância da investigação no nível do construto no que se refere à competição e ao princípio da não sinonímia em perspectiva construcionalista.

Consideramos também como bases de análise para a competição interna da construção as características referentes à esquematicidade, produtividade *type* e *token* e composicionalidade de cada nível hierárquico, assumindo, assim como propõe Oliveira (2018), um viés mais holístico e compatível com a dimensão construcional tratada pela LFCU. Antepusemos a indicação das propriedades de conteúdo do nível construcional à análise da composicionalidade para dar suporte à verificação dessa última. Na próxima seção, procedemos ao exame dos três níveis construcionais supramencionados.

3. Análise de dados

Nesta seção, realizamos um estudo em três etapas sobre a competição entre os elementos integrantes de cada um dos níveis mais baixos da hierarquia construcional dos marcadores discursivos refreador-argumentativos. Para o cumprimento desse propósito, subdividimos a seção da seguinte forma: 3.1 Competição em nível microconstrucional de subnível II; 3.2 Competição em nível microconstrucional de subnível I; 3.3 Competição no nível do construto.

3.1. Competição em nível microconstrucional de subnível II

O nível microconstrucional, embora apresente maior especificidade estrutural e de conteúdo do que os níveis de meso e macroconstrução, ainda representa uma abstração na hierarquia construcional. Essa representação virtual partilha características vinculadas à mesoconstrução refreador-argumentativa, delimitadora do paradigma maior dos marcadores discursivos. No que se refere especialmente ao nível microconstrucional de subnível II, podemos observar estruturas semiespecíficas, formadas por subpartes nucleares indutor-refreadoras preenchidas, sejam por verbos ou frases nominais, e subpartes periféricas esquemáticas, com *slots* a serem preenchidos por afixoides de origem locativa. Quanto ao significado, todas são aptas a exprimir “contenção da proposição do interlocutor no discurso, sinalizando a alegação do locutor”. As microconstruções de subnível II podem ser assim representadas: [alto Afix_{Loc}]_{RA}; [calma Afix_{Loc}]_{RA}; [espera Afix_{Loc}]_{RA}; [segura Afix_{Loc}]_{RA}; [aguenta Afix_{Loc}]_{RA}; [para Afix_{Loc}]_{RA}.

No estudo da competição no subnível II, procedemos à análise das suas características de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e das suas propriedades de conteúdo.

- Esquematicidade: Todas as microconstruções de subnível II apresentam instanciação parcial, com especificações das subpartes nucleares (frases nominais indutor-refreadoras: *alto* e *cal-*

ma; verbos indutor-refreadores: *espera, segura, aguenta e para,*) e *slots*, nas subpartes periféricas, para afixoides de origem locativa. A representação esquemática dessas microconstruções pode ser observada na primeira linha do Quadro 4, na próxima seção.

- Produtividade (frequência *type*): O nível em foco apresenta seis microconstruções parcialmente esquemáticas. Considerando que o *slot* $Afix_{Loc}$ é, comumente, passível de ser preenchido pelos afixoides *aí* e *lá*, em tese, cada uma dessas microconstruções, poderia, igualmente, instanciar duas microconstruções totalmente preenchidas. No entanto, conforme se verifica na seção seguinte, $[calma Afix_{Loc}]_{RA}$; $[espera Afix_{Loc}]_{RA}$; $[segura Afix_{Loc}]_{RA}$ e $[aguenta Afix_{Loc}]_{RA}$ instanciam, cada uma, duas microconstruções preenchidas, ao passo que $[alto Afix_{Loc}]_{RA}$ e $[para Afix_{Loc}]_{RA}$ instanciam apenas uma microconstrução preenchida.
- Conteúdo (significado): O significado de cada uma das microconstruções desse nível representa a definição da subfunção refreador-argumentativa (que nomeia a subclasse MD RA): contenção da proposição do interlocutor no discurso, sinalizando a alegação do locutor. O desmembramento do conteúdo semântico, pragmático e discursivo das microconstruções em foco encontra-se no Quadro 4, na próxima seção.
- Composicionalidade: Todas as microconstruções são consideradas não composicionais, pois a soma dos significados de cada subparte, uma preenchida e outra esquemática, não dá conta do conteúdo global da construção, apontado anteriormente.

No nível microconstrucional de subnível II, portanto, verificamos haver, maior produtividade *type* de $[calma Afix_{Loc}]_{RA}$; $[espera Afix_{Loc}]_{RA}$; $[segura Afix_{Loc}]_{RA}$ e $[aguenta Afix_{Loc}]_{RA}$ e compatibilidade entre as seis microconstruções parcialmente esquemáticas, no que se refere às análises de suas características de esquematicidade, composicionalidade e propriedades de conteúdo construcional. No entanto, é mister ressaltar que se trata de ambiência de virtualidade e abstração, o que nos conduz a concluir que as microconstruções desse subnível apresentam uma espécie de *sinonímia virtual* ou *potencial*. Na subseção seguinte, tratamos do nível microconstrucional de subnível I.

3.2. Competição em nível microconstrucional de subnível I

No primeiro subnível microconstrucional, observamos estruturas específicas, formadas por subpartes nucleares preenchidas por verbos indutor-refreadores ou frases nominais indutor-refreadoras, e subpartes periféricas preenchidas por afixoides de origem locativa. Referente ao significado, todas exprimem virtualmente “contenção da proposição do interlocutor no discurso, sinalizando a alegação do locutor”. As microconstruções de subnível I no português brasileiro, correspondentes aos construtos encontrados no *corpus*, são assim representadas: $[alto lá]_{RA}$; $[calma aí]_{RA}$; $[calma lá]_{RA}$; $[espera aí]_{RA}$; $[espera lá]_{RA}$; $[segura aí]_{RA}$; $[segura lá]_{RA}$; $[aguenta aí]_{RA}$; $[aguenta lá]_{RA}$; $[para aí]_{RA}$.

Assim como no subnível II, no estudo da competição no subnível I, também procedemos à análise das suas características de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e das suas propriedades de conteúdo.

- Esquematicidade: Todas as microconstruções de subnível I são totalmente preenchidas, com especificações das subpartes nucleares (frases nominais indutor-refreadoras: *alto* e *calma*; verbos indutor-refreadores: *espera*, *segura*, *aguenta* e *para*.) e especificações das subpartes periféricas (afixoides de origem locativa: *aí* e *lá*). A representação esquemática dessas microconstruções pode ser observada na indicação da forma sintática, na segunda linha do Quadro 4 adiante.
- Produtividade (frequência *type*): Esse nível apresenta 10 microconstruções preenchidas, sendo cada um destes quatro pares proveniente do mesmo nó: [calma *aí*]_{RA}/[calma *lá*]_{RA}; [espera *aí*]_{RA}/[espera *lá*]_{RA}; [segura *aí*]_{RA}/[segura *lá*]_{RA}; [aguenta *aí*]_{RA}/[aguenta *lá*]_{RA} e duas isoladas, cada uma proveniente de nó distinto: [alto *lá*]_{RA} e [para *aí*]_{RA}, totalizando vinculação com seis nós do subnível acima.
- Conteúdo (significado): O significado de cada uma das microconstruções desse nível representa a definição da subfunção refreador-argumentativa (que nomeia a subclasse MD RA): contenção da proposição do interlocutor no discurso, sinalizando a alegação do locutor. O desmembramento do conteúdo semântico, pragmático e discursivo das microconstruções em foco encontra-se no Quadro 4 adiante.
- Composicionalidade: Todas as microconstruções são consideradas não composicionais, pois a soma do significado de cada subparte não equivale ao conteúdo global da construção, apontado anteriormente.

As microconstruções de subnível I, embora instanciem os construtos em uso efetivo na língua com sua mesma estrutura formal, ainda representam uma abstração, o que torna a análise do conteúdo microconstrucional menos pormenorizada do que aquela referente ao nível do construto. Contudo, para que se façam generalizações – e para os estudos linguísticos é muito necessário que sejam feitas – é preciso tomar como base essa virtualidade microconstrucional, de modo geral, relacionada ao conteúdo paradigmático de domínios funcionais. Em se tratando do objeto deste artigo, podemos afirmar que, por pertencerem ao paradigma dos marcadores discursivos refreador-argumentativos formados por elemento indutor e afixoide, ao menos em tese, essas microconstruções podem substituir umas às outras em determinado ponto da cadeia da fala exercendo a função MD RA. Para ilustrar essa afirmação, apresentamos a seguir um exemplo de fala virtual, entre interlocutores A e B, produzida artificialmente e especificamente para esta análise. Tendo em vista que os MD RA podem ocorrer em posição inicial, medial ou final da frase, mostramos três posicionamentos possíveis de sua ocorrência.

Teoricamente, todas as microconstruções dispostas em coluna apresentam correspondência funcional e podem, portanto, igualmente, ocupar uma das posições (1), (2) ou (3).

Figura 3: Exemplo de paradigmaticidade das microconstruções MD refreador-argumentativas

A:	<i>As suas atitudes inconsequentes levarão a empresa à falência.</i>				
	(1)	(2)	(3)		
B:	<i>Alto lá!</i>	<i>Isso não é verdade.</i>	<i>Alto lá!</i>	<i>Eu reflito muito antes de tomar qualquer decisão.</i>	<i>Alto lá!</i>
	<i>Calma aí!</i>	<i>Calma aí!</i>	<i>Calma lá!</i>	<i>Calma lá!</i>	<i>Calma lá!</i>
	<i>Calma lá!</i>	<i>Calma lá!</i>	<i>Calma lá!</i>	<i>Calma lá!</i>	<i>Calma lá!</i>
	<i>Espera aí!</i>	<i>Espera aí!</i>	<i>Espera lá!</i>	<i>Espera lá!</i>	<i>Espera lá!</i>
	<i>Espera lá!</i>	<i>Espera lá!</i>	<i>Espera lá!</i>	<i>Espera lá!</i>	<i>Espera lá!</i>
	<i>Segura aí!</i>	<i>Segura aí!</i>	<i>Segura lá!</i>	<i>Segura lá!</i>	<i>Segura lá!</i>
	<i>Segura lá!</i>	<i>Segura lá!</i>	<i>Segura lá!</i>	<i>Segura lá!</i>	<i>Segura lá!</i>
	<i>Aguenta aí!</i>	<i>Aguenta aí!</i>	<i>Aguenta lá!</i>	<i>Aguenta lá!</i>	<i>Aguenta lá!</i>
	<i>Aguenta lá!</i>	<i>Aguenta lá!</i>	<i>Aguenta lá!</i>	<i>Aguenta lá!</i>	<i>Aguenta lá!</i>
	<i>Para aí!</i>	<i>Para aí!</i>	<i>Para lá!</i>	<i>Para lá!</i>	<i>Para lá!</i>

Fonte: elaboração própria.

A relação paradigmática entre os elementos do subnível I, aqui tratados em perspectiva construcionalista e considerados ainda abstratos, corresponde, grosso modo, à relação de sinonímia tratada nas obras normativas da língua padrão, como gramáticas e dicionários. Por exemplo, no dicionário digital Caldas Aulete, *espere aí* é apresentado como sinônimo (por extensão de significado) de *alto lá*. No Dicionário da Academia das Ciências de Lisboa (2001, p. 191), encontramos “*alto aí*, o mesmo que *alto* [...]; *alto lá*, o mesmo que *alto* [...]”, por conseguinte, *alto aí* e *alto lá* também são considerados sinônimos no português europeu. Ressaltamos que, neste trabalho, *alto aí* não está representado nas instanciações de $[alto \text{ Afix}_{Loc}]_{RA}$ por tratarmos do paradigma dos MD RA no português brasileiro, em que o termo não é usual e, portanto, não é encontrado no *corpus*.

Um dos principais fatores que possibilita a paradigmaticidade das microconstruções MD RA é a correspondência de conteúdo entre as mesmas. A propriedade de conteúdo dessas microconstruções

(com compatibilização dos subníveis I e II), segmentada em conteúdo semântico, pragmático e discursivo, pode ser observada no quadro a seguir:

Quadro 4: Comparação das propriedades de forma e conteúdo das microconstruções marcadoras discursivas refreador-argumentativas

		[alto Afix _{Loc}] _{RA}	[calma Afix _{Loc}] _{RA}	[espera Afix _{Loc}] _{RA}	[segura Afix _{Loc}] _{RA}	[aguenta Afix _{Loc}] _{RA}	[para Afix _{Loc}] _{RA}
Forma	S	complexa: [alto aí] _{RA} ; (PE) [alto lá] _{RA}	complexas: [calma aí] _{RA} [calma lá] _{RA}	complexa: [espera aí] _{RA} ; [espera lá] _{RA}	complexas: [segura aí] _{RA} ; [segura lá] _{RA}	complexa: [aguenta aí] _{RA} [aguenta lá] _{RA}	complexa: [para aí] _{RA}
	M	parcialmente esquemática: [alto Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando <i>alto</i> <i>aí</i> ; <i>alto lá</i>	parcialmente esquemática: [calma Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando calma <i>aí</i> e calma <i>lá</i>	parcialmente esquemática: [espera Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando <i>espera aí</i> > <i>pera</i> <i>aí</i> (aférese) > <i>perai</i> (crase); <i>espera lá</i> > <i>peralá</i> (aférese e justaposição)	parcialmente esquemática: [segura Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando <i>segura aí</i> , <i>segura</i> <i>lá</i>	parcialmente esquemática: [aguenta Afix _{Loc}] _{RA} , instanciando <i>aguenta aí</i> , <i>aguenta lá</i>	plena: <i>para aí</i>
	F	1 vocábulo fonológico: [awtwa'i]; [awtu'la]	1 vocábulo fonológico: [kawma'i]; [kawma'la]	1 vocábulo fonológico: [iʃpera'i]; [pera'i]; [iʃpera'la], [pera'la]	1 vocábulo fonológico: [sigura'i]; [sigura'la]	1 vocábulo fonológico: [agwêta'i]; [gwêta'la]	1 vocábulo fonológico: [para'i];
Conteúdo	S	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação	contenção da proposição no discurso, acompanhando alegação
	P	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação	posicionamento crítico diante da proposição do interlocutor e sinalização a esse sobre a realização de alegação
	D	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo	marcação discursiva, em MOD argumentativo

Fonte: elaboração própria, baseada em Rosa (2019). Legenda: forma S: sintática; forma M: morfológica; forma F: fonológica; conteúdo S: semântico; conteúdo P: pragmático; conteúdo D: discursivo; MOD: Modo de organização discursiva.

A constatação da correspondência de conteúdo microconstrucional que possibilita a comutabilidade das formas aqui tratadas em função refreador-argumentativa poderia ser equivocadamente interpretada como *sinonímia perfeita*. No entanto, conforme definição apresentada na seção de metodologia, a sinonímia perfeita só pode ser aferida ou testada no nível do construto, por meio da análise de contextos de uso efetivo da língua. O nível microconstrucional de subnível

I, embora contenha elementos com estruturas totalmente preenchidas e mais facilmente vinculadas ao conteúdo construcional, ainda representa uma abstração. Trabalhar em tal nível de abstração não permite ao analista verificar as diferentes particularidades das conjunturas discursivas. Sendo assim, consideramos haver relação de *sinonímia aparente* ou *paradigmática* entre as microconstruções desse subnível.

3.3. Competição no nível do construto

Nesta subseção, apresentamos um breve estudo dos construtos cujas estruturas se equivalem àquelas pertinentes no nível microconstrucional de subnível I: *alto lá; calma aí, calma lá, espera aí, espera lá, segura aí, segura lá, aguenta aí, aguenta lá e para aí*. Sem pretensão de realizar exames exaustivos, fazemos alguns apontamentos, por nós assumidos como relevantes, acerca de um dado para cada construto em uso efetivo da língua.

(3) [...] *salvou galhardamente a vida das garras de uma onça e é motivo de sobra para que eu lhe seja eternamente agradecida, e creio que também para que o primo não abocanhe e não despreze assim um homem, que não lhe fez mal algum. - Nenhum mal.. eu sei. e também que me importa a mim esse homem. Ou por sim, ou por não, amanhã ou depois, logo que ele possa montar a cavalo, hei de levá-lo para minha casa, porque é nosso hóspede, e meu tio nenhuma obrigação tem de agüentá-lo. - Alto lá, primo! - atalhou Paulina com vivacidade; - menos essa.. temos muito mais obrigação do que o senhor, e havemos de agüentá-lo com muito prazer. Enquanto não sarar de todo, ele é nosso, e não arreda pé daqui. - Isso era bem belo. e a mulada dele que lá fica à toa.. não hei de ser eu que hei de tomar conta dela. (Corpus do Português: Histórias e tradições da província de Minas Gerais, de Bernardo Guimarães, 1872).*

No fragmento (3), o emprego do construto *alto lá* exprime o sentido de a) refrear a proposição enunciada pelo primo de Paulina: *logo que ele possa montar a cavalo, hei de levá-lo para minha casa, porque é nosso hóspede, e meu tio nenhuma obrigação tem de agüentá-lo*; b) introduzir a posição contrária de Paulina ao que foi dito: *menos essa*; c) sinalizar sua refutação: *temos muito mais obrigação do que o senhor, e havemos de agüentá-lo com muito prazer. Enquanto não sarar de todo, ele é nosso, e não arreda pé daqui*. Embora a subparte nuclear *alto* já não expresse referência ao mundo biossocial, e sim em vinculação ao afixoide *lá* exerça marcação discursiva, a origem militar do termo ainda imprime ao construto a ideia de comando realizada por uma autoridade. É provável que o emprego da expressão de intransigência do interlocutor *Ou por sim, ou por não [...] hei de levá-lo* tenha sido, em viés linguístico, um dos gatilhos para o uso de *alto lá* em refreamento argumentativo por parte de Paulina. Conforme explica Rosa (2019), o uso de *alto lá* no domínio discursivo é licenciado,

entre outros fatores, pela metáfora conceptual DISCUSSÃO É GUERRA (LAKOFF; JOHNSON, 2003). Desse modo, Paulina não só se vale da linguagem metafórica como também executa uma ação metaforicamente estruturada. Ela apropria-se da autoridade de um comandante para determinar a cessação da alegação do primo, munindo-se de uma espécie de patente habilitada pela detenção e convicção da verdade.

(4) *A Sra. Luiza Nagib Eluf – Onde é que está a anuência da vítima? [...] A Sra. Luiza Nagib Eluf – Eu acho que a vítima tem que concordar, porque... [...] -O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – Se o réu aceitou fazer o acordo, ele fez uma confissão de que ele praticou o crime. Se ele já fez isso e confessou, e a vítima impede o acordo, amigo, ele está assumindo a culpa antecipadamente e o juiz tem todo o fundamento para condená-lo. Você está entendendo agora? Se o Ministério Público chama e o réu aceita sentar, e ele diz: “Eu sou culpado”, ele confessou, vai depender de homologar isso para, depois, o juiz julgar, ele já tendo confessado? **Calma aí**, é um embuste. **Aí**, é um embuste. O Sr. Presidente (Luiz Carlos Gonçalves) – Entendi. Ô Luiza, eu acho que o Emanuel falou uma coisa muito... O Sr. Emanuel Messias Oliveira Cacho – É um embuste. Ofende a presunção de inocência. (Diário do Senado Federal – Suplemento B, 19 jun. 2012).*

(5) *O Sr. Flávio Croce Caetano Terceiro: Projeto de Lei nº 292/2013. [...]. E aí a Prof^a Silvia Pimentel e a Leila falaram muito bem: “Porque alguns dizem que não é o caso de se criar”. “Já temos muitos crimes”, e não sei o que mais, e “Se eu for criar contra a mulher, vou ter que começar a criar contra todo mundo”. **Calma lá**. Digam-me todos vocês: alguém me levante aqui uma situação em que o homem foi morto por ser homem; deem um exemplo! Não temos um exemplo; não temos. Agora, a mulher que é morta, que é violentada por ser mulher, posso dizer-lhes que, desses números de feminicídio, são quase todos. Nós temos casos simbólicos que ganharam repercussão nacional, recentes, e que mostram exatamente isso. É o caso da Eliza Samudio, que foi tão de perto aqui acompanhando pela SPM na campanha Compromisso e Atitude; [...] (Diário do Senado Federal – Suplemento, 17 out. 2014).*

Em ambos os fragmentos (4) e (5), os construtos *calma aí* e *calma lá* são empregados em refreamento argumentativo, marcando o posicionamento crítico do enunciador quanto à proposição do interlocutor e sinalizando a sua refutação. Nos dois contextos, os parlamentares envolvidos tratam de legislação. Interpretamos o emprego dos construtos *calma aí* e *calma lá* em argumentações que versam sobre mudança de lei como motivado. A extensa investigação das publicações do Diário do Congresso Nacional nos mostrou que tais tratativas se dão por meio de intervenções exaustivas, algumas aceleradas, outras prolixas, expressando a inquietação dos parlamentares em expor seus

pontos de vista. A frase nominal indutor-refreadora *calma*, empregada individualmente, exprime um pedido de serenidade dos ânimos, logo, seu uso é frequente em contextos como esse, de tantas opiniões cruzadas, muitas vezes em tom exacerbado. Embora o significado construcional não seja o somatório dos significados das subpartes, constatamos que tal contexto discursivo favorece o uso de construções compostas pelo termo. Em (4), o enunciador emprega o MD RA *calma aí* para refutar uma tese definida e textualmente especificada: é preciso que haja anuência da vítima sobre o acordo entre o réu e o Ministério Público para que aquela não se sinta injustiçada. Assim, o uso de um construto cuja subparte deriva de locativo de granularidade fina, conforme visto no exemplo (1) da Fundamentação teórica, tende a sinalizar uma refutação mais direcionada: não se pode depender da vítima para fechar acordo entre o réu e o Ministério Público, pois se o réu confessa o crime em prol de um acordo e a vítima impede esse acordo, o juiz terá fundamento para condená-lo em julgamento, o que constituiria uma armadilha para o réu. Diferentemente, em (5), o enunciador emprega o MD RA *calma lá* para refutar uma série de proposições, não muito bem definidas, contra a inserção do feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio: “*Porque alguns dizem que não é o caso de se criar*”. “*Já temos muitos crimes*”, e *não sei o que mais*, e “*Se eu for criar contra a mulher, vou ter que começar a criar contra todo mundo*”. Assim, o uso de um construto cuja subparte deriva de locativo de granularidade vasta tende a sinalizar uma refutação menos focada ou mais diversificada.

(6) - [...] *mas desde que esses meios de comunicação sejam po-li-ci-a-dos, policiados pelo governo e passem a divulgar coisas válidas, coisas boas, então é muito válido.- ah até onde todo policiamento não seria uma violência? - então você diria você então vai achar que que a liberdade absoluta é que é desejável? – não, pelo contrário, se eu tô me queixando de que, de que... - ah o excesso de liberdade no mundo tá provocando provocando a difusão de tudo que não presta. - **perai** isso não é verdade, isso é besteira, isso é besteira. - não, não sei de nada. Me perguntando tudo é válido sim, não é válido nada, sobretudo a violência. Violência é você fazer comunicar aquilo que não presta. «Olho para o mundo e por isso - isso aí é que é violência - cada vez me sinto mais solitário e aflito «. - não, eu cada vez acredito mais. - não sei não sei pra onde é que nós vamos. (Corpus do Português: Linguagem Falada, Recife: 5).*

(7) *INF1 A cagarra. INF2 (...) INQ1 A cagarra é uma de noite, voa de noite. INF1 Não. A cagarra é de dia. A cagarra voa de dia. INQ1 Não, mas no mar. INF2 (..) INF1 (..) INF2 Tem umas patas assim grandes. INF1 A cagarra onde é que vai ver o peixe é de dia, não é de noite. INQ2 Sim senhora. INQ1 É de dia. Mas é uma que faz pa-pa-pa de noite. INQ2 A cagarra não é a mesma coisa. INQ1 **Espera lá**. INF2 A de noite não é esta. INF3 Gorguja. INQ1 Não... INQ2 A cagarra cá não é a mesma coisa. INF3 A gorguja é que é de noite. INF1 A cagarra é tudo à mesma. (...) Ela é que*

faz.. Para ver o peixe é de dia. INF3 A cagarra, a cagarra procura. A gorguja, a gorguja é de noite. INQ2 Desculpe, diga-me só uma coisa, esses que estão a voar ali por cima, são o quê? (Corpus do Português: Cordial: CLC05).

Nos fragmentos (6) e (7), *perai* e *espera lá* são empregados em refreamento argumentativo. Em ambos os trechos, os enunciadores usam os construtos para conter a proposição alheia, demonstrando seu posicionamento sobre o que foi dito, no entanto, não se verifica o desenvolvimento da alegação. Essa quebra da sequência dos mecanismos argumentativos pode ocorrer por se tratar de situação comunicativa não espontânea, e, sim conduzida por profissionais que intencionam a formação de *corpora* de pesquisa. Nesse contexto, todos os participantes são provocados a falar, o que pode ocasionar atropelos entre as enunciações, desconforto para desenvolver o tema proposto, entre outras questões. No fragmento (1), apresentado na Fundamentação teórica, observamos que a alegação introduzida por *espera aí* é feita por meio de pergunta retórica e outra efetiva. As perguntas retóricas, de modo geral, são usadas como estratégia de persuasão argumentativa, contudo a realização de perguntas efetivas em meio à argumentação confere à refutação um caráter menos afirmativo, se comparada a refutações mais assertivas, como aquela expressa em (3), por exemplo, por meio do uso de *alto lá*. No fragmento (2), como dito na Fundamentação, verificamos que o uso de *peralá* é dirigido a uma proposição implícita, isto é, inferida pela enunciativa. Nos trechos (1), (2), (6) e (7), portanto, verificamos refutações menos assertivas, reportadas a proposições implícitas e até mesmo ausência de refutação. Essa menor sofisticação no uso dos elementos do mecanismo argumentativo pode estar relacionada ao fato de que os construtos *espera aí*, *espera lá* e aqueles estruturalmente deles derivados são mais frequentemente empregados para a marcação discursiva refreador-enunciativa (RE) (cf. ROSA, 2019), em que se praticam acionamentos cognitivos menos complexos, tais como (i) recordar-se de informações armazenadas na memória; (ii) refletir e formular resposta ou comentário; (iii) retificar o que foi dito anteriormente; (iv) redirecionar o tópico e (v) (re)tomar o turno.

(8) *Serginho_Jec: Castija, esse time do Avaí não é ruim não. Arturzinho daria jeito. Fez até o Ronaldo Capixaba jogar bola, coisa que o ovelha não consegue. Agora fiquei bem convicto que a final será JEC x Figueira, até porque o Criciúma ganhar do Marcílio, Brusque, Camboriú e Madureira não prova nada só timeco. Urubiciense Alvinegro Serrano: Serginho_Jec, segura aí meu irmão, o cricri, ganhar do Marcílio, Brusque, Camburiú, tudo bem, agora, do Madureira, que é o time aqui de Urubici, o amigo pegou pesado, porque se perder para este timéco do cricri, seria mais vergonhoso, do que o bvai perder para o nosso Camburiú, tais me entendendo, gente boa. Até a final do catarinense, e não quero ver o amigo chorando, reclamando, e dizendo que foi o árbitro que ajudou o maior de todos, falei, seu extopor. (Blog do Castiel, 2012. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/>*

castiel/2012/03/24/o-criciuma-e-tigre-o-avai-nao-e-leao-e-ovelha/?topo=67,2,18,,67. Acesso em: 19 abr. 2019).

(9) *Mas eu quero dizer que acho que cada tema aqui mereceria uma audiência especial. [...] Pela situação da gente estar sendo chamado na Comissão ao lado, no Gabinete, porque pessoas nos exigem a nossa presença. Então eu quero fazer esse registro. Na realidade, me estendi tanto com tantos comentários sobre cada convidado aqui, mas basicamente pela importância do evento, e por elementar que o Executivo não esteja aqui. Porque, seguramente, daqui a pouco mais vão surgir Projetos que atendam minimamente a expectativa de cada setor que está convidado aqui, e quando for debatido nas Comissões Técnicas Especializadas, então vem esse segmento dizer – “Olha, **segura lá**, coloca uma Emenda aqui para ver se não provoca um impacto econômico tão forte e coisas do gênero” quando já poderia se estar sendo discutido aqui agora com a presença dos setores representados. (Diário do Senado Federal – suplemento, 2 Set. 2006).*

Nos trechos (8) e (9), os construtos *segura aí* e *segura lá* são empregados para conter a proposição do interlocutor e sinalizar a alegação do enunciador, que em ambos os casos se trata de ponderação. Em (8), a situação comunicativa, por meio de um blog, gira em torno de tema esportivo, em linguagem bastante informal. Em (9), o enunciador reproduz uma fala hipotética em que busca dar certo ar de informalidade, marcada pelo emprego dos marcadores discursivos *olha* e *segura lá*. Sendo assim, observa-se tendência no uso desses construtos na sinalização de ponderações em discussões com algum grau de informalidade, maior ou menor a depender do âmbito de comunicação. Em relação às distinções, em (8), verificamos que a composição do construto pela subparte periférica *aí*, derivada de locativo de granularidade fina, coincide com a presença de proposição textualmente explícita. Por outro lado, em (9), o uso do construto *segura lá*, em que a subparte periférica deriva de locativo de granularidade vasta, volta-se para uma proposição hipotética, de interlocutores virtuais. A expressão *e coisas do gênero*, ao fim da ponderação, também corrobora a ideia de alegação menos focalizada.

(10) *Sr. Waldemir Freire Cardoso: O Presidente me disse o seguinte: “Eu já escolhi o Diretor Adjunto”. Presidente, o Diretor Adjunto nos CORREIOS, EMPRESA BRASILEIRA DE CORREIOS E TELÉGRAFOS, ele faz coisas em nome do titular. Então, se eu me ausento para um evento ele pode estar assinado coisas... Então essa pessoa tem que ser da íntima confiança e eu jamais escolheria uma pessoa que não fosse qualificada em condições. Foi escolhido então para essa função o ex-adjunto de Santa Catarina, Dr. Celso. [...]. E logo ao chegar no Rio de Janeiro, Dr. Celso começou a demonstrar que ele tinha uma linha de procedimentos diferente da minha. Ele, por exemplo, me telefonou em Belém, dizendo: “Olha. Eu vou reunir aqui a gerência e vou tomar”... Celso, **agüenta aí**. Eu sou*

Diretor Regional. Eu fui designado Diretor Regional. Então, eu gostaria que você aguardasse porque nós temos que traçar um plano de trabalho conjunto. (Diário do Senado Federal - suplemento, 18 jul. 2006).

(11) *Homem compra iPhone 4S em site da Apple e recebe pedra, no Amazonas. Uria: Pra mim chegou tudo rapidinho, sem problema algum. Acho que isso é ATT Whore. Wolverine: **Guenta lá** ne Uria. O cara já pagou o dobro do preço e ainda recebe uma pedra? Não é pq com vc deu certo que com ele não pode dar errado. De qualquer modo é bom pra aprender a comprar direito, ahauhauahauhau. (Portal Adrenaline, 19 mar. 2012. Disponível em: <https://adrenaline.uol.com.br/forum/threads/homem-compra-iphone-4s-em-site-da-apple-e-recebe-pedra-no-amazonas.390021/>. Acesso em: 11 jun. 2016).*

Nos exemplos (10) e (11), os construtos **aguenta aí** e **guenta lá** são empregados em refreamento argumentativo. No fragmento (10), o enunciador usa o MD RA para conter a proposição do seu interlocutor, textualmente representada, e apresentar sua ponderação sobre o que foi dito. Nesse trecho, constatamos marcas de maior formalidade linguística, coesão textual e polidez. Em (11), a aférese em **guenta lá**, frequente na língua falada, marca a informalidade do contexto comunicativo, diferente do que ocorre no fragmento anterior. Além disso, a proposição apresentada pela interlocutora *Pra mim chegou tudo rapidinho, sem problema algum. Acho que isso é ATT Whore* carece de elementos explícitos de coesão, mas que são inferidos com sucesso pelo enunciador. A interlocutora apresenta o seguinte raciocínio lógico propositivo: se eu consegui realizar a compra do iPhone pela internet com sucesso, então, todos conseguirão, logo, a história da pedra que chegou no lugar do aparelho é uma farsa para que o protagonista se torne um foco de atenção social. Apesar de a proposição ser textualmente explícita, a sua composição reduzida, ou não desenvolvida, pode motivar o uso de construto composto por afixoide derivado de locativo de granularidade vasta. Por conseguinte, a refutação apresentada pelo enunciador por meio de pergunta retórica e axioma também é menos assertiva.

(12) *José Medeiros (Bloco Parlamentar Democracia Progressista /PSD – MT.): [...]O cacique falou: “Eu não quero mais terra, eu já tenho 30 mil hectares de terra aqui. Eu quero uma ponte para que eu possa receber turistas! Eu quero poder ir á cidade! Eu quero poder produzir, eu quero poder vender também soja, eu quero ser plantador, eu quero aprender. Nós já estamos aculturados. Agora, nós nos aculturamos... Manter as nossas tradições nós conseguimos manter. Essa história de dizer que o progresso... Quando veio luz para a aldeia, disseram que ia acabar com a nossa cultura. Agora, estão dizendo que as estradas vão acabar com a nossa cultura. Mas **para aí**: não existe cultura sem*

índio vivo”. Esse é o grande debate que tem que ser feito em relação aos indígenas [...].

(Congresso Nacional: Diário do Senado Federal, 25 abr. 2017).

No fragmento (12), numa enunciação recontada, o construto *para aí* é utilizado para refrear a proposição alheia e introduzir uma ponderação. É importante destacar que as três ocorrências de *para aí* no *corpus* são provenientes do mesmo enunciador, o parlamentar José Medeiros. Sendo assim, concluímos haver motivação interna desse falante para tais realizações. Contudo, constatamos não se tratar de mera inovação linguística individual, uma vez que levantamos outras ocorrências desse uso em *sites* da web. Ao comparar os dados do *corpus* oficial com o complementar, observamos a tendência de uso do construto *para aí* posposto à conjunção adversativa *mas* (muitas vezes, empregada como marcador discursivo).

Tal como realizado nas subseções anteriores sobre os subníveis microconstrucionais, no estudo da competição no nível do construto, também procedemos à análise das suas características de esquematicidade, produtividade e composicionalidade e das suas propriedades de conteúdo.

- Esquematicidade: Todos os construtos são totalmente preenchidos, evidenciando que, nesse nível, praticamente inexistem esquematicidade; há especificações das subpartes nucleares (frases nominais indutor-refreadoras: *alto* e *calma*; verbos indutor-refreadores: *espera*, *segura*, *aguenta* e *para*,) e especificações das subpartes periféricas (afixoides de origem locativa: *aí* e *lá*).
- Produtividade (frequência *token*): Entre os séculos XIX e XXI, foi encontrado no *corpus* o seguinte quantitativo de construtos MD RA: *alto lá*: 149; *calma aí*: 17; *calma lá*: 18; *espera aí*¹¹: três; *pera aí*: um; *perai*: quatro; *espera lá*: um; *segura lá*: um; *aguenta aí*: um e *para aí*: três. Não foi encontrada ocorrência de *segura aí* e *aguenta lá* no *corpus* principal, portanto, a investigação qualitativa foi realizada com dados obtidos de *sites* da web. A alta frequência *token* de *alto lá*, bastante superior às demais, pode ser explicada pelo fato de esse ser o construto prototípico da subfamília dos marcadores discursivos refreador-argumentativos.
- Conteúdo (sentido): O sentido de cada um dos construtos, apontado anteriormente, corresponde ao significado de refreamento argumentativo somado a particularidades contextuais, sobretudo pragmático-cognitivas.
- Composicionalidade: Todos os construtos são considerados não composicionais, pois a soma do significado de cada subparte não equivale ao conteúdo global da nova unidade. Contudo, é preciso ressaltar que algumas marcas histórico-discursivas e pragmático-

11 O resultado quantitativo dos construtos MD RA *espera aí*, *espera lá* e os estruturalmente derivados a partir desses está em reanálise, o que certamente acarretará aumento do número de ocorrências.

-cognitivas vinculadas às subpartes podem ser transferidas ao contexto de uso do construto, o que confere sentido particular a cada uma das instanciações. Algumas análises sobre o sentido construcional podem suscitar discussão sobre uma possível gradualidade no que diz respeito à composicionalidade dos construtos. Contudo, o tema não será aqui desenvolvido, podendo ser retomado em trabalhos futuros.

A correspondência total ou sinonímia perfeita entre duas ou mais construções dar-se-ia se, e somente se, houvesse equivalência integral entre todas as propriedades de conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) no nível do construto. Como visto, o uso das distintas formas de construto implicou, ao menos, diferenciações pragmático-cognitivas, altamente vinculadas aos contextos de instanciação. Sendo assim, constatamos não haver sinonímia perfeita entre os construtos MD RA, o que comprova, nesse nível mais baixo da hierarquia construcional, o princípio da não sinonímia proposto por Goldberg (1995).

Considerações finais

Concernente à competição em nível microconstrucional de subnível II, consideramos haver uma espécie de *sinonímia virtual ou potencial*, em que as microconstruções parcialmente esquemáticas são passíveis, em tese, de instanciar microconstruções preenchidas, de significado compatível. No que se refere à competição em nível microconstrucional de subnível I, verificamos a ocorrência do que chamamos de *sinonímia aparente ou paradigmática*. A sinonímia aparente é marcada pelo pertencimento ao mesmo paradigma, no caso deste estudo, o dos marcadores discursivos refreador-argumentativos. Em se tratando da competição no nível do construto, não houve constatação de *sinonímia perfeita*. A não verificação de sinonímia perfeita ou pormenorizada se dá por não haver correspondência em todas as propriedades de conteúdo (semântico, pragmático e discursivo) no nível do construto.

Conjugando nossos estudos linguísticos funcionalistas com os parâmetros da gramática tradicional a respeito da compatibilidade semântica dos termos, podemos dizer que o que se apresenta como sinônimo nas gramáticas e dicionários corresponderia ao que aqui denominamos *sinonímia aparente ou paradigmática*, em nível abstrato e virtual da hierarquia construcional. No entanto, no que se refere propriamente à perspectiva da LFCU, concluímos que as análises no nível do construto, ou seja, do uso efetivo, nos conduzem a não verificação de *sinonímia perfeita*, o que concorre para confirmar, nos termos de Goldberg (1995), o princípio da não sinonímia. É importante frisar que a constatação do princípio da não sinonímia de modo algum desabona a competição entre os marcadores discursivos refreador-argumentativos. Como explicado anteriormente, o caráter de comutabilidade

desses MD está relacionado ao compartilhamento de propriedades que caracterizam o pertencimento ao mesmo paradigma.

Neste artigo, nos detemos no exame da competição interna, isto é, na avaliação da comutabilidade de termos de um mesmo paradigma, o da marcação discursiva refreador-argumentativa, contudo, acreditamos que os mesmos critérios avaliativos expostos no presente estudo possam ser aplicados a pesquisas de competições externas. Aqui, também nos concentramos na análise qualitativa da competição entre microconstruções e entre construtos. Para trabalhos futuros, nossa agenda de pesquisa prevê o desenvolvimento de um estudo mais detalhado em termos quantitativos, contemplando, de modo mais particularizado, a associação da frequência *type e token* aos resultados qualitativos apresentados.

REFERÊNCIAS

- BATORÉO, Hanna. Jakubowicz. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolingüístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2000. (Tese de doutorado, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1996).
- BOOIJ, Geert Evert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, Geert Evert. Morphology in Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Ed.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, p. 255-273, 2013.
- BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Grammaire du sens et de l'expression*. Paris: Hachette Éducation, 1992.
- CROFT, William. *Radical Construction Grammar: Syntactic Theory in Typological Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- DIEWALD, Gabriele; SMIRNOVA, Elena. Paradigmatic integration: the fourth stage in an expanded grammaticalization scenario. In: *Grammaticalization and Language Change*. New reflections, Davidse, Kristin, Tine Breban, Lieselotte Brems and Tanja Mortelmans (Ed.). [SLCS 130]. Amsterdam: Benjamins, 111-133, 2012.
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (Org). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: Editora da UFRN, 2018.

GOLDBERG, Adele. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.

HOPPER, Paul. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth e HEINE, Bernd (Org.). *Approaches to grammaticalization*. Vol I. Focus on theoretical and methodological issues, Amsterdam: John Benjamins, 1991.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Arquitetura construcional e competição pelo uso. In: FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito (Org.). *Variação e mudança em perspectiva construcional*. Natal: Editora da UFRN, 2018, p. 105-136.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ARENA, Ana Beatriz. O viés funcional do pareamento simbólico função <> forma na abordagem construcional da gramática. *Soletras*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 30-58, jan-jun. 2019.

ROSA, Flávia Saboya da Luz. *A mesoconstrução marcadora discursiva refreador-argumentativa: uma análise cognitivo-funcional*. 216 fls. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói: RJ, 2019.

ROSÁRIO, Ivo da Costa; OLIVEIRA, Mariangela Rios. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, n. 60, v. 2, p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra, eds., *Variation, Selection, Development--Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008. p. 219-250.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs; DASHER, Richard. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

**A CONSTRUÇÃO DE INTENSIFICAÇÃO COM LEXEMAS DE COR NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**
***INTENSIFYING CONSTRUCTION WITH COLOR LEXEMES IN BRAZILIAN
PORTUGUESE***

Nahendi Almeida Mota¹

Marcia dos Santos Machado Vieira²

RESUMO

Este artigo expõe os resultados da pesquisa sobre a configuração formal-funcional do subesquema Xcor de SN da construção intensificadora Xcor de Y (como em *roxo/verde de raiva* ou *vermelho de vergonha*) no português brasileiro. Acreditamos que essa construção seja suscitada pelo fato de nosso corpo, mais especificamente, nosso rosto sofrer alterações de cor devido a alguma emoção ou sensação, como quando ficamos pálidos (de susto), vermelhos (de vergonha, de paixão) etc. Essa mudança na coloração facial é algo tão recorrente que, por associação com o atributo intensidade de cor, pode motivar não só construções como a estudada nesta pesquisa, mas muitas outras, levando-nos a defender que a emoção revelada por meio de cores (geralmente na face) é um fator que contribui para a elaboração simbólica presente na relação entre lexemas de cor a (sub) esquemas como os aqui descritos. Assim, sob a perspectiva da Linguística Funcional-Cognitiva, que busca analisar a língua com base em aspectos socioculturais e pragmáticos, situações comunicativas, conhecimentos internalizados e operações cognitivas, e da Gramática de Construções, para a qual a língua é uma rede de nós/pareamentos forma-função/significado, analisamos como se desencadearam tais construções e como sistemática e variavelmente se configuram, com base em Traugott e Trousdale (2013), Machado Vieira (2016) e Wiedemer e Machado Vieira (2018). Os dados analisados são do *Corpus do Português*, e o método utilizado foi a análise de frequências. Nossos resultados iniciais mostram que: essa construção intensifica, sobretudo, aspectos negativos; a alternância das cores permite a sua classificação como aloconstruções; e essa construção faz parte da rede construcional de intensificadores do português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Cor. Construção intensificadora. Aloconstrução. Gramática de Construções.

ABSTRACT

This paper exposes the results of the research on the formal-functional configuration of the Xcolor of NS subschema of the Xcolor of Y intensifier construction (as in purple/green of anger or red of shame) in Brazilian Portuguese. We believe that this construction is caused by the fact that our body, more specifically, our face undergoes color changes due to some emotion or sensation, such as when we become pale (from fright), red (from shame, passion) etc. This change in facial coloring is something so recurrent that, by association to the intensity attribute of color, it can motivate not only constructions such as the one studied in this research, but many others, leading us to defend that the emotion revealed through colors (usually on the face) is a factor that contributes to the symbolic elaboration present in the relation of color lexemes to the (sub)schemes exposed here. Thus, from the perspective of Functional-Cognitive Linguistics, which seeks to analyze the language based on sociocultural and pragmatic aspects, communicative situations, internalized knowledge and cognitive operations, and the Grammar of Constructions, for which the language is a network of form-function/meaning nodes/pairings, we analyze how these constructions were triggered and how they are systematically and variably configured, based on Traugott and Trousdale (2013), Machado Vieira (2016) and Wiedemer and Machado Vieira (2018). The data analyzed are from the *Corpus do Português*, and our method is frequency analysis. Our initial results show that this construction intensifies, above all, negative aspects; the alternation of colors allows their classification as allostructions; and this construction is part of the construction network of Brazilian Portuguese intensifiers.

KEYWORDS: Color. Intensifying construction. Allostruction. Construction Grammar.

1 Doutoranda em Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do grupo de pesquisa CNPq PREDICAR: Formação e expressão de predicados complexos e predicacões. E-mail: nahendi@ufrj.br

2 Doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ, onde atua como Professora Associada IV do Departamento de Letras Vernáculas, na Graduação, Pós-Graduação e Extensão. É líder do grupo de pesquisa CNPq PREDICAR: Formação e expressão de predicados complexos e predicacões. E-mail: marcia@letras.ufrj.br

Introdução

Nosso objetivo, com este trabalho, é apresentar os resultados alcançados, até agora, com a nossa pesquisa acerca da configuração formal-funcional do subesquema Xcor de SN (como em *roxo/verde de inveja*) da construção intensificadora Xcor de Y (como em *roxo/verde de raiva*, quando Y é um SN, ou *vermelha de envergonhada*, quando Y é um Adj). Para ilustrarmos, selecionamos alguns dados do nosso *corpus*:

1. “[...] E como vocês não têm o que fazer... Ele riu, e o resto da sala também. Ai, modeusi, tenho que falar mais baixo!!! Fiquei **ROXA DE VERGONHA!** * Mas sabedora do que precisava, depois de almoçar a torta fui para a internet, e às duas da tarde já tinha tudo na mão [...]”.
2. “[...] Deixe de ser ciumenta, a bem da sua relação Já todas nós nos sentimos **VERDE DE INVEJA** ao ver o “«nosso»» homem a falar, a sorrir ou simplesmente a olhar para outra mulher, conhecida ou não [...]”.
3. “[...] Os aprendizes se voltaram conforme uma figura familiar veio caminhando ate a mesa segurando o prato. Regin sorriu e então empurrou o prato para a frente de Sonea. Ela ficou **VERMELHA DE RAIVA** quando ela viu que ele estava coberto de cascas de pão e restos de comida. Mas as “«brincadeiras»» de Regin e seus amigos irão muitíssimo mais longe [...]”.

Em (1), (2) e (3), anteriormente, há algumas peculiaridades interessantes no que diz respeito às cores (“roxa”, “verde” e “vermelha”, respectivamente): sua função não é a de adjetivar, qualificar ou especificar um objeto (como em “a boneca roxa”, “a maçã verde” e “o coração vermelho”, sentenças comuns do PB); na verdade, elas compõem uma construção, ao se ligarem sistematicamente com a preposição “de” e com um sintagma nominal e, com essa configuração morfossintática, servirem de recurso linguístico à função de intensificação (expressão/modificação de grau). Vale destacar que outras propriedades colaboram para essa representação de exemplos como os citados: (i) Xcor de SN apresenta um certo grau de *chunking*, uma vez que não é possível trocar os componentes de lugar, invertendo sua ordem, por exemplo; (ii) porém, ela não é completamente cristalizada, pois, em alguns dados, foram identificados modificadores presentes antes e depois da construção e até mesmo em seu interior, compondo o sintagma nominal; (iii) o elemento Xcor revela (certa?) opacidade de seu significado concreto de cor em prol da proeminência/transparência do sentido de intensidade; (iv) os elementos sintagmáticos que preenchem o segundo *slot* costumam ter natureza semântica abstrata; (v) o sentido de intensidade é inferido da associação entre cor e emoção/reação psicofísica.

A partir de tais observações, surgiram as seguintes perguntas:

- a. Há uma relação de similaridade entre as cores que preenchem o *slot* X na construção Xcor de SN?

- b. Se sim, quais os contextos linguísticos que acionam um ou outro uso?
- c. Que cores se combinam ao primeiro *slot* da construção e com que configuração/representação funcional?
- d. O emprego de cores diferentes implica escalaridade no sentido de intensificação ou outro efeito de sentido?
- e. Como os dados licenciados por essa construção se organizam em termos de padrões construcionais (microconstruções, subesquemas)?
- f. E como essa construção se apresenta representada na rede de intensificadores do PB, tendo em vista, inclusive, outras construções com estrutura X de Y de intensificação?

Embora, para os limites deste artigo, não seja possível tratar de todas essas questões com aprofundamento, procuraremos, a partir dos resultados até então obtidos, reunir as observações mais relevantes a que já pudemos chegar.

Para respondermos a tais questionamentos, seguimos os seguintes passos: (i) coletamos todos os dados encontrados no *Corpus do Português*³ que contivessem Xcor; (ii) em seguida, na etapa de triagem, foram selecionados todos os dados em que Xcor entra na construção Xcor de SN, em que promove a noção de intensificação; (iii) a partir de então, foram observados os aspectos referentes à função e à forma; (iv) também foram observados fatores linguísticos em torno e no interior da construção, como a presença ou não de modificador e a nuance semântica dos lexemas⁴ que preenchem o segundo *slot* da construção, momento em que chegamos à definição de microconstruções licenciadas pela construção em estudo; e, por fim, (v) procuramos representar a relação da construção em estudo com outras construções de intensificação no PB, projetando uma rede de possibilidades construcionais estocadas no conhecimento linguístico.

Toda a análise foi feita com base na Gramática de Construções, já que esta considera a língua uma rede de nós/pareamento forma-função, e na Linguística Funcional-Cognitiva, uma vez que compreendemos a importância de analisar a língua associada a aspectos pragmáticos, operações cognitivas, situações comunicativas etc. Nossos dados foram retirados do *Corpus do Português*, mais especificamente da segunda parte, intitulada “Web / Dialetos”, pois nosso recorte é o Português Brasileiro; e, para tratamento dos dados, adotamos a análise de frequência e o programa Goldvarb.

Com base em pressupostos da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções, acreditamos na relação entre conhecimento armazenado e experiência, bem como na relação entre

3 Informações disponíveis em: <<https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>>. Acesso em: 18 out. 2019.

4 Aqui, lexemas são entendidos como construções lexicais, já que a unidade mínima da Gramática de Construções é a construção.

convencionalização e criatividade: por um lado, a língua molda o uso; por outro, o uso linguístico é moldado pelo conhecimento linguístico armazenado na mente dos indivíduos e convencionalizado na(s) comunidade(s) (linguística e de prática discursiva) de que o indivíduo é parte; e o uso é motivado por fatores de ordem cognitiva, social, discursiva, pragmática, semântica, mas se sujeita ao processamento que os indivíduos fazem com base nas experiências linguísticas que têm.

A manifestação de intensificação pauta-se, entre outros recursos, em construções lexicais ou procedurais que se prestam a conferir aumento/amplificação, diminuição ou (relativa) neutralidade ao grau de uma propriedade, estado ou sensação, a partir de um julgamento subjetivo (da perspectiva do enunciador) ou intersubjetivo (sem perder de vista um interlocutor potencial ou real). A intensidade, portanto, avizinha-se de/interage com noções/dimensões como as de escalaridade, quantificação/mensuração, avaliação e até afetividade. Intensificadores movem gradualmente uma propriedade de entidade(s) ao longo de escalas limitadas ou especificam-na em escalas ilimitadas, num domínio de conceptualização de grau subjetivo.

A noção de ‘intensidade’ está intimamente ligada à expressão de grau. Com base em Bordet [2014], entre outros, a expressão de intensidade pode até ser considerada como um subtipo da expressão de grau, na medida em que aprimora, fortalece ou escala uma qualidade do elemento que é intensificado. No entanto, há uma característica principal diferenciadora que precisa ser levada em consideração ao lidar com as noções de ‘intensidade’ e ‘grau’. Ao contrário da expressão ‘grau’, que parece se basear em critérios objetivos, a expressão ‘intensidade’ é de natureza mais subjetiva, de acordo com Xiao & Tao [2007], Athanasiadou [2007] e Bordet & Jamet [2015], Napoli & Ravetto [2017 a sair] para citar apenas alguns.

Dados os múltiplos dispositivos disponíveis para expressar ‘intensidade’, bem como as várias funções endossadas pela expressão de ‘intensidade’ – sejam elas uma função emotiva, uma função catártica, uma função eufemística, uma função humorística, uma função persuasiva ou uma função metalinguística, a intensificação parece permear a linguagem cotidiana e pode ser considerada um fenômeno linguístico multifacetado (BORDET, NAPOLI; RAVETTO, 2017, p. 1, tradução nossa).⁵

A inferência de intensidade é associada, entre outras possibilidades linguísticas de conceptualização matizada da experiência física, sensorial ou psíquica, às sensações de cores, uma vez que estas têm o potencial de revelar um espectro de matizes. Certas cores possivelmente são mais

5 “The notion of ‘intensity’ is closely linked to the expression of degree. Building on Bordet [2014], among others, the expression of intensity may even be regarded as a subtype of the expression of degree, in that it enhances, strengthens or scales upward a quality of the element that is intensified. However, there is one main differentiating feature that needs to be taken into account when dealing with the notions of ‘intensity’ and ‘degree’. Contrary to the expression of ‘degree’, which seems to rely on objective criteria, the expression of ‘intensity’ is of a more subjective nature, according to Xiao & Tao [2007], Athanasiadou [2007] and Bordet & Jamet [2015], Napoli & Ravetto [2017 forthcoming] to name but a few. Given the multiple devices available to express ‘intensity’, as well as the various functions endorsed by the expression of ‘intensity’ – be they an emotive function, a cathartic function, a euphemistic function, a humorous function, a persuasive function or a metalinguistic function, intensification seems to pervade everyday language and can be considered as a multi-faceted linguistic phenomenon” (BORDET, NAPOLI; RAVETTO, 2017, p. 1).

frequentemente atraídas para a construção de intensificação do que outras.

Os termos de cores projetam-se convencionalmente em escalas prototípicas, ou escalas com um termo que especifica o valor máximo no meio e em outros membros correspondentes a valores não máximos cada vez mais baixos em ambos os lados (por exemplo, vermelho como o valor máximo, laranja como o valor não máximo e rosa e amarelo como os domínios de transição). No entanto, para o branco, podemos propor uma escala fechada com limites e os complementares em preto e branco nos pontos finais (CACCHIANI, 2017, p. 19, grifos da autora, tradução nossa).⁶

Isso sugere que há também uma certa convencionalização envolvida no acionamento e na instanciação da construção em estudo. Afinal, uma rotina cognitiva de associar certas cores a certos matizes de intensidade a qual se manifeste repetidas vezes na experiência linguística de uma comunidade linguística pode ensejar entrincheiramento, inclusive, *chunking*.

Outras hipóteses também aqui consideradas advêm da relação entre intensidade e emoção e da relação entre a construção em estudo e a produtividade da construção de estrutura (Xsubstantivo/adjetivo₁ de Xsubstantivo/adjetivo₂)⁷, com ou sem função intensificadora.

Quando um falante recorre a uma construção como a que está em estudo, é possível que ele mais externalize uma emoção, uma sensação ou uma atitude em relação a um estado de coisas do que descreva um estado de coisas. A construção em questão é suscitada pelo fato de sofrermos mudanças na coloração da nossa face (corpo) devido a alguma emoção, como quando ficamos vermelhos (de vergonha ou de raiva, por exemplo). Além disso, essa mudança na coloração facial é algo tão recorrente que, por associação com o atributo intensidade de cor, pode motivar não só construções como a estudada nesta pesquisa, mas muitas outras, levando-nos a defender que a emoção revelada por meio de cores (geralmente na face) é um fator que contribui para a elaboração simbólica presente na relação entre lexemas de cor a (sub)esquemas como os aqui descritos. Consideramos também a influência dos contextos morfosintático e semântico, pois notamos que X de Y, em que X pode ser um substantivo ou um adjetivo, é uma estruturação comum a diversas construções no PB, como em: “*pele de porcelana*”, “*maravilha de trabalho*”, “*morto de cansado*”, “*cheio de fome*”, “*tempestade de*

6 “Color terms conventionally project on *prototypical scales*, or scales with a term that specifies the maximal value in the middle and other members corresponding to increasingly lower non-maximal values at both sides (e.g. *red* as the maximal value, *orange* as the non-maximal value, and *pink* and *yellow* as the transition domains). Yet, for white we can posit a closed scale with limits and the complementaries black and white at the endpoints” (CACCHIANI, 2017, p. 19, grifos da autora).

7 Aqui, procuramos representar a possibilidade de tanto o primeiro quanto o segundo *slots* serem preenchidos por substantivo ou adjetivo. Por isso, nossa intenção é preparar o terreno para a representação, normalmente disponível na literatura, para indicar quantificação/mensuração viabilizada por N1 de N2. Optamos, no entanto, em nossa análise, pela representação desses *slots* por “SAdj de SN”, tendo em vista a configuração como a do exemplo a seguir: “*roxa de tanta raiva*”.

ideias”, etc. A natureza nominal do primeiro *slot* abre a possibilidade de ele ser preenchido por uma cor, nome substantivo ou nome adjetivo ((*um*) *vermelho de vergonha*⁸ ou *esverdeado de medo*⁹). Os exemplos anteriores relacionam-se a construções binominais diferentes, embora todos revelem relação de modificação entre N_1 e N_2 ¹⁰: no primeiro e no segundo, relacionam-se à de natureza qualitativa (em que “de porcelana” tem função especificadora de qual pele se fala, de N_1 ; e em que “maravilha” tem função avaliadora da propriedade de N_2); no terceiro e no quarto, à de natureza intensificadora (N_1 , “morto”/“cheio”, aumenta a força do estado de coisas/da sensação expresso(a) em N_2); e, no quinto, à de natureza quantificadora¹¹ (muitas ideias). Dados com Xcor aqui em foco relacionam-se a uma construção que se soma ao rol de potencialidades construcionais para expressão de intensificação, estocadas na gramática do português. Nomes substantivos ou adjetivos de cores constituem um dos subconjuntos de lexemas que podem aparecer numa construção intensificadora com estrutura N_1 de N_2 . Para o tratamento dos dados, utilizamos a análise de frequência, com o intuito de constatar quais lexemas são característicos da construção gramatical aqui em foco. Recorremos ao programa Goldvarb X para codificar, processar e analisar os dados linguísticos.

Este artigo está assim organizado: na primeira seção, apresentamos um panorama dos pressupostos teóricos desta pesquisa, os quais sustentam as nossas análises; na segunda, descrevemos os procedimentos metodológicos e desenvolvemos a análise dos dados; na terceira, levantamos as discussões que resultam desse processo de pesquisa. Encerramos com as nossas considerações finais e as referências.

1. A língua segundo a Gramática de Construções e a Linguística Funcional-Cognitiva

De acordo com a Linguística Funcional-Cognitiva, há uma “relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação” (MARTELOTTA,

8 “O rosto empalidecido de que nos fala o Talmude revela-nos **um vermelho de vergonha**, mas também um vermelho de ódio, de um ódio sem reparação (...)”. (MARQUES, R. V. O caixeiro-viajante revisitado: os paradoxos da “fúria narcísica” na literatura e no cinema. *Revista Graphos*, vol. 20, n. 1, 2018).

9 Disponível em: <<https://www.wattpad.com/802883289-o-chefe-do-crime-perfeito-capitulo-72/page/4>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

10 O sentido e a natureza da modificação são, no entanto, diferentes.

11 Para mais exemplos de construções binominais, vale a consulta a estes artigos:

ALONSO, Karen Sampaio Braga; FUMAUX, Nuciene Caroline Amphilóphio. Diferenças semânticas de microconstruções quantificadoras: o caso de SN1 de SN2. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, p. 214-237, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/27247/17781>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

MASINI, Francesca. Binominal constructions in Italian of the N1-di-N2 type: towards a typology of Light Noun Constructions. *Language Sciences*, 53 (2016): 99-113. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0388000115000662?via%3Dihub>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

2011, p. 55). Logo, elas só se materializam na interação, onde encontram lugar para variação e mudança. Nessa interação, de um lado, atuam fatores que regulam e unificam a língua e, de outro, fatores que ensejam criatividade e inovação. Tais atuações geram a gramática da língua, que, de acordo com Diessel (2015, p. 296, tradução nossa), “[...] é um sistema dinâmico de categorias emergentes e restrições flexíveis que estão sempre mudando sob a influência do domínio de processos cognitivos gerais envolvidos no uso da língua”¹². Reconhecer a importância da cognição quanto a organização, relação e armazenamento de léxico e gramática abre espaço para a compreensão da língua como uma rede complexa de construções (lexicais e procedurais), postura também adotada pela Gramática de Construções.

Para Traugott e Trousdale (2013, p. 1, tradução nossa),

As construções são convencionais, pois são compartilhadas entre um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades em que algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg 1995) ou tão frequente (Goldberg 2006) que o signo está entrincheirado como um pareamento entre significado e forma na mente do usuário da língua.¹³

Na Gramática de Construções, portanto, as construções são vistas como pareamentos forma-função: sua face formal abrange os aspectos fonológicos, morfossintáticos, lexicais e prosódicos; e sua face funcional, os semânticos, discursivos, pragmáticos, cognitivos e sociais. Nenhum desses níveis de gramática é considerado autônomo – afinal, “ambas as faces do pareamento construcional constituem complexos multifatoriais, estes em relação simbólica” (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018, p. 44) –, nem pode ser estudado separadamente, já que essa é uma teoria não modular.

Traugott e Trousdale (2013) consideram as construções como as unidades básicas da língua e, por meio da abordagem construcional, investigam como surgem novas construções e como construções já existentes podem sofrer alterações na face formal, na funcional ou em ambas: uma construção na memória linguística de membros de uma comunidade de fala pode oportunizar a criação de *links* simbólicos com outra(s) construção(ões) na rede de construções.

Wiedemer e Machado Vieira (2018, p. 47-48) associam a isso o processo de *pensamento analógico*,

12 “is a dynamic system of emergent categories and flexible constraints that are always changing under the influence of domain general cognitive processes involved in language use” (DIESEL, 2015, p. 296).

13 “Constructions are conventional in that they are shared among a group of speakers. They are symbolic in that they are signs, typically arbitrary associations of form and meaning. And they are units in that some aspect of the sign is so idiosyncratic (Goldberg 1995) or so frequent (Goldberg 2006) that the sign is entrenched as a form-meaning pairing in the mind of the language user” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1).

que, a partir das experiências discursivo-pragmáticas socialmente situadas, opera tanto em dimensões paradigmáticas relativas às formas disponíveis ou criadas para preenchimento de *slots* em esquemas da rede quanto em dimensões de emparelhamento/pareamento na indexação/categorização dos atributos das faces formal e funcional da construção.

O conceito de pensamento analógico pode ser ilustrado por exemplos encontrados durante a coleta de dados. Vejamos.

4. “[...] Não sei fingir. Abraço minhas vontades, mesmo que *a minha cara fique roxa de tanto apanhar*. Cumpro minhas promessas, mesmo que me doa [...]”.
5. “[...] Demi -- Isso não deveria ter acontecido. -- passou uma rajada de vento forte e fria, *fazendo pele de Demi ficar roxa de frio*. Joe -- Eu sei que não, mas me desculpe [...]”.
6. “[...] Um dia a esposa de um funcionário fez uma visita a empresa e viu aquela placa gigantesca escrito CIPA. *A coitadinha ficou ROXA DE TANTA VERGONHA... hahahahaha! [...]*”.

Partindo de características mais físicas, que realmente envolvem uma mudança na coloração corpórea do indivíduo (como nos exemplos (4) e (5)), por associação à cor, surgem construções como a (6), em que há extensão de uso/sentido.

Para esses mesmos autores, dentre as descobertas realizadas por intermédio da abordagem construcionista, está a de que “a percepção de gradualidade, que se acentua no interior da teoria da gramaticalização, alcança um perfil ainda mais refinado quando tal medida é concebida na base de ‘micropassos’ de mudança em várias dimensões de uma construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2010, 2013)” (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018, p. 45). Para eles, ao analisar esses micropassos, é possível se deparar com o fenômeno da variação – daí vem à tona a interface variação-construção.

Muito já se tem falado sobre isso. Leino e Östman (2005, p. 192, tradução nossa), por exemplo, há mais de uma década, afirmam que se “se quisermos levar a sério o objetivo da GC [Gramática de Construções] de lidar com todas as construções de uma língua, sejam elas membros ‘centrais’ ou construções ‘periféricas’, não podemos ignorar a variação”¹⁴. Indo ao encontro de tal afirmação, Hoffmann e Trousdale (2011, p. 1, tradução nossa) defendem que qualquer teoria cognitiva deve dar conta tanto da variação quanto da mudança, afinal, “todos os idiomas humanos são caracterizados por variabilidade sincrônica e estão sujeitos a alterações ao longo do tempo”¹⁵.

14 “we want to take seriously the aim of CxG to deal with all constructs of a language, be they ‘core’ members or ‘peripheral’ constructs, we cannot brush variation aside” (LEINO; ÖSTMAN, 2005, p. 192).

15 “All human languages are characterized by inherent synchronic variability and are subject to change over time” (HOFFMAN; TROUSDALE, 2011, p. 1).

Enquanto isso, no Brasil, conforme Wiedemer e Machado Vieira (2018), esse fenômeno, embora já ocupe um espaço consolidado na área da Sociolinguística, ainda não apresenta um consenso entre os estudiosos brasileiros orientados por modelos funcionalistas de Gramática de Construções. Todavia, estudos na interface variação-construção já têm sido desenvolvidos em nosso país, a exemplo dos de Machado Vieira (2016) e de Wiedemer e Machado Vieira (2018).

Dentre os tipos de variação explicados pela Gramática de Construções, trataremos, aqui, da variação por *allostructions* (aloconstruções). Segundo Capelle (2006, p. 18, tradução nossa), a “maneira como podemos conceber dois padrões como relacionados não é tratando um como derivado do outro, mas considerando-os como ‘aloconstruções’ – como realizações estruturais variantes de uma construção que é parcialmente subespecificada”¹⁶. Esse termo equipara-se, “por analogia, a alofone e alomorfe, que também correspondem a realizações alternativas de uma determinada unidade linguística (ou seja, um fonema ou morfema)”¹⁷ (PEREK, 2015, p. 153, tradução nossa).

As construções lexicais *roxo*, *verde* e *vermelho* que preenchem o *slot* “cor” na construção Xcor de SN podem ser interpretadas como aloconstruções, porque, como veremos, elas correspondem a possibilidades configuracionais acionadas como intensificadoras do que preenche o *slot* SN. Ainda que, na língua, também correspondam a pareamentos com formas e significados diferentes, quando compatibilizadas a essa construção seus atributos semânticos particulares se neutralizam como variantes construcionais a evocarem a significação de intensificação, assim como outras possibilidades lexicais diferentes das que compõem o rol de cores também o podem fazer se acionadas para esse lugar (por exemplo, *roxa/morta de fome*¹⁸, *vermelha/doida de raiva*¹⁹).

Há que se levar em conta o fato de que lexemas de cores pareiam itens lexicais diferentes a propriedades dos corpos no mundo biossocial percebidas a partir da interação entre luminosidade e escuridão, sendo a cor branca relacionada à luz e à síntese de todas as cores e a cor preta relacionada à ausência de luz. A composição de cor envolve, portanto, uma combinação de raios absorvidos e refletidos na realidade fisiológica (da esfera quantitativa da incidência do fenômeno luminoso/onda

16 “The way we can conceive of two patterns as related is not by treating one as derived from the other but by considering them as ‘allostructions’ – as variant structural realizations of a construction that is left partially underspecified” (CAPELLE, 2006, p. 18).

17 “by analogy with the terms allophone and allomorph, which also correspond to alternative realizations of a particular linguistic unit (namely, a phoneme or a morpheme)” (PEREK, 2015, p. 153).

18 Disponível em: <<https://twitter.com/Weydnacs/status/1275414039481462785>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

19 Disponível em: <<https://colunadofla.com/2019/08/diego-alves-defende-dois-penaltis-flamengo-goleia-o-vasco-e-sobe-para-vice-lideranca-do-brasileirao/>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

de calor, por exemplo do sol, sobre os corpos) num espectro de percepções e sensações da realidade psicológica (relativas à esfera qualitativa do cálculo desse fenômeno). As dimensões calóricas e tonais da cor-luz ou cor-energia ensejam possibilidades de associação entre experiências com relação a estímulos sensoriais das cores e graus de intensificação; e tal associação se instancia linguisticamente, entre outras possibilidades. Vale ressaltar que, entre as três características (matiz, tom e intensidade) de todas as cores, está a intensidade, que se relaciona ao brilho da cor-energia.

Há, por exemplo, segundo Delecave (2011)²⁰, quem associe verde, vermelho e azul(-violeta) (que consideramos muito próximo do roxo) à tríade primária de cores-luz, porque estas provêm de uma fonte luminosa.

2. Análise de dados: resultados e discussão

Organizamos este tópico com base nas perguntas apresentadas no início deste artigo. Portanto, começamos observando a relação de similaridade entre as cores que preenchem o *slot X* da construção Xcor de SN. Para isso, foram coletados dados do *Corpus do Português* em que esta construção estava presente²¹, totalizando 184 ocorrências.

Através dos dados, observamos que há tanto uma relação de similaridade quanto uma de dissimilaridade entre as cores, afinal, por um lado, elas servem para intensificar os mesmos sintagmas, mas, por outro, elas são atraídas por determinados lexemas que aparecem preenchendo o segundo *slot*. Abaixo, selecionamos três casos em que as cores são usadas como aloconstruções, acompanhando o mesmo sintagma. Vejamos.

7. “[...] Neste momento percebi minha gafe. Disse meu nome e o oficial, mesmo estando **ROXO DE RAIVA**, viu que não foi de propósito e nos deixou passar, mas não sem antes virar o carro do avesso (só de sacanagem) e nos fazer tomar um chá de cadeira. Mas tudo bem... [...]”.
8. “[...] preferem eleger Lula e seus postes, como ele define seus comparsas e gritam aos 4 cantos que Andrés é o cara, quer saber, vcs. se merecem!! **VERDE DE RAIVA**, o que está falando??? Por TRINTA ANOS a arena allianz será da construtora, e vc. sabe disto muito bem [...]”.
9. “[...] Roberta começa a dizer que sua mãe é esquizofrênica na frente dela e ela fica **VERMELHA**

20 Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=1096&sid=9&tpl=printerview>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

21 Para este trabalho, coletamos apenas os dados em que X foi preenchido pelas cores “vermelho/a”, “roxo/o” e “verde”, porém, outras cores também podem preenchê-lo.

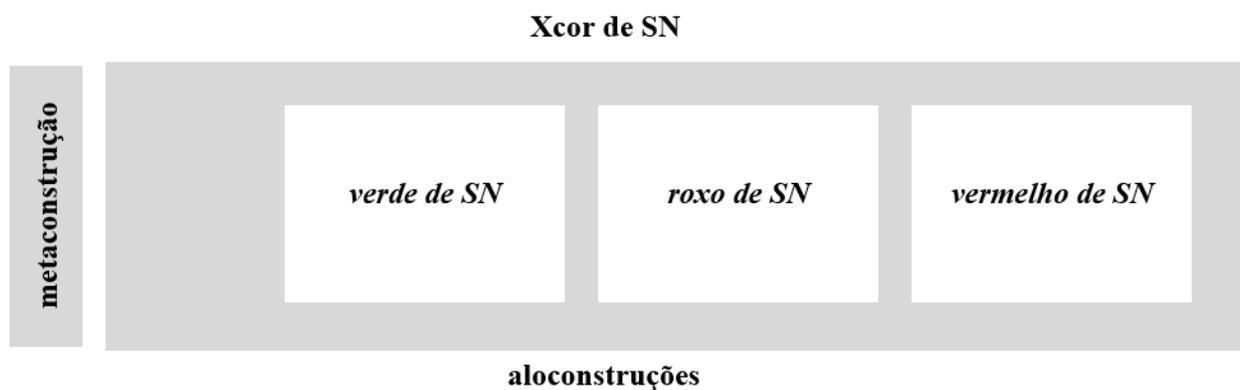
DE RAIVA. Mia pergunta a Franco se sua mãe tinha algum diário. Pilar vê Glaucia com Enrique. Mia lê as cartas de sua mãe e descobre que ela e seu pai não eram felizes [...].”

Em todos os exemplos anteriores, o segundo *slot* da construção Xcor de SN está preenchido pelo lexema “raiva” e, em todos eles, é possível perceber a tentativa de tornar mais intenso o sentimento descrito. Assim, em construções como Xcor de SN, parece haver uma neutralização no uso das cores, isto é, elas passam a acionar o mesmo sentido, o de intensidade – diferentemente do que propõe Cacchiani (2017) quando fala de escalas prototípicas. Essa diferença se dá porque a autora está tratando das cores como adjetivadoras, e não em uma construção gramatical como a aqui estudada.

É interessante observar isso, pois, uma de nossas hipóteses para trabalhos futuros (inclusive, envolvendo pesquisa experimental) é que os falantes acreditam que “vermelho de raiva” e “roxo de raiva” são sentenças possíveis, enquanto “verde de raiva” é uma sentença que não é dita/escrita por falantes do PB. Em outras palavras, a força de atração dos lexemas “roxo” e “vermelho” quando na construção consta o lexema “raiva” seria maior. Nossos dados, até agora, porém, provam o contrário.

No que diz respeito à relação de similaridade entre as cores, é possível notar, nos exemplos (7), (8) e (9), que há a possibilidade de alternância, pois todas elas servem, neste contexto, para intensificar o lexema que preenche o *slot* referente ao sintagma nominal. Portanto, há uma relação de similaridade por (quase) sinonímia entre os itens. Por isso, elaboramos a seguinte representação, com base em Leino e Östman (2005) e Wiedemer e Machado (2018):

Esquema 1: representação de aloconstruções e metaconstrução relativa à construção Xcor de SN



Fonte: elaboração própria.

Na parte superior do esquema 1, representamos a construção Xcor de SN, em que o *slot* X é preenchido por uma cor (como em “roxo” de) ou por um adjetivo (como em “morto” de ou “cheio” de), com o objetivo de intensificar o segundo *slot*, um sintagma nominal (SN). Essas

possibilidades de preenchimento estão representadas pelas aloconstruções (“verde/roxo/vermelho de SN”), ou seja, possibilidades com alta similaridade configuracional, visto que todas elas servem de intensificadoras. Por serem padrões construcionais variantes entre si, elas estão localizadas em um espaço de generalização e neutralização desses padrões, isto é, a metaconstrução. Além disso, dentre tais aloconstruções podem estar microconstruções em que o primeiro *slot* é preenchido pela cor “azul” (azul de raiva)²², entre outras, embora outras cores não tenham sido objeto de observação nesta pesquisa.

Observando que há, sim, uma relação de similaridade entre as cores, passamos a analisar quais os contextos linguísticos que acionam uma ou outra cor, a fim de responder à segunda pergunta norteadora deste trabalho. Para isso, contamos com os grupos de fatores que foram organizados da seguinte maneira:

Quadro 1: grupos de fatores

Grupos de fatores	Variantes
G1: variável dependente	Roxo/roxa Verde Vermelho/vermelha
G2: Presença ou não de modificador	Presença Ausência
G3: nuance semântica do segundo <i>slot</i>	Aspecto fisiológico/físico Aspecto psicológico

Fonte: elaboração própria.

Em apenas 13 dados, foram encontrados modificadores em relação à cor e à composição do SN, isto é, elementos que estão alterando a construção aqui estudada, quando inseridos antes dela ou em seu interior. Para visualizarmos melhor os resultados, elaboramos a tabela a seguir.

Tabela 1: presença ou ausência de modificador em relação à cor e à composição do SN

Preenchimento do primeiro <i>slot</i>	Roxo/a		Verde		Vermelho/a		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Presença	6	46.15	1	7.7	6	46.15	13	7.0
Ausência	41	24.0	29	17.0	101	59.0	171	93.0
Total	47	25.5	30	16.3	107	58.2	184	100

²² Disponível em: <<https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g1-d8728972-r703124114-Azul-World.html>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

Fonte: elaboração própria.

Das 47 ocorrências com “roxo/a”, em apenas seis há a incidência de um modificador em relação à cor e à composição do SN. A pouca presença também é notada nas construções com as outras cores: com verde, apenas uma ocorrência em 30 dados; com vermelho, apenas seis em 107 dados. Vejamos alguns exemplos.

10. “[...] Você está diante do desafio que a afronta: O seu coração acelera; tem vontade de fugir, fica **VERMELHA DE TANTA VERGONHA**, as palavras não saem naturalmente, a voz fica embargada, a sua mente é bombardeada com inúmeros pensamentos de incapacidade; de inferioridade. Você quer concentrar-se, mas onde está o controle de os seus sentidos? [...]”
11. “[...] O Mascara já me deixa **VERDE DE TANDO NOJO** que tenho de aquilo. e Scooby Doo Scooby loo Porr o SBT esta estragando Nosso dia com isso! Tv Globinho que um conselho aproveita ai a Oportunidade que o Bom dia & Cia [...]”;
12. “[...] A balconista escondendo a risada diz -- Temos sim, com 2 ou com 4 comprimidos? Ele **QUASE ROXO DE VERGONHA** e totalmente sem jeito diz mais uma vez murmurando -- Com 4.... A balconista passa o valor e o velhinho sai sem jeito do balcão, paga seu medicamento e vai embora, a sexta-feira pra esse velhinho com certeza será muito boa [...]”.

Embora sejam poucas as ocorrências de modificadores que incidem na construção Xcor de SN, sua análise é interessante, uma vez que, como nos exemplos (10) e (11), eles servem para intensificar uma construção que já é intensificadora e estão localizados imediatamente antes do núcleo do SN, de modo que interferem diretamente nele; ou, como em (12), para amenizar/diminuir a intensificação da sensação psicológica propiciada pela construção ou relativizar a externalização subjetiva da mensuração dessa sensação tendo em vista a potencialidade do confronto dela com a “realidade objetiva” representada pela predicação nominal, caso em que o modificador está posicionado antes da cor intensificadora e modifica toda a construção. Assim, um questionamento surgiu e será considerado nos desdobramentos deste estudo, com a ampliação do *corpus*: A depender de onde ocorra o modificador na construção, vamos ter alguma diferença no que conceptualizamos como proeminente na intensificação (a mensuração da sensação psicológica em si ou a externalização subjetiva (e, por isso, sujeita a relativização/ajuste) da mensuração dessa sensação)?

O segundo fator selecionado também é bastante pertinente para a nossa análise, uma vez que a nuance semântica do segundo *slot* é um dos aspectos mais centrais da nossa pesquisa. Logo, decidimos

distribuir os colexemas²³ entre “roxa/o”, “verde” e “vermelha/o” no quadro abaixo, de modo que facilitasse a visualização dos lexemas que acompanham cada uma das cores, a fim de verificar qual cor é mais comum e em qual contexto linguístico.

Aqui, realizamos a análise de frequência. Foram listados todos os lexemas que preenchem o segundo *slot* da construção em estudo, visando verificar como eles se distribuem entre as cores e quais foram intensificados por todas elas.

Quadro 2: distribuição dos lexemas por “cor”

Roxa/o		Verde		Vermelha/o	
<i>Lexema</i>	<i>Ocorrência</i>	<i>Lexema</i>	<i>Ocorrência</i>	<i>Lexema</i>	<i>Ocorrência</i>
Vergonha	21	inveja	9	vergonha	49
inveja	7	raiva	7	raiva	42
raiva	5	fome	5	ódio	2
pele fria/ frio	4	ciúme(s)	3	ojeriza	1
ciúme(s)	3	enjôo	2	pudor	1
sem graça	1	vergonha	1	ansiedade	1
fome	1	nojo	1	comoção e champagne	1
curiosidade	1	medo e inveja	1	indignação	1
vontade	1	vontade	1	cólera	1
tédio	1			ciúme	1
ódio	1			alergia	1
saudades	1			vergonha alheia	1
				constrangimento	1
				frustração	1
				irritação	1
				despeito	1
				inveja	1
TOTAL	47		30		107

Fonte: elaboração própria.

Ao discriminarmos os itens que preenchem o segundo *slot* da construção, percebemos que, em sua maioria, eles têm um valor negativo, como “vergonha”, “inveja” e “raiva”, o que nos leva a

23 Compreendemos colexema da mesma forma que Stefanowitsch e Gries (2003) e Machado Vieira e Wiedemer (2018), ou seja, como palavras atraídas para uma construção específica, que são entendidas como colexemas naquela construção.

afirmar que as cores, na construção Xcor de SN, servem para intensificar, primordialmente, sensações/sentimentos negativos.

Além de observarmos a nuance semântica do segundo *slot*, também procuramos investigar se há uma gradiência entre as cores, isto é, se, quando mais de uma cor é utilizada na mesma sentença, há, por meio do falante, uma tentativa de representar o aumento de intensidade. Vejamos os enunciados abaixo, os únicos em que o primeiro *slot* foi preenchido por mais de uma cor.

13. “[...] Eu fiquei **VERDE E ROXA DE VERGONHA**, mas minha raiva foi maior. Por que elas só falaram comigo depois que a noite acabou? Por que ficaram fazendo as piadas, se podiam ter me falado? Por que cada um não cuida da sua vida? [...]”²⁴
14. “[...] O mundo precisa saber o que acontece no Brasil! Eu apenas ficaria feliz por poder tentar o segundo, pq do contrário, **VERMELHA E ROXA DE TÉDIO**! Esperando uma idéia genial q faça descer tudo de uma única vez feito xixi! [...]”²⁵
15. “[...] Mas Branca de Neve é mil vezes mais bela ainda. A rainha sobressaltou-se e ficou **AMARELA, depois VERDE DE CIÚME**; a partir dessa hora, ela não mais podia ver Branca de Neve sem que o coração lhe palpitasse dentro do peito, de tanto que a odiava [...]”²⁶
16. “[...] Dava tudo pra ter uma foto da cara dele no momento, ficou **ROXO, AZUL, VERDE DE VERGONHA**. Porque né... Papel de ridículo. [...]”²⁷

Em todos os exemplos acima há a formação de gradiência da intensidade dos sentimentos que preenchem o segundo *slot* da construção (vergonha, tédio, ciúme e vergonha), bem como a presença do verbo “ficar” antecedendo-as, verbo que contribui para a representação de um processo de mudança de estado, condição ou propriedade. Em (13) e (14), ainda ocorre comparação: em (13), após “verde e roxa de vergonha”, ela diz “mas minha raiva foi maior” e, em (14), antes de dizer que ficaria “vermelha e roxa de tédio”, ela afirma que pode “ficar feliz”. Em ambos os casos, a gradação é reafirmada por tais comparações. Vale ressaltar, contudo, que a ordem das cores não parece seguir um padrão. Em outras palavras: a gradiência da intensidade por meio das cores se dá apenas devido

24 Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/x4.asp?t=290554&ID=1083678594>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

25 Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/x4.asp?t=102496&ID=1222498629>>. Acesso em: 11. mai. 2019.

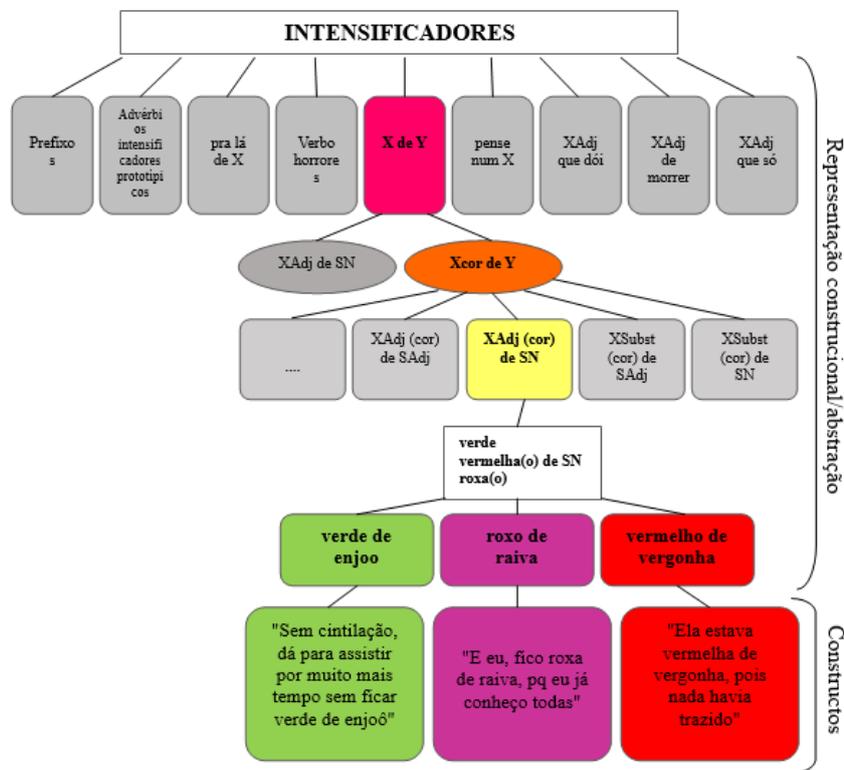
26 Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/x4.asp?t=243268&ID=542140608>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

27 Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/x4.asp?t=694754&ID=44341670>>. Acesso em: 12 mai. 2019.

à ocorrência de mais de uma cor no *slot*, e não necessariamente pela ordem em que elas aparecem ou pela tonalidade que elas representam.

Por fim, após a análise, projetamos a construção aqui estudada em uma rede de construções de intensificação mais ampla e complexa, que, de todo modo, não se pretende exaustiva, mas apenas ilustrativa das potencialidades da língua. Essa rede está fundamentada em Traugott e Trousdale (2013), que lidam com a representação de nosso conhecimento linguístico por meio da configuração de rede construcional baseada em relação de herança (entre outras relações), e Justino (2018), que trata das diversas possibilidades de representação da intensificação no português brasileiro. Vejamos o resultado.

Esquema 2: a construção Xcor de SN na rede construcional dos intensificadores no português brasileiro



Fonte: elaboração própria.

No topo da representação, está o esquema mais abstrato, no qual se inserem as construções lexicais ou procedurais – a serviço de intensificar uma propriedade, uma condição ou um estado de coisas expresso(a) em X ou Y do tipo SN ou SAdj – utilizadas por falantes do PB: prefixos, como “hiper”, “mega” etc.; advérbios intensificadores prototípicos, como “muito”; a construção “pra lá de” X, como em “pra lá de Marraquexe”; “X de Y”, aqui estudada etc. “X de Y” licencia pelo menos dois subsquemas: “XAdj de SN”, como em “cheio de fome”, e “Xcor de Y”, em que X pode ser

preenchido por um substantivo referente a cor, como em “um verde de raiva”²⁸, ou por um adjetivo referente a cor, como em “rubra de paixão”²⁹, e Y pode ser preenchido por um sintagma nominal (SN), como em “vermelha de vergonha”, ou por um sintagma adjetival (SAdj), como em “branco de tão pálido”³⁰, possibilidade configuracional que constitui um dos nossos objetos de observação futuros. Procedeu-se assim tendo em vista que a representação construcional licencia os usos já encontrados (registrados em *corpus*), bem como potenciais constructos.

Seguindo a nossa representação, continuamos o detalhamento, na parte inferior da figura, apenas das informações referentes à construção Xcor de SN, em que o *slot* X, aqui, foi preenchido por vermelha(o), verde e roxa(o), e o *slot* SN, por diversos sintagmas nominais, como já descrito anteriormente.

Incluímos, na última linha do esquema 2, exemplos de constructos relativos aos padrões construcionais aqui focalizados.

Considerações finais

Analisar os dados de usos da construção Xcor de SN como intensificadora, como em “verde de enjoo”, “roxa de raiva” ou “vermelha de ódio”, permitiu-nos perceber sua alta frequência na língua e o fato de os usuários a utilizarem como um forte aparato de expressividade no momento da comunicação. Também propiciou perceber a possibilidade de certa convencionalização no acionamento desse tipo de construção em relação a certa configuração de predicação que envolve experiências físicas ou psicológicas perspectivadas como negativas.

Os nossos resultados, até aqui, nos mostraram que (i) as cores, na construção Xcor de SN, servem, sobretudo, para intensificar aspectos negativos, sejam eles psicológicos ou físicos/fisiológicos, como “raiva”, “ódio”, “ciúmes” e “inveja”, pois a ocorrência de itens positivos é baixa; (ii) a alternância das cores como intensificadoras de um mesmo sintagma permite que as classifiquemos como aloconstruções, logo, é possível perceber que em muitos contextos há uma relação de similaridade por (quase) sinonímia entre elas, visto que operam em um mesmo padrão configuracional; (iii) a

28 “Estudou-o por alguns segundos, não resistindo voltar a mergulhar o pensamento nos problemas envolvendo Mavis. Ainda se lembrava do olhar da prima sobre si - sobre a joia, mais precisamente - e havia um **verde de inveja** e um vermelho de ódio bem no meio das íris da mais velha”. Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/boss-and-slave-ii-9453170/capitulo84>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

29 Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/garantido/669748/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

30 Disponível em: <<https://www.wattpad.com/326483193-zombie-invasion-alone-with-zombies>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ocorrência de mais de uma cor em uma sentença denuncia uma espécie de gradiência, contudo, não há uma ordem específica em que elas ocorrem; e (iv) a construção aqui estudada faz parte da rede construcional de intensificadores do português brasileiro.

Todavia, esses são os primeiros passos de uma pesquisa de doutoramento, pois ainda há muito a ser feito. Pretendemos ampliar a nossa pesquisa, por meio de aprofundamento teórico e de expansão do objeto – acrescentando outras cores ao *slot X* – e do *corpus*, e elaborar testes experimentais que nos ajudem a confirmar ou até mesmo questionar os resultados alcançados até aqui. Por fim, desde já, acreditamos que esta pesquisa contribuirá para os estudos acerca da variação sob uma abordagem construcionista da língua, sobretudo, do português brasileiro. Ademais, fornecerá subsídios a respeito da representação que os falantes fazem sobre rotinas cognitivas de associação entre cores e sensações e como elas se configuram, em termos de produtividade *type* e *token*, em prol do sentido de intensificação.

Referências

- ALONSO, Karen Sampaio Braga; FUMAUX, Nuciene Caroline Amphilóphio. Diferenças semânticas de microconstruções quantificadoras: o caso de SN1 de SN2. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, p. 214-237, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/27247/17781>>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CACCHIANI, Silvia. Cognitive motivation in English complex intensifying adjectives. *Lexis*, E-Journal in English Lexicology, 10, The Expression of Intensity, 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lexis/1140>>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions, Special Volume I*, 2006. p. 1-28.
- DELECAVE, Bruno. Cor: luz ou pigmento? Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=1096&sid=9&tpl=printerview>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- DIESSEL, Holger. Usage-based conso cartruction grammar. In: Dabrowska, Eva; DIVJAK, Dagmar (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*, 295-321. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.
- GOLDBERG, Adele. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.
- HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. Variation, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics*. v. 22, 2011, p. 1-23.

JUSTINO, Agameton Ramsés. *Construções focalizadoras X que só no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás. 2018. 147f.

KLAVAN, Jane. *Evidence in linguistics: corpus-linguistic and experimental methods for studying grammatical synonymy*. Institute of Estonian and General Linguistics - University of Tartu, 2012. 286p.

LEINO, Jaakko; ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction and variability. In: FRIED, Mirjam; BOAS, Hans C. *Grammatical Construction*. Back to the roots. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. Cap. 8.

MACHADO VIEIRA, Marcia. dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, (dez-2016), p. 152-170. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. WIEDEMER, Marcos Luiz. *Lexemas e construção: atração, coerção e variação*. *Caderno Seminal Digital Especial*. n. 1 v. 1. (jan-dez/2018), p. 81-132. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/download/34009/26432>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MASINI, Francesca. Binominal constructions in Italian of the N1-di-N2 type: towards a typology of Light Noun Constructions. *Language Sciences*, 53 (2016): 99-113. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0388000115000662?via%3Dihub>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

PEREK, Florent. Alternations as units of linguistic knowledge. In: _____. *Argument Structure on Usage-Based Construction Grammar: Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 156-185.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

STEFANOWITSCH, Anatol. Collostructional analysis. In: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, 2013.

STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan. Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*, 2003, p. 209-243.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Sociolinguística e gramática de construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. (Org.). *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava. Ed. da Unicentro, 2018. p. 41-77.

**A CONSTRUÇÃO DE PREDICADO FÓRICO NO PORTUGUÊS DO BRASIL
CONTEMPORÂNEO**
**THE PHORIC PREDICATE CONSTRUCTION IN CONTEMPORARY BRAZILIAN
PORTUGUESE**

Vinicius Maciel de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo analisa a construção de predicado fórico com o verbo *fazer*, em dados do português do Brasil contemporâneo, com base em fundamentos teóricos e metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, orientada para a explicação dos processos de construcionalização e mudança construcional. As análises empreendidas demonstram que tal construção estabelece relação fórica (anáfora ou catáfora) com algum predicado referente já mencionado, por ser mencionado ou do contexto situacional. A pesquisa revela, ainda, que o processo de referência a um predicado pode ocorrer por meio da repetição do referente, o que nos permite tratar o fenômeno, também, numa perspectiva da variação.

PALAVRAS-CHAVE: Proforma verbal, gramática das construções, mudança construcional.

ABSTRACT

This article analyzes the phoric predicate construction with the verb *do* (*fazer*), in data from contemporary Brazilian Portuguese, based on theoretical and methodological foundations of Usage-Based Functional Linguistics, oriented to explain the processes of constructionalization and constructional change. The analyzes demonstrate that such construction establishes a phoric relation (anaphor or cataphor) with some referent predicate already mentioned, for being mentioned or from the situational context. The research also reveals that the process of reference to a predicate can occur through the repetition of the referent, which allows us to treat the phenomenon, also, from a variation perspective.

KEYWORDS: Verbal proform, construction grammar, constructional change.

1 Professor Adjunto do Departamento de Letras da Faculdade de Formação de Professores DA Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: vmoliveira@me.com.

Introdução

Texto, segundo uma concepção sociocognitiva-interacional (cf. KOCH, 2006, p. 12), é um conjunto de sentidos construídos e administrados pelo interlocutor, em função da inter-relação entre o receptor, o texto, o emissor e as propriedades não formais (como o conhecimento de mundo, por exemplo). O falante marca suas intenções comunicativas, de um modo geral, por meio de pistas formais sinalizadas por construções linguísticas que deem conta de tais objetivos e que possam ser depreendidas pelo interlocutor, que, assim, atribui coerência ao texto.

No que diz respeito aos aspectos formais, algumas construções contribuem para que os sentidos sejam administrados e relacionados a outros sentidos dentro e/ou fora do texto pelo interlocutor. As proformas são exemplares prototípicos dessa formalização que permite tal administração, uma vez que apresentam um comportamento no texto cuja função consiste na condensação de informações referenciais em formas que essencialmente são dotadas de tal capacidade, como os pronomes, por exemplo, ou em formas que, eventualmente, se prestam a tal finalidade, como é o caso das proformas verbais, por exemplo.

Por ter sido uma estratégia de coesão referencial pouco abordada, em termos de comportamento geral, este artigo, com base no aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), visa a uma análise e descrição do procedimento de referência a outros predicados por meio de construções com a proforma verbal *fazer*, em textos escritos e orais do português do Brasil contemporâneo. Tal fenômeno está exemplificado a seguir.

(1): *A partida ainda teve um lance bastante inusitado, aos 22 minutos do segundo tempo. O meio-campista Maktom foi expulso após **agredir Rodney Wallace com um soco no rosto. Ele fez isso** após a bola sair pela linha de fundo e ser empurrado pelo jogador do Sport. Pela reação exagerada, foi expulso.* (<http://espn.uol.com.br/> - 26/11/16 - Acesso em 28/11/16)

(2): *A bióloga e ambientalista Izabella Teixeira, ministra do Meio Ambiente entre 2010 e 2016, ressaltou que muitas vezes, para equilibrar interesses de diversas políticas públicas, sua gestão **precisou alterar status de áreas protegidas** - mas que **o fez** sob compensações considerando a mesma biodiversidade.* (<https://g1.globo.com/> - Acesso em 30/05/19)

Nos exemplos (1) e (2), observamos as construções destacadas com negrito (*fez isso* e *o fez*) funcionando como anáforas de predicados referentes destacados com sublinhado (*agredir Rodney Wallace com um soco* e *precisou alterar status de áreas protegidas*, respectivamente). Sob a hipótese

de que determinado item sofre os efeitos de mudança numa língua por pertencer a um ambiente construcional propício, já que é recrutado para preencher *slots* disponíveis num determinado nível da rede construcional (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), as análises buscam caracterizar aspectos formais e funcionais da construção, que chamaremos aqui de construção de predicado fórico (doravante CPF). Quanto a essas propriedades da construção em foco, as análises tentam esclarecer, também, diferentes comportamentos, com vistas a explicar uma possível rede de construções relacionadas. Nesse sentido, a hipótese de tratamento dos dados, que é baseada em Machado Vieira (2001), é a de que *fazer* passa a se comportar de modo mais instrumental, em função do papel referencial que exerce na CPF.

Este texto está organizado em quatro seções, além desta introdução. Primeiramente conceituamos a categoria “proforma”, de acordo com as leituras de Fávero (2004 [1991]), Koch (2016 [1989]), Rassi (2008) e Machado Vieira (2001). Em seguida, discutimos a pertinência das orientações teórico-metodológicas da LFCU para o tratamento dos dados. Assim, buscamos relacionar a pesquisa ao processo de mudança construcional, com base no pressuposto de que existe uma espécie de construção gramatical formada por *verbo + forma fórica*. A seção seguinte consiste na análise e descrição dos dados. O texto finaliza-se com as considerações finais, em que se apresentam, além de um resumo sobre os resultados encontrados, os futuros desdobramentos da pesquisa em andamento.

1. Proformas verbais: conceito e revisão de estudos

Como mencionado, há pouca descrição de proformas verbais na literatura e, por conta disso, cabe uma revisão crítica com vistas a identificar o lugar de tal categoria na gramática. Dessa forma, nesta seção discutimos o que se tem disponível acerca do tema, com base em Fávero (2004), Koch (2016), Rassi (2008) e Machado Vieira (2001).

Com o objetivo de definir a estratégia de coesão referencial, Fávero (2004, p. 18) aponta que há elementos que “não são interpretados semanticamente por seu sentido próprio, mas fazem referência a alguma coisa necessária a sua interpretação”. No escopo da coesão referencial, a autora apresenta duas subcategorias: a substituição, processo que inclui a proforma verbal, e a reiteração, definida como repetição de termos num texto².

O mecanismo da substituição ocorre por meio do uso de proformas, que são, segundo Fávero (2004), elementos gramaticais representantes de uma determinada classe – os pronomes, por exemplo, representam a classe dos nomes. Tais elementos caracterizam-se por baixa densidade sêmica, o que os

2 A autora inclui, também, os sinônimos, hipônimos e hiperônimos, como formas de expressar a coesão por reiteração.

leva a incorporar as marcas do seu referente. Proformas podem ser nominais (*Tenho um automóvel. Ele é verde*), verbais (*Lúcia corre todos os dias no parque. Patrícia faz o mesmo*), adverbiais (*Paula não irá à Europa em janeiro. Lá faz muito frio*), numerais (*Mariana e Luiz Paulo são irmãos. Ambos estudam inglês e francês*) e podem exercer sintaticamente as funções de pro-sintagma – caso o pronome, a proforma adverbial ou a proforma numeral assumam a função de um sintagma, por exemplo –, pro-constituente – caso o pronome assumam a função de um determinante, por exemplo (*Há a hipótese de terem sido os asiáticos os primeiros habitantes da América. Essa hipótese é bastante plausível*) ou pro-oração – caso em que a construção com a proforma verbal assume o papel de oração.

Mais especificamente acerca das proformas verbais, Fávero (2004) comenta que, em português, apenas os verbos *fazer*, já exemplificado, e *ser* (*Vou emprestar-lhe o dinheiro, mas quero que saiba que se o faço é porque confio em você*) podem desempenhar o papel de elementos referenciais. Afirma, ainda, que *fazer* substitui apenas verbos que indicam ação, de modo que outros significados, como o de estado, são bloqueados (**Eduardo se parece com a mãe. Lúcia faz o mesmo*). No que diz respeito à parte formal da coesão via proforma verbal, Fávero descreve que o uso de *fazer* como tal categoria exige, necessariamente, a presença de uma proforma nominal (*o, o mesmo, isto* etc.).

Num trabalho especificamente voltado para o tratamento da coesão textual, Koch (2016) oferece mais detalhamento sobre o mecanismo da coesão referencial, que se constrói com base em dois elementos - forma remissiva e referente textual. Não se pode perder de vista que, além dessa relação entre forma referente e forma remissiva, o contexto que envolve ambas deve ser considerado numa explicação acerca do processo de coesão referencial.

Tais formas remissivas, segundo a autora, podem ser (i) “gramaticais”, quando não fornecem ao interlocutor qualquer informação de sentido, mas somente sinalização de conexão; e (ii) lexicais, quando, além de expressarem conexão, têm significado dicionarizado, possível e localizável no universo extralinguístico. Interessa diretamente a este texto o que Koch chama de “formas remissivas gramaticais”, que, ainda, podem ser presas – classe dos determinantes – e livres – pronomes pessoais de terceira pessoa, elipse, pronomes substantivos, numerais, advérbios pronominais e formas verbais remissivas (proformas verbais).

Dessas formas remissivas livres, Koch (2016) descreve que *fazer* tem sido denominado como proforma verbal e deve sempre ser acompanhado de uma forma pronominal do tipo “o mesmo”, “o”, “isto”, “assim” etc. Combinados, tal estrutura não remete “apenas a um verbo, mas a todo o predicado, isto é, o verbo com seus complementos e adverbiais” (KOCH, 2016: 47). Segundo a

autora, no inglês, há “verdadeiras proformas verbais” (o verbo *to do*) e no português, tais formas são usadas de modo bem limitado. Além de *fazer*, exemplificado e explicado, o verbo *ser* pode apresentar significado remissivo em “OK. *Empresto-lhe o carro. Mas é porque confio em você.*”.

Dentre várias categorias do verbo *fazer* que Rassi (2008) investiga, destacam-se, para este trabalho, dois usos denominados pela autora como hiperverbo e verbo vicário. O primeiro corresponde a contextos em que *fazer* substitui, sem relação fórica, um outro verbo de valor mais específico, como acontece em “Ana fez uma pintura” (exemplo da autora). Nessa construção, *fazer* funciona como uma espécie de hipercategoria, comportamento semelhante aos hiperônimos, por exemplo. Para Machado Vieira (2001), nessa situação, *fazer* funciona como verbo predicador não-pleno; ou seja, sintaticamente, ele desempenha o papel de projetar os argumentos, mas, semanticamente, seu significado lexical, aquele mais próximo da primeira acepção do dicionário, não é cheio. O uso como verbo vicário corresponde, de acordo com Rassi (2008), à categoria que se pretende analisar neste texto; isto é, um recurso coesivo para retomar predicados anteriores.

De acordo com a análise promovida por Rassi (2008), as categorias hiperverbo e verbo vicário configuram polos prototípicos de um *continuum* e, em alguns dados, percebem-se propriedades tanto de uma categoria como de outra. O uso de *fazer* nas sentenças “O mesmo se está fazendo na Nova Zelândia” e “Quando contei o que pretendia fazer, Mari hesitou”, segundo a autora, encontra-se em situação de fronteira, mas diferencia-se do uso referencial pela razão de que, para ser um verbo vicário, o seu referente tem de estar expresso. Neste texto, dados como esses anteriores, classificados como hiperverbo por Rassi (2008), configuram-se como construções de predicado fórico, já que a noção de referência pode ultrapassar os limites formais do texto e chegar ao contexto.³

Machado Vieira (2001), ao abordar a multifuncionalidade do verbo *fazer*, discute seu emprego como elemento de coesão. A autora comenta que tal verbo, na condição de proforma, manifesta baixo valor semântico, mantendo-se, no entanto, no domínio da atividade e passa a sinalizar alto valor remissivo, o que a leva à posposta de que tal item é afetado pelo processo de discursivização, entendendo-o como um elemento atuante dentro de restrições discursivo-textuais.

Machado Vieira (2001) demonstra que a coesão pode ser estabelecida a partir de predicções já realizadas no texto, estados de coisas mais ou menos recuperáveis na situação sócio- comunicativa ou conhecimento de mundo dos participantes. Para a autora, *fazer* revela comportamento remissivo e se constrói numa estrutura relativamente fixa e previsível e, por isso, tal verbo não tem mais o estatuto de

3 Tal análise está detalhada na seção “Análise dos dados”.

verbo predicador e passa a funcionar de modo mais instrumental, assumindo atribuições de “controle da informação textual”. Tais propriedades podem ser percebidas nos dois exemplos a seguir.

- (i) “*Que irá fazer Gutierrez? Para já apóia o ministro do Ambiente. Mas pode, à boa maneira de Pôncio Pilatos, deixar o assunto morrer no Parlamento e lavar as mãos (...)*”
- (ii) “*Em saúde e educação é preciso investir para progredir. Quem está fazendo isso no Brasil?*”
(Exemplos da autora)

O exemplo (i), segundo a autora, revela um comportamento híbrido, próximo a um nível intermediário entre uma categoria de predicador e de um elemento fórico, já que pode ser, por um lado, interpretado como um predicador de ação, mas, por outro, tal ocorrência tem o seu significado atrelado a informações ativadas na situação comunicativa. O exemplo (ii) exhibe características mais próximas de uma proforma, já que retoma a predicação “investir em saúde e educação”. Machado Vieira descreve que *fazer* se relaciona ao processo de discursivização, já que a mudança de verbo predicador para proforma especializa tal verbo para uma função discursivo-textual.

Os trabalhos focalizados nesta seção revelam que há pouca investigação acerca das proformas verbais em dados do português do Brasil. Fávero (2004) e Koch (2016) apenas sinalizam a existência da categoria e apresentam alguns exemplos para ilustrar. Rassi (2008) e Machado Vieira (2001) oferecem contribuições de mais fôlego, no âmbito da especificação sintático-semântica a que se submete *fazer*, que passa a funcionar como um elemento referencial, assim como pronomes, por exemplo. Com isso, acreditamos que a estratégia de se referir a uma predicação anterior ou posterior é um movimento discursivo muito recorrente não somente no inglês, que marca tal expediente com a forma *do*, como também em português com o *fazer*. A impressão que se tem sobre o inglês, no entanto, é a de que o uso de *do* é bem mais sistemático; ou seja, parece estar mais encaixado no sistema linguístico.

2. A Linguística Funcional Centrada no Uso e os enfoques da construcionalização e da mudança construcional

Nesta seção, (i) descrevemos a LFCU e sua relação com a abordagem construcional de Traugott e Trousdale (2013); (ii) discutimos os dois tipos de mudança concebidos por Traugott e Trousdale (2013), a construcionalização e a mudança construcional; e (iii) avaliamos hipóteses quanto à pertinência dessas orientações teórico-metodológicas para o tratamento da CPF.

Este texto fundamenta-se num modelo de língua que tem a construção – pareamento entre forma e função – como unidade básica de análise – (GOLDBERG, 1995, 2006 e CROFT, 2001) e que vem sendo tratado a partir da interface Funcionalismo x Cognitivismo, rotulada, em pesquisas atuais,

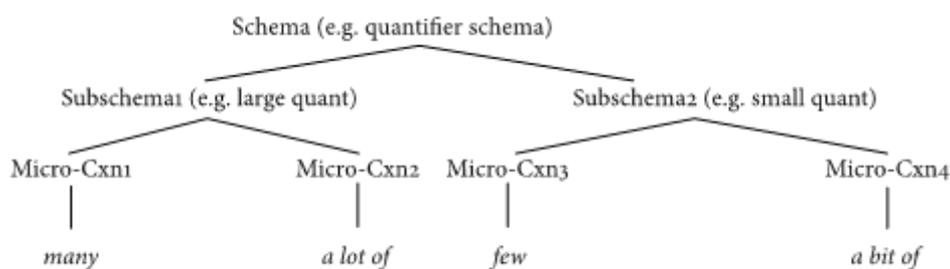
de Linguística Funcional Centrada no Uso (cf. ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016). Essa perspectiva teórico-metodológica concebe o sistema linguístico como uma rede de construções baseada e motivada pelo uso, concebido não apenas a partir formas (o uso da construção em si), mas também pelos contextos que o envolvem.

Um dos temas tratados pelo Funcionalismo é a mudança via gramaticalização. Pesquisas sobre tal processo incorporaram, recentemente, uma série de questões discutidas por abordagens acerca da Gramática de Construções (TRAUGOTT, 2008 e TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). Percebemos, nesses trabalhos, uma reorientação sobre a percepção de mudança que passa a ser compreendida não apenas como um processo que afeta um item, mas sim uma rede estruturada de construções, que deve capturar o conhecimento linguístico dos falantes. Traugott e Trousdale (2013) abordam processos que permitem o surgimento de novos nós, com especificação nova de forma e significado, fenômeno para o qual eles atribuem o rótulo de “construcionalização” e processos que afetam apenas uma dimensão da construção (tamanho, especificidade ou conceito) e que não geram um novo nó, fenômeno para o qual reservam o nome “mudança construcional”.

Traugott e Trousdale (2013) propõem que o processo de mudança que envolve construções linguísticas é captado a partir de três diagnósticos. O primeiro deles é um aumento da esquematicidade, que é controlada, por exemplo, com base na detecção do afrouxamento das restrições semânticas. O segundo é a produtividade, que se relaciona à frequência de uso. Por fim, tem-se a composicionalidade, que explica o aumento gradual de congelamento formal e semântico, até o ponto de o significado de toda a construção não ser mais completamente derivável do significado de suas partes.

Para entendermos esquematicidade, é importante que compreendamos a arquitetura proposta por Traugott & Trousdale (2013), acerca do arranjo das construções em rede. Como percebemos na figura a seguir, eles oferecem uma hierarquia de relações entre as construções, que pode ser dividida nos níveis do esquema, do subsquema e da microconstrução.

Figura 1: Hierarquia entre construções



Fonte: Traugott & Trousdale (2013, p. 17).

Na figura (1), fazendo uma leitura na direção de cima para baixo, verificamos, na posição mais alta, o nível do esquema (mais abstrato), que pode fornecer uma série de possibilidades de subesquemas (com um grau maior de especificação). O nível da microconstrução é fonologicamente especificado e compreende diferentes preenchimentos de *slots*; são chamados, também, de construtos (cf. TRAUGOTT, 2008).

A partir dessa representação, Traugott & Trousdale (2013) compreendem que o usuário que conhece e usa diferentes microconstruções, também, conhece, de forma não consciente, os níveis do subesquema e do esquema. Tal nível de inconsciência explica, parcialmente, o processo de aquisição de língua materna, por exemplo. As crianças adquirem esquemas e vão especificando cada vez mais com base, entre outros aspectos, nos contextos de uso aos quais são submetidas.

Esquematicidade envolve o nível de abstração que se identifica num processo de generalização de construções. Dessa forma, afirmamos que uma construção é bastante esquemática em situações em que percebemos um alto grau de abstração ou de generalização semântica. No que diz respeito ao fenômeno analisado neste texto, cogitamos, numa primeira concepção de arquitetura de rede, um “esquema de foricidade”, por exemplo. A partir de tal nível, a rede de construções, mais específicas, se forma, com base na detecção de construções relacionadas (construções com proformas verbais, construções com proformas nominais, construções de substituição lexical etc.).

Sobre produtividade, Traugott & Trousdale (2013) entendem que o aumento na frequência de uso equivale ao aumento na frequência da construção; ou seja, em termos de extensibilidade produtiva, tal processo avalia a capacidade que um esquema tem para instanciar novas e incontáveis construções, assim como a limitação dessas instâncias. A produtividade, pois, avalia quantas outras construções menos esquemáticas podem ser licenciadas ou restringidas.

A partir do exposto, a hipótese que justifica a vinculação do objeto de estudo em questão à abordagem da construcionalização e da mudança construcional é a de que existe um esquema construcional com função referencial acionado com diferentes preenchimentos de *slots*, a depender, dentre outros aspectos, do valor semântico do predicado referente (se é de ação, por exemplo). Mais especificamente, conjecturamos que predicados referentes com valor de ação ou ação-processo estão habilitados para que sejam retomados pela construção com *fazer*. Outros significados do predicado referente, como predicados de valor cognitivo, por exemplo, tendem a bloquear o uso da CPF.⁴

4 Alguns exemplos serão analisados na seção de análise dos dados.

3. Construções com proformas verbais no português do Brasil

A análise dos dados coletados, que se baseia numa metodologia qualitativa, consiste em três etapas: (i) discutimos os três tipos de construções com *fazer* detectados, de acordo com o comportamento da construção no texto; (ii) descrevemos a relação das CPF's com outras construções transitivas com *fazer*, como, por exemplo, construções com verbo-suporte; e (iii) abordamos aspectos de alternância, considerando o fato de que a repetição do predicado referente é uma possibilidade para marcar a relação fórica.

A construção de predicado fórico é esquemática e abstrata, já que podemos atribuir a esse esquema a configuração [VPron]_{cpf}, na qual V é um *slot* que é ocupado por *fazer* e Pron é outro *slot* que pode ser preenchido por formas que tenham um significado, especificamente, fórico. Para este artigo, selecionamos alguns *types* específicos, em razão da necessidade de se fazer um recorte e da hipótese de serem mais frequentes. Optamos por formas do verbo, quanto ao tempo, no passado perfeito e no presente e, quanto à pessoa, na terceira, pelo fato de os textos coletados serem, predominantemente, notícias ou blog de notícias, capturados a partir do *Corpus do Português* (<https://www.corpusdoportugues.org>) e do buscador *Google* (<https://www.google.com>). Nesses gêneros, estruturados numa base narrativa, predominam os tempos e as pessoas verbais citados. Para o tratamento de aspectos relacionados à alternância, recorremos a dados coletados do *Corpus do Grupo Discurso & Gramática* (<https://discursoegramatica.wordpress.com/corpus/>). Os *types* selecionados são: *fez/faz isso*, *o fez/faz*, *fez/faz o mesmo*, *fez/faz o quê*, *fez/faz alguma coisa*, *fez/faz algo* e *fez/faz assim*.

3.1. Tipos de construções de predicado fórico

Identificamos, com base no comportamento funcional no texto, três grupos de instâncias do esquema [VPron]_{cpf}; ou seja, três tipos de mesoconstruções: (i) um em que *fazer* + elemento fórico cumprem um papel sintático-textual de anáfora, tipo em que a construção tende a se remeter a um predicado do universo textual; (ii) outro em que, a CPF antecipa, por meio de uma relação catafórica, algum predicado posterior; e (iii) um tipo em que a construção se conecta ao contexto extralinguístico. Tais casos estão exemplificados a seguir:

(3): “Quando vi, achei que ia esperar eu passar, mas ele estava de cabeça baixa e acelerou na minha direção”, disse. Mailson afirma que logo após a colisão foi em direção a Jaison, mas outra lancha, a *Bons Amigos*, estava mais próxima do pontão e levou as vítimas com Jaison para a beira do rio. Nesse período, Mailson recolheu os coletes da lancha Dona Shirley, que caíram no rio, e foi

falar com Jaison. “Perguntei por que ele **fez isso** e ele disse: ‘pensei que dava para passar’”, disse. (<http://acritica.uol.com.br/manaus>, Acesso em 12/12/2019)

(4): *Olha, eu só gostaria de relatar um fato que eu percebo nesse fato da família assassinada. Porque o adolescente de 13 anos, consegue agir normalmente sabendo que a família inteira dele está morta. Que tipo de ser humano consegue ser tão frio diante de esse ocorrido, o normal não seria ele **fazer algo?** pedir socorro ou qualquer outra coisa?* (<http://acidblacknerd.wordpress.com/2013/08/07/menino-mata-a-familia-por-cao-do-jogo-assassins-creed/>, Acesso em 12/12/2019)

(5): *Daniel foi a as lágrimas após aceno de Messi. Daniel imediatamente ficou eufórico, gritando que Messi era seu ídolo. Levou a mão ao rosto e depois abraçou os amigos que o acompanhavam. Chegou a sentar no chão, muito emocionado, após conversar com a imprensa argentina. - Eu falei: “Messi, eu te amo!”. Na hora que ele **fez assim** (positivo com o dedo) pra mim, eu não aguentei, caí em prantos. Muita emoção! - disse Daniel.* (<https://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/argentina/noticia/aceno-de-messi-apos-grito-de-te-amo-e-suficiente-para-levar-fa-carioca-as-lagrimas.ghtml>, Acesso em 12/12/2019)

Em (3), observamos a CPF *fez isso* retomando anaforicamente o predicado *acelerou na minha direção*. O predicador do referente, *acelerou*, designa uma situação dinâmica e tem valor semântico que se enquadra no universo da atividade, que, segundo Travaglia (1991: 54), “se caracteriza por ter um agente que realiza a situação por seu empenho próprio, portanto o sentido base pode ser representado por algo como “x faz y””.

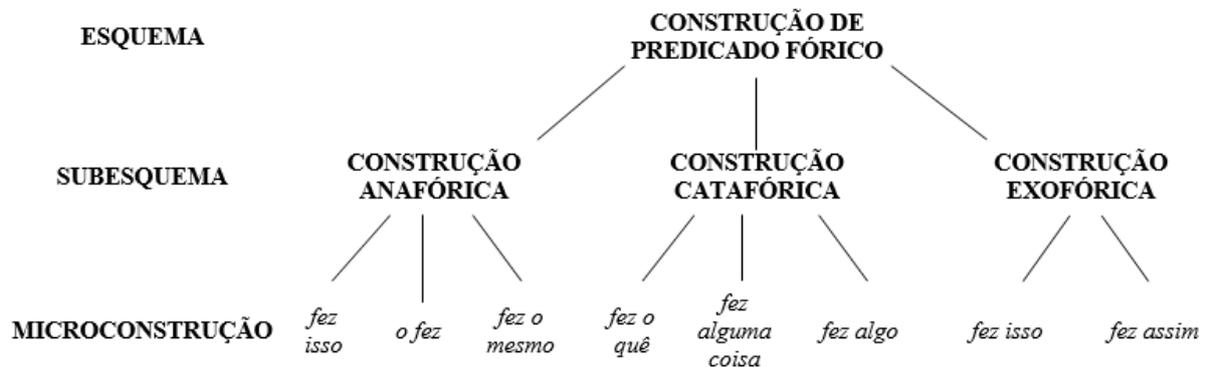
No exemplo (4), a construção *fazer algo* está numa configuração de pergunta e se relaciona cataforicamente a *pedir socorro*, predicado que demanda atividades como *gritar*, *chamar* e, por isso, expressa significado de ação. Segundo Machado Vieira (2001), construções desse tipo têm uma relação mais próxima com o contexto que envolve o enunciado, já que, quando o falante propõe a questão *o normal não seria ele fazer algo*, antes que ele mesmo responda, os interlocutores acionam as possibilidades de conexão catafórica para *fazer algo*, com base no conhecimento sobre o assunto; ou seja, a partir da situação sócio-comunicativa.

Na CPF (5), a subparte *assim* não se categoriza como um elemento essencialmente fórico – *assim*, no seu uso mais básico, é um advérbio que manifesta circunstância de modo –, mas percebemos que o usuário desenvolve uma pequena narrativa e a construção *fez assim* conecta-se, foricamente, a uma espécie de movimento corporal; ou seja, à forma como o dedo se moveu para indicar o sinal

de positivo. Em outras palavras, para que o interlocutor construa o significado mais próximo dos objetivos do falante, é extremamente necessário que o ouvinte veja o movimento executado. No entanto, como se trata de uma reprodução de fala dentro de uma notícia escrita, foi necessário que esse contexto fosse descrito (*positivo com o dedo*) para que a relação fórica fosse estabelecida. A construção da referência, como aponta Koch (2016), pode extrapolar os limites do texto e pode usar, como pontos de referência, elementos do contexto, conforme o exemplo (5) mostra. Esse tipo de consideração aproxima-se bastante da proposta semiótica, pois, nesta, as imagens entram numa configuração veiculadora de sentidos e podem contribuir para o estabelecimento da coesão. Segundo Nascimento (2018, p. 322), “a referenciação está vinculada tanto a um sistema, que abrange referência e referente, quanto a um processo, que envolve as situações que dependem das relações subjetivas e intersubjetivas com o mundo e com as coisas”.

A identificação desses três tipos de CPF’s possibilita a elaboração de uma primeira rede. A figura (2) mostra, (i) no nível mais esquemático, a CPF; (ii) no nível intermediário, ou do subesquema, as três construções identificadas, com base na forma como funcionam no texto, e (iii), no nível da microconstrução, o *type* específico (cf. TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013).

Figura 2: Rede construcional da CPF, de acordo com os tipos identificados



Fonte própria

Assumimos aqui que *fez isso* apresenta forte cristalização formal – todos os resultados de uma busca feita a partir da entrada *fez isso* são de CPF’s –, mas seu significado ainda é mais composicional, nos termos de Traugott e Trousdale (2012), pois depende do sentido do seu referente. *Fez isso* pode ser instância de qualquer um dos subesquemas descritos na figura (2), como observamos nos exemplos a seguir:

(6): *Quebrar cenário no ar para ganhar um novo parece estar virando moda em programas populares da Record pelo Brasil. Na noite desta sexta-feira (25), o apresentador Paulo Gomes, do “Cidade Alerta Paraná”, quebrou o estúdio do seu programa ao vivo. Paulo Gomes disse no ar que **fez isso** porque perdeu a paciência. Durante a atração, vários problemas técnicos começaram*

a acontecer, dentre eles telões que não funcionavam e luzes dando defeito. (<http://midiabahia.com.br/videos-2/2016/11/28/apresentador-de-cidade-alerta-quebra-cenario-do-programa/>, Acesso em 08/09/18)

(7) “Agora é ir atrás de quem **fez isso daí**”, desabafa general Santos Cruz sobre mensagens falsas. Ex-ministro pede que Polícia Federal continue a investigar quem forjou conversas atribuídas a ele com ofensas ao presidente Bolsonaro. (<https://gauchazh.clicrbs.com.br>, Acesso em 03/02/20)

(8) Depois de ficar afastada do marido por conta da infecção da Covid-19 que os dois pegaram, Luisa Mell finalmente teve uma boa notícia: a ativista foi surpreendida pela volta do marido, o empresário Gilberto Zaborowsky, para casa, após internação para tratar pneumonia causada pelo coronavírus. “Não acredito, olha quem está aqui! Não acredito que você **fez isso**”, exclamou em publicação em que mostra a volta de Gilberto nos stories. Luisa também postou um vídeo com o marido em seu perfil, agradecendo o apoio das pessoas. (<https://www.hypeness.com.br/2020/04/coronavirus-luisa-mell-e-surpreendida-por-marido-que-volta-mais-cedo-de-internacao/>, Acesso em 01/04/20)

Em (6), *fez isso* recupera anaforicamente o predicado *quebrou o estúdio do seu programa ao vivo*. O exemplo (7) ilustra um caso de referência catafórica, na qual *fez isso daí* antecipa o predicado *forjou conversas atribuídas a ele com ofensas ao presidente Bolsonaro*. Tal dado nos chama à atenção, pois há uma espécie de reforço coesivo com o uso de *daí*, forma que se enquadra na categoria de elementos com significado fórico. Em (8), há uma reprodução de uma publicação do *Instagram*, em que o falante realiza a sentença *não acredito que você fez isso* para expressar o sentimento de surpresa pelo fato de o marido ter voltado antes do previsto do hospital. Ou seja, há um contexto que podemos traduzir como algo do tipo *voltou antes do esperado para casa* que serve de referência para *fez isso*.

3.2. A relação entre a CPF e a construção com verbo-suporte

Uma outra forma de moldarmos a rede construcional em que se leve em consideração a construção com *fazer* é admitir que a CPF é um tipo derivado das construções transitivas, tal como descreve Goldberg (1995), com uma especificidade funcional de referência fórica. Outras construções transitivas com *fazer*, também, são licenciadas, como, por exemplo, construções com verbo-suporte, que é

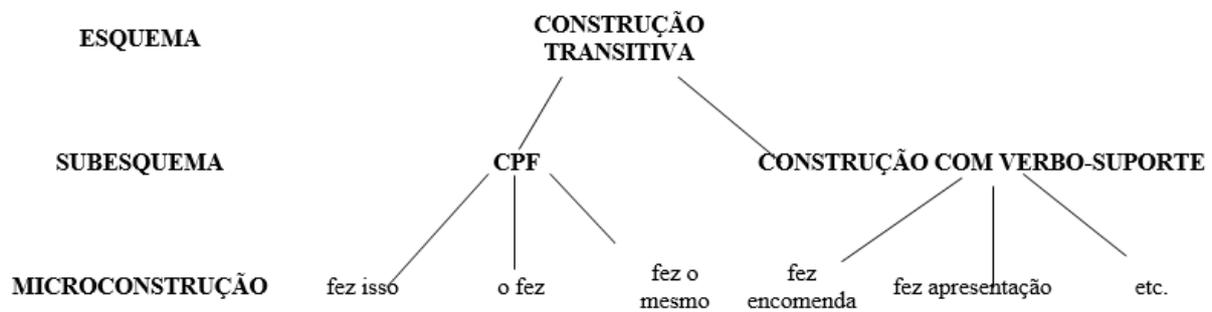
(...) o nome dado a usos de formas verbais que operam rotineiramente sobre um elemento não-verbal (em geral, um constituinte nominal – substantivo ou adjetivo –, embora seja possível outra configuração) desprovido de sua função primária referencial ou atributiva, conferindo-lhe estatuto verbal e formando com ele uma unidade funcional predicante, ou seja, um predicador complexo. (MACHADO VIEIRA, 2018, p. 93)

Esse predicador complexo compartilha semelhanças com a CPF por apresentar características de cristalização formal. O que, consideravelmente, diferencia as duas construções é a contraparte semântica. No exemplo (9), a seguir, a forma *faz* opera sobre o elemento *negociação*, formando uma espécie de unidade compósita que pode ser traduzida pela forma verbal *negocia*.

(9) *Eletrobras faz negociação de dívidas atrasadas com consumidores no Acre.* (Retirado de MACHADO VIEIRA, 2018, p. 94).

Assumimos, nesse texto, que a CPF e a construção com verbo-suporte são afetadas, de forma similar, pelo processo de mudança construcional (cf. TRAUGOTT & TROUSADALE, 2013); ou seja, *fazer* passa a sofrer os efeitos da gramaticalização causados pelas especificidades do *slot* construcional e passa a vincular-se, formando, em diferentes graus, uma expressão cristalizada. Esse processo de mudança é motivado por questões metonímicas, pois, considerando que o significado lexical básico de *fazer* é “construir”, predicadores que designam qualquer “atividade realizável” podem ser associados metonimicamente a *fazer*. É por isso que são comuns construções como *fazer comida*, *fazer ginástica*, *fazer consideração*, já que a frequência do *type* [FazerX]_{CVP} (Construção com Verbo Suporte) é bastante alta. A partir dessa associação entre a CPF e a construção com verbo-suporte, propomos a seguinte hierarquia construcional:

Figura 3: Hierarquia construcional do esquema “construção transitiva”.



Fonte própria

3.3. Variação linguística e o uso da CPF

Em termos de encaixamento do fenômeno ao sistema linguístico do PB (cf. WEINREICH, LABOV & HERZOG, 2006) percebemos que a CPF ainda encontra algumas restrições, em relação a uma língua que usa tal construção de modo mais regular, como o inglês, por exemplo. No português, o impedimento de uso da CPF faz com que os usuários realizem uma construção de repetição do predicador referente, como vemos no dado (10), a seguir.

(10) (...) *ahn... foi.../ tudo começou quando eu estava na:: quinta... sexta série... (um) negócio assim... aí tinha um amigo meu... que o nome dele era Luiz Eduardo... aí () o pessoal chamava ele de Dudu ... ou então Lulu... né? aí ele/ teve um dia que eu estava vindo do colégio... aí passei no sacolão... eu e minha irmã... aí encontramos com ele e com uns amigos dele... aí ele chamou pra apresentar... aí um dos amigos dele... se chamava Geovane... aí... né? conversa vai... conversa vem... aí a gente ficou um tempão sem se ver... aí depois eu e minha irmã passamos a frequentar a igreja... a igreja católica ali na:: Vila Pereira Carneiro... e:: de repente a gente () deu de cara com ele... só que na época a gente nem **lembrava [de Luiz Eduardo]** mais... muito bem... que o nosso amigo tinha apresentado... né? aí ele começou a falar “puxa... lembra aquele seu amigo (tal)... não lembra não? ele apresentou a gente” tal... aí eu fui me lembrando aos poucos... aí ele passou a frequentar a minha casa... aí pintou o clima... aí eu comecei a gostar dele... aí... né? (Corpus D&G – Niterói – Inf. 9 – Narrativa de Experiência Pessoal)*

No exemplo (10), o informante, no processo de construção de sua narrativa, estabelece a referência ao predicado referente *lembrava mais (de Luiz Eduardo)*, mas como o predicador referente, *lembrar*, tem valor semântico mais próximo de um verbo cognitivo, uma construção fórica com *fazer* tende a ser evitada (“a gente nem lembrava mais de Luiz Eduardo / aí eu fui *fazendo isso aos poucos). No inglês, por outro lado, alguns tipos semânticos bloqueados em português permitem o uso de *do* na construção de predicado anafórico, como observamos no exemplo retirado do seriado *Friends*.

(11): Monica: *I thought that you wanted live by yourself*. Joey: *I **did**. I thought that would be great.*⁵ (Friends: Temporada 02, Episódio 17)

No exemplo (11), percebemos que a forma *did* está retomando *wanted live by yourself*, cujo significado é de volição, tipo semântico que, no PB, não pode servir de referente para uma construção com *fazer* (“O que vocês vão fazer? *Vamos querer viver sozinhos”). Nossa hipótese é a de que a CPF com *fazer*, no inglês, esteja num ponto muito avançado do *continuum* do encaixamento; tanto na estrutura linguística como na estrutura social, nos termos de Weinreich, Labov e Herzog (2006). Essa conjectura ganha eco em ocorrências como em (12), em que notamos um predicado referente *conhecer*, de noção cognitivo-perceptual, sendo retomado pela construção *did*.

(12) *But he had served in the country’s parks since the day they were established in 1948. He was part of a small elite, kin by blood and marriage and vocation, that for twenty-five years had*

5 Tradução livre: Monica: *Eu pensei que você queria viver sozinho*. Joey: *Eu queria. Eu pensei que seria ótimo*.

*dominated the great twin parks of Tsavo East and Tsavo West: 8000 square miles in the southeast corner of the country between Nairobi and Mombasa. The parks were famous for their dangerous game -- enormous elephants, man-eating lions. Tsavo, from a now-forgotten tongue, was said to mean slaughter. No one knew this land like he **did**.*⁶ (Corpus do Inglês Americano Contemporâneo, Fonte: MAG, Rolling Stone)

Há ocorrências em que notamos a possibilidade de uso da CPF, mas percebemos as mesmas construções de repetição do predicado referente (ou apenas do predador referente). Para esses casos, entendemos que há uma aparente situação de alternância entre construções. Assim como em outros fenômenos de coesão referencial, no caso do objeto de estudo do presente texto, o usuário tem à sua disposição, como vemos nos exemplos a seguir, pelo menos, duas possibilidades para marcar tal referência: (i) o uso da CPF e (ii) repetição total ou parcial do predicado referente.

(13): Entrevistador: *eh... você sabe **fazer alguma coisa**... Aydano?* Informante: *eh... eu sei **dirigir** ((riso))* Entrevistador: *ahn... Você poderia... me contar... né? como é que você **faz isso**?* Informante: *como eu **dirijo**? eu dirijo:./ bom... **dirijo** com cuidado... né? chego... entro no carro... deixo esquentar um pouquinho... **dirijo** devagar... arranco sem esticar as marchas... sem esticar marcha nenhuma...* (Corpus D&G – Niterói – Inf. 1 – Relato de Procedimento)

(14): (...) *ele puxou o dinheiro... e viu a minha carteira... eu pedi pra ele não levar os meus documentos... pedi... pra ele **deixar os documentos** e ele **deixou**... aí ele saiu...* (Corpus D&G – Niterói – Inf. 7 - Narrativa Pessoal)

(15): (...) *uma coisa que eu sei **fazer bem**... é **arrumar a casa**... eu ((riso)) eu primeiro... pra mim **arrumar a casa**... tenho que estar sozinho... com o rádio ligado assim... não muito alto... né? mas... mais ou menos... (pra não) atrapalhar o vizinho... (Corpus D&G – Niterói – Inf. 9 – Relato de Procedimento)*

(16): (...) *aí ele começou a contar que ele estava sozinho de barco... aí estava assim... mar a/ praticamente aberto... né? aí ele avistou uma ilha assim... pequena... né? não muito pequena...né? uma ilha... aí ele foi **se aproximando**... aí ele disse que quanto mais ele **se aproximava** parecia que a ilha se afastava... aí então ele acelerou mais ainda o barco e conseguiu chegar junto da ilha...* (Corpus D&G – Niterói – Inf. 9 – Narrativa Recontada)

⁶ Tradução livre: *Mas ele servia nos parques do país desde o dia em que foram fundados em 1948. Ele fazia parte de uma pequena elite, parentes de sangue, casamentos e vocação, que, durante vinte e cinco anos, dominou os grandes parques de Tsavo East e Tsavo Oeste: 8000 milhas quadradas no canto sudeste do país entre Nairóbi e Mombasa. Os parques eram famosos por seu jogo perigoso - elefantes enormes, leões devoradores de homens. Diz-se que Tsavo, de uma língua agora esquecida, significa abate. Ninguém conhecia esta terra como ele conhecia.*

Nos quatro exemplos acima, há a reiteração do predicador referente, como forma alternante para o estabelecimento da coesão referencial. Manipulando esses dados – o que está em destaque é a parte alterada –, com vistas à testagem da manutenção da similaridade semântica, chegamos ao seguinte:

(13a): *Entrevistador: eh... você sabe fazer alguma coisa... Aydano? Informante: eh... eu sei dirigir ((riso)) Entrevistador: ahn... Você poderia... me contar.. né? como é que você faz isso? Informante: como eu **faço isso**? eu dirijo::/ bom... **faço isso** com cuidado... né? chego... entro no carro... deixo esquentar um pouquinho... **faço isso** devagar... arranco sem esticar as marchas... sem esticar marcha nenhuma...* (Exemplo 13 manipulado)

(14a): (...) *ele puxou o dinheiro... e viu a minha carteira... eu pedi pra ele não levar os meus documentos... pedi... pra ele deixar os documentos e ele **fez isso**... aí ele saiu...* (Exemplo 14 manipulado)

(15a): (...) *uma coisa que eu sei fazer bem... é arrumar a casa... eu ((riso)) eu primeiro... pra mim **fazer isso**... tenho que estar sozinha... com o rádio ligado assim... não muito alto... né? mas... mais ou menos... (pra não) atrapalhar o vizinho...* (Exemplo 15 manipulado)

(16a): (...) *aí ele começou a contar que ele estava sozinho de barco... aí estava assim... mar a/ praticamente aberto... né? aí ele avistou uma ilha assim... pequena... né? não muito pequena...né? uma ilha... aí ele foi se aproximando... aí ele disse que quanto mais ele **fazia isso** parecia que a ilha se afastava... aí então ele acelerou mais ainda o barco e conseguiu chegar junto da ilha...* (Exemplo 16 manipulado)

O uso das construções de repetição mantém, em algum grau, correspondência de significado com as construções com *fazer*, a partir da comparação entre as ocorrências (13), (14), (15) e (16) e (13a), (14a), (15a) e (16a). Conforme trata Machado Vieira (2016), é necessário que se questione uma descrição, pautada num modelo baseado no uso, que não leve em conta construções similares/alternantes numa concepção de gramática forjada pelo uso, já que há inúmeros fatores (sociais, discursivos, cognitivos) que coatuam para regularização de determinadas ocorrências em detrimento de outras, ou para manutenção de uma variação estável.

Esse modo de encarar os dados construcionais, numa perspectiva de que há construções com algum grau de similaridade semântica, encontra eco na proposta de Cappelle (2006) sobre as “aloconstruções”, conceito muito próximo ao de “alomorfe” e “alofone”. O autor propõe, com

base na descrição da construção transitiva “verbo-partícula”, que pode haver dois (ou mais) padrões construcionais concebidos como variantes de uma construção parcialmente subespecificada.

A semelhança entre duas ou mais aloconstruções, instanciadas por um esquema comum, pode ser incluída no conjunto de conhecimentos do falante sobre sua língua, o que permite analisar e descrever o elo de correspondência entre as aloconstruções como um objeto linguístico. Numa abordagem mais cognitiva, Cappelle (2006) afirma que alternâncias armazenadas mentalmente ou *links* de semelhança correspondem, mais ou menos, às “relações categorizadoras” de Langacker (1987), sobre as quais ele comenta: “Cada relacionamento é uma rotina cognitiva, mais especificamente um evento de comparação estabelecido, avaliando um nó em relação a outro” (LANGACKER 1987, p. 379 *apud* CAPPELLE, 2006, p. 22).

Assumindo a variação como um tratamento intrínseco a um modelo centrado no uso, o esquema, ou macroconstrução, nos termos de Traugott (2008) de predicado fórico instancia *fazer* + elemento fórico e construção de repetição do predicado referente, que, na proposta de arquitetura da rede, conforme orientação de Traugott e Trousdale (2013), estariam no nível do subesquema. A leitura dessa rede na horizontal capta, segundo Capelle (2006), a variação construcional, como demonstrado na figura (4), a seguir.

Figura 4: Construção de predicado fórico e suas aloconstruções.



Considerações finais

Buscamos, neste texto, demonstrar, por meio de uma análise, predominantemente, qualitativa, contextos em que o verbo *fazer* integra uma construção referencial que se conecta anafórica ou cataforicamente a outros predicados do texto ou do contexto. Para tanto, as análises empreendidas partiram de algumas descrições e menções ao fenômeno (FÁVERO, 2004; KOCH, 2016; RASSI, 2008; e MACHADO VIEIRA, 2001) e sustentaram-se em orientações teórico-metodológicas acerca do tratamento (i) de construções linguísticas (GOLDBERG, 1995); (ii) da mudança que afeta e (re-) configura a rede construcional (TRAUGOTT & TROUSADALE, 2013); e (iii) da relação entre aspectos funcionalistas e cognitivistas (ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016).

As análises identificaram, com base no comportamento no texto, três tipos de CPF's: construção anafórica, construção catafórica e construção exofórica. Descrevemos, ainda, que a construção de predicado fórico com *fazer* é uma subespecificação da construção transitiva (cf. GOLDBERG, 1995) e compartilha com a construção com verbo-suporte a propriedade de baixa composicionalidade e maior coalescência (cf. TRAUGOTT & TROUSADALE, 2013). Os dados revelaram, também, que o serviço de estabelecer referência a um determinado predicado não é exclusividade da construção com *fazer*. Detectamos ocorrências de repetição do predicado referente, o que gera, com isso, uma situação de alternância entre construções (cf. CAPELLE, 2006) e, conseqüentemente, uma discussão sobre graus de similaridade semântica (cf. MACHADO VIEIRA, 2016). Com base nisso, chegamos a outro arranjo de rede em que a construção de repetição se configura como uma instância do esquema "construção de predicado fórico" e dispõe-se, horizontalmente, ao lado da construção com *fazer*.

As análises sobre o fenômeno não se esgotam neste texto. Como etapas posteriores de pesquisa, objetivamos abordar a construção em questão por outros caminhos. Cabem, ainda, discussões, mais detalhadas, acerca da frequência e produtividade dos casos aqui descritos, especialmente, para que se revele o ponto de encaixamento do fenômeno no sistema linguístico do português. Não se pode perder de vista que o tratamento da frequência deve ser comparado, em alguma medida, ao inglês, por exemplo, que usa a CPF de forma muito mais encaixada ao sistema. A produtividade, também, é importante para compreender os contextos em que se usa a repetição como forma alternante para a construção com *fazer*; ou seja, importante para delimitar os fatores condicionantes ao uso de uma ou outra construção. Por fim, acreditamos que uma metodologia experimental de percepção de uso possa contribuir para identificação e validação da CPF.

Referências

- CAPPELLE, B. Particle placement and the case for 'allostructions'. In *Constructions All Over: Case Studies and Theoretical Implications*, Doris Schönefeld (ed.), p.1-28, 2006.
- CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Coesão e coerência textuais*. São Paulo: Ática, 2004 [1991].
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2016 [1989].

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo “fazer”*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2001.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, 2016.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Predicar com construções com verbo suporte. In: PAULA, Alessandra; GOMES, Danielle Kely; SILVEIRA, Eliete Figueira Batista da; MACHADO VIEIRA, Márcia dos Santos; e VIEIRA, Sílvia Rodrigues. *Uma história de investigações em língua portuguesa: uma homenagem a Silvia Brandão*. São Paulo: Bluscher, 2018.

MOURA NEVES, Maria Helena de. *Guia de uso do português: confrontando regras*. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

NASCIMENTO, Flaviano Batista do. O processo de referenciação de um folheto: uma leitura semiótica. *Cultura e Tradução* v. 5, n. 1, 2017.

RASSI, Amanda Pontes. *Estatuto sintático-semântico do verbo “fazer” no português escrito do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2008.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. & OLIVEIRA, Mariangela Rios de. Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, Regine;

JÄGER, Gerhard; e VEENSTRA, Tonjes. (eds.), *Variation, Selection, Development—Probing the Evolutionary Model of Language Change*, 219–250. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1991.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de M. Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

**UMA ANÁLISE CONSTRUCIONAL DAS FORMAÇÕES LEXICAIS BASEADAS EM
CORONAVÍRUS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO
A CONSTRUCTIONAL ANALYSIS OF LEXICAL FORMATIONS BASED ON
CORONAVIRUS IN CONTEMPORARY BRAZILIAN PORTUGUESE**

Carlos Alexandre Gonçalves¹

RESUMO

Neste texto, analisamos a formação técnica *coronavírus*, desde a criação em sua área de especialidade (a infectologia) até os dias de hoje. Observando os aspectos morfológicos e semânticos envolvidos nos processos de formação de palavras utilizados, pretendemos mapear as estratégias de que se vale o falante para expressar ponto de vista com construções lexicais, representando, nos moldes de Booij (2010), os esquemas e subesquemas utilizados. Nessa empreitada, a principal fonte de dados foi a *Internet*, sobretudo as redes sociais: *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*.

Palavras-chave: Morfologia; Formação de Palavras; Construção; Recomposição.

ABSTRACT

In this paper, we analyze the technical formation *coronavirus*: the creation in its area of specialty (infectiology), the morphological model of this lexical formation and its employers in the nowadays. Observing the morphological and semantic aspects involved in the word formation processes used to create new words from *coronavirus*, we intend to map the strategies that the speaker uses to express a point of view with lexical constructions, representing, in the molds of Booij (2010), the schemes and subschemas used. In this endeavor, the database comes from the Internet, especially social networks: Twitter, Instagram and Facebook.

Keywords: Morphology; Word Formation; Construction; Compounding.

¹ Professor Titular do Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ. Pesquisador-bolsista do CNPq (nível 1). Docente permanente do PPGLEV. E-mail: carlexandre@bol.com.br.

Palavras iniciais

Nos dias de hoje, o tema do momento é o coronavírus, agente transmissor de uma síndrome gripal que atingiu proporções mundiais. No *site* do Ministério da Saúde, afirma-se que “Coronavírus é uma família de vírus que causam infecções respiratórias. **O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31/12/19** após casos registrados na China. Provoca a doença chamada de coronavírus (COVID-19)” (<<https://coronavirus.sude.gov.br>>. Último acesso: 21 de junho de 2020).

Saindo da esfera médica e pandêmica da doença, pretendemos, neste texto, mostrar que forma linguística que nomeia o vírus vem sendo intencionalmente manipulada pelos falantes, sobretudo brasileiros, com o intuito de mostrar não apenas os graves efeitos do contágio no planeta (cf. *coronafome*, *coronamorte*), mas, sobretudo, de expressar ponto de vista (*viewpoint*) através da criação de novas palavras no domínio político envolvendo o atual presidente da república e seus seguidores, como, respectivamente, *coronaboço* e *coronagado*². Dessa maneira, o objetivo principal do artigo é mapear, descrever e analisar as novas formações lexicais oriundas do composto neoclássico *coronavírus*, buscando representá-las através do modelo construcional de Booij (2010) para a morfologia.

Ao optarmos pela Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005; 2007; 2010), pretendemos analisar não apenas o polo formal das novas criações lexicais, mas também as motivações sócio-cognitivas de séries de palavras ultrarrecentes que se espelham nesse tecnicismo. O texto é dividido como se segue: primeiramente, mostramos por que *coronavírus* é considerado um composto neoclássico para, logo após, apresentar brevemente o modelo que sustenta a descrição, a Morfologia Construcional (BOOIJ; 2005 2007, 2010). Por fim, analisamos os processos de que o falante faz uso para construir novas palavras a partir de *coronavírus*, representando os esquemas e subesquemas relevantes. Finalizamos o texto abordando novas formações que remetem ao nome da doença, mas partem de outras bases que fazem referência ao agente infeccioso, a exemplo *COVARD-17* e *BOVID-17* (de *COVID-19*) e *bolsonavírus* (de *vírus*).

1. Metodologia

Nossa abordagem sobre o tema se ampara em 94 formações (*types*) obtidas através das ferramentas eletrônicas de busca disponíveis nas redes sociais. Portanto, o *corpus* engloba prioritariamente palavras oriundas do *Twitter*, *Instagram*, *Facebook* e grupos de *WhatsApp* do pesquisador.

² Agradeço a Wagner Alexandre dos Santos Costa, colega da UFRRJ, pelos primeiros dados fornecidos e, por conta disso, por inspirar a pesquisa e a consequente elaboração deste texto. Agradeço também os dois pareceres da *Linguística*, que muito contribuíram para o aperfeiçoamento da versão aqui apresentada. Obviamente, os erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

Usamos o *Google* para verificar o provável número de *tokens* relacionados a cada uma das formações encontradas. Com o *Google*, acabamos chegando a dados provindos de *blogs*, jornais, revistas, enfim, qualquer fonte escrita disponível na *Internet*. Tal recolha foi realizada de março a junho deste ano. Após a coleta, as palavras foram divididas de acordo com a aceção do item morfológicamente complexo e identificamos, paralelamente, a natureza categorial das bases e dos produtos. Por fim, a interpretação dos itens lexicais passou pelo grau de previsibilidade do significado das palavras criadas (LANGACKER, 1987), o que implicou reconhecer unidades mais transparentes e outras mais opacas (dependentes de contexto, imagem ou meme a elas vinculadas e/ou conhecimento do momento sócio-político em que vivemos). Dito de outra maneira, intentamos verificar o grau de composicionalidade e analisabilidade³, nos moldes de Bybee (2010), das formações que compõem o *corpus*. Trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa e observacional com dados de uso efetivo da língua em situações comunicativas variadas, que, em comum, provêm de ambientes virtuais.

2. Algumas notas sobre composição neoclássica

De acordo com *Wikipédia*, os coronavírus são uma grande família viral, conhecida desde meados dos anos 1960, que causa infecções respiratórias em seres humanos e em animais (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Coronav%C3%ADrus>)⁴. Geralmente, infecções por coronavírus causam doenças respiratórias de leves a moderadas, assemelhando-se a um resfriado comum. Recentemente, em dezembro de 2019, um novo tipo de coronavírus foi descoberto, o 2019-nCoV, o qual tem causado mortes e bastante preocupação por sua rápida propagação em nível mundial e ampla necessidade isolamento social.

O *novo coronavírus* (tecnicamente conhecido pela sigla CoViD-19 – Co de corona, Vi de vírus e D de *disease*, doença em inglês, e 19, do ano de descoberta, 2019) faz parte de um grupo que contém mais de vinte tipos de vírus cuja denominação se apropria de elementos latinos sempre precedidos da forma constante *viridae*, a exemplo *sequiviridae* e *tetraviridae*. Apesar de descobertos há pouco mais de setenta anos, a nomenclatura de tais agentes infecciosos segue o padrão neoclássico de formação,

3 Segundo Bybee (2010), *analisabilidade* é o reconhecimento da contribuição de cada componente para o significado composicional. Esse conceito envolve o conhecimento do falante sobre as palavras e os morfemas que a compõem, bem como o da sua estrutura morfossintática, ou seja, reconhecimento de sua estrutura morfológica. De acordo com a autora (2010), a *analisabilidade* é gradiente, uma vez que as partes de uma construção podem ser total ou parcialmente identificadas. Composicionalidade, por sua vez, é uma medida semântica referente ao grau de previsibilidade do significado do todo a partir do significado das partes.

4 Para não poluir o texto, sobretudo na apresentação dos dados, todas as referências a materiais retirados da *Internet* têm a mesma data de acesso: 20/05/2020.

instituído a partir do final do século XIX, por envolver uma área de especialidade (infecologia)⁵.

Em termos linguísticos, *coronavírus* pode ser interpretado como um composto neoclássico, relacionado, portanto, à nomenclatura técnico-científica e filosófico-literária que se estabeleceu como norma nos fins do século XIX e início do século XX. Como todo neoclássico, a formação tem cabeça lexical à direita, muito embora divirja dos compostos neoclássicos mais prototípicos, cujo núcleo constitui forma presa (*genocida*, “aquele que deliberadamente ordena o assassinio de pessoas”) ou se combina com um sufixo igualmente erudito, *-ia* (como *epidemia*, “doença que ataca simultaneamente grande número de indivíduos”, e *tromboembolia*, “mal que acarreta o entupimento dos trombos ocasionada pela migração de um corpo estranho, o *êmbulo*”). Conforme nos relata Gonçalves (2019), são raros compostos neoclássicos em que a cabeça lexical é livre. Como se vê em (01), a seguir, somente *cultura*, *tipo* e *vírus* não constituem formas presas. Os demais casos de formas livre na segunda posição têm em comum a presença do já aludido sufixo *-ia*, apresentando, desse modo, algum grau de analisabilidade, embora sejam não composicionais:

(01)	floricultura	claustrofobia
	tetravírus	hidrovia
	fenótipo	tricotomania
		sonoterapia

É a forma latina, inclusive, a que aparece em alguns casos de sufixação em português, sobretudo na formação de adjetivos: *coronal*, *coronário*. Portanto, a expressão “corona” é de fácil leitura pelos usuários de língua portuguesa, haja a existência das formas “coroa” e “corona”, embora a última seja um *doublet* (GONÇALVES, 2019), aparecendo em derivados. Além disso, a palavra *corona* já existia na língua, mas com o significado de modelo de chuveiro (as famosas duchas Corona). Vale lembrar, ainda, que esse oniônimo, já em desuso, é metáfora do desenho de uma coroa, o que não acontece com o nome da cerveja mexicana, um homônimo ainda vigente na língua. *Coronavírus* significa “vírus em formato de coroa”, pois seu núcleo é envolvido numa cápsula de aspecto helicoidal, semelhante a uma coroa. Embora seja um tecnicismo, a criação é, sem dúvida alguma, de base metafórica, como se observa pela Imagem 1 a seguir:

5 O padrão neoclássico de formação consiste em se apropriar de elementos gregos e latinos com o intuito de formar intencionalmente um termo técnico (cf. p. ex., SANDMANN, 1989). Trata-se, portanto, de uma práxis de criar formações não espontâneas de variadas áreas de especialidade, pois os termos são deliberadamente pensados, arquitetados, resgatando-se, para tanto, radicais greco-latinos em que a cabeça (núcleo) sempre se posiciona à direita. Quando as formações de áreas como a infectologia passam para a língua comum, é frequente o uso da forma vernacular correspondente. Por isso, é natural a adaptação de *viridae* a *vírus* (em inglês, *virus* também constitui forma livre).



Imagem 1: O formato do coronavírus

(<https://brasilecola.uol.com.br/doencas/coronavirus.htm>. Acesso em 20/03/2020)

A pequena distância entre *corona* (forma latina) e *coroa* (forma vernacular correspondente) não deixa a formação totalmente opaca ao falante, que reconhece ser *coronavírus* a denominação de uma patologia cujo agente é viral, dada a absoluta correlação do núcleo da construção morfológica para com a forma livre correspondente na língua: *vírus*. É a forma latina, inclusive, a que aparece em alguns casos de sufixação em português, sobretudo na formação de adjetivos: *coronal*, *coronário*. Portanto, a expressão “corona” é de fácil leitura pelos usuários de língua portuguesa, haja a existência das formas “coroa” e “corona”, embora a última seja um *doublet* (GONÇALVES, 2019), aparecendo em derivados. Além disso, a palavra *corona* já existia na língua, mas com o significado de modelo de chuveiro (as famosas *duchas Corona*). Vale lembrar, ainda, que esse oníônimo, já em desuso, é também metáfora do desenho de uma coroa.

Coronavírus é, portanto, um composto neoclássico endocêntrico: a interpretação parte do núcleo, que também atribui gênero e classe à formação (substantivo masculino). Nos termos de Scalise *et al.* (2009), temos uma formação em que o elemento à direita constitui cabeça categorial (responde pela classe do produto), morfológica (atribui gênero) e semântica (define o significado genérico da nova forma).

Uma das principais características da composição neoclássica em português (cf., p. ex., CAETANO, 2010; GONÇALVES, 2011; HIGINO DA SILVA, 2016), ao contrário de outras línguas, como o russo e o dinamarquês (AMIOT & DAL, 2005; LÜDELING, 2006; PETROPOULOU, 2009), é a vitalidade dessas formações: a maioria de modo algum constitui fóssil linguístico, isento da manipulação pelo falante comum (sem prévio conhecimento do grego, do latim ou mesmo da terminologia científica). Pelo contrário, criamos, através de construções neoclássicas, inúmeras formações que, inclusive, podem sair da área técnica e ser consideradas absolutamente naturais, deixando, portanto, de constituir artificialismo deliberadamente manufaturado nas áreas de especialidade correspondentes. Rondinini & Gonçalves (2007), por exemplo, destacam inúmeras formações super espontâneas com *-logo* e *-grafo*:

- | | | |
|------|-------------|--------------|
| (02) | mulherólogo | cornógrafo |
| | mulatólogo | pornógrafo |
| | cervejólogo | pilantógrafo |

As diversas formações em (02) comprovam que o falante comum (usuário da língua que não dispõe de conhecimento histórico e/ou etimológico) reconhece um neoclássico e o transforma numa palavra de uso comum, que sai da esfera técnico-científica ou filosófico-literária justamente por constituir um híbrido (forma linguística com uma parte clássica e outra vernácula):

- (03) merdófono (falador de besteira, merda)
 esmalteca (coleção de esmaltes)
 maconhódromo (lugar em que se fuma maconha)
 frangoréxico (aquele que não ingere frango)
 cristolândia (lugar de concentração de evangélicos)

Na próxima seção, apresentamos, ainda que brevemente, o modelo construcional de Booij (2010) para, logo após, defender um esquema geral para a composição neoclássica e analisar as formações oriundas do tecnicismo *coronavírus*.

3. Sobre a morfologia construcional: brevíssimas ideias

Como relatamos em outros textos (cf., p. ex., GONÇALVES & ALMEIDA, 2014; GONÇALVES, 2016; GONÇALVES & PIRES, 2017) e aparece em muitos artigos que circulam na *web* (cf., p. ex., SIMÕES NETO, 2017; SOLEDADE, 2018; TAVARES DA SILVA, 2019), a Morfologia Construcional (MC) surge no cenário dos estudos linguísticos como alternativa para análise de processos morfológicos instáveis, que não podem ser encaixados perfeitamente nos padrões canônicos da composição e da derivação⁶. No livro em que consolida o modelo, Booij (2010: 03) assim se reporta à MC:

Na Gramática de Construções, a gramática das línguas naturais é vista como um inventário estruturado de construções, isto é, padrões de forma-significado, em vários níveis de abstração. Na Morfologia Construcional, nos focamos nas construções no nível da palavra, mas não só elas, como também construções frasais com propriedades de palavras.

Na MC, palavras morfológicamente complexas são interpretadas como idiomas construcionais no nível da palavra, portando uma parte fixa (plenamente especificada) e uma variável (um *slot* vazio, representado por X). Por exemplo, no caso das construções *X-dor* (*cuidador*, “profissional que cuida

⁶ Como já há, em português, muitos artigos que descrevem o modelo, incluindo a necessidade de reformulação de um ou outro dispositivo, para efeitos deste texto, julgamos necessário apresentar apenas as ideias básicas, focalizando, sobretudo, a formalização e os tipos de herança entre construções, daí o uso de “brevíssimas notas” no título da seção.

(geralmente de idosos ou incapazes)”; *amortecedor*, “parte do carro que amortece” e *acusador*, “aquele que acusa”), a parte fixa é a sequência *-dor*), sempre à direita, um sufixo, portanto, e a variável são os verbos que se adjungem à esquerda. Em comum, tais formas expressam a noção de agente.

Nos termos de Gonçalves & Almeida (2014: 165), esquemas construcionais “são padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas e podem ser usados produtivamente”. Um esquema construcional pode gerar subesquemas, que também podem se desdobrar em outros subesquemas, uma vez que “são estruturas simbólicas que formalizam conceitos armazenados na memória, a partir da abstração de experiências do mundo em que generalizações são realizadas” (GONÇALVES, 2016: 33). Por causa dessa propriedade, Booij (2005) acrescenta especificação semântica genérica aos esquemas, o que significa, utilizando as palavras de Soares da Silva (2006), “puxar o significado para cima”.

Gonçalves & Almeida (2014) discorrem sobre o aporte da Gramática das Construções, buscando uma conceituação para o termo construção que seja mais aproximada ao nível da palavra. Assim, definem as construções como “interseções de níveis diferentes da língua organizadas hierarquicamente por meio de ligações por herança em uma espécie de rede ou teia” (GONÇALVES & ALMEIDA (2014: 178). Desse modo, acrescentam ao modelo as relações de herança, amplamente descritas, por exemplo, em Goldberg (1995). Tais relações são as seguintes, com seus respectivos exemplos:

Herança por polissemia – refere-se à extensão de significado de uma construção para outra. É o caso do sufixo *-ista*, que forma agentes profissionais (‘frentista’, ‘taxista’), especialistas (‘meteorologista’, ‘oftalmologista’), além de adeptos (‘marxista’, ‘petista’) e adjetivos (‘intimista’, ‘chauvinista).

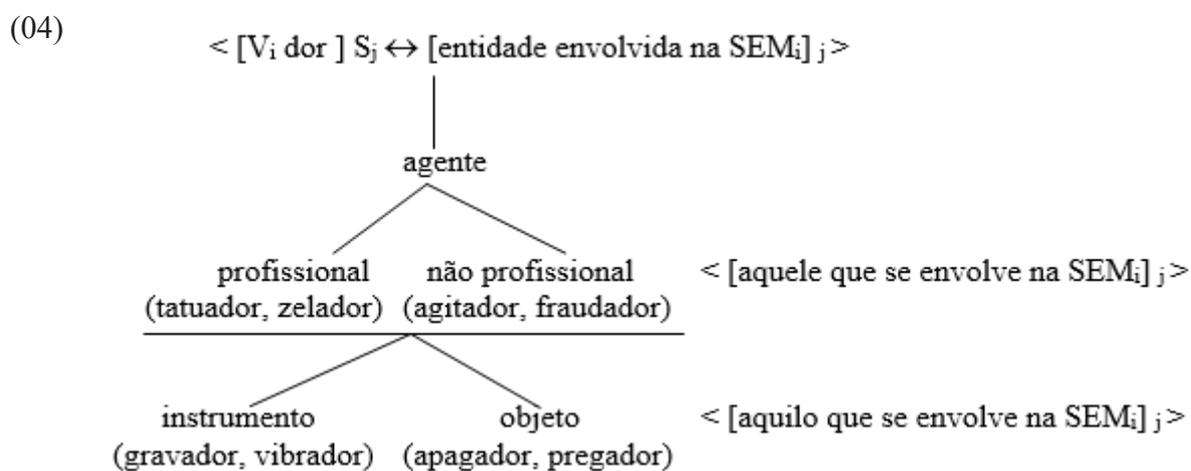
Herança por metáfora – refere-se a duas construções relacionadas por projeção interdominial. É o caso, por exemplo, das formações em *-ão* que se especializaram na denominação de entidades (GONÇALVES et al., 2009), como ‘pimentão’, ‘orelhão’ e ‘espigão’, caracterizando, para Basilio (2014), uma das funções do aumentativo.

Herança por subparte – ocorre quando uma construção é parte constituinte de outra, como em ‘micro’, ressemantizada a partir de ‘microempresa’ ou ‘microondas’, da qual herdamos o gênero: a micro (empresa) o micro (ondas).

Herança por instanciação – ocorre quando uma construção apresenta grau de detalhamento maior, como em ‘grossoiro’ e ‘cachaceiro’, que possuem esquemas construcionais específicos em

relação ao esquema básico – no primeiro, a base é adjetiva; no segundo, a base é substantiva.

A partir da noção de esquema construcional e relação de herança, pode-se propor o esquema em (04) para o sufixo *-dor*. Nesse esquema, base e produto são indexados, respectivamente, pelos símbolos subscritos V (verbo) e S (substantivo). Os subscritos i e j indicam que tanto a base, representada pela variável X, quanto o produto fazem parte do léxico. Na formalização a seguir, SEM é o significado mais básico da construção (puxado para cima) e os símbolos maior que e menor que (respectivamente, <, >) demarcam o esquema. A seta de mão dupla (↔) relaciona forma e significado no interior do esquema. Como se infere da representação, tem-se uma herança por polissemia:



Por se tratar de um modelo que explicitamente se alinha à Linguística Cognitiva (cf. BOOIJ, 2010), a MC cada vez mais vem incorporando, à descrição do polo semântico das construções lexicais, abordagens sobre metáfora, metonímia, espaços mentais e esquemas imagéticos, entre outras. No Brasil, já vem se firmando como paradigma representativo dos estudos morfológicos, como demonstra Tavares da Silva (2019), para quem remetemos o leitor interessado em maiores detalhes sobre esse constructo teórico.

4. O esquema da composição neoclássica e as formações oriundas de *coronavírus*

Tomando por base um conjunto de formações neoclássicas, Gonçalves & Pires (2017) propõem que a chamada composição neoclássica também pode ser modelada por esquemas construcionais semelhantes aos da derivação e composição, mas não chegam a formalizar esse processo de palavras. No nosso entendimento, como os dois elementos constituem formas presas e, por isso, não recebem etiqueta lexical, podem ser genericamente referenciados como X e Y, em maiúsculas, já que não são palavras, e, por não constarem do léxico, não são indexados (ou seja, não recebem os símbolos i e j, subscritos). Nesse caso, o produto é sempre previsível em termos categoriais: como estamos falando

de um vocabulário técnico-científico, o produto é sempre um substantivo. No polo semântico, temos a informação genérica de nome técnico.

(05) $\langle [XY]_{Si} \leftrightarrow [NOME\ T\acute{E}CNICO]_{Si} \rangle$

Esquematicidade é a propriedade de uma construção ser representada por meio da abstração em esquemas, ou seja, em generalizações taxonômicas. Nessa visão, esquemas são representações gerais que agrupam e instanciam representações mais específicas, até chegar, em último nível, aos construtos. A esquematicidade é gradiente, pois construções podem ser mais ou menos esquemáticas. Quando se aborda uma hierarquia construcional, os níveis mais altos são os menos substantivos (como em (05), acima) e, conseqüentemente, mais esquemáticos. Os níveis mais baixos, por sua vez, conforme se preenchem as partes que compõem uma construção, são mais substantivos (plenamente especificados). Num nível intermediário de esquematicidade, teríamos, por exemplo, $[[X]cida]_{Si}$ e o nível mais concreto é o da palavra completa, como *fungicida* e *algicida*: $[[fungi]_{Si} cida]_{Sj}$, $[[algi]_{Si} cida]_{Sj}$.

Um padrão de composição neoclássica menos esquemático que (05) é (06), a seguir, que apresenta um elemento especificado na periferia direita da construção: o formativo de origem grega, *-ia*, já mencionado na seção 2. Esse sufixo aparece sistematicamente em diversas formações neoclássicas e responde por um sem-número de palavras complexas, como se exemplifica em (07):

(06) $\langle [XY ia]_{Si} \leftrightarrow [NOME\ T\acute{E}CNICO]_{Si} \rangle$

(07)	epidemia	idolatria
	psiquiatria	filantropia
	hipotermia	alquimia
	geografia	filosofia
	ecologia	hemofilia

O mecanismo de *chunking*⁷ levou à criação de inúmeras formas livres que, além de usadas sozinhas, figuram numa série de compostos com núcleo à direita, o que acaba por tornar mais tênue a fronteira entre a composição neoclássica e a composição comum, aqui denominada de lexical, por combinar palavras e ter núcleo sempre à esquerda⁸.

7 De acordo com Bybee (2010: 34), o *chunking* é um processo de “domínio geral que envolve a prática na melhora de tarefas cognitivas e neuromotoras” e, especificamente, na linguagem, consiste num mecanismo em que sequências de palavras ou morfemas são agrupadas na cognição e passam a ser compreendidas como uma única unidade, o *chunk*. A força dessa relação sequencial é determinada pela frequência com que as palavras aparecem juntas.

8 Mesmo contrariando o novo acordo ortográfico, vamos grafar todos os dados utilizados no artigo (incluindo os do

- (08) mania: megalomania, beatlemania, bethaniomania X tem mania de fumar
 fobia: aracnofobia, homofobia, gordofobia X tem fobia de rato
 terapia: hidroterapia, sonoterapia, facebookterapia X faz terapia do sono
 via: hidrovía, ferrovia, rodovia X via pública, via de pedestre

Além das formações em (08), três outras têm propriedades de tecnicismos, mas apresentam uma forma livre à direita como núcleo do composto, como ressaltamos no início da seção 2: *tipo* (*estereótipo, protótipo*), *cultura* (*floricultura, horticultura*) e *vírus* (*rotavírus, pentavírus*).

A tragédia envolvendo a rápida disseminação do novo coronavírus pelo mundo colocou o nome do agente infeccioso em evidência nos principais meios de divulgação: televisões de todo o mundo, jornais de grande circulação nacional e/ou internacional e, principalmente, na *Internet*. Os esquemas envolvidos são os seguintes, do mais abstrato para o mais substantivo:

- (09)
- $$\begin{array}{c} < [[X] \text{ [vírus]]}_{si} > \leftrightarrow < \text{vírus relacionado à SEM de [X]} > \\ | \\ < [\text{corona} \text{ [vírus]]}_{si} > \leftrightarrow < \text{vírus causador da CoViD-19} > \end{array}$$

No Brasil, a pandemia, além de assustar e comover a população, por seus efeitos catastróficos, levou à compactação da construção substantiva (plenamente especificada) e *corona* condensou o significado da doença, numa espécie de metonímia formal, em que a parte vale pelo todo. Criou-se, assim, uma palavra independente, *corona*, que assumiu o significado do composto de onde se despreendeu. Em termos morfológicos, o processo em jogo é o truncamento⁹, que, numa abordagem construcionista, remete a uma herança por subparte, nos termos de Goldberg (1995):

- (10)
- $$\begin{array}{c} < [\text{corona} \text{ [vírus]]}_{si} > \leftrightarrow < \text{vírus causador da CoViD-19} > \\ | \\ < [\text{corona}]_{si} > \leftrightarrow < \text{vírus causador da CoViD-19} > \end{array}$$

A nova forma compete com a complexa, como se vê nos exemplos a seguir, em (11):

corpus) sem hífen. Tal opção foi feita em função de encontrarmos as palavras escritas juntas ou separadas, como ou sem hífen. Para marcar que constituem unidade, resolvemos escrevê-las sempre juntas.

⁹ O truncamento é um processo não concatenativo de formação de palavras que, diferentemente dos processos de prefixação e sufixação, não se estrutura a partir da adjunção de afixos, mas a partir da supressão de segmentos da palavra-matriz. Essa perda de massa fônica pode ou não ser morfêmica. No caso em questão, incide num elemento morfêmico, como ocorre também em *gastro*, *fono* e *homo*, por, respectivamente, *gastroenterologista*, *fonoaudiólogo* e *homossexual*.

- (11) Antes de testar positivo para **Corona**, Príncipe Charles encontrou a Rainha.
 <<https://capricho.abril.com.br/famosos/antes-de-testar-positivo-para-corona-principe-charles-encontrou-a-rainha/>>
Corona não pegou Bolsonaro, mas o isolou. Ele está politicamente só.
 <<http://atarde.uol.com.br/coluna/levivasconcelos/2124049-corona-nao-pegou-bolsonaro-mas-o-isolou-ele-esta-politicamente-so>>
Coronavírus: o que fazer para se prevenir.
 <<https://coronavirus.saude.gov.br/>>

A forma livre *corona* pode remeter ao agente infeccioso ou à doença, numa clara extensão metonímica. O gênero do produto é herdado não da forma em si, mas de suas acepções, pois, em linhas gerais, o feminino faz alusão à doença (12a) e o masculino, ao vírus (12b). Encontramos pouquíssimas instanciações que fogem a essa tendência, o que diferencia o truncamento *corona* do nome técnico *CoViD*, cujo espectro da variação de gênero é muito maior, como veremos na seção 5.

- (12) a. A Desinfecção de superfície com hipoclorito de sódio a 0,1% ou etanol 62 e 71% reduz significativamente a **corona** – infecciosidade do vírus em superfícies dentro de 1 min de tempo de exposição. (<<https://www.abro.org.br/entenda-o-coronavirus/>>)
 b. As formas de transmissão **do corona** ainda estão sendo investigadas.
 (<<https://www.abro.org.br/entenda-o-coronavirus/>>)

Não é, no entanto, o uso de *corona* como forma livre o que mais chama atenção no momento; o que salta aos olhos, hoje, nas mídias sociais, é o fato de *corona* se adjungir a novas bases lexicais, formando outras palavras complexas num esquema parecido com [[X] [vírus]]_{si}, já vigente na língua, como mostramos em (09), mas agora com o *slot* vazio à direita, como se observa em (13):

- (13) < [corona]_{si} [X]_{sj}]_{sk}> ↔ < SEM DE [X]_{sj} RELACIONADA À CoViD-19 >

Muitos são os produtos respaldados no esquema em (13). Por exemplo, *coronapânico* remete ao “medo exagerado de contrair o vírus”, do mesmo modo que *coronacrise* ativa o *frame* de “instabilidade econômica oriunda dos efeitos da pandemia”. Por esses exemplos, percebe-se que o núcleo continua à direita, constituindo os três tipos de cabeça aludidos na seção 3: categorial, morfológica e semântica. Outros exemplos são listados em (14), a seguir:

- | | | |
|------|-----------------|------------------|
| (14) | coronaprotocolo | coronamedo |
| | coronacontrole | coronaquarentena |
| | coronacuidados | coronassurto |
| | coronadifusão | coronassono |
| | coronafarsa | coronafantasia |

Os dados em (14) sugerem que as novas formações compartilham uma série de propriedades morfológicas e semânticas com o processo de recomposição. Na recomposição, parte de um composto neoclássico assume o significado do todo e se combina com outras palavras, levando as novas formações a ativar a construção complexa de onde se desgarrou (GONÇALVES & OLIVEIRA, 2013), a exemplo do que acontece, também, com *fotomontagem* e *autoescola*, cuja interpretação do produto remete aos compostos *fotografia* e *automóvel*, não perpassando, portanto, pelo significado etimológico do constituinte à esquerda.

As novas formações em (14) são bem transparentes e praticamente não precisam de contexto para ser interpretadas, sendo, nesse sentido, fortemente marcadas pela composicionalidade, uma vez que, nesses casos, o significado da construção está de algum modo relacionado ao significado de suas partes. Assim, *coronaprotocolo* é “o conjunto de medidas para não contrair o vírus”, do mesmo modo que *coronafantasia* e *coronafarsa* podem ser interpretadas como “a mentira envolvendo a pandemia ou a maximização do discurso sobre a CoViD-19”.

Como o controle do vírus depende, diretamente, de ações governamentais, os brasileiros foram extremamente rápidos em criar formações lexicais avaliativas envolvendo o então composto *coronavírus*. No centro de uma série de questões de ordem política e ideológica, o atual presidente da república, o ex-deputado Jair Bolsonaro, minimizou os efeitos da pandemia, ora a chamando de “fantasia” (Jornal Nacional (JN), 22/03/2020), ora fruto de “histeria” (JN, 23/03/2020) e, até mesmo, sabendo utilizar bem o uso atenuador do diminutivo, comparou a mera “gripezinha” ou a um simples “resfriadinho” (JN, 24/03/2020). Alegou, ainda, que, caso contraísse o vírus, passaria ileso pela doença “por ter sido atleta” (JN, 24/03/2020), respondendo, mais tarde, que não era coveiro (JN, 20/04/2020). Com um “e daí” (JN, 28/04/2020) que viralizou na *Internet* e com frases como “todos nós vamos morrer um dia” (JN, 02/05/2020) e “são raros os lugares no país em que faltam respiradores” (JN, 14/05/2020), o presidente passou a ser considerado como o pior inimigo nos esforços contra a pandemia no mundo (<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52594649>>).

O Jornal de Brasília (<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>) traz, em sua matéria do dia 20 de abril de 2020, vinte e cinco falas polêmicas que evidenciam a falta de interesse do presidente pelo controle da doença no país:

- (15) “Eu não sou coveiro, tá certo?” (20/4)
 “Não tem que se acovardar com esse vírus na frente” (18/4)
 “Os Estados estão quebrados. Falta humildade para essas pessoas que estão bloqueando tudo de forma radical.” 19/4
 “Quarenta dias depois, parece que está começando a ir embora essa questão do vírus” (12/4)

- “Ninguém vai tolher meu direito de ir e vir” (10/4)
- “Esse tratamento (com hidroxicloroquina), que começou aqui no Brasil, tem que ser feito, segundo as pessoas que a gente tem conversado, até o quarto ou quinto dia dos primeiros sintomas” (8/4)
- “Há 40 dias venho falando do uso da hidroxicloroquina no tratamento do covid-19. Cada vez mais uso da cloroquina se apresenta como algo eficaz” (8/4)
- “Se o vírus pegar em mim, não vou sentir quase nada. Fui atleta e levei facada” (30/3)
- “O vírus tá aí, vamos ter de enfrentá-lo, mas enfrentar como homem, pô, não como moleque” (29/3)
- “Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. É a vida. Você não pode parar uma fábrica de automóveis porque há mortes nas estradas todos os anos”. (27/3)
- “Não estou acreditando nesses números de São Paulo, até pelas medidas que ele (o governador João Doria) tomou” (27/3)
- “Sabe quando esse remédio (hidroxicloroquina) começou a ser produzido no Brasil? Ele começou a ser usado no Brasil quando eu nasci, em 1955. Medicado corretamente, não tem efeito colateral” (26/3)
- “O povo foi enganado esse tempo todo sobre o vírus” (26/3)
- “O pânico é uma doença e isso foi massificado quase que no mundo todo e no Brasil não foi diferente” (26/3)
- “O brasileiro tem de ser estudado, não pega nada. O cara pula em esgoto, sai, mergulha e não acontece nada.” (26/3)
- “São raros os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos” (24/3)
- “Não podemos nos comparar com a Itália. (...) Esse clima não pode vir para cá porque causa certa agonia e um estado de preocupação enorme. Uma pessoa estressada perde imunidade” (22/3)
- “De forma alguma usarei do momento para fazer demagogia” (21/3)
- “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?” (20/3)
- “Tem certos governadores que estão tomando medidas extremas. Tem um governo de Estado que só faltou declarar independência do mesmo” (20/3)
- “Não se surpreenda se você me ver (sic) no metrô lotado em São Paulo, numa barcaça no Rio. É um risco que um chefe de Estado deve correr. Tenho muito orgulho disso” (18/3)
- “O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só estará livre quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos” (17/3)
- “Tem locais, alguns países que já tem saques acontecendo. Isso pode vir para o Brasil. Pode ter um aproveitamento político em cima disso” (17/3)
- “Eu não vou viver preso no Palácio da Alvorada com problemas grandes para serem resolvidos no Brasil” (16/3)
- “Muito do que falam é fantasia, isso não é crise” (10/3)

Talvez em decorrência de falas como as em (15), além de fazer alusão à doença, *corona* passou por um processo de ressemantização porque agora também se insere numa construção predominantemente avaliativa, remetendo a um cenário político vinculado à figura do presidente da república e/ou a seus adeptos mais radicais, conhecidos como *bolsominions*. De fato, todas as formações em (16), a seguir, evocam o presidente e seus seguidores, por conta dos discursos polêmicos e contrários às recomendações da OMS (Organização Mundial da Saúde) sobre o controle e a disseminação da doença.

- (16) coronagado (<<https://www.instagram.com/p/B9wpLNqJK7H/>>)
 coronaburro (<<https://www.naciodigital.cat/opinio/21137/>>)
 coronaboçal (<<https://twitter.com/Palmeirasso51/status/1240290795086807041>>)
 coronabozo (<<https://twitter.com/hashtag/coronabozo>>)
 coronafamília (<<https://twitter.com/search?q=corona%20famil%C3%ADcia&src>>)
 coronamínion (<<https://twitter.com/Lorhann5>>)
 coronalixo (<<https://twitter.com/lovepicles>>)
 coronabosta (<https://www.youtube.com/watch?v=3-fUSmTTvGQ>>)
 coronahisteria(<http://www.ovarnews.pt/para-acabar-com-o-virus-da-coronahisteria/>>)
 coronafantasia (<<https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-sugere--manifestacoes/>>)
 coronaresfriadinho (<<https://www.boatos.org/>>)

As formações em (16) compactam o significado de *coronavírus*, mas também se prestam à modalização apreciativa, segundo a qual o falante sinaliza seu ponto de vista sobre o atual presidente e seus seguidores. Estamos, portanto, diante de um caso diferente de recomposição, pois a sequência morfêmica remanescente não apenas condensa o significado do composto neoclássico original, mas sinaliza um juízo de valor sobre o chefe da nação e seus apoiadores. Nos termos de Soares da Silva (2006), a construção passa por um processo de pragmatização, pois há um tom depreciativo, jocoso e irônico em formações lexicais como as apresentadas em (16).

Cabe ressaltar que não foi feita qualquer triagem nos *corpus* a que chegamos, pois recolhemos todas as formações avaliativas com a base *corona*, independentemente de veicularem apreço ou despreço pelo presidente. Em termos quantitativos, no entanto, é praticamente nula a existência de instanciações com avaliação positiva, embora haja algumas compatíveis com frases como as listadas em (15), a exemplo de *coronaglobo*, usada em referência à suposta tentativa de a Rede Globo sabotar o mandato do presidente por conta da pandemia (<<https://www.istockphoto.com/br/foto/pandemia-global-do-v%C3%ADrus-corona-globo>>). Em linhas gerais, as avaliações alinhadas ao atual governo são de leitura mais composicional, como as apresentadas em (14).

No nosso entendimento, o ponto de vista que tais formações expressam está diretamente ligado a cruzamentos vocabulares envolvendo as mesmas bases lexicais com o nome do presidente (também chamado de “bozo”¹⁰ pelos opositores a suas atitudes e ações), como *bolsolixo*, *boçalnaro*, *bostanaro*, ou “apelidos” de seguidores mais fiéis (*bolsomínios*, *bolsogado*). Algumas dessas novas formações remetem à opinião do presidente sobre a pandemia, em pronunciamentos oficiais que causaram grande impacto nacional e internacional (*histeria*, *gripezinha*, *resfriadinho*). Por exemplo, *coronatleta* ridiculariza a imagem do presidente que, nos dias de hoje (ou mesmo no passado), está longe de apresentar perfil de esportista. No comentário abaixo, do Site BOL, está clara a intenção do internauta que cunhou o termo (<<https://twitter.com/Lorhann5>>) de pôr em xeque a imagem de atleta do presidente:

(17) BOLSONARO ATLETA? IMAGENS VIRALIZAM E PRESIDENTE VIRA PIADA NA WEB

Apesar das inúmeras críticas por seu pronunciamento, Jair Bolsonaro (sem partido) viralizou na web por afirmar que por seu histórico de atleta, o coronavírus no alto dos seus 65 anos seria apenas uma “gripezinha” ou “resfriadinho”. Os brasileiros agiram em tom de ironia ao trecho citado por Bolsonaro em seu pronunciamento, já que ele pertence ao grupo de risco da doença e não há nada oficial que comprove que um ex-atleta tenha imunidade ao novo coronavírus.

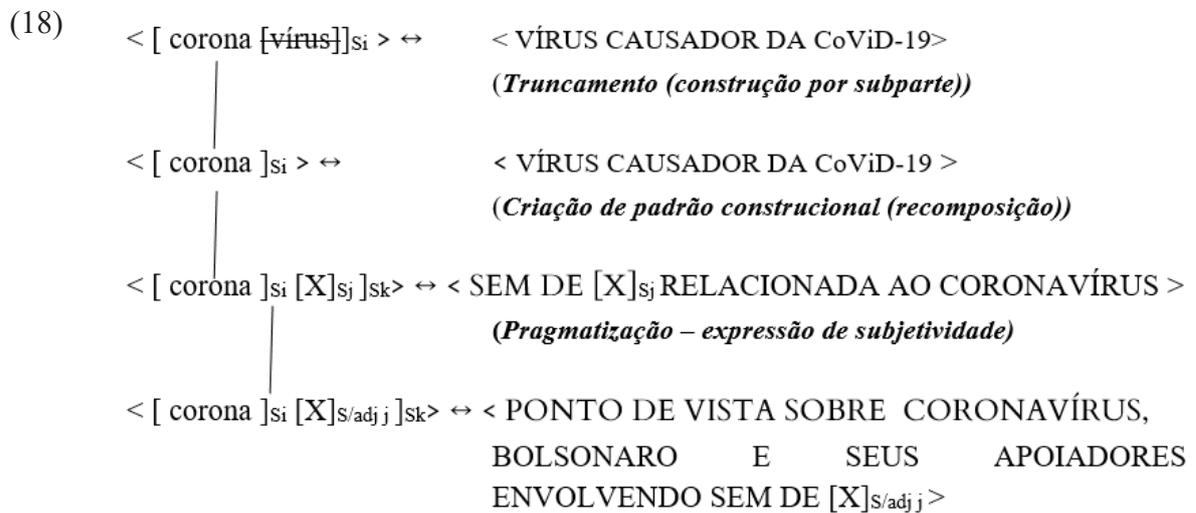
A partir disso, diversos vídeos dele fazendo flexões de maneira errada e até uma foto da época em que o presidente praticava atletismo se propagou na web e virou prato cheio para as zoeiras.

<<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2020/03/25/bolsonaro-atleta-imagens-viralizam-e-presidente-vira-piada-na-web.htm?cmpid=copiaecola>> (grifo nosso)

Sem dúvida alguma, as formações em (16) são bem menos transparentes que as apresentadas em (14), apesar de igualmente analisáveis. Sabendo que a composicionalidade é gradiente (BYBEE, 2010), entendemos que há uma construção decorrente de (13) apoiada num espaço mental aberto por itens lexicais vinculados a um domínio cognitivo de crítica a Jair Bolsonaro pelo menos nos últimos dezoito meses (desde o período eleitoral). Ao ativar esse espaço mental, a construção decorrente, como se formaliza abaixo, herda da básica a ideia de doença infecciosa, mas também herda das matrizes lexicais com que *corona* se combina o repúdio à principal liderança do país sobre a maior pandemia

10 Como ‘bolso’ não poderia funcionar como truncamento de ‘Bolsonaro’, dada a existência de um homônimo não expressivo na língua, a forma ‘Bozo’ – nome de um personagem afastado da mídia há muito tempo – passou a ser usada, sozinha, em referência a ‘Bolsonaro’, num caso diferente de truncamento. A relação fonológica entre *bolso* e *bozo* é evidente e essa última foi reativada (CASTILHO, 2002), deixando de se referir ao antigo palhaço que foi sucesso no SBT nos anos 1990, para fazer referência jocosa ao agora presidente.

dos últimos 100 anos. Por isso mesmo, adjetivos se compatibilizam com a construção (*boçal, burro*), que é predominantemente avaliativa (veiculadora de aspectos subjetivos sobre a infecção e sobre o presidente e seus apoiadores). A representação a seguir sumariza os mecanismos até então descritos:



5. Casos mais isolados envolvendo o nome da doença no cenário político brasileiro

Embora não estejam relacionadas a padrões construcionais, por envolverem processos não concatenativos de fusão, os quais, nas palavras de Booij (2007: 44), “constituem um desafio para a Morfologia Construcional”, não podemos deixar de mencionar alguns casos de cruzamento vocabular encontrados em nossa busca eletrônica. Como apresentam alta frequência de *tokens*, optamos por comentar os entranhamentos lexicais¹¹ a que tivemos acesso. Começamos com *bolsonavírus*, formação que não pode estar relacionada ao esquema em (09), $\langle [[X] [\text{vírus}]]_{\text{si}} \rangle \leftrightarrow \langle \text{vírus relacionado à SEM de } [X] \rangle$, porque a primeira posição não é preenchida por uma forma completa, seja ela um radical, uma palavra ou um *splinter*¹².

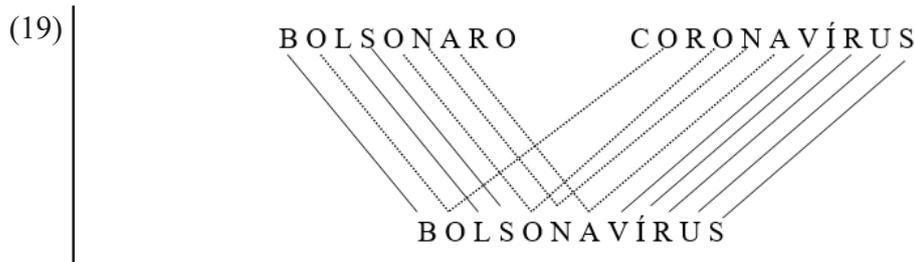
A construção *bolsovírus*, também encontrada no *corpus*, certamente se enquadra nesse padrão porque, como demonstrado em Gonçalves (no prelo) e em Benfca da Silva (2019), *bolso*, sequência não morfêmica oriunda do sobrenome *Bolsonaro*, participa de novas formações lexicais, como *bolsomito*, *bolsomínion* etc., sendo usada em referência ao presidente. Dessa forma, com um *splinter* na primeira posição, *bolsovírus* constitui instanciação do esquema $\langle [[X] [\text{vírus}]]_{\text{si}} \rangle \leftrightarrow \langle$

11 Tipo de cruzamento vocabular, também chamado de *Portamanteau* (PIÑEROS, 2000), FUVES (Fusão Vocabular Expressiva: BASILIO, 2005) e interposição lexical (ANDRADE, 2014), que consiste na junção de duas bases por intersecção tamanha que resulta no compartilhamento de um ou vários segmentos fônicos, a exemplo de *Micheque* (Michele (Bolsonaro) com cheque), *familicia* (*familia* (Bolsonaro) com *milícia*) e *Carluxo* (*Carlos* (Bolsonaro) com *luxo*).

12 *Splinters* são “produtos de truncamento ou partes de cruzamentos vocabulares ou de substituições sublexicais que passam a formar uma série de novas palavras” (GONÇALVES & ANDRADE 2012: 130), a exemplo de *-nese* (de maionese), *caipi-* (de caipirinha), *-tone* (de panetone) e *-nejo* (de sertanejo).

vírus relacionado à SEM de [X] >. *Bolsonavírus*, por sua vez, é um cruzamento vocabular. Embora apresente *vírus* na segunda posição, essa forma remete a *coronavírus*, tanto em termos métricos (número de sílabas e pauta acentual) quanto em termos de compartilhamento sonoro.

Pelo que pudemos perceber, a criação lexical *bolsonavírus* foi cunhada por Fernando Haddad e aparece em entrevista dada por ele na Folha de São Paulo em 29/02/2020. Nessa entrevista, o candidato ao PT nas eleições presidenciais de 2018 afirma que o principal alvo do “vírus Bolsonaro” são pobres, pretos, favelados, nordestinos, mulheres e LGBTs. Obviamente, na época, o novo coronavírus já havia sido descoberto, mas, no Brasil, não tinha tomado as proporções que tem hoje. O ex-ministro da Educação estava se referindo às políticas do atual governo em relação às minorias, comparando-o ao vírus recém-descoberto. No entanto, como se diz, a palavra caiu na boca do povo (ou nos dedos) e a construção, fruto de uma perfeita interposição das bases *corona* e *Bolsonaro* na periferia esquerda da formação, ganhou novos usos. Do ponto de vista morfofonológico, podemos afirmar que se trata de um exemplar perfeito do fenômeno do entranhamento lexical (GONÇALVES, 2004), em que as bases estão emaranhadas de tão forma que compartilham vários segmentos. Podemos representá-la da seguinte maneira, em que linhas pontilhadas sinalizam elementos em comum (ambimorfêmicos):



Ao comparar o atual presidente a um agente infeccioso, a recentíssima construção ganha novas nuances de significado. Em primeiro lugar, remete ao bolsonarismo, fenômeno interpretado pela oposição como epidemia nacional, uma vez que sustentada, por exemplo, na negação de fatos científicos e numa fé quase religiosa no líder político tão polêmico (cf., p. ex., <<https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonarismo-nao-e-partido/>>), como ilustram as imagens a seguir:



Imagem 2: *Bolsonavírus* como sinônimo de *bolsonarismo*

<<http://lbi-qi.blogspot.com/2020/02/o-bolsonavirus-esta-no-brasil-ha-muito.html>>



Imagem 3: *Bolsanavírus* como sinônimo de *bolsonarismo*
<https://www.humorpolitico.com.br/sid/bolsonavirus/>

Bolsanavírus também constitui crítica ao presidente em relação ao total descaso pela pandemia, indo na contramão do que se vem praticando nos países com maior controle da doença. Nesse caso, o próprio presidente é interpretado como o transmissor da patologia, como ilustra a figura a seguir:



Imagem 4: *Bolsanavírus* como agente da pandemia
<https://twitter.com/hashtag/bolsonav%C3%ADrus>

O entranhamento lexical *cononaro* também cumpre as mesmas funções de *bolsanavírus*, mas apresenta frequência de *token* bem mais baixa: por exemplo, o Google retorna 9.550 páginas para *bolsanavírus* contra apenas 65 para o cruzamento *cononaro*¹³. Esta última forma não foi bem sucedida talvez (a) por sua semelhança com outra já existente na língua, derivada de *coroa*: *coronário* e (b) por não remeter à ideia de “que se espalha”, por não conter a palavra *vírus*.

Outra formação extremamente recente envolvendo o nome da doença faz uso do tecnicismo inglês, que, como vimos, constitui uma sigla: CoViD-19. Como *corona*, *covid* pode remeter ao vírus ou à doença, o que justifica a alternância de gênero, a *covid*, o *covid*. Por analogia, já que a sigla apresenta vários segmentos comuns com o adjetivo *covarde*, foi criada a expressão COVARD-17. A

13 Essa palavra também constitui sobrenome de um famoso maestro e de um general, além de ser nome de ruas e bairros.

nova unidade lexical só difere do acrônimo inglês em dois aspectos: na rima da sílaba tônica (<i>, em CoViD e <ar> em COVARD) e no número final. Como se sabe, embora esteja atualmente sem partido, o presidente ganhou as eleições pelo PSL (Partido Social Liberal), cujo número é 17, estampado em várias campanhas pela *internet* em 2018 e ainda hoje usado em referência à principal figura do Planalto Central. Até a epêntese de [i] na sigla a iguala ao adjetivo em questão, caracterizando outro caso exemplar de cruzamento vocabular por entranhamento.

Quando rastreada pelo *Google*, a forma *COVARD-17* retorna com 1660 resultados. No *Google Imagens*, há pelo menos 10 memes vinculados à nova expressão. O mais acessado, no entanto, é o seguinte, que ironiza o uso da máscara médica pelo presidente, cujo pronunciamento do dia 24 de março, de acordo com o *site* G1¹⁴, mobilizou as redes sociais e levou a uma enxurrada de interações (cerca de 3 milhões e meio só no *Twitter*), oitenta por cento negativas, segundo dados da Sala de Demografia Digital, da Diretoria de Análises Políticas Públicas, da Fundação Getúlio Vargas (Daap-FGV)



Imagem 5: COVARD-17

<<https://br2pontos.com.br/nacional/bolsonaro-ganha-novo-apelido-nas-redes-sociais-covard-17/>>

Outro cruzamento vocabular criado a partir de CoViD-19 é Bovid-17. Também aqui, o número 17 faz referência ao PSL e, por metonímia, ao presidente eleito por esse partido. O aproveitamento de segmentos fônicos é menor, mas, ainda assim, as duas formas de base são bem acessadas por terem o mesmo tamanho (três sílabas) e o mesmo acento (são ambas paroxítonas). Para interpretar a nova formação, há de se ter em mente o seguinte: (a) os apoiadores do presidente são chamados de gado pela oposição; (b) bois e vacas, cabras e ovelhas são ruminantes que pertencem à classe dos bovídeos, animais domesticados há muito tempo; (c) esses animais sempre andam juntos; (d) nesses grupos, um indivíduo vai à frente liderando o grupo e inúmeros outros o seguem, formando um **coletivo de animais chamado manada**. Tem-se, aqui, portanto, uma metáfora: os apoiadores do presidente são

¹⁴ <<https://g1.globo.com/economia/blog/ana-flor/post/2020/03/25/pronunciamento-de-bolsonaro-e-repudiado-nas-redes-sociais-aponta-levantamento-da-fgv.ghtml>>.

comparados a uma manada. Quando cruzada com a forma *CoViD*, o resultado vem a ser a designação simultânea tanto do agente infeccioso quanto da doença, uma vez que a sigla original já era usada com as duas acepções, como se observa nas imagens a seguir:

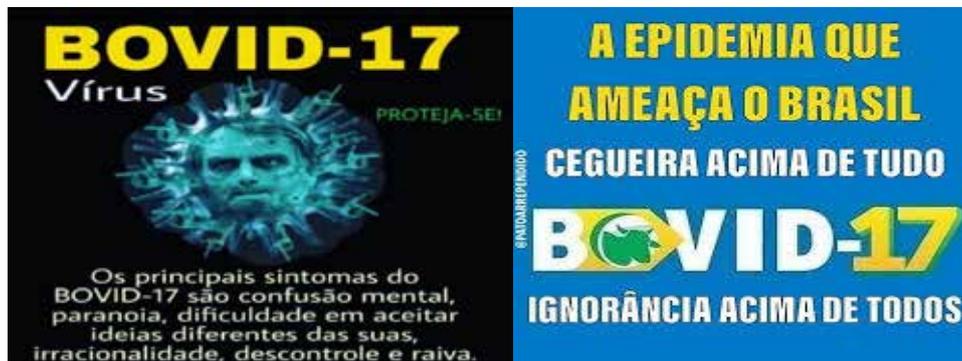


Imagem 6: BOVID-17

<<https://www.google.com/search?source=univ&tbm=isch&q=bovid->>

Palavras finais

Neste trabalho, utilizamos um conjunto de novas construções lexicais que, em comum, partem dos nomes técnicos utilizados para denominar um vírus recentemente descoberto que vem infectando inúmeras pessoas e causando grande pânico nas sociedades modernas: o *coronavírus* (agente infeccioso que provoca a CoViD-19). Não foi intencional a variação de gênero em referência ao vírus e à patologia usada no período precedente: numa clara extensão metonímica, o vírus passa a designar a doença, havendo, por isso, diferenças de significado conforme a mudança de gênero em ambos os casos.

Apesar de relacionados ao uso criativo da linguagem, da grande dependência contextual para sua interpretação e de sua efemeridade, tais construções revelam habilidades cognitivas como a identidade, a imaginação e a integração, demonstrando fortemente a atuação dos três “i”s da mente (FAUCONNIER & TURNER, 2002); essas habilidades ajudam-nos a compreender como o falante constrói construções por similaridades e expõe ponto de vista, ora desfazendo uma palavra complexa (truncamento), ora manipulando a parte menos transparente de um composto neoclássico, levando-a a criar séries de palavras. Essas formações comprovam que a linguagem é sócio-culturalmente situada, pois, vingando ou não, pelo menos deixam, na língua, sobretudo nesta era digital, vestígios de como o falante avalia uma pandemia em um período sócio-histórico específico (o atual).

Referências

- AMIOT, Dany; DAL, Georgette. Integrating Neoclassical Combining Forms into a Lexeme -Based Morphology. G. Booij, et al. (eds.). *On-line Proceedings of the Fifth Mediterranean Morphology Meeting (MMM5)*. Bologna: University of Bologna, 2005, p. 323-345.
- ANDRADE, Katia Emmerick. *Proposta de continuum composição-derivação para o português do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.
- BASILIO, Margarida Maria de Paula. A fusão vocabular como processo de formação de palavras. *Anais IV Congresso Internacional da ABRALIN*. Salvador: UFBA, 2005, p. 545-555.
- BENFICA DA SILVA, Vitória. *O cruzamento vocabular formado por antropônimos: análise morfológica e fonológica*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro, UFRJ, 2019.
- BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BOOIJ, Geert. Construction morphology and the lexicon. In: Montermini, F.; Boyé, G.; Harbout, N. (eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes Morphology in Toulouse*. Somerville MA: Cascadilla Press, 2007, p. 34-44.
- BOOIJ, Geert. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (eds.). *Morphology and its Demarcations*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 109-131.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAETANO, Maria do Céu. A meio caminho entre derivação e a composição. *Estudos linguísticos/linguistic studies*, 5 (1), 2010, p. 131-140.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. 4. ed., São Paulo: Contexto, 2002.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think. Conceptual blending and the mind hidden complexities*. New York, Basic Books, 2002.
- GOLDBERG, Adele. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. O poder nas palavras: (des)construções lexicais do nome do atual presidente do Brasil. *Gragoatá*, v. 25, n. 52 (número temático **Gramática de Construções e interfaces (no prelo)**).

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia*. São Paulo: Parábola, 2019.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Morfologia construcional: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. “Na sextaneja com a caipifruta da mãe drasta”: o estatuto morfológico dos splinters no português brasileiro contemporâneo. *Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários*, 13: 139-158, 2013.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *ReVEL*, 5 (edição especial), 2011, p. 5-31.

GONÇALVES, C. A. V. Processos morfológicos não-concatenativos: formato prosódico e latitude funcional. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, Araraquara, v. 48, n. 2, p. 30-66, 2004.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; PIRES, José Augusto. O. Uma abordagem construcional para as formações *X-dromo* do português brasileiro. *Linguística*, 12 (1), 2017, p. 106-126.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa (ILCSE/UNESP)*, v. 58, n. 1, 2014, p. 165-193.

GONÇALVES, C.A. V. & OLIVEIRA, P.A. Por uma visão compreensiva do processo de recomposição. *Anais do XVII Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CNLF, 2013, p. 1-17.

HIGINO DA SILVA, Neide. *Diferentes perspectivas sobre o formativo AGRO: aspectos históricos, morfológicos e semânticos*. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas). Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar*. Stanford: University Press, 1987.

LÜDELING, Anne. Neoclassical word-formation. Berlin. In: BROWN, Keith (org.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Oxford: Elsevier, 2006, p. 580-582.

PETROPOULOU, Evantia. On the parallel between neoclassical compounds in English and Modern Greek. *Patras Working Papers in Linguistics*, v. 1, 2009, p. 40-58.

RONDININI, Roberto; GONÇALVES, Carlos Alexandre. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? *Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Coimbra/Lisboa: Colibri, v. 22, 2006, p. 533-546.

SANDMANN, António José. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1989.

SCALISE, Sergio *et alii*. Exocentricidade na composição. *Gengo Kenkyu*, 135 (1), 2009, p. 49-84.

SIMÕES NETO, Nival Almeida. Morfologia Construcional e alguns desafios para a análise de dados históricos da língua portuguesa. *Domínios de lingu@gem*, v. 11, p. 468-501, 2017.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O mundo dos Sentidos: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almeida, 2006.

SOLEDADE, Juliana. Por uma abordagem cognitiva da morfologia: revisando a morfologia construcional. In: ALMEIDA, Ariadne; SANTOS, Elisângela (Orgs.). *Linguística Cognitiva: redes de conhecimento d'aquém e d'além-mar*. Salvador, EDUFBA. 2018.

TAVARES DA SILVA, João Carlos. A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo boojiano em terras brasílicas. *Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato*, v. 8., n. 2., 2019, p. 109-135.

**ESTUDO DIACRÔNICO DA ORDENAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES CAUSAIS COM
PORQUE E POR+INFINITIVO SOB A PERSPECTIVA DE PRINCÍPIOS FUNCIONAIS
DIACHRONIC STUDY OF ORDERING OF CAUSAL CONSTRUCTIONS WITH
PORQUE AND POR+INFINITIVE BASED ON FUNCTIONAL PRINCIPLES'
PERSPECTIVE**

Mayra França Floret¹

Maria da Conceição Auxiliadora de Paiva²

RESUMO

As construções causais conectadas por *porque* e *por+infinitivo* compartilham diversas semelhanças. Dentre elas, destaca-se a flexibilidade de posição da oração causal, que pode ser anteposta, posposta ou interposta à oração efeito. Neste artigo, investigamos a relação entre essas diferentes possibilidades de organização e princípios funcionais mais gerais, quais sejam, iconicidade e distribuição de informação, nos períodos clássico e moderno do português. O objetivo central é discutir possíveis mudanças na organização sintagmática dessas construções, motivadas pela própria representação da relação causal, que pressupõe que causas precedem seus efeitos e pelo princípio discursivo de que informação velha precede informação nova. Para tanto, analisamos uma amostra de textos não literários produzidos entre os séculos XVII e XX/XXI. Através de uma análise quantitativa, mostramos que, contrariando as expectativas, tanto as orações causais com *porque* como as com *por+infinitivo* são predominantemente pospostas à oração efeito no intervalo de tempo considerado, independentemente do seu estatuto informacional e da sequencialidade entre os estados de coisas codificados, indicando a fixação de uma ordem *default*.

Palavras-chave: construções causais; porque; por+infinitivo; ordenação; mudança.

ABSTRACT

The causal constructions connected by *porque* and *por+infinitive* share many similarities. Among them, there is the flexibility of position of the causal clause, which can come before, after or between the effect clause. In this article, we investigate the relation between these different possibilities of organization and general functional principles - iconicity and distribution of information – in Classic and Modern periods of Portuguese language. The main goal is to discuss possible changes in the syntagmatic organization of these constructions, motivated by the representation of causal relation that presupposes that causes precede effects and by the discursive principle that given information precedes new information. In this regard, we analyze a *corpus* of non literary texts written between 17th and 20/21st centuries. Through a quantitative analysis, we show that, contrary to expectations, causal clauses with *porque* and *por+infinitive* come predominantly after the effect clause in this time interval (17th – 21st), regardless of information status and sequentiality, which indicates the establishment of a default order.

Keywords: causal constructions; porque; por+infinitive; ordering; change.

1 Mestre e doutoranda em Linguística pela UFRJ. E-mail: mayrafloret@yahoo.com.br.

2 Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. E-mail: paiva@club-internet.fr..

Introdução

A rede de construções causais³ do Português abarca diversos conectores, dentre eles *porque* e *por+infinitivo* que, além de serem muito frequentes na expressão da relação causa-efeito, são derivados da mesma base: a preposição *por* (AMORIM, 2016; BARRETO, 1999; BRAGA; PAIVA, 2011a, 2011b; FLORET, 2018; OLIVEIRA, 2020). Construções causais com *porque* e *por+infinitivo* partilham também a flexibilidade posicional da oração que introduzem, que podem ser antepostas, pospostas ou interpostas em relação à oração núcleo, como mostram os exemplos de (1) a (6):

Anteposta

(1) Seguiu-se ao cortamento dos mastros, o desfazer as obras mortas, com igual lastima, que cõfusão; *por serem todas de entalhamẽto precioso, ficou assi o navio mais leve*; (Século XVII – Epanáforas de vária história portuguesa).

(2) e *porque* *havemos de distinguir tempos e anos, sinalar províncias e cidades, nomear nações e ainda pessoas (quando o sofrer a matéria), isso, sem ambição nem injúria de ambos os nomes, chamamos a esta narração história e História do Futuro* (Século XVII – História do futuro).

Posposta

(3) A seca, enquanto desastre, não ocorre em regiões onde as precipitações são reduzidas em caráter permanente, *porque* *nessas a sociedade e a biocenose que sobrevive na área estão adaptadas às condições climatológicas adversas do biótipo* (Século XXI – Manual de desastres).

(4) Afirma-se que caindo em Varatojo uma pedra da abóbada de uma sacristia esmagara um homem que todos tiveram por morto ; instou o guardião que o deitassem sobre a sepultura de Frei António das Chagas , repugnaram os frades *por lhes parecer inútil* , mas obedecendo , tanto que o deitaram se sentou pedindo os sapatos que lhe haviam tirado , e continuou o trabalho , e tudo se pretende autenticar (Século XVIII – Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora).

Interposta

(5) o mesmo que hoje nos agrada, amanhã nos desgosta, e os objectos, *por serem os mesmos*, não causam sempre em nós as mesmas impressões; (Século XVIII – Reflexões sobre a vaidade dos homens).

3 A escolha pelo termo construção, ao invés de período como tratado pelas gramáticas tradicionais, reflete o nosso entendimento de que relação causal estabelecida entre duas orações envolve, necessariamente, propriedades formais e semânticas de cada um dos segmentos ligados pelo conector.

(6) Os Conselheiros de Estado do Reyno, *porque se lhe não comunicàra a causa, de que procedeo este efeito*, deixavão que a Princeza, e os Ministros que nelle intervierão, lidassem só, por só, com os inconvenientes; (Século XVII – Epanáforas de vária história portuguesa).

Diversos autores (cf. PAIVA, 1991, 1995; NEVES, 1999; SILVA, 2008, AMORIM, 2017; FLORET, 2016, 2018; OLIVEIRA, 2020, dentre outros) já atestaram que, apesar dessa flexibilidade, as orações causais com *porque* e *por+infinitivo* tendem a uma posição não marcada, a posposição. Nesse sentido, seguem o que, para muitos autores, é uma tendência mais geral das orações adverbiais, qual seja, a de seguirem a oração núcleo com que se relacionam (cf., por exemplo, DIESSEL, 2001, 2005). Em consequência, outras posições, como a anteposição da oração causal, tendem a ser menos frequentes e a ocorrerem em contextos específicos, discursivamente mais marcados (PAIVA, 1991; SCHIFFRIN, 1985; SILVA, 2008)⁴.

Uma questão relevante diz respeito à motivação dessa tendência por princípios funcionais mais gerais, tais como o princípio de iconicidade e de distribuição de informação. Em que medida a posição das orações causais com *porque* e *por+infinitivo* reflete pressupostos inerentes à noção de causalidade, como o de sequencialidade temporal entre causa e efeito ou uma determinada configuração informacional da construção? Neste artigo, retomamos esta questão através de uma análise diacrônica da posição das orações causais encabeçadas por *porque* e *por+infinitivo*. Nosso objetivo central é verificar se, ao longo do tempo, houve mudanças significativas na configuração sintagmática das construções causais com esses conectores e em que medida essas mudanças teriam sido motivadas pela ação dos princípios de iconicidade e distribuição de informação.

A possível ação desses dois princípios é verificada por meio da análise da sequencialidade entre os estados de coisas relacionados e do estatuto informacional das orações causa e efeito em uma amostra constituída por textos representativos dos períodos clássico (século XVII e XVIII) e moderno/contemporâneo do português (século XIX a XXI) (cf. MATTOS E SILVA, 2008). Partimos da hipótese de que mudanças na posição das orações causais com *porque* e *por+infinitivo* teriam resultado de uma acomodação da organização sintagmática desses enunciados causais a princípios funcionais mais gerais, como o princípio de iconicidade e o princípio de “ponto de partida leve”, retomados mais detalhadamente na seção seguinte.

O artigo está organizado da seguinte forma: na seção 1, retomamos alguns pontos centrais

4 Paiva (1991) aponta várias outras explicações para a menor frequência de anteposição das orações causais, dentre elas, o fato de que, em muitos casos, não é possível saber se a oração causal anteposta está ligada ao discurso anterior ou à oração núcleo seguinte.

acerca dos princípios de iconicidade e de distribuição de informação. Na seção 2, apresentamos a amostra utilizada para a análise. Nas seções 3 e 4, discutimos o efeito desses princípios, mensurados através da análise da sequencialidade dos estados de coisas codificado na construção causal e do estatuto informacional das orações que codificam a causa e o efeito.

1. Forma e função: iconicidade e distribuição de informação

Iconicidade e estatuto informacional são conceitos e parâmetros centrais numa perspectiva da língua em uso, pois permitem explicar a influência de aspectos ligados à representação cognitiva e à interação entre os interlocutores no uso da língua. O princípio de iconicidade coloca em destaque a relação entre forma linguística e significado. Assim, de acordo com Haiman (1980, 1983), a estrutura linguística reflete a forma como conceptualizamos a realidade, sendo, portanto, motivada. Para o autor, essa hipótese de motivação icônica se desdobra em alguns corolários, que envolvem todos eles algum tipo de distanciamento, seja ele conceitual ou social. O primeiro diz respeito ao fato de que a distância física entre duas expressões no texto corresponde à distância conceitual que existe entre elas. Expressões conceitualmente distantes são aquelas que não compartilham propriedades semânticas, não afetam uma à outra ou são concebidas como separáveis. Considerando a articulação entre orações, Haiman (1983), propõe, por exemplo, que há maior distância conceitual entre duas orações separadas por uma conjunção.

Numa perspectiva de iconicidade, elementos linguísticos que são conceitualmente independentes tendem a estar separados em uma sentença quando um deles não é requerido como parte necessária de outro. Numa direção inversa, conceitos que são representados como estreitamente interligados um ao outro tendem a estar mais próximos em uma expressão. O autor destaca o sequenciamento de eventos no texto como um caso ilustrativo de motivação icônica. Aplicando ao enunciado causal o pressuposto de que a língua reflete nossa forma de representação da realidade, podemos esperar que, como a relação causal pressupõe dois estados de coisas concebidos como sequenciais, linearmente a oração causal preceda a oração efeito.

Um outro corolário do princípio de iconicidade é o de correspondência entre distância social e extensão da mensagem. Na interação, o falante constrói seu discurso de acordo com o que julga ser apropriado para seu interlocutor em determinada situação. Assim, quanto maior é a assimetria entre os interlocutores, maior será a quantidade de material linguístico utilizado na transmissão da mensagem. Dessa maneira, registros mais formais tendem a exigir maior quantidade de material linguístico do que situações cotidianas de uso da língua entre pares.

Para além de aspectos ligados à forma de conceptualização da realidade, numa perspectiva de análise que coloca o foco na relação entre o uso e a estrutura linguística destaca-se também a importância da forma de embalagem do discurso na organização sintagmática dos enunciados linguísticos. Como já demonstraram diversos autores, podemos, nos termos de Chafe (1976), “embalar” uma mesma mensagem de diferentes formas, considerando, entre outros fatores, aquilo que acreditamos que o ouvinte já conhece. (cf. também RAFAJLOVICOVÁ, 2010). Essa questão é tratada mais frequentemente a partir da distinção entre referentes, normalmente sintagmas nominais, que codificam informação nova ou velha/dada (*Given-new principle*). Evidentemente, um problema prévio diz respeito ao critério para classificar o estatuto informacional de constituintes linguísticos.

Para Chafe (1976), a distinção velho/novo se baseia na avaliação que o falante faz a respeito daquilo que o ouvinte/interlocutor conhece no momento da enunciação. Sendo assim, é considerada velha/dada a informação que o falante supõe já ser partilhada pelo seu ouvinte. Se, por outro lado, o falante avalia que determinada informação não faz parte do conhecimento prévio do ouvinte no momento da enunciação, essa informação constitui informação nova. Para Clark e Haviland (1977), por outro lado, o estatuto informacional de um referente envolve o grau de ativação de uma informação na memória. Para os autores, um contrato entre falante e ouvinte no momento da interação linguística determina que o falante organize as informações com base em uma avaliação do que está ativo ou não durante a comunicação. Se uma informação é conhecida, o ouvinte busca um antecedente em sua memória. Se uma informação é nova, então o ouvinte acrescenta essa informação à sua memória tornando seu acesso disponível em uma situação futura. Segundo os autores, se o ouvinte/interlocutor não consegue acessar um referente, utiliza outros processos para interpretar a sentença. Nesse caso, relaciona o novo referente a outros já conhecidos, de forma que seu conhecimento prévio contribui para a identificação da informação nova.

Prince (1979), por sua vez, propõe critérios de natureza discursiva na determinação do estatuto informacional de constituintes. Para a autora, um constituinte carrega informação nova quando seu referente está sendo introduzido pela primeira vez no discurso. Por outro lado, quando uma informação já foi mencionada em um ponto anterior do discurso, receberá o estatuto de informação velha. Uma situação intermediária é aquela em que, mesmo não tendo sido mencionada explicitamente, uma informação pode ser recuperada através de informações já mencionadas, ou seja, inferida do discurso precedente. Esse caso envolve mais diretamente suposições por parte dos falantes no momento do discurso.

Segundo Chafe (1984), a organização do fluxo informacional no discurso é regida por um princípio de “ponto de partida leve”, ou seja, o falante/escritor tende a partir daquilo que já é familiar (informação velha) para aquilo que está sendo acrescentado ao conhecimento do interlocutor

no momento da enunciação (informação nova). Conforme Rafajlovicová (2010), uma informação nova recebe maior proeminência e tende, conseqüentemente, a ocupar a posição final, constituindo, portanto, o foco. Aplicando esse princípio às construções causais, podemos esperar que a primeira oração apresente informação familiar (velha) e seja seguida por uma oração com informação nova.

Nas seções 3 e 4, discutiremos a forma como o efeito dos dois princípios aqui brevemente retomados opera sobre a organização sintagmática dos enunciados causais com *porque* e *por+infinitivo* ao longo do recorte temporal considerado neste estudo. Antes, porém, especificamos a amostra e os procedimentos utilizados no desenvolvimento da análise.

2. Procedimentos de análise

A amostra analisada para a verificação da hipótese colocada neste artigo é composta por três textos para cada século, totalizando 12 textos. Para assegurar o equilíbrio na quantidade de material linguístico de cada período (clássico e moderno/contemporâneo), utilizamos o critério do número de palavras de cada texto. Dessa forma, o número de palavras do período clássico (284811 palavras) é próximo ao número de palavras do período moderno/contemporâneo (302145 palavras). O quadro 1 apresenta a relação dos textos por século.

Quadro 1 – Relação dos textos da amostra

Texto	Século	Número de palavras
Epanáforas de vária História portuguesa	XVII	64337
História do futuro	XVII	50512
Sermões Pe. Antonio Vieira	XVII	53855
Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora	XVIII	56771
Reflexões sobre a vaidade dos homens	XVIII	56211
Processos e crimes do século XVIII	XVIII	3125
Atas dos brasileiros	XIX	53529
Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna	XIX	60919
Como e porque sou romancista	XIX	9405
Provocações e debates: contribuições para o estudo do Brazil social	XX	92617
Capitalismo, trabalho e formação profissional: dilemas do trabalho dos assistentes sociais em Ribeirão Preto	XXI	36000
Manual de desastres: desastres naturais	XXI	49675
Período clássico (XVII - XVIII) = 284811 palavras		
Período moderno/contemporâneo (XIX - XXI) = 302145 palavras		

Fonte: FLORET, 2018, p. 46.

O texto *Epanáforas de vária história portuguesa*, de 1660, narra fatos históricos e políticos de Portugal e se divide em cinco partes. Por ser um texto muito longo, consideramos apenas a primeira metade do texto, buscando manter o equilíbrio no número de palavras. O texto *História do futuro* é uma obra de Padre Antônio Vieira em que o autor prevê a criação de um império português e cristão que poderia dominar o mundo no futuro. O último texto é composto por sermões do Padre Antônio Vieira, de 1679 a 1695, constituindo um texto bem representativo do domínio religioso.

Para o século XVIII, selecionamos o texto *Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora*, datado de 1729 a 1731. Esse texto reúne pequenas notícias sobre acontecimentos sociais e pessoais. Outro texto, *Reflexão sobre a vaidade dos homens*, de caráter filosófico, discute o comportamento humano no que diz respeito à vaidade. Por fim, o texto *Processos e crimes do século XVIII* inclui relatos de pessoas que, por ocasião de sua morte, deixam seus bens para outras.

O primeiro texto do século XIX é o *Atas dos brasileiros*, escrito entre 1860 e 1869. Esse texto inclui diversas atas de reuniões que tratam de assuntos bastante distintos. O texto *Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna*, datado de 1861, expõe memórias do autor sobre fatos sociais, históricos e políticos por ele vivenciados. O texto *Como e porque sou romancista*, de José de Alencar, é uma autobiografia literária do autor.

Para o século XX/XXI, foi selecionado o texto *Provocações e debates: contribuições para o estudo do Brasil social*, de 1910, em que o autor expõe opiniões a respeito das condições sociais do Brasil. Do ano de 2003, incluímos o texto *Manual de desastres: desastres naturais* que é um texto elaborado pelo governo federal acerca de desastres que podem ser provocados por desequilíbrios ambientais. Finalmente, o texto *Capitalismo, trabalho e formação profissional: dilemas do trabalho dos assistentes sociais em Ribeirão Preto*, o mais atual da amostra, escrito em 2015, constitui um texto acadêmico em que o autor relata a forma como assistentes sociais conduzem seus trabalhos em situações cotidianas.

Apesar do controle na extensão da amostra e da tentativa de dirimir o efeito possível da variável gênero, através da diversificação dos textos que compõem a amostra, é preciso considerar que, dada a sua natureza, este estudo apresenta limitações inerentes ao próprio estudo diacrônico. Como apontam Labov (1994) e Paiva e Duarte (2003), diversas dificuldades caracterizam o estudo da mudança com base em amostras de períodos pretéritos. Em primeiro lugar, não é possível contar com o testemunho de falantes nativos que viveram nos séculos passados e os textos a que temos acesso hoje sobreviveram por acaso, resultado de acontecimentos históricos imprevisíveis. Além disso, testemunham, na maioria

dos casos, traços linguísticos da região à qual pertencem seus autores. Cumpre destacar, também, que a forma falada da língua em um período mais remoto não pode ser fielmente capturada, já que textos escritos refletem um certo esforço de padronizar a língua em termos de uma norma. É preciso levar em conta, ainda, o problema de que uma forma não atestada nos textos pode apenas não ter sido utilizada naqueles contextos, o que não significa que ela seja impossível na língua.

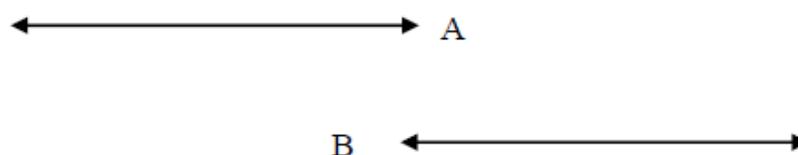
Para além dessas questões, existe a dificuldade em compreender o contexto em que o texto foi produzido. Não sabemos ao certo a posição social do autor e nem as crenças da comunidade da qual o texto faz parte. Deve-se mencionar ainda o risco de que copistas e editores tenham alterado o texto que chegou até o pesquisador. Cabe, portanto, ao linguista a responsabilidade por fazer escolhas a respeito de sua amostra; é ele quem deve tomar decisões sobre a representatividade de tal texto para o período analisado e, principalmente, avaliar as chances de ocorrência do fenômeno estudado em determinado texto. Todos esses obstáculos, somados a muitos outros encontrados no curso do desenvolvimento da pesquisa, tornam a constituição de um *corpus* diacrônico uma tarefa bastante complexa.

Nas seções seguintes, focalizamos as propriedades tomadas como indicativas da possível ação dos princípios de iconicidade e de distribuição de informação sobre a posição das orações causais com *porque* e *por+infinitivo* do século XVII ao século XX/XXI.

3. Sequencialidade dos estados de coisas

Causa e tempo são noções estreitamente relacionadas. De acordo com Paiva (1996), dentre outros pressupostos implícitos à noção de causa, se destaca o de sequenciamento temporal dos estados de coisas relacionados. Se uma causa é o gatilho/fonte para a ocorrência de uma consequência ou efeito, o estado de coisas codificado na oração causal é concebido como anterior ao ponto inicial do estado de coisas codificado na oração efeito/consequência, um princípio que se aplica ao caso de relações causais no domínio referencial. Ao distinguir diferentes formas de relação temporal, Kortmann (1997) inclui a relação sequencial no grupo de anterioridade/posterioridade, já que sempre está implicado o término do processo ou evento que possibilita a ocorrência de um outro. Numa linha do tempo, esse pressuposto pode ser esquematizado como na figura 1:

Figura 1 – Relação sequencial entre causa e efeito



Fonte: FLORET, 2018, p.64.

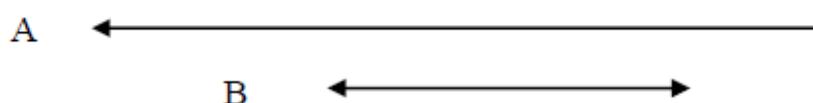
O exemplo (7) se conforma a essa definição:

(7) Estavam então ausentes de Lisboa alguns de os meus próximos parentes e íntimos amigos de meu Pai, Mãe e Avó, os quais eu não conhecia senão de nome, começando por minha própria Avó e por meu tio, o Marquês de Alorna, **porque em 1804 tinham sido mandados sair de a Corte , uns em comissões honrosas, outros desterrados** (Século XIX - Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna).

Em (7), a oração de causa *porque em 1804 tinham sido mandados sair de a Corte* está completamente concluída quando tem início o estado de coisas codificado na oração consequência, o de o autor só conhecer esses parentes de nome.

Entretanto, como mostra Paiva (1996), em muitos casos, embora o estado de coisas fonte tenha início antes do estado de coisas codificado na oração consequência, os dois se superpõem por um período de tempo, já que a ocorrência da consequência não requer o término do estado de coisas fonte. Nos termos de Kortmann (1997), trata-se, nesse caso, de *simultaneidade coextensiva*, tendo em vista que os dois estados de coisas são parcialmente simultâneos, como esquematizado na figura 2:

Figura 2 – Causa e consequência superpostas



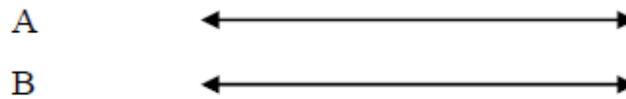
Fonte: FLORET, 2018, p.64.

O exemplo (8) ilustra esse tipo de superposição:

(8) Portanto, o Serviço Social surge **porque existe uma questão social emergente**, a qual pode ser interpretada de diversas maneiras (Século XXI - Capitalismo, trabalho e formação profissional).

O estado de coisas expresso na oração causal (*existe uma questão social emergente*) tem que preceder o estado de coisas apresentado na consequência (*o Serviço Social surge*), mas não tem necessariamente um fim. Mesmo com a implantação do serviço social, a questão social não necessariamente deixa de existir.

Além disso, os estados de coisas codificados na causa e na consequência podem se sobrepor inteiramente, ou seja, apresentarem os mesmos limites temporais inicial e final, ocorrendo simultaneamente, como esquematizado na figura 3 e exemplificado em (9):

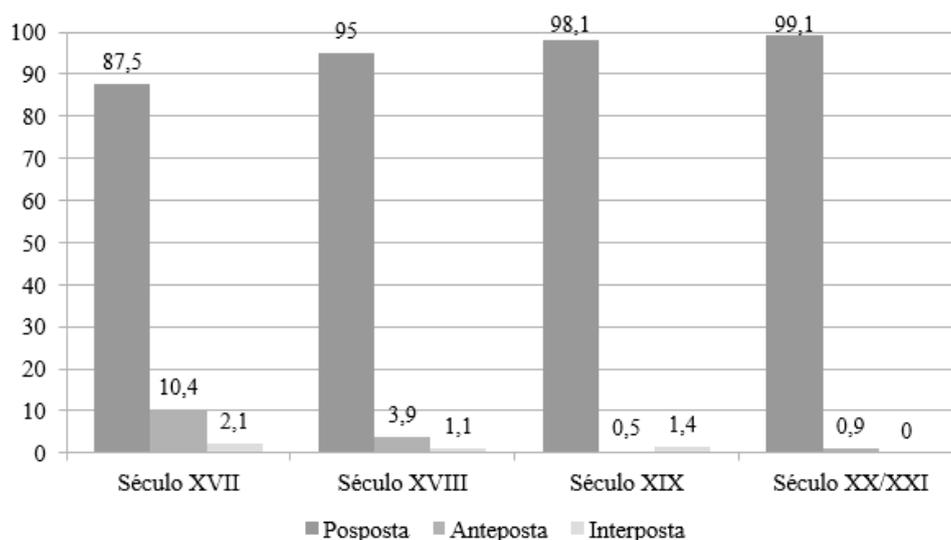
Figura 3 – Causa e consequência simultâneas

Fonte: FLORET, 2018, p.64.

(9) Existem nematóides de vida livre ou saprófitos e nematóides fitopatogênicos ou parasitas obrigatórios. Os fitopatogênicos são diferenciados *por apresentarem um estilete na região cefálica*. (Século XXI - Manual de desastres).

Em (9), a informação destacada na oração de que os fitopatogênicos apresentam um estilete na região cefálica é um critério definidor de nematóides fitopatogênicos. No exato momento em que essa característica passa a existir, eles passam, também, a se diferenciar, o que evidencia que causa e consequência são simultâneas na linha temporal.

Como mostramos na seção 1, Haiman (1980, 1983) destaca o sequenciamento de eventos no texto como um caso de motivação icônica. Se a língua reflete a forma como representamos a realidade, estados de coisas seriam dispostos no texto conforme sua ocorrência no mundo real: se um estado de coisas X ocorre antes do estado de coisas Y, X precede Y na cadeia linear do discurso. A análise, restrita a relações causais no domínio do conteúdo (referencial), fornece evidências desfavoráveis para essa hipótese. Antes de mais nada, é preciso destacar, porém, que, confirmando resultados de outros estudos diacrônicos (cf. AMORIM, 2017; OLIVEIRA, 2020), a posposição das orações causais encabeçadas por *porque*, a construção mais frequente nos dados analisados, é predominante em todo o período considerado.

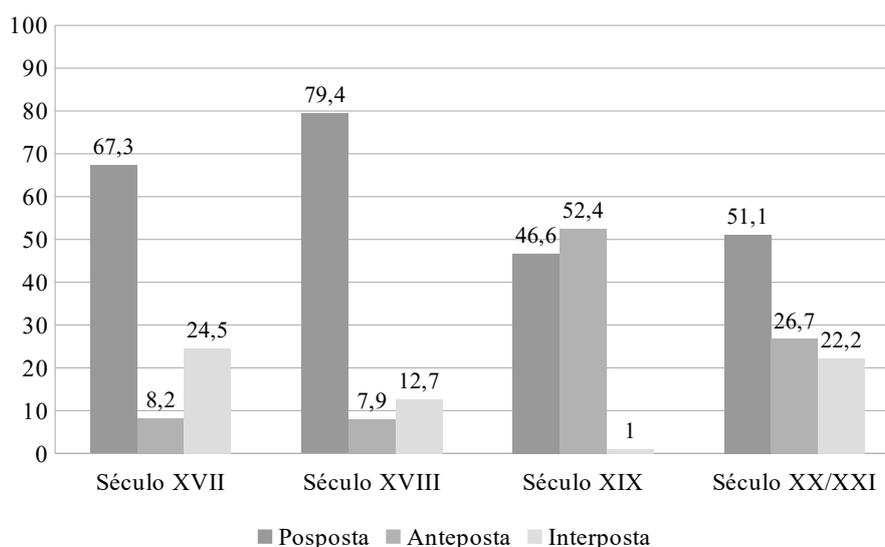
Gráfico 1 - Posição das orações causais com *porque*

Fonte: FLORET, 2018, p.57.

Já desde o século XVII, as orações com *porque* são predominantemente pospostas, atingindo índice praticamente categórico (99,1%) no estágio atual do português.⁵ Embora apresentem frequência um pouco mais expressiva no século XVII (10,4%), cláusulas causais com *porque* antepostas vão se tornando cada vez mais raras com o passar do tempo. A interposição, por sua vez, mantém um padrão linear ao longo do tempo e não são atestados dados desse tipo nos séculos XX/XXI.

Apesar de mais irregular ao longo do tempo, a posposição se destaca também para as orações causais com *por+infinitivo*, como mostra o gráfico 2.

Gráfico 2 - Posição das orações com *por+infinitivo*



Fonte: FLORET, 2018, p.58.

Cabe salientar também a maior possibilidade de interposição das causais com *por+infinitivo*, correspondendo a 24,5%, 12,7% e 22,2%, para os séculos XVII e XVIII e XX/XXI, respectivamente.

O ponto mais relevante para uma motivação icônica diz respeito à possível correlação entre essa tendência à disposição sintagmática efeito-causa e a sequencialidade entre os estados de coisas relacionados na construção causal. Podemos nos perguntar se construções causais com *porque* e *por+infinitivo* que codificam estados de coisas sequenciais tendem a ocorrer na ordem causa–efeito, ordem que reflete nossa associação entre relação causal e sequencialidade temporal, pressupondo que causas, necessariamente, precedem seus efeitos, como se pode esperar de acordo com o princípio de iconicidade. Estados de coisas sequenciais se dispõem em uma linha do tempo, com o primeiro deles se iniciando antes daquele com que está relacionado. Como já mostrado na seção 1, pode ou terminar antes que o segundo estado de coisas se inicie (figura 1) ou os dois estados de coisas podem

⁵ Amorim (2017) e Oliveira (2020) atestaram essa mesma tendência no período arcaico do Português.

se *superpor* num intervalo da sua duração (figura 2).

De acordo com os resultados da tabela 1⁶, essa expectativa não se confirma no que se refere às orações causais com *porque*.

Tabela 1 – Oração causal com *porque* e sequencialidade temporal

Sequencialidade Temporal	Século XVII		Século XVIII		Século XIX		Século XX/XXI	
Sequencial	P	125 = 83,3%	P	107 = 87,7%	P	106 = 100%	P	22 = 100%
	A	21 = 14%	A	12 = 9,8%	A	0	A	0
	I	4 = 2,7%	I	3 = 2,5%	I	0	I	0
	T	150	T	122	T	106	T	22
Não sequencial	P	33 = 94,3%	P	25 = 100%	P	26 = 100%	P	26 = 96,3%
	A	0	A	0	A	0	A	1 = 3,7%
	I	2 = 5,7%	I	0	I	0	I	0
	T	35	T	25	T	26	T	27

Fonte: FLORET, 2018, p.67.

Segundo os resultados da tabela 1, não há correlação significativa entre posição das orações com *porque* e sequencialidade temporal dos estados de coisas codificados, corroborando os resultados atestados por Paiva (1991, 1995) e Paiva e Braga (2010a) para a modalidade falada do português. Pode-se constatar que, já nos séculos XVII e XVIII, a posposição da oração causal com *porque* atinge índices superiores a 80% em enunciados que codificam estados de coisas sequenciais, contexto em que se torna categórica nos séculos XIX e XX/XXI. A tendência à posposição da oração causal com *porque* é ainda mais saliente nos enunciados que codificam estados de coisas não sequenciais, apresentando valores de frequência acima de 90%. Podemos dizer, portanto, que, ao longo de todo o período em análise, a organização sintagmática das construções causais com *porque* contraria um princípio de iconicidade. No entanto, um aspecto merece destaque: a anteposição da oração causal com *porque*, possibilidade mais marcada, só ocorre nas construções que codificam relação do tipo sequencial (exceto em um dado do século XX/XXI) e apenas nos séculos XVII e XVIII. Essa possibilidade desaparece, porém, nos séculos XIX e XX/XXI, indicando um enrijecimento na posição

6 P = posposição; A = anteposição; I = interposição; T = total

da oração causal introduzida pelo conector *porque*.

Os resultados para as causais com *por+infinitivo* mostram uma tendência semelhante, como se pode constatar na tabela 2.

Tabela 2 – Oração causal com *por+infinitivo* e sequencialidade temporal

Sequencialidade	Século XVII		Século XVIII		Século XIX		Século XX/XXI	
Sequencial	P	20 = 55,6%	P	37 = 92,5%	P	41 = 43,6%	P	11 = 44%
	A	4 = 11,1%	A	2 = 5%	A	52 = 55,3%	A	8 = 32%
	I	12 = 33,3%	I	1 = 2,5%	I	1 = 1,1%	I	6 = 24%
	T	36	T	40	T	94	T	25
Não sequencial	P	1 = 100%	P	0	P	4 = 100%	P	5 = 41,7%
	A	0	A	0	A	0	A	3 = 25%
	I	0	I	0	I	0	I	4 = 33,3%
	T	1	T	0	T	4	T	12

Fonte: FLORET, 2018, p.68.

Também para a ordenação das causais com *por+infinitivo* há poucas evidências para a atuação do princípio de iconicidade. Destaque-se, em primeiro lugar que, a quase totalidade dos dados de causais com *por+infinitivo* atestados codificam relações entre estados de coisas sequenciais. Nos séculos XVII e XVIII, há apenas uma ocorrência de relação não sequencial nas construções com *por+infinitivo* e nos séculos XIX e XX/XXI, são raras as ocorrências desse tipo (16 dados).

Nos casos de relação sequencial, observa-se maior variabilidade na posição da oração causal com *por+infinitivo*, ainda que, à exceção do século XIX, a posposição se destaque claramente como a posição mais frequente. No século XVIII, o índice de posposição se torna praticamente categórico, alcançando 92,5% de posposição. Apenas no século XIX, a anteposição da oração causal tende a ser mais favorecida em relações do tipo sequencial, com 55,3%. No entanto, a independência entre o princípio de iconicidade e a posição da causal com *por+infinitivo* fica evidente nos séculos XX e XXI, em que, independentemente da disposição temporal dos estados de coisas codificados, observa-se domínio da posposição (41,7%), seguindo-se a interposição com 33,3%. Portanto, são fracas as evidências de correlação entre o princípio de iconicidade e a organização sintagmática nas construções causais com *por+infinitivo* ao longo de todo o período analisado. Diferentemente

do esperado, a posposição da cláusula causal é reforçada também para as construções causais com *por+infinitivo* ao longo do tempo, independentemente do tipo de relação temporal entre os estados de coisas relacionados.

As tendências destacadas anteriormente reforçam a posição de Diessel (2005), de que um princípio de iconicidade opera de forma diferenciada na organização dos períodos complexos. Considerando dados do inglês, o autor mostra que, de fato, as orações causais são menos susceptíveis a uma ordenação icônica do que as orações temporais. No entanto, há indicações de que, no português, essa diferença não pode ser atribuída unicamente à relação semântica. Como mostra Paiva (1991) e Paiva e Braga (2010b), o princípio de iconicidade atua de forma mais transparente na organização linear das construções causais com orações justapostas, sem conector.

4. Configuração informacional e posição da oração causal

Como já ressaltado, os diversos trabalhos que defendem uma correlação entre organização sintagmática e estrutura informacional focalizam, especialmente, referentes, codificados, mais frequentemente, por sintagmas nominais. O interesse deste trabalho é, no entanto, o de verificar em que medida a configuração informacional das construções causais com *porque* e *por+infinitivo* se reflete na sua organização sintagmática. Para tanto, tomamos como base o tipo de informação codificada pelo predicado das orações causa e efeito como um todo e não a informação carregada por cada um de seus constituintes. Adotamos na análise a tripartição baseada em critérios discursivos proposta por Prince (1979). Assim, a informação embalada na oração causal e na oração consequência pode ser nova, velha ou inferível, com base nas informações contidas no próprio texto, resultando em diferentes configurações informacionais. O exemplo (10) ilustra uma configuração efeito - informação velha e causa - informação nova.

(10) Em caso de acidente ofídico, compete ao socorrista: manter a vítima deitada, calma e sem fazer movimentos; não permitir qualquer esforço da vítima, **porque** a movimentação facilita a absorção do veneno pelo sangue; (Século XX/XXI - Manual de desastres)

No exemplo (10), a oração efeito “compete ao socorrista não permitir qualquer esforço da vítima” veicula informação velha, já que essa informação está presente no trecho anterior “manter a vítima deitada, calma e sem fazer movimentos”. A informação veiculada pela oração causal “porque a movimentação facilita a absorção do veneno pelo sangue”, por sua vez, é nova, visto que está sendo mencionada pela primeira vez no texto.

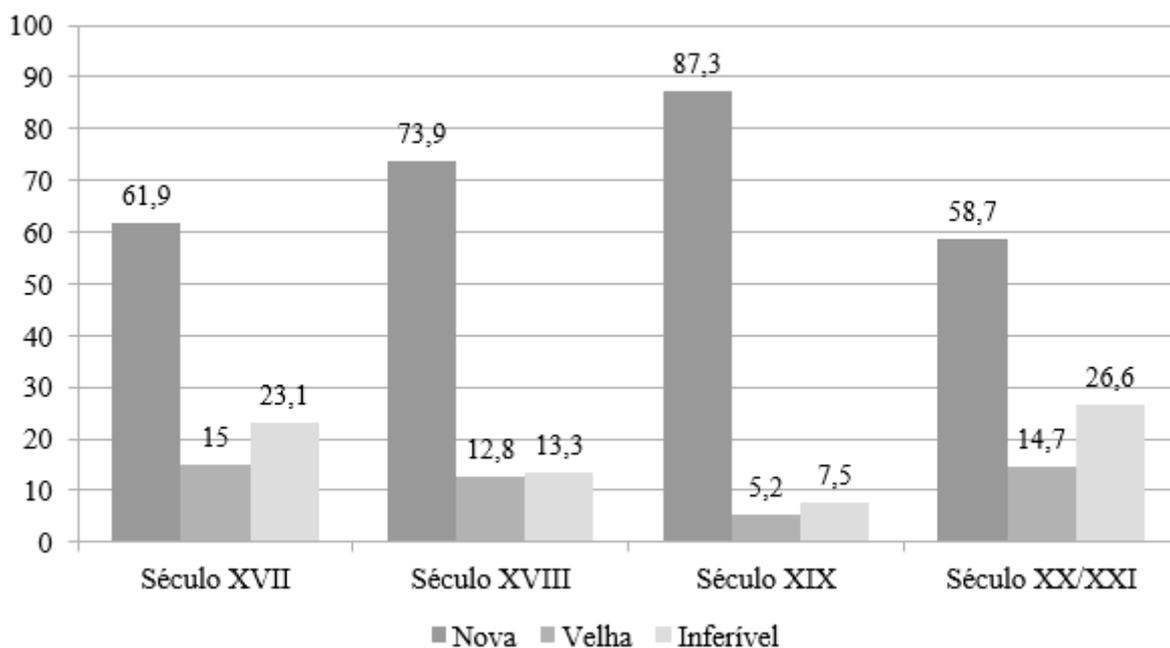
O exemplo (11) ilustra uma configuração com causa nova e efeito inferível.

(11) Foi mais deliberado que se fizesse aniversário na forma do costume. **Por não haver nada mais a tratar** o senhor presidente encerrou a sessão às 11 horas da noite (Século XIX – Atas dos brasileiros).

No exemplo (11), a oração causal “por não haver nada mais a tratar” carrega informação nova, pois esta não havia sido mencionada no texto até então. Já a informação contida na oração efeito “o senhor presidente encerrou a sessão às 11 horas da noite” é considerada inferível, porque, apesar de não ter sido diretamente mencionada no texto, infere-se que, se não há mais nada a ser discutido em uma reunião, esta pode ser encerrada.

Antes de passarmos à análise da correlação entre a organização sintagmática da construção causal e sua configuração informacional é importante destacar que, como mostram os resultados do gráfico 3, tanto no português clássico como no português moderno/contemporâneo, a oração causal introduzida por *porque* tende a codificar, preferencialmente, informação nova.

Gráfico 3 – Informação codificada pela oração causal com *porque*

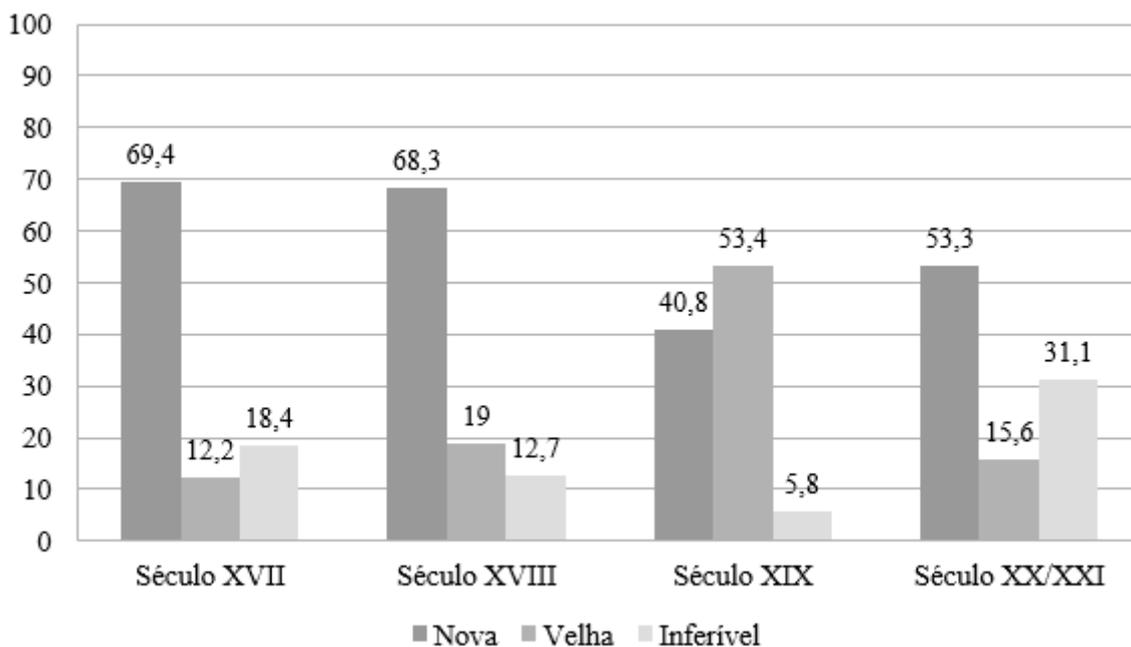


Fonte: FLORET, 2018, p.70.

Ainda de acordo com o gráfico 3, a segunda possibilidade é que a oração causal com *porque* codifique informação inferível, o que fica ainda mais evidente nos séculos XX/XXI. Consequentemente, orações introduzidas por *porque* mais raramente codificam informação velha.

A distribuição para as orações causais introduzidas por *por+infinitivo* é bastante similar, como mostra o gráfico 4:

Gráfico 4 – Informação codificada pela oração causal com *por+infinitivo*



Fonte: FLORET, 2018, p.71.

O gráfico 4 mostra que, assim como as orações com *porque*, as causais com *por+infinitivo* também tendem a codificar informação nova. A segunda possibilidade de maior recorrência para *por+infinitivo* oscila entre informação inferível (séculos XVII e XX/XXI) e velha (século XVIII). O século XIX merece atenção especial, pois se particulariza pela predominância de causal com *por+infinitivo* codificando informação velha. O texto *Atas dos brasileiros* se destaca pela predominância de causais com *por+infinitivo* antepostas.

Como o enunciado causal relaciona dois segmentos discursivos, mais frequentemente duas orações, um ponto central se refere à organização informacional da construção como um todo e sua relação com a posição das orações causa e efeito. De acordo com Chafe (1984), o fluxo informacional do discurso tende a progredir no sentido de informação já dada, partilhada pelos interlocutores para uma informação nova, o que pode ser traduzido no princípio do *ponto de partida leve*. Aplicado à construção causal, uma hipótese possível é a de que, se a oração causal codifica informação velha (ou inferível), ela ocupará a primeira posição (ordenação causa - efeito); ao contrário, se a oração causal codifica informação nova, será posposta (ordenação efeito – causa). Os resultados da análise contrariam essa hipótese, como se pode constatar na tabela 3 para as construções com *porque*, em que foram consideradas apenas as causais pospostas.

Tabela 3 – Posposição da oração causal com *porque* e configuração informacional da construção

Oração consequência	Oração causal	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX/XXI
Nova	Nova	61/73 = 83,6%	41/42 = 97,6%	66/69 = 95,6%	16/17 = 94,1%
Velha	Nova	51/58 = 87,9%	23/23 = 100%	6/6 = 100%	16/16 = 100%
<i>Inferível</i>	<i>Nova</i>	140/161 = 86,9%	189/201 = 94%	109/110 = 99,1%	31/31 = 100%
Velha	Velha	34/37 = 91,9%	15/15 = 100%	4/4 = 100%	7/7 = 100%
Nova	Velha	9/12 = 75%	2/2 = 100%	3/3 = 100%	2/2 = 100%
Inferível	Velha	15/22 = 68,2%	27/29 = 93,1%	4/4 = 100%	7/7 = 100%
Inferível	Inferível	33/34 = 97%	22/24 = 91,7%	8/8 = 100%	11/11 = 100%
Nova	Inferível	32/34 = 94,1%	7/8 = 87,5%	6/6 = 100%	9/9 = 100%
Velha	Inferível	38/41 = 92,7%	16/16 = 100%	2/2 = 100%	9/9 = 100%

Fonte: FLORET, 2018, p.74.

Considerando a predominância da posposição e de acordo com um princípio de organização do fluxo informacional no sentido velho > novo, esperaríamos maior frequência da configuração efeito velha - causa nova. Essa configuração informacional não é, no entanto, a mais frequente e, além disso, se reduz sensivelmente ao longo do tempo. Por outro lado, ressalta a alta frequência da configuração consequência inferível – causa nova, o que pode ser indicativo de um padrão recorrente da construção causal com o conector *porque*. Se considerarmos que informação inferível se aproxima de informação velha/dada e que essa configuração se traduz sintagmaticamente no padrão oração efeito - oração causal, teríamos algumas evidências favoráveis à hipótese de *ponto de partida leve*. Podemos observar, inclusive, que os índices da sequenciação efeito-causa nessa configuração aumentam, gradativamente, ao longo do tempo, tornando-se categórico nos séculos XX e XXI.

No entanto, uma explicação da tendência à posposição das causais com *porque* em termos do princípio de ponto de partida leve fica enfraquecida pelos resultados constatados para as demais

configurações informacionais. Em configurações como nova-velha, velha-velha, velha-nova e velha-inferível, essa posição é categórica (100%), já desde o século XVIII. Observa-se, ainda, que essa tendência é fortalecida a partir do século XIX, estendendo-se para a grande maioria das configurações informacionais. Não há, portanto, evidências claras de correlação entre a posição da oração causal com *porque* e uma progressão informacional no sentido de informação dada – informação nova.

A independência entre posição da cláusula causal e a configuração informacional da construção se revela também para as orações com *por+infinitivo*, como mostram os resultados da tabela 4.

Tabela 4 – Estatuto informacional das orações da construção causal com *por+infinitivo* e posposição

Oração consequência	Oração causal	Século XVII	Século XVIII	Século XIX	Século XX/XXI
Nova	Nova	12/14 = 85,7%	10/11 = 90,9%	12/14 = 85,7%	4/6 = 66,7%
Velha	Nova	0	1/1 = 100%	0	0
<i>Inferível</i>	<i>Nova</i>	8/17 = 47%	27/31 = 87,1%	21/28 = 75%	7/18 = 38,9%
Velha	Velha	0/1 = 0%	3/4 = 75%	7/50 = 14%	1/1 = 100%
Nova	Velha	3/3 = 100%	1/5 = 20%	0/2 = 0%	0/2 = 0%
Inferível	Velha	0/2 = 0%	4/4 = 100%	2/3 = 66,7%	0/4 = 0%
Inferível	Inferível	2/2 = 100%	2/4 = 50%	5/5 = 100%	5/7 = 71,4%
Nova	Inferível	3/4 = 75%	0/1 = 0%	0	6/7 = 85,7%
Velha	Inferível	3/3 = 100%	2/3 = 66,7%	1/1 = 100%	0

Fonte: FLORET, 2018, p.76.

Também para as orações com *por+infinitivo* merece destaque a frequência expressiva da configuração informacional efeito inferível – causa nova, como já constatado para construções com *porque*. Pode ser observado, inclusive, que o índice de posposição da oração com *por+infinitivo* é significativamente mais baixo nessa configuração, principalmente para os séculos XVII (47%) e XX/XXI (38,9%). Os valores atestados para as demais configurações, embora menos expressivos do que os constatados para as orações com *porque* indicam independência entre a posposição das causais com *por+infinitivo* e a configuração informacional da construção. A notar, inclusive, que, embora em

certas configurações o índice de posposição se reduza significativamente, como é o caso para efeito nova – causa velha no século XVIII (20%), a posposição da causal com *por+infinitivo* alcança na maioria dos casos, índices superiores a 60%.

Embora aponte algumas correlações interessantes entre posição da oração causal e estrutura informacional do discurso, a análise não chega a fornecer evidências robustas de uma ação do princípio de distribuição de informação sobre a organização sintagmática das construções causais com *porque* e *por+infinitivo* durante o período de tempo considerado.

5. Discussão e considerações finais

As possíveis mudanças na organização sintagmática das construções causais com *porque* e *por+infinitivo* sob ação dos princípios de iconicidade e distribuição de informação foi verificada através da análise da sequencialidade temporal entre os estados de coisas relacionados pelo elo de causalidade e do estatuto informacional das orações que constituem o enunciado causal. Como ficou evidenciado nos resultados obtidos, são fracas as evidências desses dois princípios funcionais na posição das orações causais encabeçadas pelos conectores *porque* e *por+infinitivo*. Destacou-se, antes de mais nada, que, em todo o período considerado, tanto as orações causais com *porque* como as orações com *por+infinitivo* são predominantemente pospostas à oração efeito, embora as com *por+infinitivo* admitam maior flexibilidade de posição. Do ponto de vista da posição, os dois tipos de orações causais apresentam estabilidade no que se refere à sua posição, pelo menos no espaço de tempo compreendido entre o período clássico e moderno do português. Além disso, contrariando o esperado, essa tendência não pode ser explicada com referência aos dois princípios funcionais focalizados. As orações causais com *porque* e *por+infinitivo* tendem a ser pospostas, independentemente da antecedência ou não do estado de coisas codificado na oração causal e do seu estatuto informacional.

No que diz respeito à sequencialidade temporal, esperávamos que a oração causal fosse anteposta em construções nas quais se relacionam estados de coisas sequenciais, refletindo o pressuposto de sequencialidade, ou seja, de que causas precedem seus efeitos. Verificamos, no entanto, que a oração causal tende a ser posposta independentemente da sequencialidade entre os estados de coisas relacionados, indicando que o princípio de iconicidade opera de forma pouco relevante na organização sintagmática das construções causais com *porque* e *por+infinitivo*.

Quanto ao princípio discursivo de ponto de partida leve, a hipótese colocada previa que a oração causal seria anteposta se codificasse informação velha ou inferível, e posposta se codificasse informação nova. Entretanto, os resultados indicaram que, em todas as configurações informacionais

das construções causais com esses conectores, a posposição é a posição predominante. Um outro ponto que se destaca é a tendência ao enrijecimento da ordem das causais com *porque*: a ordem efeito – causa torna-se mais frequente ao longo do tempo, tornando-se praticamente categórica para quase todas as configurações informacionais no século XX/XXI. Verifica-se, portanto, uma situação de estabilidade na organização sintagmática dos períodos causais com *porque* e *por+infinitivo* no período compreendido entre o português clássico e moderno/contemporâneo.

Este estudo recobre um espaço de tempo mais recente. Considerando, no entanto, resultados de outros estudos, como o de Amorim (2017) e de Oliveira (2020), uma conclusão que se impõe é a de que, desde o período clássico, as orações causais com *porque* e *por+infinitivo* assumem uma posição *default* que se consolida ao longo do tempo e se torna uma ordem *default* no português falado contemporâneo, como já atestado por Paiva (1991). Parece se confirmar, portanto, a explicação avançada pela autora (op. cit.) para a predominância da ordem efeito – causa nas construções com *porque*. Segundo ela, a função básica dessas orações causais é introduzir informação nova no discurso, fazendo progredir o fluxo do texto. Como o local de introdução de informação nova é a margem direita da oração, a oração que ele introduz tende a se fixar nessa posição, cristalizando uma ordem pragmaticamente não marcada⁷, em que a oração causal constitui o foco. Tudo indica que essa explicação pode ser estendida também aos períodos com *por+infinitivo*, um conector que partilha várias propriedades com *porque*, dentre elas a de partilharem muitos contextos de ocorrência.

A explicação anterior coloca em relevo a importância da frequência de uso, um parâmetro central para os Modelos Baseados no Uso, como proposto por Kemmer e Barlow (2000), Bybee (2003, 2010) e Cunha et al (2013). A força da repetição permite uma associação entre uma posição e uma determinada função discursiva, podendo mesmo obscurecer o efeito de princípios funcionais mais gerais de organização sintagmática.

Evidentemente, como enfatiza Diessel (2001), diferentes motivações competem no posicionamento das orações que introduzem causa, tempo ou condição. Além de aspectos relacionados à natureza informacional da oração, fatores ligados à forma de processamento e fatores semânticos específicos de cada uma dessas relações interagem e podem mesmo competir na instanciação de diferentes formas de ordenação. Na perspectiva do autor, se a posposição da oração causal pode, pelo menos em parte, ser devida à sua natureza focal, ela é motivada igualmente por um princípio segundo o qual asserções são mais facilmente processáveis em posição final. Essa interação entre motivações de níveis distintos constitui uma outra via possível de compreensão não só do uso das orações causais

7 Para o conceito de ordem pragmaticamente não marcada, ver Dryer (1995).

com *porque* e *por+infinitivo* como também da forma como podem ocorrer mudanças de organização sintagmática.

Referências

AMORIM, Fabrício da Silva. *Gramaticalização de conectores causais na história do português*. 2017. 211f. Tese (Doutorado em estudos linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2017.

BARRETO, Therezinha Maria. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 736f. 1999. Tese (Doutorado em Letras), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BRAGA, Maria Luiza.; PAIVA, Maria da Conceição de. Gramaticalização e sociolinguística variacionista: o tratamento das construções introduzidas por *por*. In: LIMA, Maria Auxiliadora F. et alii. *Colóquios linguísticos e literários: enfoques epistemológicos, metodológicos e descritivos*. Teresina: Editora da Universidade Federal do Piauí, 2011a, p. 125-153. _____ . Gramaticalização e gramática de construções: estabilidade e instabilidade das construções complexas de causa em tempo real. *Letras & Letras*, Uberlândia, MG, v. 27, p. 51-70, 2011b.

BYBEE, Joan. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In.: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard D. (ed.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003, p.602 – 623.

_____. *Language, usage and cognition*. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2010.

CHAFE, Wallace. Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects, topics and point of view. In: LI, Charles N. (ed.). *Subject and topic*. New York: Academic Press, 1976, p. 27 – 55.

_____. How people use adverbial clauses. In: BRUGMAN, Claudia; MACAULAY, Monica (ed.). *The proceedings of the tenth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984, p. 437 – 449.

CLARK, Herbert H.; HAVILAND, Susan E. Comprehension and the Given – New Contract. In: FREEDLE, Roy O. (ed.). *Discourse production and comprehension*. New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1977, p. 1 – 40.

CUNHA, Maria Angélica Furtado; BISPO, Edvaldo Baduíno; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica Furtado (org.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário*

Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, 2013, p. 13 – 39.

DIESSEL, Holger. The ordering distribution of main and adverbial clauses: a typological study. *Language* 77, p. 345 – 365, 2001.

_____. Competing motivations for the ordering of main and adverbial clauses. *Linguistics* 43, p. 449 – 470, 2005.

DRYER, Matthew S. Frequency and pragmatically unmarked word order. In: NOONAN, Michael; DOWNING, Pamela. (ed.). *Word order in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1995, p. 105 – 135.

FLORET, Mayra França. *Posição e status informacional de orações com porque e por+infinitivo no português clássico*. 2016. 32f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Letras), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.

_____. *A ordenação das construções causais com porque e por+infinitivo no Português clássico e contemporâneo*. 2018. 98f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2018.

HAIMAN, John. The iconicity of grammar. *Language*, 56, p. 515-540, 1980.

_____. Iconic and economic motivation. *Language*, 59, p.781-819, 1983.

KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael. Introduction: A Usage-based Conception of Language. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne. (ed.) *Usage based models of language*. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

KORTMANN, Bernd. *Adverbial subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1997.

LABOV, William. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge, Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Caminhos da linguística histórica – ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, Maria Helena Moura. As construções causais. In: _____ (org.), *Gramática do português falado* (Volume VII: Novos Estudos). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 461-496.

OLIVEIRA, Bruno Araújo. *A evolução da rede de construções causais do português*. 2020. 226f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2020.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. 1991. 239f. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1991.

_____. *Cláusulas causais: iconicidade e funcionalidade*. Campinas: Caderno de estudos linguísticos, p. 59 – 68, 1995.

_____. Aspectos semânticos e discursivos da relação de causalidade. In: MACEDO, Alzira Tavares de. *Variação e discurso*. 1ed. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1996, p. 63 – 74.

_____. As orações de causa no português. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (ed.), *Estudos de gramática portuguesa* (II). Frankfurt am Main: TFM, 2000, p. 149-165.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora; BRAGA, Maria Luiza. Cláusulas causais introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso. In: MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, v. 1, 2010^a, p. 55-71.

_____. Juxtaposition et coordination: deux formes de parataxe? In: BÉGUELIN, Marie-José; AVANZI, Mathieu; CORMINBOEUF, Gilles. (ed.). *La Parataxe*. Tome 1: Entre dépendance et intégration (Collection Sciences pour la communication). Berne: Peter Lang, 2010b, p. 313-332.

PAIVA, Maria da Conceição Auxiliadora; DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia. Mudança linguística: observações em tempo real. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 179 – 190.

PRINCE, Ellen F. On the given/new distinction. *Papers from the 15th Regional meeting of the Chicago Linguistic Society*, p. 267-278, 1979.

RAFAJLOVICOVÁ, Rita. Variation of Clause Patterns – Reordering the information in a message. In: KACMÁROVÁ, Alena. (ed.) *English matters: a collection of papers by the Department of English language and Literature faculty*. Presov: University of Presov, 2010, p. 30 – 36.

SCHIFFRIN, Deborah. Multiple constraints on discourse options: a quantitative analysis of causal sequences. *Discourse processes* 8, p. 281 – 303, 1985.

SILVA, Maria José Ferreira da. *Propriedades sintáticas e discursivas das orações com porque*. 2008. 115f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

EVIDÊNCIAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO COGNITIVA DE CONSTRUÇÕES FUNCIONAIS DO PB EM CRIANÇAS E ADULTOS SURDOS EVIDENCE ON THE COGNITIVE REPRESENTATION OF PB FUNCTIONAL CONSTRUCTIONS IN CHILDREN AND DEAF ADULTS

Lia Abrantes Antunes Soares¹

João Paulo da Silva Nascimento²

RESUMO

Neste artigo, a partir de uma investigação centrada no uso, analisa-se a representação cognitiva de construções de predicação nominal do português brasileiro (PB) instanciadas pelo padrão básico [(S) V_(funcional) X], em que se inserem os verbos *ser*, *estar* e *ficar*; protagonistas nos esquemas atributivos, equativos e apresentacionais. Para tanto, contemplam-se quantitativa e qualitativamente instâncias desses padrões em 58 produções escritas em PBL2 de 18 estudantes surdos do ensino superior e de 4 estudantes surdos do primeiro segmento do ensino fundamental, coletadas do *Corpus* do Núcleo de Estudos em InterlínguaS da UFRJ. Partimos dos pressupostos teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2016; PEREK, 2015), a fim de sustentar a hipótese de que os esquemas analisados nos textos estão cognitivamente menos salientes para os participantes da pesquisa. Para a discussão, consideramos contextos de ensino pouco centrados na promoção de experiências de uso ricas e significativas capazes de conduzir o acionamento eficiente de processos cognitivos de domínio geral para a estocagem de construções da L2 na memória do aprendiz. Os resultados demonstram que a instabilidade representacional em ambos os grupos de aprendizes é um indício da premente necessidade de diálogos entre o aporte teórico construcional e metodologias de ensino de L2.

Palavras-chave: Construções funcionais. Aprendizes surdos. Português brasileiro. Segunda língua.

ABSTRACT

In this article, from an investigation centered on use, we analyze the cognitive representation of nominal predication constructions of Brazilian Portuguese (BP) instantiated by the basic pattern [(S) V (functional) X], in which the verbs SER, ESTAR and FICAR are the protagonists in attributive, equitable and presentational schemes. Therefore, instances of these pattern are contemplated quantitatively and qualitatively in 58 productions written in PBL2 of 18 deaf students from higher education and 4 deaf children from elementary school, collected from *Corpus* NEIS-UFRJ. We start from the theoretical assumptions of the Use-Based Construction Grammar (GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2016; PEREK, 2015), in order to support the hypothesis that the schemes analyzed in the texts are mentally less salient to the participants due to little teaching contexts centered on the promotion of rich and significant use experiences capable of driving the efficient activation of general domain cognitive processes for the storage of L2 constructions in the learner's memory. The results demonstrate that the representational instability in both groups of learners is an indication of the pressing need for dialogues between the theoretical constructional contribution and teaching methodologies of L2.

Keywords: Functional constructions. Deaf learners. Brazilian Portuguese. Second language.

¹ Professora Adjunta do Departamento de Letras – Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: lia.abrantes@letras.ufrj.br.

² Aluno da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e integrante do Núcleo de Estudos sobre InterlínguaS (NEIS-UFRJ) e do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (D&G-Rio/UFRJ). E-mail: jpn0401@gmail.com.

Introdução

Durante muito tempo em Linguística, estudos relativos às comunidades surdas encontraram dificuldades para integrarem agendas de pesquisas prolixas e alimentadas teoricamente por diferentes perspectivas conceituais. No Brasil, assim como são iniciais os estudos descritivos da língua brasileira de sinais (Libras), dentre os quais destacamos trabalhos seminais iniciados no fim da década de 1980 por Lucinda Ferreira Brito, a descrição do que se convencionalizou chamar de português como segunda língua para a comunidade surda ainda se encontra em construção, no sentido de serem poucas as pesquisas que se debruçam sobre esse recorte à luz de propostas teóricas centradas no uso. Notadamente, insere-se na agenda de discussões uma recente perspectiva de estudo que se apresenta como uma cara oportunidade a considerações de larga amplitude tanto no escopo da teoria e da análise linguísticas quanto no da linguística aplicada ao ensino de línguas e, portanto, merece destaque significativo nos estudos linguísticos contemporâneos da Linguística Funcional Centrada no Uso.

Apontar, no entanto, o estudo da escrita de aprendizes surdos em português brasileiro como segunda língua (PBL2) como um tópico ainda de pouca investigação não significa pressupor a inexistência de trabalhos ancorados em teorias e hipóteses fortemente difundidas em linguística, no que diz respeito ao tratamento descritivo dos processos de aquisição e de uso dessa língua por comunidades surdas brasileiras. Nesse ramo, destacam-se trabalhos recentes, tais como os de Freitas *et al.* (2018), Soares (2018), Nascimento *et al.* (2019), Nascimento (2020) e Freitas e Nascimento (2020), que têm contribuído significativamente para interpretação dos fenômenos sociocognitivos recorrentes na aprendizagem de PBL2 por indivíduos surdos de diferentes faixas etárias em uma abordagem construcionista da linguagem. O trabalho desses pesquisadores se soma aos de Gesueli, (1988), Góes (1994), Brochado (2003), Salles e Pires (2011), dentre outros que por diferentes perspectivas teórico-metodológicas direcionaram seus esforços para impulsionarem estudos relativos ao português escrito por surdos.

Além do olhar descritivo, também vem se construindo um debate em torno das contribuições diretas de modelos teóricos como o da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) ao ensino de PBL2. Uma proposta centrada tanto no desenvolvimento de conhecimentos textuais-discursivos quanto na decodificação e apreensão estrutural é o que se pretende para aprendizes surdos que ainda carecem de ensino orientado por metodologias consistentes. Possibilidades de aplicação de princípios teóricos e de concepções a respeito da natureza da linguagem vigentes na GCBU para a produção de materiais didáticos para o ensino de escrita para surdos são discutidas e exemplificadas em Soares (2020).

Dado o surgimento recente dos trabalhos nessa perspectiva, ainda não se pode apresentar os

resultados dessas considerações na rotina pedagógica de escolas bilíngues e inclusivas que recebem surdos no Brasil, posto que essa questão demanda tempo de difusão e aplicabilidade, além de outros fatores de cunho burocrático. Apesar disso, não se pode negar que a GCBU, enquanto construto teórico fortemente estruturado, presta-se à descrição linguística de produções de surdos em PBL2 e, por conseguinte, ao refinamento das práticas de ensino, na medida em que reflete o grau de complexidade cognitiva por detrás do uso de uma língua, seja ela L1 ou L2, contemplando fatores relacionados ao uso linguístico e à sua representação mental.

Com base nessas reflexões iniciais, defendemos que o ensino de PBL2 para surdos em perspectiva construcional é uma opção com pressupostos robustos bem fundamentados em habilidades sociocognitivas, como vem sendo indicado em Soares (2018; 2020) e Freitas Jr (2020). O conceito de construção – pareamentos convencionais de forma e sentido – como unidades mínimas a serem ensinadas, assume papel importante de modo que, por meio de escolhas metodológicas favoráveis ao recrutamento de habilidades cognitivas de domínio geral, tais unidades tomem parte na memória dos aprendizes.

Para essa discussão, tem destacada relevância o processo cognitivo de domínio geral denominado *chunking*. Como explica Bybee (2016), a atuação de *chunking* é de domínio geral pois não se restringe a processamento de informação gramatical, mas a qualquer tipo de conhecimento que pode ser agrupado a partir da associação de insumos, formando unidades robustas na memória. As construções de uma língua, por exemplo, são *chunks* que carregam informações associadas à forma (fonológicas, morfológicas, sintáticas) e ao significado (semântica, pragmática, discursiva), como se observará ao longo deste artigo.

Além de ponderações acerca do ensino, a descrição linguística por um viés construcional, tanto da língua-alvo em uso no Brasil quanto das produções dos aprendizes, consiste em um componente indispensável à compreensão do que significa, de fato, uma abordagem baseada no uso. Assim, pensemos, por exemplo, no ensino de padrões construcionais de predicação nominal do PB a aprendizes surdos, tais como os destacados no fragmento de reportagem abaixo.

Segundo a AFP, um artigo feito por cientistas chineses descobriu que **[uma forma aerossolizada do novo coronavírus] estava [presente nos banheiros de pacientes de um hospital de Wuhan]. Segundo estudos, [o novo coronavírus] é [eliminado nas fezes]. (...)**

Por isso, o estudo norte americano comparou o tempo de sobrevivência do vírus SARS-CoV-2 e do SARS-CoV-1. **[O primeiro] é [o coronavírus], responsável pela Covid-19. [O segundo], é [o vírus que provoca a Influenza].** Os vírus foram testados por 7 dias em diferentes superfícies a uma temperatura entre 21 e 23°C, com 40% de umidade.

Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/19/quanto-tempo-o-coronavirus-sobrevive-nas-superficies-estudo-aponta-que-plastico-e-aco-ampliam-a-sobrevida.ghtml>

O fragmento apresenta a construção [(S) V_(funcional) X] de alta produtividade em PB, materializada nas sentenças grifadas. Adotar instâncias de uso dessa construção como unidade de ensino requer observação de diferentes aspectos, uma vez que envolve tratamento gradiente do *input* com suas variáveis, conhecimento de metodologias de ensino de L2 e esforços para experiências autênticas e frequentes com tal *input*. São requisitos necessários ao fortalecimento cognitivo das construções cujas possibilidades de preenchimento dos *slots* (posições) veremos adiante, ao apresentarmos as formas que os constituintes podem assumir como sujeito e como predicado. Há, ainda, questões de distinções construcionais interlinguísticas que podem interferir no processo de aprendizagem, as quais não devem ser deixadas à parte.

Partindo, pois, do conhecimento de que aprendizes surdos brasileiros frequentemente são submetidos a práticas pedagógicas de ensino de L2 que não se sustentam em uma teoria linguística consistente e dão margem à fossilização de inconsistências no sistema, a presente investigação se propõe à análise da representação cognitiva de construções de predicação nominal, como as exemplificadas acima, alcançada por aprendizes surdos. Com o propósito de demonstrarmos os efeitos da ritualização de um ensino não-construcional de PBL2 para esse público-alvo, analisamos dados produzidos por adultos e por jovens (crianças e adolescentes), que foram coletados do *Corpus NEIS-UFRJ*, de modo a demonstrar que aprendizes de diferentes idades e níveis de escolaridade podem exibir níveis semelhantes de conhecimento do uso de uma construção linguística e de suas respectivas potencialidades pragmático-discursivas na língua-alvo.

1. A construção em foco em perspectiva centrada no uso

Em uma visão emergentista, de modo geral, saber uma língua traduz-se no armazenamento de um conjunto de unidades simbólicas via generalização por experiência de uso e recrutamento de habilidades cognitivas não especificamente linguísticas. Assim, neste trabalho, adotamos os postulados teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), especificamente o modelo da GCBU (GOLDEBERG, 2006; HOFFMANN e TROUSDALE, 2013; PEREK, 2015), com vistas ao entendimento de como a análise de dados de produções escritas em PBL2 por aprendizes surdos pode fornecer subsídios à interpretação da representação cognitiva de construções.

Inicialmente, a GCBU pode ser entendida como resultado da convergência de três críticas ao formalismo linguístico tecidas no âmbito da Linguística Funcional, da Linguística Cognitiva e da Gramática de Construções. Portanto, trata-se de um modelo gramatical que rompe com postulados que desconsideram impactos de uso linguístico na representação mental da língua e que não pressupõem a

existência de uma cognição unicamente voltada para a linguagem, ou uma divisão modular das áreas da gramática.

Nesse sentido, o modelo da GCBU propõe que o conhecimento linguístico pode ser representado como uma rede de construções, o *constructicon*, cuja forma pode ser explicada tanto por habilidades cognitivas gerais quanto pela experiência dos falantes com o uso linguístico real. Dessa maneira, a construção destaca-se como uma unidade mínima a ser adquirida e pode ser definida mais tecnicamente como qualquer padrão linguístico não inteiramente previsto a partir de suas partes componentes (GOLDBERG, 2006).

O aspecto simbólico das construções consiste na característica imanente que as define: o fato de serem pareamentos convencionais de forma e função, exibindo, assim, uma face estrutural e uma face semântica que somente possuem pertinência no sistema linguístico quando indissociáveis. Inclusive, justamente por essa lógica aplicar-se simultaneamente a padrões de diferentes níveis de análise linguística, a visão construcional não estrutura uma distinção entre léxico e gramática, na medida em que adota esses dois polos como gradientes ao prever construções [\pm LEXICAIS].

Nesse sentido, em uma abordagem construcional, situamos o conhecimento linguístico que os falantes de uma língua têm internalizado como um componente momentâneo, cuja emergência está condicionada ao recrutamento de processos cognitivos de domínio geral e a aspectos do uso frequente de construções. Em outras palavras, os pareamentos de forma-sentido são emergentes do uso e funcionam, ao mesmo tempo, como base e reforço para representação mental do conhecimento linguístico.

Uma vez compreendido o conceito de construção gramatical, bem como sua aplicação a todos os níveis da língua, é possível especular sobre a arquitetura do *constructicon* dos usuários de língua. O *constructicon* consiste em um inventário de construções armazenadas na memória dos falantes, o qual exhibe as possibilidades taxonômicas de esquemas e a maneira como estes se relacionam por *links* formais e semânticos, estabelecendo gradiência entre construções [+ LEXICAIS] e [+ GRAMATICAS].

O modelo da GCBU, portanto, não se esculpe em uma lógica minimalista, visto que o *constructicon* mostra-se robusto e abarca uma série de redundâncias que espelham a língua por si e sua constante reconfiguração propiciada pelo uso e pela solidificação de novas experiências. Logo, trata-se de um modelo representativo maximalista ao qual interessa o modo que as entidades linguísticas são incorporadas à cognição pela experiência real da espécie humana sem pressupor

pré-existências de categorias e se agrupam conexionalmente em uma rede implícita permanentemente mutável. Por isso, afirma-se que a gramática é emergente da experiência e da formação de hábitos com a língua e que a linguagem humana, em um modelo que prevê centralidade representacional para a variação e a gradiência, consiste em um sistema adaptativo complexo (BYBEE, 2016).

Investigações conduzidas no âmbito do Núcleo de Estudos sobre InterlínguaS (NEIS-UFRJ) têm apresentado análises descritivas de textos escritos por aprendizes surdos brasileiros, assim como explicações sobre os fenômenos que fazem emergir um sistema linguístico com características divergentes daquelas do PB em uso por nativos em uma perspectiva construcional (FREITAS JR *et al*, 2018; SOARES, 2018; NASCIMENTO *et al*, 2019; NASCIMENTO, 2020). Neste estudo, investigamos três subesquemas do PB ligados à construção [(S) V_(funcional) X], em que se inserem os verbos *ser*, *estar* e *ficar*, a saber: esquemas atributivos, equativos e apresentacionais.

Os três verbos investigados figuram na categoria dos verbos funcionais, isto é, aqueles que não atribuem papel temático e que compartilham suas funções com outras categorias (CASTILHO, 2010). Esses verbos de natureza mais gramatical e menos lexical, também são tratados como verbos de ligação, copulativos ou predicativos (BECHARA, 1999; AZEREDO, 2008), denominações mais tradicionais, ou, ainda, não-dinâmicos (NEVES, 1999) ou relacionais (PAVÃO e VIEIRA, 2014).

Consideramos que a construção aqui estudada abarque pelo menos três subesquemas ou microconstruções com as seguintes configurações morfossintáticas e semânticas:

(1) [SN (sujeito) + V(funcional) + SAdj/SPrep (predicativo)], em que os sintagmas adjetival e preposicional são os responsáveis pela predicação e, em caso de não preenchimento da posição verbal, a construção atributiva passa a assumir um padrão de construção nominal composta apenas por um [SN];

Exemplo: *Essa viagem é muito importante para mim (...)*. (viagem muito importante) (Corpus Neis/UFRJ);

(2) [SN¹ (sujeito) + V(funcional) + SN² (equativo)], em que a posição do verbo apenas pode ser preenchida pelo verbo *ser*, a posição dos dois sintagmas é intercambiável e pode ser preenchida com a forma de infinitivo, correspondendo a um substantivo;

Exemplos: *Sou V. L. A., (...)*; *O meu objetivo é aprender inglês escrito*". (Corpus Neis/UFRJ)

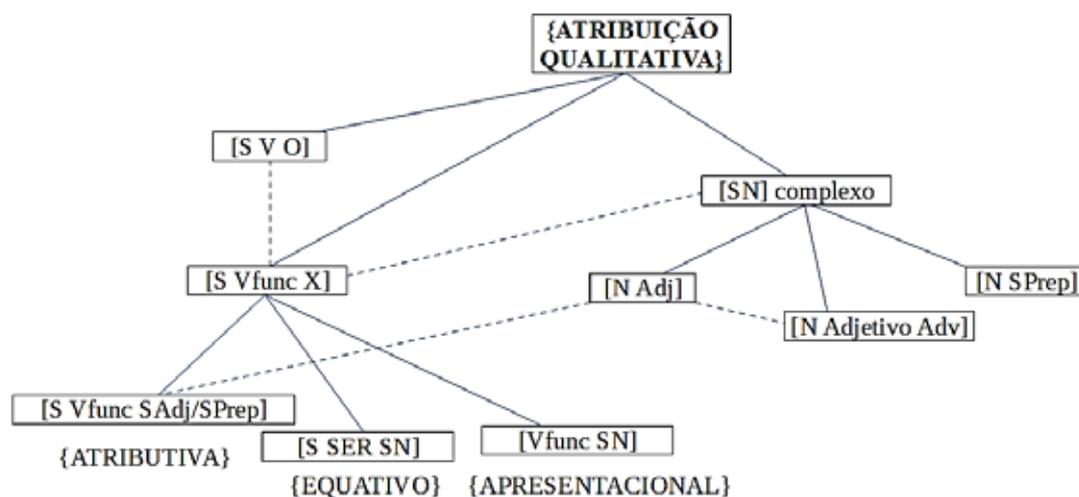
(3) [V(funcional) + SN], com função apresentacional, em que o verbo funcional e impessoal inicia a construção e o sintagma nominal único com frequência é indeterminado, conforme descrição de Castilho (2010).

Exemplo: *Era uma vez um rei e uma rainha (...)*. (Corpus Neis/UFRJ)

Em relação à função das construções selecionadas, (1) a atributiva qualifica o sujeito em estados que podem ser constantes, adquiridos ou resultativos ou o localiza no espaço; (2) a equativa estabelece uma relação de igualdade ou de identificação entre o sujeito e o equativo que não o predica e (3) a apresentacional salienta o SN que não recebe contribuição semântica do verbo *ser*, obscurecido pelo processo de gramaticalização, mas sim do contexto. No caso deste estudo, o micropadrão (3) tem baixa ocorrência no *corpus*, tendo sido observado apenas no idiomatismo “era uma vez”, representativo para indicação de algum período indefinido no passado, frequentemente usado em início de narrativas.

Em vista dessas características formais e semânticas de cada grupo aqui apresentado, consideramos viável sustentar a visão de que esses se tratam de micropadrões oriundos de [(S) V(funcional) X]. Partimos da divisão proposta por Castilho (2010) e em uma perspectiva construcional baseada no uso, confrontamos tais especificações de forma/sentido das construções atributiva, equativa e apresentacional à luz de suas relações em uma escala mais abrangente de representação no *constructicon*. Assim, a fim de localizarmos tais pareamentos, apresentamos abaixo uma proposta em rede:

Figura 1: Proposta de representação em rede para as construções em foco



Fonte: elaboração própria

Embora essas microconstruções sejam consideradas de uso frequente em PB, proporcionando experiência em variadas instâncias de uso da modalidade escrita, elas ainda são representadas de maneira inconsistente por aprendizes surdos jovens e adultos participantes da pesquisa, no que diz respeito tanto às marcas flexionais quanto à escolha do item verbal por sua base semântica. As razões

podem estar relacionadas à sutil informação semântica dos verbos funcionais que parece não ter sido bem compreendida pelos aprendizes. A descrição dos usos de *ser* e de *estar*, por exemplo, não se restringe às noções ‘permanente’ e ‘temporário’, embora sejam traços considerados como mais prototípicos de cada verbo. Em um modelo gradiente, contempla-se categorização de ocorrências desses verbos com traços diferentes dos prototípicos, sem exclusão de ocorrências como ‘A estação do metrô é/está a duas quadras daqui.’ A sentença é um exemplar de que as duas formas podem ser usadas no contexto de localização permanente e não apenas o verbo *ser*.

No caso dos verbos *estar* e *ficar*, a distinção também pode se apresentar embotada para um aprendiz não nativo do PB. Em termos de forma, pelos tipos de adjetivos com os quais podem se relacionar, a distinção não se faz produtiva, já que os dois verbos podem ser usados com os mesmos tipos. Bybee (2016) revisa estudos com verbos correspondentes em espanhol (*estar* e *quedarse*). Seguindo a descrição proposta para o espanhol, em uma tentativa de caracterização por traços que se opõem, *ficar* seria usado quando um agente externo causasse mudanças, enquanto que *estar* indica estado temporal. Os dados em português, no entanto, não confirmam tal caracterização de *ficar*, como se pode observar em:

- (4) Ele diz que não **fica** cansado, nada o perturba. (controle interno);
- (5) Eu **fiquei** cansado depois do trabalho. (O trabalho é o agente externo);
- (6) Estou cansado. Trabalhei o dia inteiro subindo e descendo escada.

Como mostram os exemplos, a tentativa de explicação que caracterize *estar* e *ficar* não parece estar nem no tipo de adjetivo nem no tipo de agente da mudança (interno ou externo). O exemplo (6) pressupõe uma mudança de estado verificada em (5), que levou à condição temporal (gradualmente transitória) referente ao momento da produção. Uma opção para abordar, em contexto de ensino de L2, os usos das construções com os dois verbos, com o auxílio de amostras contextualizadas, seria a exploração do contínuo em que se verifica a mudança de um estado para outro que leva à condição de definir marca de temporalidade a tal estado.

Possivelmente, aprendizes tenham dificuldades na distinção semântica desses verbos em razão da forma descontextualizada como os materiais didáticos apresentam exemplos de *ser* e *estar* (HUBAK, 2011), e de *ficar*. Não se descarta ainda o desconhecimento de professores para lidarem com as noções menos prototípicas desses verbos, quando o público alvo é composto por aprendizes que não contam com intuição de nativos do PB para seleção da melhor forma em dado contexto de uso. Entendemos que a caracterização binária por traços opostos – permanente/temporário – seja uma forma de organização didática para facilitar o processo de aprendizagem, tal como argumenta

Jakobson (1990). Esse argumento, no entanto, não exclui a necessidade de que gradualmente outras situações de uso sejam observadas a fim de que se ampliem os significados dessas construções e os aprendizes não nativos do PB possam compreendê-las e usá-las de forma adequada.

Ao tomarmos neste estudo a construção [(S) V_(funcional) X], do ponto de vista de sua produção por dois grupos de aprendizes distintos pela faixa etária e pelo tempo de escolarização, em uma abordagem descritiva, acionamos aspectos do modelo da GCBU por meio do controle da frequência *type* e de características semânticas e morfossintáticas dos itens usados no preenchimento dos *slots*. A partir do uso, buscaremos evidências para o estatuto representacional dessa construção do PB e de seus micropadrões, a fim de mensurarmos em até que medida os autores das amostras analisadas têm armazenado esses esquemas como exemplares a formarem *chunks* (agrupamentos que formam uma unidade) bem constituídos e fortes na memória.

2. Metodologia

Conduzimos uma metodologia com vistas a investigar os três subesquemas da construção [(S) V_(funcional) X] que aparentemente refletem muita instabilidade nas produções escritas por surdos, apesar de constituir enunciados de alta frequência de ocorrência no PB.

Os textos selecionados para a pesquisa compõem o *Corpus* NEIS e foram produzidos por aprendizes crianças, adolescentes e adultos, todos surdos de primeira geração³, sinalizantes, matriculados em instituição de ensino básico (Ensino Fundamental I) e superior, respectivamente. Todos os adultos participantes da pesquisa assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, assim como os responsáveis pelas crianças.

Os 4 participantes do grupo A (crianças e adolescentes) produziram textos a partir da solicitação de uma narrativa cujos insumos motivadores não apresentavam *input* em PB, a saber: duas tirinhas e dois vídeos de narrativas em Libras. A escrita dos textos ocorreu durante sessões de atendimento educacional especializado, em atividades geradoras de dados que foram caracterizadas por distanciamento de intervenção pedagógica, uma vez que uma postura contrária poderia comprometer o produto e sua análise.

Os participantes adultos universitários (grupo B) produziram textos a partir de enunciados de quatro tarefas cujas solicitações consistiam em produção de (i) uma orelha de livro com o propósito de apresentar um professor, autor do livro, e três mensagens, cada uma a interlocutores diferentes – (ii) amigo, (iii) servidor público administrativo e (iv) professor –, com propósitos de: parabenizar

³ **Surdos de primeira geração** especifica indivíduos que não têm parentes surdos e que dependem de iniciativas de orientação especializada para aprenderem uma língua (SOARES, 2018).

pelo aniversário; solicitar informação sobre intercâmbio e solicitar uma carta de referência, respectivamente. A primeira tarefa requer indicação de formação acadêmica, experiências e pesquisas do professor/autor. Das outras três tarefas referentes à produção de mensagens, duas (iii e iv) requerem que os estudantes se apresentem brevemente e uma (ii), que elogiem um amigo. Todas as tarefas foram introduzidas por atividade leitora prévia que ofereceu insumo com o tipo de informação e configuração que cada gênero solicitado costuma apresentar.

A tabela 1 apresenta dados relevantes de ambos os grupos de participantes, os quais oferecem informações pertinentes ao contexto desta pesquisa e/ou de pesquisas futuras:

Tabela 1: informações sobre os grupos

	GRUPO A	GRUPO B
PERFIL	<ul style="list-style-type: none"> · 4 participantes de 10 a 15 anos; · Estudantes do ensino fundamental I em escola bilíngue; · Surdos de 1ª geração. 	<ul style="list-style-type: none"> · 18 participantes de 22 a 42 anos; · Estudantes do ensino superior e egressos de escolas bilíngues e inclusivas; · Surdos de 1ª geração.
CORPUS	10 textos (narrativas)	48 textos (mensagens e orelha de livro)

A escolha dos textos para investigação se deveu à alta probabilidade de uso da construção com verbos funcionais comumente empregada em atos comunicativos de apresentações, elogios e descrição em geral. Assim, a seleção totalizou 58 textos: 48 produzidos por 18 estudantes surdos do curso de bacharelado em Letras – Libras e 10 produzidos por 4 crianças/adolescentes. Nesse *corpus*, encontramos ocorrências de preenchimento e de não preenchimento do *slot* $V_{(funcional)}$, com os verbos com sentidos mais gramaticais: *ser*, *estar* e *ficar* em microconstruções atributiva, equativa e apresentativa.

Os dados foram analisados quantitativa e qualitativamente com o auxílio da ferramenta computacional *WordSmith Tools*. A fim de detectar alguma constante nas produções em PB, observamos os dados a partir dos aspectos a seguir:

- (i) os verbos e suas formas mais frequentes encontrados no *corpus*;
- (ii) o tipo de enunciado e seu estatuto semântico, em que os preenchimentos ocorrem ou não;
- (iii) a natureza dos sintagmas sujeito.

Isso posto, ao contemplarmos dados de $[(S) V_{(funcional)} X]$ produzidos com lacunas inferidas a partir do contexto e dos *inputs* para as produções textuais, averiguamos o modo como a descrição linguística de tais padrões da maneira como foram representados por ambos os grupos de aprendizes surdos investigados se relaciona a discussões de recrutamento de processos cognitivos de domínio geral, especialmente *chunking*. Assim, a comparação das análises quantitativas e qualitativas seguindo

as variáveis elencadas acima, na medida em que propiciam um grau elevado de refinamento descritivo, podem espelhar aspectos de forma-sentido dos micropadrões que, justamente por serem divergentes da representação vigente na língua-alvo, implicam problemas de ordem representacional/perceptual.

3. Análise dos dados: resultados e discussão

A primeira etapa da análise levantou, nos dados selecionados de um total de 58 textos, as ocorrências de $V_{(func)}$ preenchidas (1) com e (2) sem divergências, além das sequências em que a posição de $V_{(func)}$ (3) não foi preenchida, como mostram os exemplos abaixo. A análise quantitativa dos dados permitiu a busca por padrões mais salientes a serem investigados durante a pesquisa.

(1) (...) *Eu, L, é seu aluno (...).*

(2) *O cisne disse: – você não é feio.*

(3) *Eu, MC, tenho 22 anos, estudante.*

O quadro a seguir apresenta a frequência das formas preenchidas e das inferidas (não preenchidas) por meio de inconsistentes sequências de SN e SAdj e pelo contexto que motivou as produções.

Quadro 1: frequência de ocorrência de $V_{(func)}$

	FORMAS PREENCHIDAS				FORMAS INFERIDAS (Ø)			
	GRUPO A		GRUPO B		GRUPO A		GRUPO B	
$V_{(func)}$	forma	número	forma	número	forma	número	forma	número
SER	é	7	é	31	é	5	é	16
	sou	2	sou	5	sou	2	sou	2
	era	2	foi	4	foram	1	será	1
	-	-	era	1	era	1	são	1
	-	-	será	1	eram	3	-	0
	-	0	-	0	são	1	-	0
ESTAR	está	1	-	0	está	3	-	0
FICAR	-	0	-	0	ficou	5	-	0
	-	-	-	-	ficaram	1	-	0
TOTAL	12		42		22		20	

Na amostra das narrativas (34 sequências em 10 textos) produzidas pelos 4 participantes do grupo A, foram encontrados apenas 12 (35%) preenchimentos da posição $V_{(func)}$, sendo 11 correspondentes ao verbo SER, dos quais 9 são formas de primeira e segunda pessoas do singular do presente do indicativo, tempo verbal tipicamente introduzido em fases iniciais de aprendizagem.

Em contraste, foram identificadas outras 22 sequências (80% a mais) sem o *slot* de $V_{(func)}$ preenchido, mas que parecem corresponder a construções equativas, atributivas e apresentacionais, para as quais sugerimos preenchimentos listados à direita no Quadro 1, categorizados como ‘formas inferidas’.

A figura a seguir é uma amostra dos preenchimentos do grupo A com a forma verbal mais frequente dentre os verbos investigados.

Figura 2: amostra dos preenchimentos de $V_{(func)}$ mais frequentes do grupo A

N	Concordance
1	O terceiro patinho nasceu é branco muito feio.
2	O segundo patinho nasceu é amarelo.
3	O primeiro patinho nasceu é amarelo.
4	a porta sete anões cama é branca de neve.
5	uma menina chamou nome é Branca de neve.
6	um rei e uma rainha escolha é uma menina chamou
7	O cisne disse: - você não é feio, eu gosta de você!

Como se pode observar na amostra, apesar da realização da forma verbal, as relações combinatórias entre os itens das sentenças ainda não se dá plenamente, exceto no exemplo 7, produzido por um aprendiz de 12 anos. Uma observação individual dos textos desse aprendiz, identifica que ainda há ocorrências sem preenchimento de $V_{(func)}$. A instabilidade no uso dos subesquemas da construção funcional parece evidenciar sua ainda inconsistente representação na memória dos aprendizes.

O exemplo 4 mostra a troca da forma *está* por *é* no preenchimento da posição de $V_{(func)}$ em uma sequência que parece corresponder a uma construção atributiva (Branca de Neve está sobre as camas dos sete anões), apesar de a posição dos itens não se adequar ao padrão combinatório do PB. Apesar de as trocas entre formas de um verbo por outro não apresentarem um quantitativo expressivo na amostra, a diferença no uso de *ser* e de *estar* pode consistir em um problema para aprendizes surdos, refletido nas várias posições vazias. A ausência dos verbos funcionais pode ser um indicativo de inconsistências em relação não só à forma, mas principalmente aos significados dos verbos *ser*, *estar* e *ficar*, conforme discussão proposta na seção 2. As ocorrências sem preenchimento (65%) encontradas nos textos seriam, portanto, uma evidência da forma inconsistente como a construção funcional está armazenada na memória dos aprendizes do grupo A.

É compreensível que esses aprendizes, em fase inicial de aprendizagem de L2 escrita (ensino fundamental), ainda não demonstrem rico repertório lexical do PB e estratégias textuais que lhes permitam a produção de textos que materializem suas intenções. Por outro lado, não se quer dizer que não seja possível aprender construções de uso tão frequente na língua, quando ensinadas por meio de metodologia específica para ensino de L2 escrita, ainda nos primeiros anos do ensino fundamental.

Em relação ao grupo B, os preenchimentos da posição $V_{(func)}$, encontrados nos textos dos adultos, somam 42 ocorrências, 100% referentes ao verbo *ser*, dos quais 31 (74%) assumiram a forma *é*. Os preenchimentos restantes (26%) ocorrem com as formas *era*, *será*, *foi* e *sou*. O recorte a seguir exemplifica algumas das ocorrências preenchidas com *é*.

Figura 3: amostra de alguns preenchimentos de $V_{(func)}$ mais frequentes do grupo B

N	Concordance
1	Fabírcia é muito legal que
2	Você é uma pessoa bacana, feliz,
3	objetivo é busca a criar conhecimento
4	bem Ele é professor Atualmente, Ø
5	Meu pedido é para eu pode ter a chance
6	Esse é muito importante para mim
7	viagem é muito importante para mim,
8	para mim, é uma oportunidade para eu
9	e meu foco é português O tema do meu
10	meu projeto é "O preconceito linguística

Havia expectativa de mais preenchimentos com a forma *sou*, já que duas das quatro tarefas solicitavam que os estudantes se identificassem. Apenas um se identificou nas duas tarefas, usando três vezes a forma *sou* (e.g. *Sou aluna do UFRJ. Sou a sua aluna do 3º período.*). As outras quatro ocorrências, encontradas na amostra composta por 28 textos referentes apenas às duas tarefas, foram produzidas por quatro participantes que cumpriram a indicação de se apresentarem em somente uma das tarefas. Vale a observação de que verificamos outros dois exemplares que correspondem à expressão de identificação do estudante, apesar da não realização do $V_{(func)}$, a saber:

(4) *Eu, MC, tenho 22 anos, estudante (...)* (grupo B)

(5) *(...) tenho 28 anos estudando UFRJ no 3º período e monitora no CLAC.* (grupo B)

Esses resultados indicam haver ainda instabilidade na representação tanto da função de identificação pessoal expressa pelas atributivas e pelas equativas, tendo em vista que a maioria dos aprendizes não as utilizou, quanto da forma exigida para a constituição intraconstrucional, ou seja, a combinação dos tipos de itens de preenchimento obrigatório para a materialização das sentenças. Um ato comunicativo essencial como o de identificação/apresentação pessoal não deveria apresentar tanta instabilidade depois de vários anos de escolarização. As inconsistências observadas nos textos podem indicar armazenamento de sequências que não constituem fortes *chunks* (unidade de armazenamento na memória).

Estudos como os de Almeida (2007) e Crato e Carnio (2009) identificam presença frequente de formas verbais no infinitivo como uma característica das produções escritas por surdos, no entanto, no conjunto de dados observados neste estudo, nenhuma ocorrência em forma de infinitivo dos verbos funcionais investigados foi encontrada no *corpus* analisado. Todos os preenchimentos da posição $V_{(func)}$

assumiram formas conjugadas, mesmo que inadequadas, principalmente na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo (*é*). Essa informação pode ser uma indicação de que nem mesmo a decisão por qual forma infinitiva pode ser estabelecida em razão de a face semântica dos verbos funcionais não estar clara para os aprendizes dos dois grupos.

Embora fique muito saliente no *corpus* as várias sequências sem preenchimento do $V_{(func)}$ (42 \emptyset de 96 sequências analisadas), considerando os dois grupos, o quantitativo de preenchimentos com a forma ‘*é*’ (38 de 54) se mostra expressivo. Este resultado parece um indício de que *é* já compõe representação construcional mais destacada que as outras formas de *ser*. Essa observação pode ser explicada pelo processo de transferência da forma soletrada *É*, empréstimo que tem sido usado em Libras. A gradual incorporação de *é* em construções equativas e atributivas da Libras parece indicar que há em curso um processo de reanálise dessas construções. As experiências recentes com *é* tomando parte das construções funcionais da Libras podem ter sido tão significativas para os aprendizes surdos a ponto de causar efeito de “retransferência” da Libras para o PB. Em outras palavras, sugerimos que o uso de tais construções em processo de mudança desencadeia um processo de recategorização que afeta também as construções funcionais com *é* usadas em PB.

Além de considerar os processos de reanálise, recategorização e “retransferência”, destacamos ainda *chunking* como um mecanismo coocorrente. Com base nas análises dos núcleos do SN sujeito, encontramos indicações importantes que podem revelar explicações com base no processamento de *chunking* para enriquecimento da memória. Foram observadas destacada frequência de ocorrência do *chunk* [*X + é*], em torno de 90% encontrado nos textos dos adultos, em que a posição do sujeito *X* é preenchida por (i) pronomes pessoais *ele*, *ela* e *você* (10 ocorrências), (ii) nomes de pessoas (8 ocorrências) e (iii) sintagmas nominais de núcleo ‘substantivo’ com traço mais animado (2 ocorrências). Esse *chunk*, parte integrante dos subesquemas atributivos e equativos, com os quais aprendizes teriam contato em atos de linguagem para identificação pessoal, já teria representação com algum grau de saliência na memória, conforme os exemplos a seguir:

(6) *Ele é professor (...)* (grupo B)

(7) *Fabírcia é muito legal que maravilhosa.* (grupo B)

(8) *O segundo patinho nasceu é amarelo.* (grupo A)

Os dados revelam que o traço semântico de animacidade do sujeito pode ter algum efeito na identificação do padrão [*X + é*]. *Chunks* com sujeitos mais animados apresentaram menos *slots* vazios de $V_{(func)}$ do que aqueles com sujeitos de traço menos animado. A análise mostrou que dos 20 *slots*

preenchidos com sujeito menos animado, 11 não apresentam $V_{(func)}$, como mostram os exemplos a seguir, selecionados da amostra do grupo B.

(9) *Não conseguir ler e escrita Ø mais difícil porque não tem interesse dentro de texto(...)*

(10) *Meu sonho Ø estudar GALAUDET (...)*

(11) *Projeto Ø pesquisar Libras Durante 2 anos.*

(12) *Meu curso Ø Letras-Libras e 3 período.*

As amostras indicam que o processo de reanálise ainda não mostra amplo efeito em todos os usos das construções funcionais, isto é, mudança que envolva todos os tipos de constituinte que as componham. Experiências frágeis, sem variedade, sem contexto significativo e pouco frequentes constituem forte explicação para adultos universitários ainda não demonstrarem internalização dos subesquemas funcionais com seus traços componentes.

Uma análise mais geral dos dados revela que ora o sujeito não é preenchido ora o verbo, assim como ocorre com os sinais de pontuação, o que agrava a legibilidade dos textos. Quando esse fenômeno de tantas ausências se junta a outras inadequações tais como ordem de colocação dos itens e mescla de construções, a leitura dos textos fica comprometida. Os trechos a seguir exemplificam nossa argumentação em favor de uma abordagem construcional de análise e de ensino.

(13) *era uma vez um rei e uma rainha escolha é uma menina chamou nome é Branca de neve.*
(grupo A)

(14) *Me chamo é M, sou aluno (...)* (grupo B)

A primeira sequência de (13) indica a percepção de um padrão construcional recorrente nas narrativas com as quais crianças têm maior acesso [era uma vez + um rei e uma rainha]. A microconstrução apresentacional seguida de um SN indefinido configura um bom exemplo de que os aprendizes são capazes de representar padrões construcionais do PB, se a eles forem oferecidas experiências frequentes, significativas e gradualmente ricas e diversas para que mais e mais padrões construcionais emergjam na memória que se pretende rica.

Ainda sobre o exemplo (13), a sequência que segue a analisada no parágrafo anterior não corresponde a uma construção bem formada em PB, assim como ocorre com o exemplo (14). Há mescla de padrões construcionais dos seguintes tipos: [nome de X é Y], [possessivo nome é + X]; [É um(a) X chamada Y] ou ainda [X chamar-se Y]. Ao que parece, as opções de padrões usados

em PB com a função de nomear seres e coisas ainda não tiveram sua forma bem percebida entre os aprendizes crianças/adolescentes e adultos.

Embora os casos que envolvem as construções funcionais com o verbo *ser* tenham apresentado maior quantitativo em relação aos verbos *estar* e *ficar*, o *corpus* traz dados em que o não preenchimento do *slot* $V_{(func)}$ pode ser explicado pela inconsistência de seus significados. Sugerimos que uma competição entre esses três ainda fracos competidores impeça a seleção do item mais adequado à materialização das construções equativas e das atributivas. No âmbito da forma, os exemplos a seguir, selecionados do grupo A, poderiam ter os *slots* verbais preenchidos por pelo menos dois dos três verbos, com exceção do primeiro *slot* de (19).

(15) *O patinho Ø muito triste.*

(16) *O cisne Ø muito feliz!*

(17) *Pessoa Ø triste HAHAAH triste Ø branco.*

(18) *Mamãe branco Ø igual feliz.*

(19) *Cascão Ø peso junto Ø ansado*

Com base no vídeo motivador para as produções dos aprendizes, verifica-se que o sentido de estado permanente não se aplica bem ao contexto da narrativa, no entanto, os sentidos de mudança de estado (*ficar*) e de condição temporal gradualmente transitória (*estar*) se mostram adequados. Sem compreensão da face do sentido, a construção funcional não configura um *chunk* consistente e, portanto, sua representação na memória parece comprometida.

Os dados indicam competição intra e interconstrucional observada nos subesquemas atributivos e equativos da construção funcional. A indicação é mais saliente no sistema linguístico dos aprendizes jovens (crianças e adolescentes) que naquele dos aprendizes adultos, embora a expectativa fosse de que o grupo B não apresentasse inconsistências de uso de uma construção de alta frequência. Em uma perspectiva construcionista de ensino de língua, em que a experiência com *input* linguístico é indispensável para percepção de padrões que pareiam forma e significado, prevê-se que a competição não se mantém por muito tempo, dando lugar a construções categorizadas que formam *chunks* fortes em uma rede conceitual com potencial crescente.

Considerações finais

O estudo descritivo de produções escritas em PBL2 por aprendizes surdos em uma abordagem

construcional ainda é pouco explorado no Brasil. Dentre os poucos trabalhos científicos que situam este objeto de investigação em discussões no âmbito da LFCU, destacam-se contribuições de pesquisas realizadas por integrantes do NEIS-UFRJ, que se dedicam a interpretações sob a ótica de teoria linguística emergentista para os fenômenos presentidos na aprendizagem, no desenvolvimento e no uso de PB por surdos. Nesse viés, este artigo se debruçou sobre o estudo da representação cognitiva de microesquemas atributivos, equativos e apresentativos da construção funcional [(S) V_(func) X] do PB em aprendizes surdos pertencentes a faixas etárias distintas.

Um dos maiores desafios para a consolidação de estudos nessa vertente reside na dificuldade de se equilibrar considerações teóricas da GCBU e de estudos em aquisição de L2 sem deixar de lado questões outras atreladas a discussões sobre metodologias de ensino eficazes e aprendizagem em geral. Entretanto, na mesma medida em que se percebem desafios nessa abordagem, observam-se também inúmeros benefícios das aproximações ao modelo construcional da linguagem para a delimitação de uma área relativamente nova, uma vez que a concepção de gramática defendida permite um tratamento de dados de PBL2 não só com amplo repertório descritivo, como também incrementações explanatórias capazes de explicar, a partir da observação do uso real, a maneira como conhecimentos estruturais e discursivo-textuais da L2 são representados cognitivamente.

A partir da análise quantitativa e qualitativa de dados escritos em PBL2 selecionados do *Corpus* NEIS, os quais se dividiram entre produções de aprendizes crianças/adolescentes (grupo A) e de aprendizes adultos (grupo B), controlamos variáveis relativas à constituição formal e semântica dos referidos padrões utilizados, a fim de perceber constantes quanto às produções dos aprendizes e refletir sobre o que essas poderiam significar em termos de representação mental. Confirmamos a hipótese de que ausências de preenchimentos e incompatibilidades nos preenchimentos dos *slots* motivadas por escolhas inadequadas, em ambos os grupos, parecem demonstrar (i) dificuldades típicas de aprendizes de L2 quanto ao reconhecimento distintivo dos verbos *ser*, *estar* e *ficar* em termos de significado e (ii) baixo grau de percepção e de armazenamento cognitivo eficiente dos esquemas como *chunks*.

Além disso, os resultados demonstraram que a frequência da forma ‘é’ antecedida de um nominal (geralmente, pronome e substantivo próprio), mesmo quando não configura a escolha adequada ao preenchimento de V_(func), chama atenção. Parece que há reconhecimento parcial das construções atributivas e equativas, condicionadas ao *chunk* [PRONOME_(reto)/NOME_(próprio) + é]. Consideramos ser esse fenômeno subsidiado pela “retransferência” do empréstimo cada vez mais usado na Libras, e talvez, em razão de um ensino centrado em paradigmas pouco contextualizados, e

não em construções em seus respectivos contextos de uso – fator que salienta a necessidade de uma abordagem pedagógica ancorada nos pressupostos do modelo construcional, conforme defendem estudos recentes (SOARES, 2018, 2020; FREITAS, 2020; NASCIMENTO, 2020).

Em suma, verificamos que fenômenos recorrentes nos domínios dos sistemas linguísticos utilizados por aprendizes surdos de PBL2 para a comunicação escrita, se contemplados pela perspectiva centrada no uso, não só concorrem como fontes de explicações descritivas acerca do processo de aprendizagem de L2, mas também fornecem fortes evidências ao debate sobre a reformulação do ensino de escrita para surdos. Em outras palavras, o foco na análise de construções específicas do PB, a exemplo das construções funcionais, considerando aspectos de forma, sentido e frequência de uso de itens que figuram ou não nos esquemas, possibilita simultaneamente a identificação de estágios específicos de representação mental de construções da língua-alvo e de dificuldades de produção escrita nessa língua. A partir das evidências encontradas, é possível sanar impropriedades no sistema da L2 emergente, com intervenções didáticas que tenham como propósito propiciar contextos favoráveis ao recrutamento de processos cognitivos de domínio geral para armazenamento consistente de novas construções.

Referências

ALMEIDA, Janete Alves. *Aquisição do sistema verbal do português por escrito pelos surdos*. Dissertação (Mestrado em linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília–UNB, Brasília, 122f. 2007.

BROCHADO, Sonia Maria D. *A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2003.

BYBEE, Joan. *Língua, Uso e Cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Editora Cortez, 2016.

CRATO, Aline Nascimento; CARNIO, Maria Silvia. Análise da flexão verbal de tempo na escrita de surdos sinalizadores. *Rev. bras. educ. espec.*, Marília, v. 15, n. 2, p. 233-250, Aug. 2009.

FREITAS JR, Roberto; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva; XAVIER, Hosana Sheila da Silva Rosa. Será um grande de aprendizado: uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em PBL2 - Interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua. Rio de Janeiro. *Pensares em revista*, v. 01, p. 0729, 2018.

FREITAS JR, Roberto de; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. Aquisição e ensino de PBL2 para surdos: um estudo de caso sobre a hipótese do choque construcional na interlíngua. In: FREITAS JR, Roberto de.; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. (Orgs.) *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas* – 1ª Edição. 2020.

FREITAS JR, Roberto de. Por uma abordagem construcional e aplicada de ensino de PBL2 de surdos: integrando a GCBU aos PCNLE e às OCEMLE. In: FREITAS JR, Roberto de; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. (Orgs.) *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas* – 1ª Edição. 2020.

GESUELI, Zilda Maria. *A criança não ouvinte e a aquisição da escrita*. Dissertação de mestrado. UNICAMP. 1988.

GÓES, Maria Cecília R. de. *A linguagem escrita de alunos surdos e a comunicação bimodal*. Livre-Docência em Psicologia Educacional. UNICAMP, 1994.

GOLDBERG, Adelle. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: University Press, 2006.

HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (eds.). *The Oxford handbook of construction grammar*. Oxford: OUP, 2013. p. 49-69.

HUBACK, Ana Paula. A aquisição de ser e estar no ensino de português como língua estrangeira. *Revista do GEL*, v. 8, n. 1, p. 91-107, 2011.

JAKOBSON, Roman. Some questions of meaning. In: WAUGH, L. R. (Ed.). *On language: Roman Jakobson*. Cambridge, MA : Harvard University Press, 1990. p. 315-23.

KEMMER, Suzanne; BARLOW, Michael. *Introuction: a usage-based conception of language*. Rice University, 1999.

LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira; PIRES, Lilian Coelho. Desenvolvimento linguístico na aquisição de português L2 (escrito) por surdos: a estrutura do sintagma nominal. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, 2011.

NASCIMENTO, João Paulo da Silva; SOARES, Lia Abrantes Antunes; FREITAS JR, Roberto. Os bastidores da escrita: análise cognitivo-funcional de processos cognitivos operantes na aquisição de PBL2 por surdos bilíngues. *Revista Diálogos*, RevDia, 2019. <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/>

index.php/revdia/article/view/7772/html

NASCIMENTO, João Paulo da Silva. *A escrita infantil de surdos de primeira geração: um estudo cognitivo-funcional sobre o recrutamento de processos mentais de domínio geral na aquisição de PBL2*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020. <http://hdl.handle.net/11422/6230>

PAVÃO, Bruna Gois; VIEIRA, Marcia dos Santos Machado. Predicações com os verbos relacionais ser e estar. *Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 14, Dezembro 2013.

SOARES, Lia Abrantes Antunes. *A emergência de um sistema de competidores: um estudo cognitivo-funcional dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento do PBL2 em surdos universitários*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335101609_A_emergencia_de_um_sistema_de_competidores_um_estudo_cognitivo-funcional_de_processos_mentais_subjacentes_ao_desenvolvimento_do_PBL2_em_surdos_universitarios

SOARES, Lia Abrantes Antunes. A produção de materiais para ensino de português escrito por uma abordagem baseada no uso. In: FREITAS JR, Roberto de (Orgs); SOARES, Lia Abrantes Antunes (Orgs); NASCIMENTO, João Paulo da Silva (Orgs). *Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas – 1ª Edição*. 2020. Disponível em: https://94b3d809-26d2-46d3-a4b3-90b788c112ac.filesusr.com/ugd/6f9e86_4a56361025554af3b090922562ff2da8.pdf

**DAS PÁGINAS ÀS TELAS: UMA ABORDAGEM MULTI-DIMENSIONAL DA
ADAPTAÇÃO DA LINGUAGEM DA LITERATURA *YOUNG ADULT* PARA O CINEMA
FROM PAGES TO SCREEN: A MULTI-DIMENSIONAL APPROACH TO THE
ADAPTATION OF *YOUNG ADULT* NOVELS TO THE SILVER SCREEN**

*Marcia Veirano Pinto*¹

*Tiago Marcondes Valente*²

RESUMO

Obras cinematográficas como *The outsiders* (1983), *The basketball diaries* (1995) e *Harry Potter and the sorcerer's stone* (2001) são exemplos do número crescente de adaptações dos romances categorizados como *young adult*, ou “jovem adulto”, produzidos nas últimas décadas e direcionados a um público de idade superior ao infantil e inferior ao público adulto. O objetivo de nossa pesquisa é compreender de que forma a linguagem verbal presente nos livros *young adult* é adaptada para a linguagem audiovisual do cinema. Para tal análise, partimos da coleta de textos para formação do *Young Adult Corpus*, que incluiu o texto de 30 obras literárias e 30 legendas de filmes cujos enredos são adaptações desses romances. O estudo de variação entre os traços linguísticos dos diferentes tipos de linguagem foi feito por meio de uma análise multi-dimensional aditiva, embasada nas dimensões de variação do inglês (Biber, 1988). Os resultados mostram que, ao saírem das páginas para as telas, as histórias ficam mais interativas, menos narrativas e mais dependentes de contexto.

Palavras-chave: Linguística de corpus; Análise multi-dimensional; Romance *young adult*; Filmes

ABSTRACT

Movies such as *The outsiders* (1983), *The basketball diaries* (1995) and *Harry Potter and the sorcerer's stone* (2001) are examples of the growing number of adaptations of novels often categorized as young adult. Such novels are intended for an audience composed of individuals in their late teens. The purpose of our study is to understand how the language in young adult books is adapted to the audiovisual language of movies. To that end, we collected the Young Adult Corpus (YAC), which includes 30 novels belonging to the young adult category and 30 subtitles of their respective movies. The YAC corpus was submitted to an additive multi-dimensional analysis based on the dimensions of variation in English (Biber, 1988). Results suggest that when the language of novels is adapted to that of the silver screen it becomes more interactive, less narrative and more situation dependent.

Keywords: Corpus linguistics; Multi-Dimensional analysis; *Young adult novels*; Movies

1 Marcia Veirano Pinto é professora adjunta do Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: marcia.veirano@unifesp.br.

2 Tiago Marcondes Valente é mestrando em Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. E-mail: tiago_mvalente@hotmail.com.

Introdução

Após seu surgimento ao final do século XIX, o cinema não tardou a utilizar, nas histórias encenadas, enredos baseados em obras literárias. Com grande destaque às contribuições de Georges Méliès, como o filme *Cinderella* (1899), baseado no romance de Charles Perrault, e *Le voyage dans la lune* (1902), inspirado por romances de Julio Verne e H. G. Wells (DIAS; PAULINO, 2014), tal prática é, até hoje, motivo de críticas e discussões acerca da necessidade de preservação, ou não, dos aspectos principais da obra original.

É interessante notar que a literatura teve papel fundamental na criação de técnicas e no desenvolvimento de recursos que hoje constituem a linguagem cinematográfica. O cineasta D. W. Griffith, diretor de *Judith of Bethulia* (1914), afirma ter se inspirado em passagens de Charles Dickens para buscar novas formas de movimentação de câmeras (como tomadas panorâmicas e *close-ups*). Da mesma forma, escritores como Hemingway e Steinbeck comentam a influência do cinema na literatura, principalmente na questão da centralidade do foco narrativo em um único personagem e na diminuição da onisciência de seus narradores (BRITO, 1996).

A partir dos anos 50, obras de produtoras cinematográficas de maior prestígio passam a incluir a realidade adolescente na centralidade das situações retratadas, o que, até então, ocorria apenas em filmes de baixo orçamento, conhecidos como “filmes B”. Como exemplo, vale citar os filmes protagonizados pelo ator James Dean, como *Rebel without a cause* (1955) e *East of eden* (1955), responsáveis por atrair para as salas de cinema um público mais juvenil, ainda que seus roteiros tivessem sido originalmente pensados para uma audiência adulta. Tendo em vista a popularização de tais obras, o termo *teenpictures*, ou *teenpics*, passa a ser utilizado para classificar esses filmes. Eles exploravam diretamente o puro entretenimento do segmento juvenil de espectadores, abordando de forma rasa temáticas como sexo e violência, geralmente em atuações exageradas, acompanhadas por um fundo musical de *rock'n'roll*, em um evidente estereótipo da adolescência rebelde dos anos 50, além de receberem uma expressiva interferência dos esquemas publicitários (BUENO, 2005).

Ao final dessa década, entretanto, uma modificação no código de produção de filmes (*Production Code*), documento que discriminava as diretrizes morais, estéticas e verbais necessárias para que um filme fosse aprovado pela censura dos Estados Unidos da América (cf. KOZLOFF, 2000), determinou que a “moralidade” fosse um aspecto de fundamental importância nas produções, resultando no que, posteriormente, ficou conhecido como *clean teenpics* – filmes que, ainda que estivessem centrados no público adolescente, retratavam situações mais leves e cotidianas, capazes de entreter toda a família

(DOHERTY, 2002). Conseqüentemente, houve uma diminuição da identificação e da sensação de representatividade dos espectadores jovens com tais filmes, sendo poucos os títulos com temáticas adolescentes que receberam destaque e notoriedade nos anos seguintes, como *I was a teenager werewolf* (1957), *Bernardine* (1957) e *Grease* (1976). As temáticas especificamente juvenis, como as utilizadas anteriormente, voltam a ganhar força apenas nos anos 80. Dessa vez, ao invés dos estereótipos das *teenpics*, traziam notável e significativo aprofundamento no psicológico, nos questionamentos e nas vivências de seus personagens, como é possível observar nos filmes do cineasta John Huges, como *Sixteen candles* (1984) e *The breakfast club* (1985). A partir dessa época, os filmes que retratam a realidade adolescente passam a receber maior atenção da indústria cinematográfica e da crítica. Alguns deles tornaram-se *blockbusters*, e permanecem no imaginário coletivo até os dias de hoje (PICCININI, 2013).

Ainda na mesma década, alguns dos roteiros de filmes para o público adolescente utilizaram como base para a construção de suas narrativas obras literárias pertencentes à categoria *young adult*, ou jovem adulto, cujo histórico e principais características serão tema de uma das seções seguintes do presente artigo, mas vale aqui mencionar que tais obras se dirigem a um público leitor juvenil, numa idade intermediária entre a infância e a fase adulta. Como exemplo, podemos citar títulos de notável sucesso, como *Vidas sem rumo* (*The outsiders*, 1983), dirigido por Francis Coppola e adaptado do romance de Susan Hinton (1967), e *A lagoa azul* (*The blue lagoon*, 1980), dirigido por Randal Kleiser, baseado na obra homônima de Henry De Vere Stacpoole (1908), título que inicia a trilogia mais popular do escritor, seguido por *The Garden of God* (1923) e *The gates of morning* (1925), ambos sem tradução para o português.

No século XXI, é possível notar um aumento na popularização dos livros *young adult*, uma vez que, em 1997, a média de romances dessa categoria publicados era por volta de três mil títulos por ano e, após doze anos, essa média passa para trinta mil. Em 2009, o total de vendas dos romances *young adult* passou de três bilhões de dólares (BROWN, 2011). Essa “segurança comercial” resultou em um conseqüente aumento na quantidade de suas adaptações cinematográficas, que aproveitam como garantia o público já formado pelos leitores e conhecedores das obras literárias e seus autores, principalmente ao considerarmos franquias de grande sucesso, como *Harry Potter e a pedra filosofal* (*Harry Potter and the sorcerer’s stone*, 2001), *Jogos vorazes* (*Hunger games*, 2008) e *Crepúsculo* (*Twilight*, 2005). Uma simples observação do comportamento do público, em contato com as adaptações de histórias já lidas nos livros para o cinema, pode revelar importantes questões acerca da utilização de uma mesma narrativa fictícia em dois tipos midiáticos diferentes. Geralmente, as críticas e opiniões se baseiam em uma comparação entre as duas mídias, com foco nas situações, nos

personagens e nos diálogos mantidos ou alterados.

Da mesma forma, no âmbito linguístico tais questionamentos ainda podem ser feitos, considerando a linguagem verbal das obras no cinema. Sendo assim, o presente artigo se destina a analisar e buscar uma melhor compreensão da forma como a linguagem dos romances *young adult* é adaptada das páginas dos livros às telas dos cinemas, por meio da identificação das variações presentes em seus traços lexicogramaticais. Para tanto, utilizaremos como base de nossa fundamentação teórica os pressupostos teóricos e metodológicos estabelecidos pela linguística de *corpus*, mais especificamente pela metodologia conhecida por análise multi-dimensional. A análise multi-dimensional nos possibilita analisar uma grande quantidade de textos e variáveis lexicogramaticais, permitindo a melhor compreensão do fenômeno de adaptação da literatura *young adult* para o cinema, com base em critérios puramente linguísticos representados pelos parâmetros comunicativos funcionais das dimensões da língua inglesa propostas por Biber (1988) (vide seção 3.2). Sua metodologia se baseia na noção de coocorrência de características linguísticas proposta por Ervin-Tripp (1972), Hymes (1974) e Brown e Fraser (1979) (Biber, 2019, p. 12). Tal noção postula que a principal diferença entre textos de registros diversos — no caso deste estudo, romances *young adult* e filmes *young adult* — se encontra na presença de diferentes conjuntos de características linguísticas. Assim, ao realizarmos uma análise multi-dimensional aditiva, poderemos ver quais são as principais semelhanças e diferenças nos traços linguísticos que compõem esses dois registros, relativas aos parâmetros comunicativos funcionais de cada uma das dimensões da língua inglesa (BIBER, 1988).

Iniciaremos nosso artigo por uma breve explanação acerca do histórico e da definição da categoria literária *young adult*, para, então, inserirmos em nossa discussão o conceito de registro textual, conforme a nomenclatura utilizada pela tradição da linguística de *corpus*. Em seguida, apresentaremos nossa metodologia, a análise multi-dimensional aditiva, escolhida conforme os objetivos de nossa pesquisa, e descreveremos de que forma ocorreu a coleta e formação do *Young Adult Corpus*. Por fim, a análise dos resultados obtidos, nossas conclusões e propostas para possíveis pesquisas futuras na área.

1. A categoria *young adult*

1.1 Definição e histórico

Buscando definir e catalogar alguns dos livros mais vendidos dos séculos XX e XXI, escritos para leitores mais velhos do que crianças e mais jovens que adultos, o termo *young adult*, “jovem adulto” em tradução literal, foi criado. Sua primeira aparição ocorreu nos Estados Unidos, em

1944, em uma coluna do *Library journal*. Proposta pela bibliotecária Margaret Scoggin, a coluna, cujo primeiro nome recebido foi *Books for older boys and girls (Livros para meninos e meninas mais velhos, tradução nossa)*, e posteriormente *Books for young adults (Livros para jovens adultos, tradução nossa)*, trazia resenhas de livros infantis e adultos, cujas temáticas também se aplicavam ao público jovem (ROUYER, 2015), já que uma categoria específica para os leitores adolescentes ainda não havia sido criada.

Em nossa visão, a categoria *Y.A.*, como é popularmente chamada, não deve ser interpretada como um gênero, tendo em vista que todos os gêneros presentes nos livros infantis e adultos também podem ser encontrados naqueles escritos para os jovens. Primeiros amores, amizades, problemas familiares, autodescobertas e outros questionamentos típicos da adolescência são temas frequentes nos romances da categoria, cujas narrativas naturalistas ou fantásticas, geralmente narradas em primeira pessoa por um protagonista adolescente, conectam o universo ficcional à vida real do leitor.

Apesar da grande quantidade de romances *young adult* que conquistou leitores e fãs de todas as idades nos últimos dez anos, os principais moldes da categoria podem ser encontrados em romances de décadas atrás. *Vidas sem rumo (The outsiders; HINTON, 1967)*, é considerado por alguns pesquisadores como o primeiro romance *young adult* autêntico, já que foi escrito “sobre adolescentes, para adolescentes, por uma adolescente”³, conforme diz a capa da primeira edição em capa dura da obra. Susan Hinton tinha catorze anos quando iniciou a escrita da história sobre o garoto Ponyboy e os embates entre duas gangues adolescentes: os *Greasers* e os *Socs*. Três anos depois, o livro já era considerado um *bestseller* e, em 1983, Francis Coppola foi responsável pela produção do filme homônimo baseado na história de Hinton (KRISHER, 2017).

Os romances seguintes abordariam temas mais controversos e polêmicos da vida adolescente, como o uso de drogas, o sexo e o racismo, entre outros, como os livros de Judy Blume, *Are you there God? It's me, Margaret*⁴ (BLUME, 1970), e de Beatrice Sparks, *Nunca desmorteados (Go ask Alice; SPARKS, 1971)*. Já na década de 80, os romances *young adult* passaram a incluir em suas páginas narrativas mais fantásticas, comportando gêneros como terror, fantasia e distopia (BEHRENS, 2017).

Entretanto, a diminuição do poder aquisitivo das escolas norte-americanas dificultava a compra dos romances *young adult*, geralmente publicados em edições de capa dura e, conseqüentemente, mais caras, e a popularização da literatura *middle grade* (outra categoria que tem como público alvo

3 “A remarkable novel about teenagers, for teenagers, by a teenager.” (KRISHER, 2017, tradução nossa).

4 Sem tradução para o português.

leitores de 8 a 12 anos, ou seja, mais jovens do que os almeçados pela literatura *young adult*; cf. LAMBA, 2014), contribuíram para a significativa queda no consumo e na produção da categoria *young adult* nos anos 90, ainda que nomes como R.L. Stine e Tamora Pierce tenham conquistado significativo prestígio (CART, 2016). Os romances para jovens adultos só retornaram às prateleiras de livros mais vendidos após o sucesso mundial dos livros da escritora inglesa J. K. Rowling. A série iniciada por *Harry Potter e a pedra filosofal* (ROWLING, 2000), além de introduzir milhões de leitores ao universo da literatura *young adult*, foi responsável por incluir novas características à categoria, como o aumento na extensão das obras e a inclusão de tais romances em uma série de livros, criando assim uma tendência que foi acompanhada por diversos autores nos anos seguintes, em obras de sucesso similar como *Crepúsculo* (MEYER, 2008), *Jogos vorazes* (COLLINS, 2010) e *Divergente* (ROTH, 2012).

Tendo em vista o histórico exposto acima, é interessante observar que as obras anglófonas produzidas para o público juvenil ao final do século XX e durante o século XXI, podem apresentar certa estabilidade em questões estéticas e temáticas, principalmente pelo fato de um público leitor já ter sido estabelecido. Segundo Kaplan (2005), os romances *young adult* dos últimos anos têm-se caracterizado, principalmente, pela constante temática da busca pela identidade, tanto biológica quanto emocional, que motiva as ações dos jovens protagonistas em suas tentativas de compreender seus lugares em uma sociedade em constante transformação, inseridos na ambientação proposta pelos autores.

Dessa forma, poderíamos supor que a influência dessa estabilidade percebida e construída historicamente possa ter gerado uma situacionalidade característica a essa categoria. Em outras palavras, diferentemente da simples inclusão de livros destinados a um público intermediário (situado entre a fase infantil e adulta) em uma categoria específica, criada para definir seções de bibliotecas e livrarias, os autores incluíam, no trabalho da composição da forma e da sequência narrativa, aspectos temáticos e estilísticos próprios, compostos a partir de traços linguísticos e discursivos já esperados pelos leitores habituados às obras *young adult*. Portanto, é possível dizer que a classificação *young adult*, após tais convenções citadas, possa ser interpretada agora como um registro da língua inglesa, ou seja, uma variedade textual influenciada por suas situações de produção (BEAUGRANDE, 1981), ou ainda, na tradição da linguística de *corpus*, “qualquer variedade linguística definida por suas características situacionais, incluindo o propósito do falante, o relacionamento entre falante e interlocutor e as circunstâncias de produção (BIBER, 2009, p. 823).”⁵ Para tal afirmação, é necessária

5 “... any language variety defined by its situational characteristics, including the speaker’s purpose, the relationship

uma explicação sobre o conceito de registro textual, conforme faremos a seguir.

1.2. A categoria *young adult* e seu tratamento como registro textual de acordo com a tradição da linguística de *corpus*

Seja de forma oral ou escrita, toda produção textual recebe influência direta do contexto social no qual se insere a mensagem a ser transmitida (BEAUGRANDE, 1981). A compreensão dessa mensagem e o sucesso do processo comunicativo ocorrem quando a linguagem e a estrutura do texto se adéquam à convenção criada para a sua finalidade, por meio de características linguísticas específicas (BIBER; CONRAD, 2009, p. 4). A simples visualização de uma lista com números e substantivos, seguida por um ou dois parágrafos e, frequentemente, uma imagem, é capaz de fazer com que reconheçamos o texto à nossa frente como pertencente ao registro “receita culinária”, antes de sequer identificarmos qualquer um dos substantivos, apenas a partir de sua estrutura. Ou seja, assim que entramos em contato com qualquer tipo de texto, buscamos identificar certas características linguísticas e extralinguísticas, numa tentativa de obter uma ideia prévia do conteúdo principal da mensagem. Quando reconhecemos sua finalidade comunicativa e o processo social ao qual o texto pertence, a partir de sua estrutura e sua linguagem, identificamos seu registro. O mesmo ocorre com cartas pessoais, receitas médicas, roteiros de cinema e uma infinidade de outros registros, sempre conectados à cultura e às experiências prévias do produtor e do receptor (BIBER; CONRAD, 2009). Diferentemente da noção de “gênero”, cuja identificação parte da análise de expressões específicas e da organização retórica de textos completos (BERBER SARDINHA; VEIRANO PINTO, 2019), os registros podem ser definidos por seu contexto situacional (ou seja, seu propósito comunicativo), por suas características linguísticas e pelo seu aspecto funcional gerado da relação entre ambos, a partir de amostras menores de textos (BIBER; CONRAD, 2009, p. 16).

Vale ressaltar que, aplicada à literatura, a noção de gênero passou a receber maior atenção dos teóricos a partir do século XX, com a popularização do Formalismo Russo. Ao invés do conteúdo, os estudos literários formalistas passam a evidenciar a análise da forma e da linguagem que atuam na construção da noção de “literariedade” dos textos – ou seja, os textos se organizam em uma determinada estrutura, para que sejam reconhecidos pelo leitor como produções de “alto valor”, por meio do evidente contraste entre um discurso literário e um discurso de aspecto mais “cotidiano” (EAGLETON, 1996). Como nosso trabalho se filia à tradição da linguística de *corpus*, e as obras estudadas não têm a pretensão de serem tratadas como produções de “alto valor” (EAGLETON,

between speaker and hearer, and the production circumstances” (Biber, 2009, p. 823, tradução nossa).

1996), trataremos a categoria *young adult* como um registro textual, partindo da situacionalidade construída pelos leitores e escritores nas últimas décadas, conforme já descrito anteriormente.

2. Metodologia

2.1. O *young adult corpus*

Para nosso estudo, formamos o *Young Adult Corpus*⁶ (doravante *YAC*), constituído por textos dos romances selecionados e das legendas das adaptações cinematográficas de tais romances, que atuam como uma representação dos diálogos encenados. De acordo com Veirano Pinto (2018), a utilização de legendas, ao invés da transcrição das falas cinematográficas, não resulta em diferenças relevantes para os fins de estudos multi-dimensionais de variação linguística, haja vista a natureza lexicogramatical das variáveis utilizadas. No Quadro 1, estão as principais informações sobre os romances inseridos no *YAC*, como título original, título da versão brasileira (quando houver), gênero literário, ano de publicação e nome do(a) autor(a). O acréscimo de tais informações, também chamadas de *metadados* na tradição da linguística de *corpus*, se faz necessário, uma vez que podem ser úteis para a interpretação da variação linguística observada. Vale ressaltar que, para o caso de livros que integram trilógias ou uma série de obras, utilizamos apenas os primeiros volumes de cada trilogia/série, visando a proporcionar maior variedade de autoria em nosso *corpus*. No Quadro 2, agrupamos as informações subjacentes aos filmes presentes no *YAC*, incluindo título original, título da versão brasileira (quando houver), gênero cinematográfico (de acordo com o *site Internet Movie Database*)⁷ e data de lançamento.

Quadro 1: Obras literárias

Título original	Título em português	Autor	Gênero	Ano de lançamento
<i>Less than zero</i>	Abaixo de zero	<i>Bret Easton Ellis</i>	Drama	1985
<i>Cycle of the werewolf</i>	A hora do lobisomem	<i>Stephen King</i>	Horror	1983
<i>The blue lagoon</i>	A lagoa azul	<i>Henry De Vere Stacpoole</i>	Romance	1908
<i>The Rachel papers</i>	-	<i>Martin Amis</i>	Drama	1973

6 “Um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral e escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (Sanches, 1996, p. 8-9).”

7 <https://www.imdb.com/>. Acessado em setembro de 2019.

<i>The body (novela da coleção Different seasons)</i>	O corpo (da coleção Quatro estações)	<i>Stephen King</i>	Drama	1982
<i>The princess bride</i>	A princesa prometida	<i>William Goldman</i>	Romance	1973
<i>Bright lights, big city</i>	-	<i>Jay McInerney</i>	Drama	1984
<i>Fast times at Ridgemont High</i>	-	<i>Cameron Crowe</i>	Biografia	1981
<i>The chocolate war</i>	-	<i>Robert Cormier</i>	Gótico	1974
<i>The outsiders</i>	Vidas sem rumo	<i>S. E. Hinton</i>	Drama	1967
<i>Matilda</i>	Matilda	<i>Roald Dahl</i>	Ficção	1988
<i>The secret garden</i>	O jardim secreto	<i>Frances Hodgson Burnett</i>	Infantil	1911
<i>The basketball diaries</i>	Diário de um adolescente	<i>Jim Carroll</i>	Biografia	1978
<i>The virgin suicides</i>	As virgens suicidas	<i>Jeffrey Eugenides</i>	Drama	1993
<i>Girl, interrupted</i>	Garota interrompida	<i>Susanna Kays</i>	Biografia	1993
<i>Killing Mr. Griffin</i>	Vamos matar o professor?	<i>Lois Duncan</i>	Suspense	1978
<i>The witches</i>	As bruxas	<i>Road Dahl</i>	Infantil	1983
<i>Trainspotting</i>	Trainspotting	<i>Irvine Welsh</i>	Drama	1993
<i>Fight club</i>	Clube da luta	<i>Chuck Palahniuk</i>	Psicológico	1999
<i>Madame Doubtfire</i>	-	<i>Anne Fine</i>	Infantil	1987
<i>Twilight</i>	Crepúsculo	<i>Stephenie Meyer</i>	Romance	2005
<i>Harry Potter and the sorcerer's stone</i>	Harry Potter e a pedra filosofal	<i>J. K. Rowling</i>	Aventura	1997
<i>The fault in our stars</i>	A culpa é das estrelas	<i>John Green</i>	Romance	2012
<i>Simon vs. the homo sapiens agenda</i>	Simon vs. a agenda homo sapiens	<i>Becky Albertalli</i>	Drama	2015
<i>Me and Earl and the dying girl</i>	Eu, você e a garota que vai morrer	<i>Jesse Andrews</i>	Drama	2012
<i>The perks of being a wallflower</i>	As vantagens de ser invisível	<i>Stephen Chbosky</i>	Drama	1999
<i>Divergent</i>	Divergente	<i>Veronica Roth</i>	Ficção Científica	2011
<i>The lightning thief - Percy Jackson and the Olympians</i>	Percy Jackson e o ladrão de raios	<i>Rick Riordan</i>	Aventura	2005
<i>The hunger games</i>	Jogos vorazes	<i>Suzanne Collins</i>	Aventura	2008
<i>Wonder</i>	Extraordinário	<i>R. J. Palacio</i>	Infantil	2012

Fonte: Elaboração própria

Quadro 2: Obras cinematográficas

Título original	Título em português	Gênero	Data de lançamento
<i>Less than zero</i>	Abaixo de zero	Drama	06/11/1987
<i>Silver bullet</i>	Bala de prata	Horror	11/10/1985
<i>The blue lagoon</i>	A lagoa azul	Aventura	20/06/1980
<i>The Rachel papers</i>	Namoros eletrônicos	Drama	12/05/1989
<i>Stand by me</i>	Conta comigo	Aventura	26/11/1986
<i>The princess bride</i>	A princesa prometida	Aventura	25/09/1987
<i>Bright lights, big city</i>	Nova York: uma cidade em delírio	Drama	01/04/1988
<i>Fast times at Ridgemont High</i>	Picardias estudantis	Comédia	13/08/1982
<i>The chocolate war</i>	A guerra do chocolate	Drama	18/11/1988
<i>The outsiders</i>	Vidas sem rumo	Drama	25/03/1983
<i>Matilda</i>	Matilda	Comédia	28/06/1996
<i>The secret garden</i>	O jardim secreto	Drama	13/08/1993
<i>The basketball diaries</i>	Diário de um adolescente	Drama	25/01/1995
<i>The virgin suicides</i>	As virgens suicidas	Drama	19/05/1999
<i>Girl, interrupted</i>	Garota, interrompida	Drama	09/12/1999
<i>Killing Mr. Griffin</i>	-	Drama	07/04/1997
<i>The witches</i>	Convenção das bruxas	Aventura	25/05/1990
<i>Trainspotting</i>	Trainspotting: sem limites	Drama	23/02/1996
<i>Fight club</i>	Clube da luta	Drama	21/09/1999
<i>Mrs. Doubtfire</i>	Uma babá quase perfeita	Comédia	22/11/1993
<i>The twilight saga 1: Twilight</i>	Crepúsculo	Drama	17/11/2008
<i>Harry Potter and the sorcerer's stone</i>	Harry Potter e a pedra filosofal	Aventura	04/11/2001
<i>The fault in our stars</i>	A culpa é das estrelas	Drama	02/06/2014
<i>Love, Simon</i>	Com amor, Simon	Comédia	16/03/2018
<i>Me and Earl and the dying girl</i>	Eu, você e a garota que vai morrer	Comédia	12/06/2012
<i>The perks of being a wallflower</i>	As vantagens de ser invisível	Drama	10/09/2012
<i>Divergent</i>	Divergente	Aventura	18/03/2014
<i>Percy Jackson & the Olympians: The lightning thief</i>	Percy Jackson e o ladrão de raios	Aventura	10/02/2010
<i>Hunger games</i>	Jogos vorazes	Aventura	12/03/2012
<i>Wonder</i>	Extraordinário	Drama	14/11/2017

Fonte: Elaboração própria

2.2. A análise multi-dimensional

Originalmente, a análise multi-dimensional, proposta por Douglas Biber (1988), busca analisar e comparar os traços linguísticos de textos escritos e orais, identificando padrões de variação em

diferentes registros de uma língua (BERBER SARDINHA; VEIRANO PINTO, 2019, p.1). Ainda que inconscientemente, tais variações ocorrem constantemente na comunicação humana, já que o contexto situacional do texto produzido interfere diretamente em nossas escolhas linguísticas, nas quais definimos o léxico, a morfologia, a pronúncia e muitos outros aspectos da linguagem utilizados para a comunicação. Essas escolhas ocorrem de forma sistemática, tanto na fala quanto na escrita (BIBER; CONRAD, 2009, p. 4).

Desse modo, é possível identificar as variações entre os registros dos diferentes textos selecionados para o *corpus*, por meio de padrões de coocorrência sistemáticos estabelecidos pelas relações de correlação entre os traços linguísticos. A partir dessas variações nos padrões de coocorrência, comparamos os registros aos quais estes textos pertencem “no espaço linguístico definido por tais padrões”⁸ (BIBER, 2009, p. 824) – conhecidos por fatores, antes de sua interpretação comunicativa funcional, e por dimensão de variação, depois de tal interpretação.

As análises multi-dimensionais podem ser de dois tipos básicos: (1) completa, na qual as dimensões de variação são identificadas a partir do cálculo estatístico conhecido por análise fatorial, para um ou vários registros analisados; e (2) aditiva, por meio de uma classificação multi-dimensional (BIBER, 2009, p. 844) que descreve a variação de *corpora* a partir de dimensões já identificadas anteriormente. No presente estudo utilizamos a análise aditiva, partindo da identificação do posicionamento dos dois registros do *corpus* nas cinco dimensões de variação do inglês (BIBER, 1988), que apresentaremos em breve, para identificarmos as alterações comunicativas funcionais, derivadas dos conjuntos de traços linguísticos descritos no Quadro 4, que os textos sofrem ao serem adaptados para o cinema.

Para isso, após coleta do *YAC*, formado por arquivos de texto sem formatação (extensão de arquivo *.txt*), foi realizada uma limpeza semi-automática de cada um desses textos. Essa limpeza é necessária para excluir as informações adicionais ao texto ficcional em si, como numeração de páginas, títulos, agradecimentos e dedicatórias, no caso dos romances, e numerações que indicam a minutagem das falas, ou seja, o momento exato de início e término de cada uma das frases dos diálogos, no caso das legendas dos filmes.

Em seguida, o processo automático de etiquetagem foi responsável por adicionar, a cada palavra de cada um dos textos, códigos específicos que indicam sua categoria semântica ou classe gramatical (BERBER SARDINHA, 2004). Tendo em vista que as pesquisas baseadas em *corpora* manipulam uma grande quantidade de textos, *softwares* específicos foram desenvolvidos e programados para a realização e automatização de tal tarefa, como o *Biber Tagger*, utilizado na presente pesquisa. Após a aplicação automática das etiquetas, realizamos uma verificação manual, retificando eventuais erros do processo de etiquetagem.

8 “... compare registers in the linguistic space defined by those co-occurrence patterns.” (Tradução nossa)

A contagem das etiquetas também é realizada por uma ferramenta computacional, o *Biber TagCount*, que nos informa a frequência normalizada, à taxa de uma ocorrência a cada 1.000 palavras, de cada uma das variáveis lexicogramaticais presentes nos textos. Os valores normalizados são submetidos à uma padronização – que dimensiona essas frequências normalizadas como unidades de desvio padrão de +1 ou -1 – para que o viés relativo à maior ou menor frequência de uma variável na língua seja eliminado (SARDINHA *et al.*, 2019, p.175-176). Vale ressaltar que, ao gerar os resultados da contagem de etiquetas, o *Biber TagCount* já realiza os processos de normalização e padronização automaticamente, bem como fornece os escores dos textos em cada uma das cinco dimensões do inglês⁹. Após a revisão de seu trabalho seminal (BIBER, 1988), em 1991, o número de dimensões da língua inglesa foi reduzido de seis para cinco (vide Quadro 3).

Quadro 3: Dimensões do inglês

Dimensão	Biber 1988	Tradução	Biber 2009	Tradução
1	<i>Involved versus informational production</i>	Produção interacional versus informacional	<i>Involved versus informational production</i>	Produção interacional versus informacional
2	<i>Narrative versus non-narrative concerns</i>	Propósitos narrativos versus não-narrativos	<i>Narrative versus non-narrative discourse</i>	Discurso narrativo versus não-narrativo
3	<i>Explicit versus situation dependent reference</i>	Referência explícita versus dependente de situação	<i>Situation-dependent versus elaborated reference</i>	Referência dependente de situação versus elaborada
4	<i>Overt expression of persuasion</i>	Persuasão explícita	<i>Overt expression of argumentation</i>	Argumentação explícita
5	<i>Abstract versus non-abstract information</i>	Informação abstrata versus não-abstrata	<i>Abstract versus non-abstract style</i>	Estilo abstrato versus não-abstrato

Fonte: Adaptado de Veirano Pinto (2013, p. 178-179)

Os polos das dimensões de variação, que representam os parâmetros funcionais de variação de um determinado *corpus*, se estabelecem com base na natureza das correlações entre as variáveis. Correlações complementares indicam que, quando um grupo de variáveis ocorre com muita frequência, o grupo de variáveis que se correlaciona negativamente com ele praticamente não ocorre. Por exemplo, o polo positivo da Dimensão 1, Produção Interacional, “é repleto de variáveis lexicogramaticais que indicam interação [...] como, por exemplo, pronomes pessoais de primeira e

⁹ Mais detalhes acerca dos procedimentos estatísticos utilizados nesta análise podem ser obtidos em Berber Sardinha *et al.* (2019).

segunda pessoa, amplificadores, pronomes relativos, etc.” (VEIRANO PINTO, 2013, p. 179). Já o polo caracterizado pelas variáveis de correlação negativa dessa mesma dimensão, Produção informacional, apresenta variáveis “que sinalizam densidade de informação como, por exemplo, substantivos, razão item-ocorrência, adjetivo em posição atributiva” (VEIRANO PINTO, 2013, p. 179). Sendo assim, um escore¹⁰ negativo atribuído a um determinado texto representa uma frequência maior das variáveis linguísticas que populam o polo negativo de determinada dimensão e uma frequência menor das variáveis linguísticas presentes em seu polo positivo.

O Quadro 4 traz as variáveis linguísticas que compõem cada uma das dimensões do inglês (BIBER, 1988), apresentadas no Quadro 3, bem como os pesos dessas variáveis em cada uma dessas dimensões. As variáveis representadas entre parênteses ocorreram com maior peso em outra(s) dimensão(ões). Na dimensão na qual a variável ocorreu com um peso maior, ela será utilizada no cálculo dos escores dos textos e na interpretação comunicativa funcional do fator. Na(s) dimensão(ões) em que a variável ocorre entre parênteses, ela será utilizada apenas na interpretação comunicativa funcional do fator¹¹. Na coluna à direita, a presença do símbolo ✓ informa que a variável foi utilizada no cálculo do escore dos textos no fator. A ausência do símbolo informa que ela foi utilizada apenas na interpretação comunicativa funcional do fator.

Quadro 4: Traços linguísticos das cinco dimensões de variação do inglês

Dimensão		Peso	Etiqueta	Escore
Dimensão 1				
Polo positivo				
Private verbs	Verbo mental	0,96	prv_vb	✓
THAT deletion	Apagamento de THAT	0,91	that_del	✓
Contractions	Contração	0,9	contrac	✓
Second person pronouns	Pronome de segunda pessoa	0,86	pro2	✓
Present tense verbs	Verbo no tempo presente	0,86	pres	✓
DO as pro-verb	Verbo DO	0,82	pro_do	✓
Analytic negation	Negação analítica	0,78	not	✓
Demonstrative pronouns	Pronome demonstrativo	0,76	pdem	✓
General emphatics	Enfatizador	0,74	gen_emph	✓
First person pronouns	Pronome de primeira pessoa	0,74	pro1	✓
BE as main verb	Verbo to be	0,71	be_state	✓

10 Os escores dos textos são “pontuações” calculadas pela ferramenta *Biber TagCount* a partir da maior/menor frequência das variáveis de uma determinada dimensão em cada texto. Tomemos a Dimensão 1 como exemplo: textos que têm muitas variáveis do polo Interacional (positivo) atingem um escore positivo alto; textos que não têm muitas variáveis de quaisquer um dos polos têm escore próximo a zero; e textos que têm muitas variáveis do polo Informacional (negativo) atingem um escore negativo alto.

11 Fatores são os espaços linguísticos formados pelos padrões de coocorrência identificados por meio do procedimento estatístico conhecido por análise fatorial. As dimensões de variação se estabelecem quando tais fatores são interpretados comunicativa e funcionalmente.

Pronoun IT	Pronome IT	0,71	it	✓
Discourse particles	Partícula discursiva	0,66	prtcle	✓
Causative subordination	Subordinação causativa	0,66	sub_cos	✓
Indefinite pronouns	Pronome indefinido	0,62	pany	✓
General hedges	Atenuador	0,58	gen_hdg	✓
Amplifiers	Advérbio / qualificador – amplificador	0,56	amplifr	✓
Sentence relatives	Pronome relativo	0,55	all_rel	✓
WH questions	Pergunta WH	0,52	wh_ques	✓
Possibility modals	Verbo modal de possibilidade	0,5	pos_mod	✓
Non-phrasal coordination	Coordenação não-frasal	0,48	o_and	✓
WH clauses	Oração WH	0,47	wh_cl	✓
Final prepositions	Preposição final	0,43	fnlprep	✓
(Adverbs	Advérbios	0,42)	advs	
(Conditional subordination	Subordinação condicional	0,32)	sub_cnd	
Polo negativo				
Attributive adjectives	Adjetivo em posição atributiva	-0,47	adj_attr	✓
Prepositions	Preposição	-0,54	prep	✓
Type-token ratio	Razão Forma-Ocorrência	-0,54	ttr	
Word length	Tamanho de palavra	-0,58	wrlength	✓
Nouns	Substantivo	-0,8	n	✓
(Present participial WHIZ deletions	Oração adjetiva reduzida de gerúndio	-0,32)	whiz_vbg	
(Past participial WHIZ deletions	Oração adjetiva reduzida de particípio	-0,38)	whiz_vbn	
(Agentless passives	Voz passiva sem agente	-0,39)	agls_psv	
(Place adverbials	Advérbio de lugar	-0,42)	pl_adv	
Dimensão 2				
Polo positivo				
Past tense verbs	Verbo no tempo passado	0,9	pastnse	✓
Third-person pronouns	Pronome de terceira pessoa	0,73	pro3	✓
Perfect aspect verbs	Verbo no aspecto perfeito	0,48	perfects	✓
Public verbs	Verbo <i>dicendi</i>	0,43	pub_vb	✓
Synthetic negation	Negação sintética	0,4	xnot	✓
Present participial clauses	Oração reduzida de gerúndio	0,39		✓
Polo negativo				
(Word length	Tamanho de palavra	-0,31)	wrlength	
(Past participial WHIZ deletions	Oração adjetiva reduzida de particípio	-0,34)	whiz_vbn	
(Attributive adjectives	Adjetivo em posição atributiva	-0,41)	adj_attr	
(Present tense verbs	Verbos no tempo presente	-0,47)	pres	

Dimensão 3					
Polo positivo					
WH relative clauses on object position	Oração WH em posição de objeto	0,63	rel_obj	✓	
Pied piping constructions	Oração WH com preposição inicial	0,61	rel_pipe	✓	
WH relative clauses on subject positions	Oração WH em posição de sujeito	0,45	rel_sub	✓	
Nominalizations	Nominalização	0,36	n_nom	✓	
Phrasal coordination	Coordenação frasal	0,36	p_and	✓	
Polo negativo					
Time adverbials	Advérbio de tempo	-0,46	tm_adv	✓	
Place adverbials	Advérbio de lugar	-0,49	pl_adv	✓	
Adverbs	Advérbios	-0,6	advs	✓	
Dimensão 4					
Polo positivo (único)					
Infinitives	Verbo no infinitivo	0,76	inf		
Prediction modals	Verbo modal de antecipação	0,54	prd_mod	✓	
Suasive verbs	Verbo suasivo	0,49	sua_vb	✓	
Conditional subordination	Conjunção subordinativa – condicional	0,47	sub_cnd	✓	
Necessity modals	Verbo modal de necessidade	0,46	nec_mod	✓	
Split auxiliaries	Advérbio encaixado no auxiliar	0,44	spl_aux	✓	
(Possibility modals	Verbo modal de possibilidade	0,37)	pos_mod		
Dimensão 5					
Polo positivo					
Conjuncts	Conjuntivos	0,48	conjuncts	✓	
Agentless passives	Voz passiva sem agente	0,43	agls_psv	✓	
Past participial clauses	Orações adjetivas reduzidas de participio	0,42	whiz_vbn	✓	
BY-passives	Voz passiva com preposição BY	0,41	by_pasv	✓	
Past participial WHIZ deletions	Modificador pós-nominal passivo	0,4	whiz_vbn	✓	
Other adverbial subordinators	Outros subordinativos	0,39	sub_othr	✓	
(Predicative adjectives	Adjetivo em posição predicativa	0,31)	pred_adj		
Polo negativo					
(Type-token ratio)	Razão Forma-Ocorrência	-0,31)	ttr		

Fonte: Adaptado de Biber (1988, p. 89-90)

2.3. Análise

Nossa análise foi feita a partir da distribuição dos registros romance *young adult* e filme *young adult* ao longo das escalas das cinco dimensões do inglês (BIBER, 1988), com o intuito de derivarmos o perfil multi-dimensional de ambos. Cada uma dessas escalas é definida por parâmetros comunicativos funcionais — como, por exemplo, Produção interacional (Dim. 1), Discurso narrativo (Dim. 2) —

derivados dos conjuntos de características linguísticas explicitadas no Quadro 4 e utilizados como critérios de análise para apontar semelhanças e diferenças comunicativas funcionais entre os registros de nosso estudo. Ao longo desse processo, fizemos a comparação dos perfis de ambos registros em cada dimensão, objetivando a identificação das adaptações linguísticas feitas das páginas às telas para cada um dos parâmetros funcionais de variação da língua inglesa. Para tanto, primeiramente calculamos a média aritmética dos escores individuais de textos pertencentes aos registros romance *young adult* e filme *young adult*. Tal cálculo resultou nos escores médios desses registros em cada uma das dimensões de variação da língua inglesa (vide Tabela 1), que nos permitiram distribuí-los ao longo das escalas. Vale ressaltar que os itens terminados em “_romance” indicam os dados relacionados ao registro romance *young adult*, da mesma forma que os itens terminados em “_filme”, se referem ao registro filme *young adult*. Os cálculos demonstrados na Tabela 1 foram feitos com o auxílio da suíte estatística SPSS 20.0.

Tabela 1: Escores médios dos registros romance *young adult* e filme *young adult* nas cinco dimensões do inglês

Dimensões	Número de arquivos	Escore mínimo	Escore máximo	Média	Desvio padrão
Dim1_romance	30	-3,89	24,62	10,29	7,43
Dim1_filme	30	20,57	63,71	39,05	8,01
Dim2_romance	30	-1,14	7,31	2,43	2,11
Dim2_filme	30	-3,17	,52	-1,10	,81
Dim3_romance	30	-5,74	-,65	-3,15	1,32
Dim3_filme	30	-6,92	-2,65	-4,68	1,21
Dim4_romance	30	-4,64	1,72	-1,25	1,59
Dim4_filme	30	-1,57	4,64	1,43	1,43
Dim5_romance	30	-1,03	2,42	1,21	,95
Dim5_filme	30	-1,45	5,43	1,19	1,64

Fonte: Elaboração própria

Em seguida, objetivando verificar se os parâmetros funcionais estabelecidos pelas cinco dimensões do inglês — utilizados como critérios de análise para estabelecer as diferenças e semelhanças linguísticas entre os registros romance *young adult* e filme *young adult* — são adequados para medir a variação linguística existente entre os registros dos *corpora* utilizados na pesquisa, fizemos a análise de variância ANOVA. Nesta análise, o valor de R^2 indica o percentual de variância que cada dimensão consegue medir. O valor de F e de p verificam se há diferenças estatisticamente diferentes entre as médias dos registros do estudo em cada uma das dimensões. Os resultados da análise de variância se encontram na Tabela 2.

Tabela 2: Análise de ANOVA dos registros dos *corpora*

Dimensões	F	p	R ²
Dimensão 1	121,87	,000	83,4
Dimensão 2	51,25	,000	67,7
Dimensão 3	49,92	,000	67,1
Dimensão 4	8,47	,000	23,8
Dimensão 5	15,68	,000	38,0

Fonte: Elaboração própria

Como podemos observar na Tabela 2, todos os parâmetros funcionais estabelecidos pelas dimensões do inglês são adequados para mensurar a variação existente entre os registros dos *corpora* utilizados. Para mensurar a significância das diferenças entre os dois registros que são o foco do estudo, romance *young adult* e filme *young adult*, fizemos também as ANOVAs destes dois registros em cada uma das cinco dimensões de variação (Tabela 3).

Tabela 3: Análise de ANOVA dos registros romance *young adult* e filme *young adult*

Dimensões	F	p	R ²
Dimensão 1	207,48	,000	77,8
Dimensão 2	73,60	,000	55,2
Dimensão 3	20,66	,000	25,0
Dimensão 4	96,44	,000	43,1
Dimensão 5	,05	NS	-,016

Fonte: Elaboração própria

Como era de se esperar, a Dimensão 1, que captura as diferenças entre registros escritos e orais, é a que melhor distingue a variação entre romance *young adult* e filme *young adult*. Os únicos parâmetros que não são adequados para distinguir a variação entre esses dois registros são aqueles da Dimensão 5. Eles indicam que ambos registros operam discretamente no campo positivo (+ abstrato), mas são indistinguíveis no que diz respeito aos parâmetros funcionais da Dimensão 5, Estilo abstrato vs. estilo não abstrato, isto é, não há diferenças lexicogramaticais significativas em termos de uso da voz passiva, conjuntivos, subordinativos, adjetivos em posição predicativa e orações reduzidas de participio entre a linguagem dos romances e aquela dos filmes *young adult*.

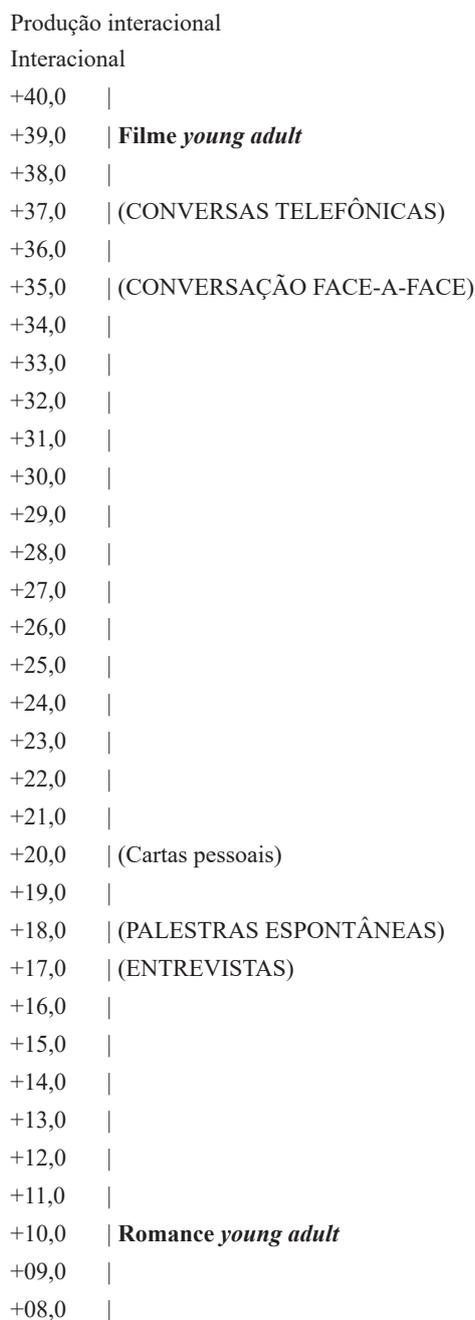
3. Resultados: das páginas às telas

Na presente seção analisaremos, por meio dos escores médios obtidos para ambos registros estudados (Tabela 1), as alterações linguísticas que os romances *young adult* sofrem ao levarem suas narrativas para o cinema, onde passam a pertencer ao registro filme *young adult*. Como mencionado

acima, utilizaremos a distribuição dos registros identificados por Biber (1988) nas escalas das cinco dimensões de variação¹², com especial atenção à comparação entre as posições nelas ocupadas pelos dois registros que compõem o *YAC* (em negrito nas escalas das dimensões).

3.1. Dimensão 1

Figura 1: Os registros romance *young adult* e filme *young adult* na Dimensão 1 ‘Produção interacional versus informacional’



¹² Nessas escalas, os registros entre parênteses são do estudo de Biber (1988), sendo que, dentre esses registros, aqueles marcados em caixa alta são registros falados e os marcados em caixa baixa são registros escritos.

+07,0	
+06,0	
+05,0	
+04,0	(Ficção romântica)
+03,0	
+02,0	(PALESTRAS PREPARADAS)
+01,0	
00,0	(Ficção de aventura) / (Ficção de mistério)
-01,0	(Ficção geral)
-02,0	
-03,0	
-04,0	(RÁDIO E TV) / (Cartas profissionais)
-05,0	
-06,0	(Ficção científica)
-07,0	(Religião)
-08,0	(Humor)
-09,0	(Cultura popular)
-10,0	(Passatempos) / (Editoriais jornalísticos)
-11,0	
-12,0	(Biografias)
-13,0	
-14,0	(Resenhas jornalísticas)
-15,0	(Prosa acadêmica) / (Reportagem jornalística)
-16,0	
-17,0	
-18,0	(Documentos oficiais)
-19,0	
Informacional	

Fonte: Adaptado de Biber (1988)

As variáveis linguísticas presentes na Dimensão 1 (Produção interacional *versus* informacional) capturam as principais diferenças linguísticas existentes entre o discurso oral e o escrito (vide Quadro 4). Nesta dimensão, tanto as obras cinematográficas (escore médio 39,05) quanto os romances (escore médio 10,29) se encontram no polo interativo. No entanto, o registro romance *young adult* se distancia dos registros literários considerados no trabalho seminal de Biber (1988), como por exemplo, ficção romântica (de escore médio 4,3), ficção de aventura (escore médio -0,0), ficção científica (escore médio -6,1), ficção de mistério (escore médio -0,2) e ficção geral (escore médio -0,8), mostrando ter uma linguagem mais interacional do que a tradicionalmente esperada em romances escritos. Tal característica é reforçada por seu posicionamento na escala, logo após diversos registros marcadamente orais e interativos em língua inglesa, especificamente, entrevistas (escore médio 17,1), palestras espontâneas (escore médio 18,2), conversação face-a-face (escore médio 35,3) e conversas telefônicas (escore médio 37,2). É interessante notar que o registro filme *young adult*, por sua vez, é

ainda mais interativo que todos esses registros orais na língua inglesa, atingindo um escore médio de 39,05. Uma possível explicação para esse resultado parece ser a necessidade de comunicar o contexto ficcional nas telas do modo mais direto possível, em por volta de duas horas de filme, por meio de diálogos e atos de fala que auxiliem o desenvolvimento da narrativa (McBRIDE, 2012).

A diferença de escores médios entre os romances *young adult* e filmes *young adult* pode ser explicada não apenas por sua natureza oral, como também por algumas das funções dos diálogos no cinema (KOZLOFF, 2000, p. 33-34). Dentre elas, a ancoragem do universo ficcional e dos personagens, comunicação da causalidade da narrativa, atuação dos eventos narrativos, aderência a um código de realismo e oportunidade para turnos de fala entre as estrelas dos filmes. Desse modo, narrações de opiniões, pensamentos e atitudes dos personagens nos romances, são incorporados às falas dos filmes, justificando a alta frequência de variáveis como pronomes de primeira pessoa, verbos no presente, contrações, pronome *it*, perguntas com pronomes WH-, entre outros, no registro filme *young adult*, em comparação ao registro romance *young adult*. Este último, sendo um registro escrito, pode utilizar diferentes traços linguísticos para esses mesmos fins, por meio de estruturas estritamente narrativas construídas com uma maior frequência de preposições, adjetivos em posição atributiva e substantivos.

Para ilustrar tais achados, utilizaremos trechos da obra “*A Culpa é das Estrelas*”, originalmente um romance de John Green (2012) (Exemplo 1), adaptado para o cinema em 2014, com direção de Josh Boone (Exemplo 2). A obra retrata a história de Hazel Grace, adolescente diagnosticada com câncer de tireoide, e seu primeiro relacionamento amoroso. Nos trechos selecionados (Exemplos 1 e 2), Hazel expressa sua opinião sobre a forma como o câncer é exposto em folhetos informativos ou *sites* da Internet.

No Exemplo 1, retirado do romance, a protagonista (Hazel) não cita ou interage com outros personagens. Sua opinião é dada em um trecho onde se observa a presença reduzida de pronomes de segunda pessoa (*you*), verbos no presente simples (*read, list*), verbo *to be* como verbo principal (*is*), coordenação não frasal (*but*), negação analítica (*not*) e uma maior frequência de variáveis do polo informacional da dimensão, como substantivos (*cancer, booklet, website, depression, effects, effect*), preposições (*of, among, in*) e adjetivos atributivos (*side*), o que explica um menor escore médio do registro romance *young adult* na dimensão.

Já no Exemplo 2, retirado do filme homônimo, tal discussão é representada por um diálogo que leva à frequência maior de algumas das variáveis da Dimensão 1, ao ancorar o universo ficcional e a

personagem (a imagem nos mostra que Hazel está doente, mas o diálogo nos diz exatamente a doença que ela tem), comunicar a causalidade da narrativa (o porquê de Hazel estar deprimida), atuar nos eventos narrativos e proporcionar a oportunidade de turnos entre as estrelas (cf. KOZLOFF, 2000, p. 33-63). Tais variáveis são: contrações (*'s*, *'m*), pronomes de primeira e segunda pessoa (*I*, *she*), pronome *it*, verbos no presente simples (*list*), verbo *to be* como verbo principal (*am*, *is*) e negação analítica (*not*).

(1) “*Whenever you read a cancer booklet or website or whatever, they always list depression among the side effects of cancer. But, in fact, depression is not a side effect of cancer. Depression is a side effect of dying.*”

(*The fault in our stars*; GREEN, 2012)

(2) “*I am not depressed, Mom.*”

“*She’s reading the same book over and over. She’s depressed.*”

“*I’m not depressed!*”

“*The booklets and the websites always list depression as a side effect of cancer.*” “*Depression’s not a side effect of cancer. It’s a side effect of dying.*”

(*The fault in our stars*, 2014)

3.2. Dimensão 2

Figura 2: Os registros romance *young adult* e filme *young adult* na Dimensão 2

‘Discurso narrativo *versus* não-narrativo’

Discurso narrativo

+08,0

|

+07,0

| (Ficção romântica)

|

+06,0

| (Ficção geral) / (Ficção mistério) / (Ficção científica)

| (Ficção de aventura)

+05,0

|

|

+04,0

|

|

+03,0

|

| **Romance *young adult***

+02,0

| (Biografia)

|

+01,0

| (Humor) / (PALESTRAS PREPARADAS) / (PALESTRAS ESPONTÂNEAS)

|

00,0

| (Cartas pessoais) / (Cultura popular) / (Reportagem jornalística)

-01,0	(CONVERSAÇÃO FACE-A-FACE) / (ENTREVISTA) / (Editoriais jornalísticos) / (Religião) / Filme <i>young adult</i>
-02,0	(Resenhas jornalísticas) / (Cartas profissionais) / (CONVERSAS TELEFÔNICAS)
-03,0	(Prosa acadêmica) / (RÁDIO E TV) / (Passatempos) / (Documentos oficiais)
-04,0	
-05,0	

Discurso não-narrativo

Fonte: Adaptado de Biber (1988)

A Dimensão 2 captura o grau de narratividade dos textos por meio de variáveis linguísticas, como verbos nos tempos passado e perfeito, pronomes de terceira pessoa do singular, verbos *dicendi* etc. (vide Quadro 4). Na Figura 2, podemos observar que o registro romance *young adult* (score médio 2,43) apresenta menos marcas de narratividade que os outros registros ficcionais, todos mais próximos do polo narrativo na dimensão, mas parece ter muitas características em comum com biografias (score médio 2,1), sugerindo uma narrativa de caráter mais fatural, isto é, um pouco mais centrada no tempo presente. Tal fato coloca o registro romance *young adult*, mais uma vez, bastante próximo de registros orais, como palestras preparadas (score médio 0,7) e espontâneas (score médio 1,3), apontando que, no romance *young adult*, grande parte da progressão narrativa ocorre por meio da interação realizada, principalmente, pelos diálogos entre os personagens. No entanto, seu score médio (2,43) nesta dimensão é maior do que o score atribuído aos filmes *young adult* (-1,0), já que, no cinema, recursos extralinguísticos são também utilizados para fins narrativos, como a trilha sonora, as imagens, a movimentação de câmeras, as interpretações dos atores etc. Além disso, na maioria dos casos, os filmes retratam situações ocorridas no tempo presente da narrativa, diferentemente de grande parte dos romances, que tendem a apresentar uma maior mescla no uso de verbos nos tempos presente e passado. Consequentemente, a utilização de verbos com tempo passado e aspecto perfeito, na Dimensão 2 (Quadro 4), é menor em obras cinematográficas (cf. VEIRANO PINTO, 2013), como ocorre com o registro filme *young adult*. O Exemplo 3, extraído da obra *As Bruxas* (DAHL, 1983), ilustra esse resultado.

(3) “*I ran, oh how I ran! The sheer terror of it all put wings on my feet! I flew around the outside of the great Ballroom and not one of them had a chance of catching me.*”

(*As Bruxas*; DAHL, 1983)

O trecho do Exemplo 3 traz uma das diversas passagens da obra em que o protagonista foge das bruxas que o aterrorizam, narrada em primeira pessoa. É possível notar que as ações se realizam por meio de verbos no tempo passado (*ran, put, flew, had*). No caso da adaptação cinematográfica (*Convenção das Bruxas*, 1990) desse trecho, não há diálogo, apenas a articulação entre imagem, som e trilha sonora, dispensando a necessidade de utilização de linguagem verbal para tal fim (vide Figura 3). A utilização desses recursos cinematográficos possivelmente contribui para a tendência a prescindir da linguagem verbal narrativa, nas obras cinematográficas em geral (cf VEIRANO PINTO, 2013, p. 253).

Figura 3: Representação da cena do Exemplo 3



Fonte: *The witches*. Direção de Nicolas Roeg. Reino Unido: Warner Bros. Entertainment, 1990. 91 min.

3.3. Dimensão 3

Figura 4: Os registros romance *young adult* e filme *young adult* na Dimensão 3
'Referência elaborada *versus* dependente de contexto'

Referência elaborada

+08,0

|

|

+07,0

|

(Documentos oficiais)

|

(Cartas profissionais)

+06,0

|

|

+05,0

|

|

+04,0	(Prosa acadêmica) / (Resenhas jornalísticas) / (Religião)
+03,0	
+02,0	(Biografias) / (Cultura popular) / (Editoriais jornalísticos)
+01,0	(PALESTRAS ESPONTÂNEAS)
00,0	(PASSATEMPOS) / (ENTREVISTAS) / (PALESTRAS PREPARADAS) /
	(Reportagem jornalística)
-01,0	(Humor) / (Ficção científica)
-02,0	
-03,0	(Ficção geral) / Romance young adult
-04,0	(Ficção de aventura) / (CONVERSAÇÃO FACE-A-FACE) / (Ficção de mistério) /
	(Cartas pessoais) / (Ficção de romance) / Filme young adult
	Filme Young adult
-05,0	(CONVERSAS TELEFÔNICAS)
-06,0	
-07,0	
-08,0	
-09,0	(RÁDIO E TV)
-10,0	
	Dependente de contexto

Fonte: Adaptado de Biber (1988)

A Dimensão 3, proposta por Biber (1988), é formada por variáveis linguísticas que caracterizam a natureza das referências em um texto, podendo ocorrer de forma elaborada (por exemplo, por meio de orações relativas, nominalizações e coordenação frasal), no polo positivo da dimensão, e dependente de contexto (por meio o uso de advérbios), no polo negativo. O escore médio -3,15 indica que o

registro romance *young adult* utiliza mais referências dependentes de contexto do que elaboradas — da mesma forma que quase todos os demais registros de ficção (ficção geral, escore médio -3,1; ficção de aventura, escore médio -3,8; mistério, escore médio -3,6; cf. BIBER, 1988, p. 123-124), à exceção do registro ficção-científica (escore médio -1,4) que, assim como o registro humor (escore médio -0,8), praticamente não apresenta marcas de referências dependentes de contexto ou elaboradas, construindo-se basicamente por meio de características lexicogramaticais narrativas (Dimensão 2).

Portanto, o que se verifica até o presente momento é a construção do registro romance *young adult* por meio de um discurso interativo (Dimensão 1), dependente de contexto (Dimensão 3) e com menos marcas de narratividade (Dimensão 2) do que os outros registros literários considerados por Biber (1988). No que tange ao registro filme *young adult*, em comparação com os romances *young adult*, os resultados apontam para um discurso bem mais interativo (Dimensão 1) com narrativas mais ancoradas no tempo presente (Dimensão 2) e mais referências dependentes de contexto.

A dependência de contexto verificada em menor grau nos romances *young adult* (escore médio -3,15) e, em maior grau, nos filmes *young adult* (escore médio -4,68), ocorre por causa da frequência maior no uso de advérbios em geral, mas principalmente de advérbios de tempo e lugar. Esse uso marcado de advérbios nas obras ficcionais ocorre de forma intrínseca a um contexto ficcional, que é construído pelos autores e acompanhado pelos leitores em todo o decorrer da narrativa, dispensando a necessidade de referências mais complexas e elaboradas. Além disso, nos filmes, os advérbios são necessários para (1) situar o leitor nas ambientações temporais e locais propostas (especificando, por exemplo, um local mostrado na tela ou tempo de uma determinada ação), compensando assim a ausência de recursos visuais para este mesmo fim (KOZLOFF, 2000, p. 34-37), ou (2) controlar a avaliação e as emoções dos espectadores, ora direcionando seu olhar para uma ação em particular, ora intensificando suas emoções (KOZLOFF, 2000, p. 49-51).

Na literatura e também no cinema, o contexto ficcional idealizado por seus criadores recebe o nome de “diegese”, ou seja, o “universo” ficcional da narrativa (*tradução nossa*; KOZLOFF, 2000, p. 34). Na diegese cinematográfica, a linguagem verbal interage com a imagem e o som, dispensando ainda mais as referências elaboradas e, conseqüentemente, apresentando um maior uso de advérbios do que na diegese escrita. Os exemplos 4 e 5 ilustram o uso de advérbios na obra literária *Crepúsculo* (MEYER, 2005) e sua adaptação cinematográfica (*Crepúsculo*, 2008) em uma cena na qual a personagem Bella ganha um carro de seu pai.

Como é possível observar em ambos exemplos, os advérbios exercem sua função nas referências de forma intrínseca ao contexto ficcional, tanto nos romances quanto nos filmes. No trecho do romance (Exemplo 4), há advérbios de tempo (*never, now, tomorrow*), de lugar (*there*), de precisão (*just*), de intensidade (*much, less*) e de alternativa (*either*). No diálogo do filme, análogo a este trecho no romance, observamos o advérbio de tempo *just*, de lugar *here*, de intensidade *totally*, de movimento

on e de direcionamento *down*. Dessa forma, torna-se compreensível o baixo número de referências elaboradas (em negrito), tanto no trecho essencialmente descritivo (Exemplo 4) quanto na expressão das opiniões e pensamentos da personagem Bella acerca do presente que ganhou, por meio de um diálogo (Exemplo 5). Vale notar também que o diálogo do Exemplo 5 enriqueceu a narrativa fílmica, ao proporcionar a atuação dos eventos narrativos, a aderência a um código de realismo (por exemplo, a personagem Bella diz: “*Sorry!*” ao acidentalmente esbarrar no personagem Jake, presente na cena) e a oportunidade de turnos entre as estrelas (cf. KOZLOFF, 2000, p. 33-63).

- (4) *There, parked on the street in front of the house **that never** changed, was my new — well, new to me — truck. It was a faded red color, with big, rounded fenders and a bulbous cab. To my intense surprise, I loved it. I didn’t know if it would run, **but** I could see myself in it. Plus, it was one of those solid iron affairs **that never** gets damaged — the kind you see at the scene of an accident, paint unscratched, surrounded by the pieces of the foreign car it had destroyed.*

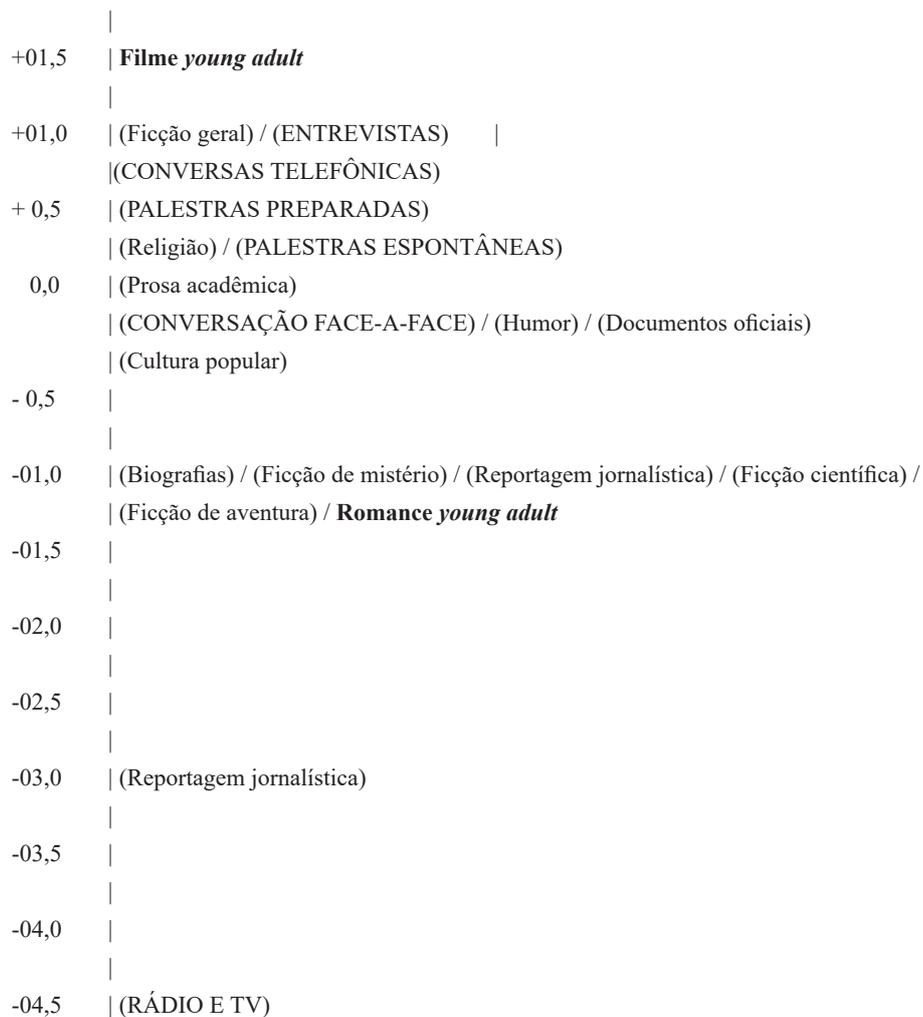
“Wow, Dad, I love it! Thanks!” Now my horrific day tomorrow would be just that much less dreadful. I wouldn’t be faced with the choice of either walking two miles in the rain to school or accepting a ride in the Chief’s cruiser.
(Crepúsculo; MEYER, 2005)

- (5) “So, what do you think?”
“Of what?”
“Your homecoming present.”
“This?”
“Just bought it off Billy here.”
“Yep.”
“I totally rebuilt the engine for you.”
“Come on. Oh, my gosh! This is perfect. Are you joking me? Sorry!”
“I told you she’d love it. I’m down with the kids.”
“Oh, yeah, dude. You’re the bomb.”
(Crepúsculo, 2008)

3.4. Dimensão 4

Figura 5: Os registros romance *young adult* e filme *young adult* na Dimensão 4
‘Argumentação explícita’

Argumentação explícita	
Argumentação explícita	
+04,0	(Cartas profissionais)
+03,5	
+03,0	(Editoriais jornalísticos)
+02,5	
+02,0	(Passatempos) / (Cartas pessoais) / (Ficção de romance)



Fonte: Adaptado de Biber (1988)

A Dimensão 4, que não tem polo negativo, é formada pelas variáveis linguísticas cujas funções comunicativas funcionais se destinam à argumentação explícita, situação na qual o produtor de determinado texto expõe suas opiniões, argumentando e muitas vezes persuadindo seu interlocutor. Para tanto, são utilizadas variáveis como modais de antecipação, necessidade e possibilidade, verbos persuasivos, verbos no infinitivo e conjunção subordinativa condicional (BIBER, 1988, p. 148).

Como é possível observar na Figura 5, que representa a distribuição dos registros identificados por Biber na escala da Dimensão 4, o registro *romance young adult*, cujo escore médio para essa dimensão é -1,25, se aproxima de registros de ficção, como a ficção científica (escore médio -0,7), a ficção de mistério (escore médio -0,7), a ficção de aventura (escore médio -1,2) e biografias (escore médio -0,7), enquanto se afasta do registros ficção geral (escore médio 0,9) e ficção de romance (escore médio 1,8). Tal fato se dá pela expressiva quantidade de passagens envolvendo situações de perigo, tensão e aventura (aqui vale ressaltar que, como já mencionado anteriormente, os padrões

estipulados para se categorizar um romance como *young adult* permitem certo hibridismo entre diversas temáticas, inclusive o mistério, o terror, o suspense e a aventura), que costumam captar a atenção e o interesse do público mais jovem e exigem tomadas rápidas de decisão, dispensando argumentações mais elaboradas, e oportunidades para a presença de persuasão em seus diálogos.

Como apontado na Figura 5, o escore médio dos filmes *young adult* (1,43) é superior ao dos romances *young adult* na Dimensão 4, “Argumentação explícita” (-1,25). Ainda que ambos não sejam exatamente marcados para esse parâmetro funcional, haja vista que os valores dos escores são próximos de zero. Tal resultado mostra que os diálogos contidos nos filmes têm uma frequência levemente maior das variáveis linguísticas presentes nesta dimensão, aproximando-os do registro oral entrevistas (escore médio 1,0), no qual o entrevistador pode utilizar as características lexicogramaticais deste polo para estabelecer um maior grau de *rappor*t com o entrevistado. Tal frequência possivelmente se deve à necessidade de revelação das personalidades dos personagens e do controle das avaliações e das emoções do espectador nos filmes (KOZLOFF, 2000, p. 33), que podem se dar por meio de variáveis linguísticas como modais de antecipação e necessidade, verbos persuasivos, infinitivos e conjunção subordinativa condicional, diferenciando-os dos romances nesse aspecto, ainda que por uma diferença pequena.

A seguir, a fim de demonstrar a forma como tais variáveis atuam nos textos de nosso *corpus*, com frequências diferentes, selecionamos trechos do romance *Harry Potter e a pedra filosofal* (ROWLING, 1997), no Exemplo 6, e do filme homônimo (2001), no Exemplo 7. Nesses exemplos, os trechos retratam uma situação de perigo e tensão. Os personagens adolescentes principais, Harry, Ron e Hermione, estão sendo repreendidos pelos professores McGonagall e Snape por terem tentado capturar um perigoso Troll.

No Exemplo 6, os dois modais (*would, could*) seguidos pelos verbos no infinitivo (*put, deal*) não estão sendo utilizados com a função de argumentação explícita, mas sim para expressar desejo (... *would put his wand down*) e habilidade (... *could deal with it on my own*). No Exemplo 7, entretanto, a combinação entre o modal de habilidade (*could*), o verbo no infinitivo (*deal*), a conjunção subordinativa condicional *if*, o modal de predição (*would*) e o verbo *be* deixam clara a argumentação da personagem Hermione para com a professora McGonagall, de que Ron e Harry não são culpados pela situação de perigo e tensão com o Troll. Portanto, os filmes *young adult* parecem, por vezes, utilizar a argumentação para revelar o caráter dos personagens, retratando Hermione como alguém confiante e fiel aos seus amigos e Ron e Harry como heróis, e para controlar a emoção do espectador nos filmes, que fica ansioso para saber se McGonagall e Snape vão perdoá-los ou puni-los.

(6) “*What on earth were you thinking of?*” said Professor McGonagall, with cold fury in her voice. Harry looked at Ron, who was still standing with his wand in the air. “*You’re lucky you weren’t killed. Why aren’t you in your dormitory?*”

Snape gave Harry a swift, piercing look. Harry looked at the floor. He wished Ron would put his wand down. Then a small voice came out of the shadows.

“*Please, Professor McGonagall. They were looking for me.*”

“*Miss Granger!*”

Hermione had managed to get to her feet at last.

“*I went looking for the troll because I ... I thought I could deal with it on my own. You know, because I’ve read all about them.*”

(*Harry Potter e a pedra filosofal*; ROWLING, 1997)

(7) “*Oh, my goodness! Explain yourselves, both of you! Well, what it is...*”

“*It’s my fault, Professor McGonagall.*”

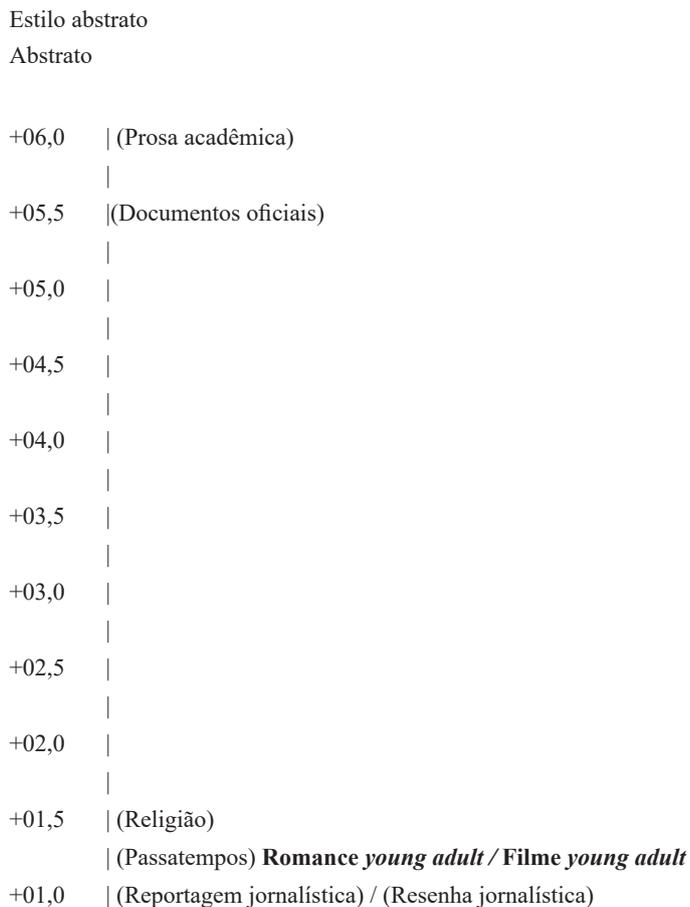
“*Miss Granger?*”

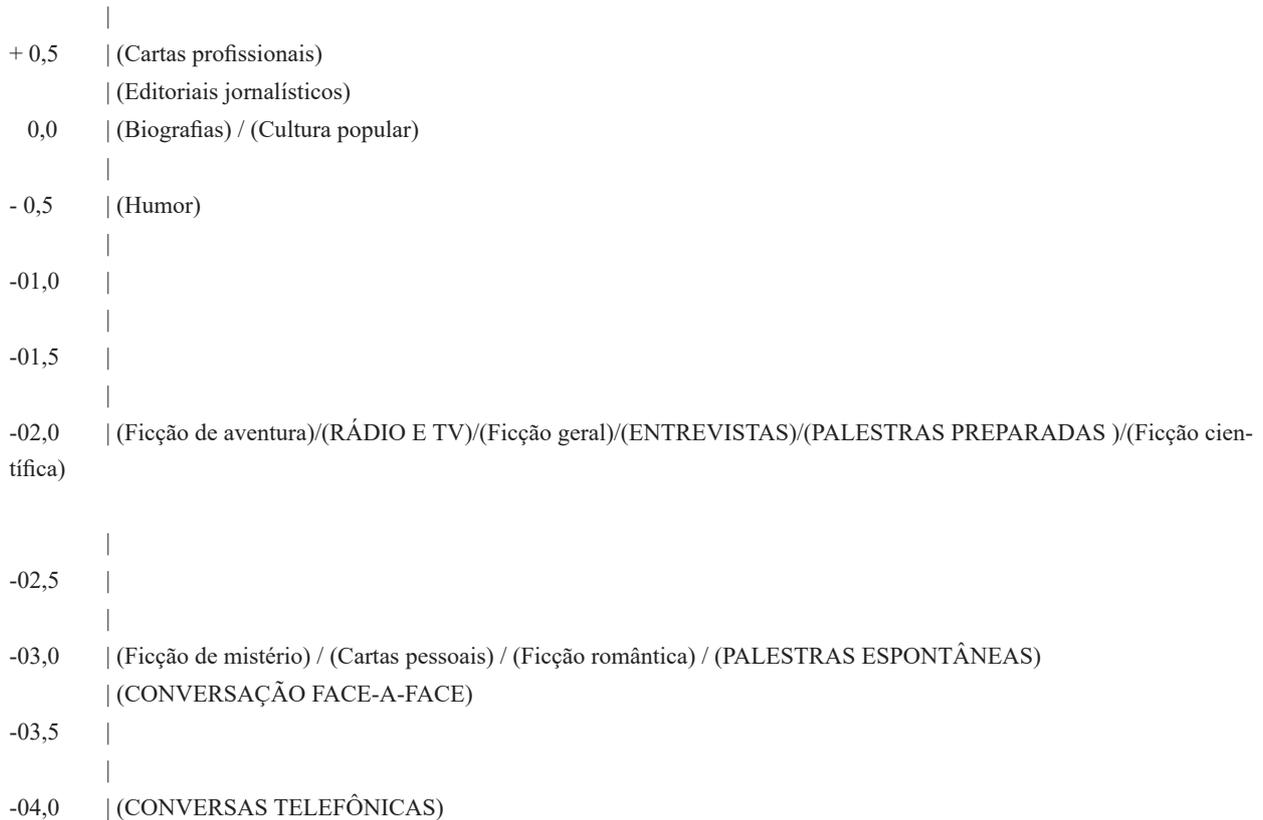
“*I went looking for the troll. I thought I could handle it. But I was wrong. If Harry and Ron hadn’t come and found me, I’d probably be dead.*”

(*Harry Potter e a pedra filosofal*, 2001)

3.5. Dimensão 5

Figura 6: Os registros romance *young adult* e filme *young adult* na Dimensão 5
‘Estilo abstrato *versus* não-abstrato’





Estilo não-abstrato

Fonte: Adaptado de Biber (1988)

Na Dimensão 5, “Estilo abstrato *versus* não-abstrato”, o estilo abstrato é caracterizado por variáveis como o uso de voz passiva sem agente e com preposição *by*, conjuntivos, orações adjetivas reduzidas de participio, entre outros (vide Quadro 4). Tais características atuam no processo de “apagamento” do agente, característica frequente em textos mais técnicos ou que exijam certo distanciamento do autor, como é o caso dos registros prosa acadêmica e documentos oficiais, que receberam as pontuações mais altas. Nesta dimensão, tanto o registro romance *young adult* (escore médio 1,21) quanto o registro filme *young adult* (escore médio 1,19) ocupam uma posição neutra na escala, demonstrando que o registro não apresenta marcas expressivas das características mencionadas acima. Sendo assim, podemos afirmar que tanto os filmes quanto os romances *young adult* não têm uma quantidade significativa de marcas de linguagem abstrata. Fato que parece ser corroborado pela falta de significância estatística das diferenças entre seus escores médios nesta dimensão. Vale lembrar aqui que uma das principais características dos registros romance *young adult* e filme *young adult* é aproximar o leitor/espectador jovem adulto à obra, por meio de uma representação interativa (vide resultados da Dim. 1) de seus questionamentos e de sua realidade, o que justifica essa busca por uma proximidade maior com o leitor/espectador das histórias, a partir de um estilo menos abstrato.

Tais resultados têm duas implicações importantes. A primeira é que, com relação aos parâmetros comunicativos funcionais “Estilo abstrato *versus* não-abstrato”, não há diferença entre a linguagem dos romances *young adult* e dos filmes *young adult*. A segunda é que, nesta dimensão, tanto os romances quanto os filmes *young adult* se aproximam mais dos registros escritos do que dos registros orais da língua inglesa. Isso demonstra que a comunicação da diegese nos registros *young adult* aqui estudados se beneficia do uso das características lexicogramaticais relativas ao distanciamento entre falante e interlocutor, ainda que em grau baixo. Esse resultado surpreende, especialmente com relação ao registro filme *young adult*, porque nossa intuição esperaria que ele se aproximasse mais dos registros orais do que dos escritos, assim como se deu em todas as outras quatro dimensões da língua inglesa.

Um trecho do romance *O Ladrão de Raios* (RIORDAN, 2005), Exemplo 8, e seu filme homônimo lançado em 2010, Exemplo 9, ilustram esse resultado. Em ambos exemplos, a única variável linguística da Dimensão 5 presente é a voz passiva do verbo *forbid*. No registro romance *young adult*, essa variável aparece sem contração (*is forbidden*) e como mais uma explicação sobre porque Poseidon, deus pai de Percy, não fala com ele. No registro filme *young adult*, a variável aparece em sua forma contraída (*'s forbidden*) e como a única explicação para a ausência do pai de Percy. Esta diferença, segundo McBride (2012), se explica porque, na obra escrita, os autores podem apresentar uma análise da interação entre os personagens e discutir as dimensões da história que estão contando, enquanto em um filme há limitação de tempo e espaço, fazendo com que os diálogos sejam mais diretos e concretos para garantir a continuidade da ação.

(8) “*If my father is so interested in me,*” I said, “*why isn't he here? Why doesn't he speak to me?*”

A cold current rose out of the depths.

“*Do not judge the Lord of the Sea too harshly,*” the Nereid told me. “*He stands at the brink of an unwanted war. He has much to occupy his time. Besides, he is forbidden to help you directly. The gods may not show such favoritism.*”

“*Even to their own children?*”

“*Especiallly to them. The gods can work by indirect influence only. That is why I give you a warning, and a gift.*”

(*O Ladrão de raios*; RIORDAN, 2005)

(9) “*What? Is it like this for everybody? Don't any gods see their kids?*”

“*It's forbidden. Right after we were born, Zeus decreed that the gods couldn't have physical contact with their mortal offspring.*”

(*Percy Jackson e o ladrão de raios*, 2010)

Considerações Finais

As dimensões de variação da língua inglesa apresentadas neste estudo representam espaços linguísticos delimitados por parâmetros comunicativos funcionais, identificados a partir de padrões de coocorrência de variáveis linguísticas presentes naturalmente nos textos, que, no entanto, **não** se revelam sem a ajuda de *softwares* de análise estatística. “Usamos” essas dimensões sempre que escrevemos, falamos, ouvimos e lemos para compreender e produzir textos de diferentes registros. No entanto, a complexidade dos padrões de coocorrência que as compõe faz com que permaneçam subjacentes aos textos (BERBER SARDINHA, comunicação pessoal, 8 de junho de 2020).

Não obstante, a descrição linguística de um determinado registro/texto, perante os parâmetros comunicativos funcionais que delimitam as dimensões de variação linguística, permite que tenhamos uma compreensão mais ampla dos recursos linguísticos que utilizamos para construir nossos textos, sejam eles orais ou escritos, conforme demonstramos em nosso estudo. Isso acontece porque ao invés de usarmos descrições dicotômicas e estanques de registros/textos, como por exemplo, formal *versus* informal, narrativo *versus* não-narrativo, passamos a descrevê-los ao longo de um contínuo de formalidade, narratividade etc. ao lado de outros registros/textos, com base em parâmetros diversos. Considerados em conjunto, tais parâmetros nos proporcionam um perfil multi-dimensional de cada registro/texto.

O perfil multi-dimensional do registro romance *young adult*, apresentado na seção 4, nos mostra que sua linguagem é interativa, com uma narrativa dependente de contexto e marcada discretamente por um estilo abstrato. Ao sair das páginas para as telas, a linguagem dos romances *young adult* se torna muito mais interativa (Dim. 1: escore médio dos romances, 10,29; escore médio dos filmes 39,05), com uma narrativa ancorada em fatos presentes (Dim. 2: escore médio dos romances, 2,43; escore médio dos filmes -1,10) e mais dependente de contexto (Dim. 3: escore médio dos romances, -3,15; escore médio dos filmes -4,68). No tocante à argumentação explícita (Dim. 4), os filmes às vezes parecem utilizar essa função, que é bastante rara também nos romances (haja vista os escores médios próximos de zero, obtidos por ambos registros), para ajudar a revelar o caráter dos personagens e controlar a emoção dos espectadores (vide Exemplo 7). O parâmetro funcional estilo abstrato (Dim. 5) não se altera significativamente (escore médio 1,21- romance; escore médio 1,19 – filme), mas surpreende. A surpresa advém de não esperarmos encontrar marcas de distanciamento e abstração, ainda que baixas, em registros narrativos ficcionais e demais registros orais, conforme corroboram os escores médios de registros com essas características na Dimensão 5 — ficção geral (escore médio -2,5), ficção de aventura (escore médio -2,5), ficção-científica (escore médio -2,5), ficção de mistério

(escore médio -2,8), ficção romântica (escore médio -3,1), rádio e TV (escore médio -1,7), palestras preparadas (escore médio -1,9), entrevistas (escore médio -2,0), palestras espontâneas (escore médio -2,6), conversa face-a-face (escore médio -3,2), conversas telefônicas (escore médio -3,7) — e de esperarmos que haja maior proximidade entre o leitor/espectador e a obra no registro *young adult*.

Desse modo, podemos dizer que a presença discreta de marcas de distanciamento e abstração é típica, dentre os romances, apenas do registro *young adult*. O resultado obtido para o registro filme *young adult*, no entanto, é muito próximo ao encontrado por Veirano Pinto (2013, p. 259) para o registro filme norte-americano (escore médio 1,1), sugerindo que tais marcas discretas sejam típicas de narrativas filmicas. Esses resultados mostram a importância de trabalhos que utilizam dados empíricos. Porquanto a intuição nos auxilia a definir nossas hipóteses e “ponto de entrada” nos dados de pesquisa, os dados empíricos nos permitem verificar a correção ou não de nossas intuições enquanto falantes e usuários de uma determinada língua.

O perfil multi-dimensional traçado acima mostra como as características linguísticas presentes nos registros romance *young adult* e filme *young adult* se articulam diretamente com as propostas anteriormente citadas da categoria literária proposta por Margaret Scoggin (ROYER, 2015) e com as funções do diálogo no cinema, responsáveis pela comunicação da narrativa (KOZLOFF, 2000, p. 33). A proposta da categoria criada por Margaret que tinha, como principais objetivos, uma aproximação maior com o público jovem adulto e uma representação de seus questionamentos frequentes e das situações vividas especificamente pelos pertencentes a essa faixa etária, por meio de protagonistas e personagens que também são jovens adultos e utilizam uma linguagem mais próxima àquela utilizada na vida cotidiana, ainda que, por vezes, fossem abordados em universos fantásticos ou surreais, foi articulada por meio de linguagem moderadamente interativa, narrativa e dependente de contexto, com marcas discretas de distanciamento e abstração. Já as funções do diálogo no cinema, que incluem a ancoragem da diegese e dos personagens, a comunicação da causalidade narrativa, a atuação dos eventos narrativos, a revelação dos personagens, a aderência ao código de realismo e o controle da avaliação e emoção dos espectadores, se articularam por meio de uma linguagem altamente interativa, com uma narrativa ancorada no presente, relativamente dependente de contexto e com marcas discretas de distanciamento e abstração. Tal resultado reforça a existência da forte sinergia entre escolhas linguísticas e a situacionalidade, que precisa ser mais explorada para que o ensino de produção textual, para qualquer ocupação e/ou formação, seja mais embasado por dados. Esperamos, com o presente estudo, abrir caminho para diversas outras análises, não só do universo *young adult*, mas para o estudo da adaptação pela qual a linguagem passa ao ir de um meio de comunicação a outro.

Referências

BEAUGRANDE, Robert-Alain de. *Introduction to text linguistics*. Nova York: Longman, 1981.

BEHRENS, Katie. What exactly is young adult literature? A brief history. *Books Tell You Why*. Disponível em: <<https://blog.bookstellyouwhy.com/what-exactly-is-young-adult-literature-a-brief-history>>. Acesso em: 28 maio 2019.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de corpus*. São Paulo: Manole, 2004.

_____. Variação entre registros da Internet. In: SHEPHERD, Tania Granja; SALIÉS, Tânia Gastão (orgs.). *Linguística da Internet*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 55-75.

BERBER SARDINHA, Tony; VEIRANO PINTO, Marcia. *Multi-dimensional analysis: research methods and current issues*. Londres: Bloomsbury, 2019.

BIBER, Douglas. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

_____. Multi-Dimensional approaches. In: LÜDELING, Anke.; KYTO, Merja. (orgs.). *Corpus Linguistics: An international handbook*, v. 2., Berlin: De Gruyter, 2009. p. 822-854.

BIBER, D. Multi-Dimensional analysis: A historical synopsis. In: BERBER SARDINHA, Tony; VEIRANO PINTO, Marcia (orgs.). *Multi-dimensional analysis: research methods and current issues*. Londres: Bloomsbury, 2019. (p. 11-26)

BIBER, Douglas; CONRAD, Susan. *Register, genre and style*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

BLUME, Judy. *Are you there God? It's me, Margaret*. Nova York: Macmillan Publishers, 1970.

BRITO, João Batista B. de. Literatura, cinema, adaptação. *Graphos: Revista de Pós-Graduação em Literatura da UFPB*, João Pessoa, ano I, v. 2, p. 9-28, 1996.

BROWN, David W. How young adult fiction came of age. *The Atlantic*, 2011. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/entertainment/archive/2011/08/how-young-adult-fiction-came-of-age/242671/>>. Acesso em 26 jan. 2020.

BROWN, Penelope; FRASER, Colin. Speech as a marker of situation. In: SCHERER, Klaus Rainer; GILES, Howard (orgs.). *Social markers in speech*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p.33-62.

BUENO, Zuleika de Paula. *Leia o livro, veja o filme, compre o disco: a produção cinematográfica juvenil brasileira na década de 1980*. 2005. 291 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284702>>. Acesso em: 6 nov. 2019.

CART, Michael. Young adult literature: The state of a restless art. In: *SLIS Connecting*, Southern Mississippi, v. 5, 2016. Disponível em: <<http://aquila.usm.edu/slisconnecting/vol5/iss1/7>>. Acesso em 26 de janeiro de 2020. DOI: 10.18785/slis.0501.07.

COLLINS, Suzanne. *Jogos Vorazes*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2010.

DAHL, Road. *As Bruxas*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1983.

DIAS, Daise Lilian Fonseca; PAULINO, José Kelson Justino. Cinema e literatura: Artes em diálogo. *Revista Colineares*, Rio Grande do Norte, v. 2, ed. 1, 2º semestre 2014.

DOHERTY, Thomas. *Teenagers and Teenpics: Juvenilization of American movies*. 1. ed. Filadélfia: Temple University Press, 2002.

EAGLETON, Terry. *Literary theory: An introduction*. 2. ed. Oxford: Blackwell Publishing, 1996.

ERVIN-TRIPP, Susan. On sociolinguistic rules: alternation and co-occurrence. In:

GUMPERZ, John; HYMES, Dell (orgs.). *Directions in sociolinguistics*. Nova York:

Holt, Reinhart and Winston, 1972. p.213-250.

GREEN, John. *A Culpa é das Estrelas*. São Paulo: Intrínseca, 2012.

HINTON, Susan Eloise. *The outsiders*. Nova York: Dell Publishing, 1967.

HYMES, Dell. *Foundations in sociolinguistics*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

KAPLAN, Jeffrey S. Young adult literature in the 21st century: Moving beyond traditional constraints and conventions. *The ALAN Review*, winter 2005, p. 11-18, 2005. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/237782565_Young_Adult_Literature_in_the_21st_Century_Moving_Beyond_Traditional_Constraints_and_Conventions>. Acesso em 26 nov. 2019.

KOZLOFF, Sarah. *Overhearing film dialogue*. Berkeley: University of California Press, 2000.

KRISCHER, Hayley. Why ‘The Outsiders’ lives on: A teenage novel turns ‘50. *The New York Times*, Nova York, 12 mar. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/03/12/books/the-outsiders-s-e-hinton-book.html>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

LAMBA, Marie. The key differences between middle grade vs young adult. *Writer's Digest*, Ohio, 7 ago 2014. Disponível em: <<https://www.writersdigest.com/online-editor/the-key-differences-between-middle-grade-vs-young-adult>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

MCBRIDE, Joseph. *Writing in pictures: screenwriting made (mostly) painless*. Nova York: Vintage Books, 2012.

MEYER, Stephenie. *Crepúsculo*. São Paulo: Editora Intrínseca, 2008.

PICCININI, Thiago Badia. *John Hughes e a representação da realidade adolescente no cinema dos anos 80*. 2013. 68 f. Monografia (Graduação em Cinema e Audiovisual), Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 2013.

RIORDAN, Rick. *O Ladrão de Raios: Percy Jackson e os Olimpianos – Livro Um*. São Paulo: Intrínseca, 2008.

ROTH, Veronica. *Divergente*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2012.

ROWLING, Joanne Kathleen. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2000.

ROYER, Anne. How did YA become YA?. *New York Public Library*, Nova York, 20 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.nypl.org/blog/2015/04/20/how-did-ya-become-ya>>. Acesso em: 1 maio 2019.

SANCHEZ, Aquilino; CANTOS, Pascual. *Cumbre – Curso de Español*. Madri: SGEL, 1996.

SPARKS, Beatrice. *Go, ask Alice*. Nova Jersey: Prentice Hall, 1971.

STACPOOLE, Henry de Vere. *The blue lagoon*. Londres: T. Fisher Unwin, 1908.

TOO, Wei. Keong. Young adult Literature: An alternative genre in the classroom reading list. *The English Teacher*, v. 1, p. 41-59, 13 jun. 2006. Disponível em: <<https://journals.melta.org.my/index.php/tet/article/view/313/209>>. Acesso em 1 maio 2019.

VEIRANO PINTO, Marcia. *A linguagem dos filmes norte-americanos ao longo dos anos: uma abordagem multidimensional*. 2013. 466 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

VEIRANO PINTO, Marcia. Variation in movies and television programs: the impact of corpus sampling. In: WERNER, Valentin (org.). *The language of pop culture*. Abingdon/Nova York: Routledge, 2018. p. 139-161.

**LINGUÍSTICA DE *CORPUS* E DIÁLOGOS DE MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA
ESPAÑHOLA: UMA ANÁLISE DO ATO DE FALA “DIRETIVOS” NO CONTEXTO DE
ENCONTROS DE SERVIÇO**

***CORPUS LINGUISTICS AND DIALOGUES OF SPANISH LANGUAGE
LEARNING MATERIALS: AN ANALYSIS OF THE DIRECTIVE SPEECH ACTS
IN THE CONTEXT OF SERVICE ENCOUNTERS***

Flávia Colen Meniconi¹

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com a finalidade de comparar os atos de fala diretivos presentes nos diálogos de livros didáticos de língua espanhola adotados na Universidade Federal de Alagoas e no *corpus* oral espontâneo da Universidad Autónoma de Madrid. O objetivo do estudo foi analisar as diferenças linguísticas e discursivas presentes nas formulações dos diretivos de ambos os materiais e evidenciar os problemas relacionados à artificialidade dos diálogos criados para fins pedagógicos. Buscou-se, a partir dessa análise, justificar a precariedade no desenvolvimento da competência pragmática dos estudantes de espanhol como língua estrangeira influenciada, entre outros fatores, pela carência de materiais didáticos que apresentam mostras mais reais e espontâneas do idioma. Como resultados, o estudo evidenciou diferenças linguísticas entre os dois materiais analisados. Essas diferenças revelaram uma considerável distância entre a fala oral espontânea e dos diálogos criados em materiais didáticos de língua espanhola.

Palavras-chave: diretivos; materiais didáticos; corpus oral espontâneo

ABSTRACT

This paper was developed in order to compare the directive speech acts present in the dialogues of Spanish course books adopted by the Federal University of Alagoas and in the spontaneous oral corpus found in Universidad Autónoma de Madrid. The aim of this study was to analyze the linguistic and discursive differences in the formulations of directives in both materials and highlight problems related to the artificiality of the dialogues devised for educational purposes. From this analysis, it was attempted to justify the precarious conditions to develop pragmatic competence in students of Spanish as a foreign language which are influenced, among other factors, by the lack of teaching materials that present more realistic and spontaneous language samples. The results showed linguistic differences between the two materials under analysis. These differences revealed a considerable gap between spontaneous oral speech and dialogues designed in Spanish teaching materials.

Keywords: directives, teaching materials, spontaneous oral corpus

¹ Professora do Curso de Letras/Espanhol da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: flavia.meniconi@fale.ufal.br

Introdução

A falta de espontaneidade nos diálogos dos materiais didáticos de língua espanhola é uma das principais queixas dos professores seguem os princípios da abordagem comunicativa. Uma análise mais profunda dos diálogos criados para fins didáticos permite-nos observar a existência de vários problemas, tais como: a carência de exemplos de enunciados apropriados às diferentes situações comunicativas, a falta de atividades que trabalhem com conteúdos pragmáticos e a ausência de fotos que possibilitem inferir informações sociolinguísticas relativas acerca dos participantes da interação comunicativa, tais como: idade, sexo e profissão. Acredito que este é um dos principais problemas que acabam por influenciar, boa parte dos professores, na opção pelo ensino das regras gramaticais, em detrimento do trabalho com exemplos da língua real e espontânea.

Segundo Silva (2017), a “ausência de textos autênticos no ensino de línguas estrangeiras pode trazer diferentes consequências para o aprendiz” (SILVA, 2017, p. 28). As autoras defendem ainda a necessidade da retomada do conceito de autenticidade de materiais, a fim de que situações comunicativas mais próximas da realidade dos alunos possam ser criadas em sala de aula. Essa seria uma maneira de propiciar o desenvolvimento da reflexão crítica dos aprendizes e seus contatos com diferentes discursos das comunidades da língua estrangeira (SILVA, 2017). Meniconi (2011, p.15) acrescenta que, como professores, sentimos muitas dificuldades em fornecer aos nossos alunos mostras reais da língua oral espontânea, pois a maior parte dos livros com os quais trabalhamos não apresenta exemplos de atos de fala variados e apropriados à diferentes contextos comunicativos.

De acordo com Betancourt (2012), uma saída para tais problemas é a elaboração de materiais didáticos que contribuam para o desenvolvimento da competência pragmática dos estudantes. Segundo o autor, os materiais didáticos de língua espanhola, de um modo geral, continuam focados no desenvolvimento da competência linguística e apresentam poucos exemplos de atividades que auxiliem os professores no trabalho com a pragmática.

Assim sendo, a importância deste estudo reside nas contribuições que pode apresentar à área da linguística de *corpus* e ao ensino da língua espanhola, no que diz respeito ao desenvolvimento da competência pragmática dos aprendizes. Ao propor a análise de diálogos de materiais didáticos, pretende-se evidenciar os problemas relacionados à artificialidade presente em enunciados elaborados para fins didáticos que, por sua vez, comprometem o desenvolvimento da competência comunicativa de professores e estudantes de idiomas, assunto que será discutido, a seguir, com mais profundidade.

1. Competência comunicativa e os livros didáticos de língua espanhola

O enfoque comunicativo defende a aprendizagem mais centrada na comunicação do que no simples conhecimento de estruturas gramaticais. Para tanto, é importante que, no ensino de línguas, sejam trabalhadas as seguintes subcompetências: 1) gramatical; 2) discursiva; 3) estratégica e 4) sociolinguística (Canale e Swain, 1980).

Entretanto, Bardovi-Harlig e Dornyei (1998) ressaltam que os aprendizes de línguas estrangeiras (LEs), frequentemente, desenvolvem a competência gramatical na ausência da competência pragmática. Muitas vezes, o que se nota é um desequilíbrio entre o conhecimento gramatical da LE e o conhecimento pragmático dos estudantes, no que diz respeito à adequação da fala ao contexto social. De acordo com Oliveira, Carneiro e Azevedo (2016, p. 444), a aprendizagem gramatical é necessária para a aquisição de uma língua. Porém, os autores argumentam que é importante que as regras da língua sejam aprendidas em interação com seus aspectos pragmáticos, pois “do contrário, os aprendizes podem se tornar falantes pouco proficientes, produtores de enunciados pouco naturais e restritos do ponto de vista pragmático” (OLIVEIRA; CARNEIRO; AZEVEDO, 2016, p.444).

Acredito que, se os diálogos dos materiais didáticos fossem elaborados a partir de mostras reais e espontâneas da língua, possivelmente, não haveria tanta distância entre o que se ensina e o que, de fato, representa a realidade. Com base nesses argumentos, este trabalho pretende evidenciar a importância da utilização de bancos de dados de *corpus* oral espontâneo para a elaboração de diálogos para fins didáticos.

2. Os bancos de dados de *corpus* e os livros didáticos

Antes de discorrer sobre a relevância do uso da linguística de *corpus* para a elaboração de atividades e materiais didáticos de línguas estrangeiras, faz-se necessário explicar o que vem a ser linguística de *corpus*. Segundo Beber Sardinha (2004),

A Linguística de *Corpus* ocupa-se da coleta e da exploração de *corpora*, ou conjuntos de dados linguísticos textuais coletados criteriosamente, com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Como tal, dedica-se à exploração da linguagem por meio de evidências empíricas, extraídas por computador (BEBER SARDINHA, 2004, p.3).

Assunção e Araújo (2019) acrescentam que, mais do que coletar e armazenar dados de uma língua, “o linguista de corpus pretende encontrar estruturas e padrões nos dados, no discurso, no corpus” (ASSUNÇÃO; ARAÚJO, 2019, p. 279). As autoras esclarecem que “as vantagens da utilização de *corpora* no processo de ensino/aprendizagem de uma língua residem na possibilidade

que o principiante tem de aceder a um manancial muito amplo de exemplos de uso real da língua.” (ASSUNÇÃO; ARAÚJO, 2019, p. 285).

Na concepção de Biber (1998, p. 25), a utilização de dados autênticos nas pesquisas, além de trazer evidências importantes sobre o uso da língua em ambiente espontâneo, pode permitir o desenvolvimento de materiais mais adequados. Para Tribble (1997, p. 01), é possível utilizar dados de *corpus* no processo de ensino e aprendizagem de línguas, mesmo que o material não esteja totalmente estabilizado como recurso. O autor explica ainda que um *corpus* dirigido a objetivos educacionais não precisa ser o mais moderno ou com maior recurso. Mesmo pequeno e produzido informalmente, pode ser útil no processo de ensino e aprendizagem de línguas. Segundo o autor, os “exercícios baseados em *corpus* são úteis porque favorecem a aprendizagem através da descoberta” (TRIBBLE, 1997, p. 01, tradução minha).²

Ainda no que se refere ao emprego dos estudos de corpora no processo de ensino e aprendizagem de línguas, Tribble (1997, p. 02) salienta que o material tem contribuído amplamente para o desenvolvimento de novas gramáticas e dicionários de inglês, porém não têm sido facilmente avaliado ou usado pelos professores de línguas.

A presença de conteúdos provenientes de bancos de dados de língua oral nos materiais didáticos destinados ao ensino de língua espanhola é praticamente inexistente. Este trabalho, portanto, pode contribuir para a área de linguística de *corpus* e sua aplicabilidade no ensino da língua espanhola, a partir da apresentação de resultados provenientes da análise comparativa entre diálogos de materiais didáticos e *corpus* oral de língua espanhola.

A seguir, serão apresentadas as teorias relativas aos atos de fala e as regras linguísticas que contribuíram para o aprofundamento da análise dos dados do estudo em questão.

3. Os atos de fala e as regras linguísticas

Segundo Blum- Kulka, House e Kasper (1989, p. 1), “os atos de fala têm sido apresentados por alguns (AUSTIN, 1962; SEARLE, 1969, 1975) como sendo regidos por princípios universais pragmáticos, e defendido por outros por variar na conceitualização e verbalização em diferentes culturas e línguas”³ (GREEN, 1975; WIERZBICKA, 1985, tradução minha).

² Texto original em inglês: “*corpus-based exercises are useful because they favour learning by Discovery.*”

³ Texto original no inglês: “*Speech acts have been claimed by some (Austin, 1962; Searle, 1969, 1975) to operate by universal pragmatic principles, and claimed by others to vary in conceptualization and verbalization across cultures and languages.*”

De acordo com Austin (1962), nem todas essas sentenças são afirmações e há também as sentenças interrogativas e exclamativas que expressam ordem, comando ou concessões. “Os enunciados não descrevem ou informam ou constatam nada, não são verdadeiros ou falsos; o enunciado de uma sentença ou é a execução de uma ação, ou é uma parte dessa execução”⁴ (AUSTIN, 1962, p. 05, tradução minha).

Searle (1971), na mesma linha de investigação iniciada por Austin, também reconhece que a teoria da linguagem forma parte de uma teoria geral da ação. Segundo Escandel-Vidal (1996, p. 62), um aspecto que não estava presente em Austin, pelo menos de maneira tão nítida, é a ideia de que toda atividade linguística é convencional, e não só certos tipos de atos ritualizados. Para Searle (1981), “falar uma língua é adotar uma forma de comportamento regido por regras. De um modo mais conciso, falar é executar atos de acordo com certas regras”⁵ (SEARLE, 1981, p. 33, tradução minha).

Searle (1976), então, revisa a taxonomia de Austin (1962) e apresenta uma taxonomia alternativa, distinguindo cinco tipos de atos de fala: 1) expressivos, cujo objetivo é expressar o estado psicológico do falante, numa condição de sinceridade (agradecer, expressar condolências, parabenizar); 2) declarativos com um conteúdo proposicional, que corresponde com a realidade (“Eu declaro: você está desempregado.”); 3) promissivos, cujo objetivo é desempenhar a função de comprometer o falante a executar alguma ação futura (prometer, oferecer); 4) assertivos, ato em que o falante se compromete com a verdade expressa na proposição (afirmar, informar, concluir, concordar) e 5) diretivos, atos cujo objetivo é levar o ouvinte a fazer algo (pedir, comandar, ordenar, proibir ou sugerir).

Dentre os cinco tipos de atos de fala descritos por Searle, esta pesquisa investigou o ato de fala “diretivos”. Como definido acima, esta classe envolve uma ampla gama de atos de fala (ordens, pedidos, comandos, proibições, sugestões) que, por sua vez, varia de acordo com o grau de imposição para o ouvinte. No caso deste estudo, a escolha pela nomenclatura “diretivos”, ao invés de “pedidos”, justifica-se pelo fato de haver “uma ausência de um consenso entre os teóricos da área quanto às características delimitadoras de pedidos e ordens” (AGUIAR, 2002, p.20).

4. O Ato de Fala “Diretivos” e o contexto de encontro de serviços

Segundo Brown e Levinson (1978), os pedidos são por definição atos de ameaça à face. Ao fazer um pedido, o falante vai de encontro à reivindicação do ouvinte de liberdade de ação e de desejo de não imposição. As várias possibilidades de realização de pedidos diretos e/ou indiretos disponíveis aos falantes de todas as línguas são, provavelmente, socialmente motivadas pela necessidade de

4 Texto original no inglês: “They do not “describe” or “report” or constatae anything at all, are not “true or false; and the uttering of the sentence is, or is a part of, the doing of an action.”

5 Texto original no inglês: “to say something is to do something; or in which by saying or in saying something we are doing something.”

minimizar a imposição envolvida no ato em si. De acordo com Gomes da Silva, Carnaval e Moraes (2020, p.328), enquanto o pedido apresenta certo grau de polidez, na súplica, há a prevalência de um modo que implica uma posição hierarquicamente inferior, subalterna.

No que diz respeito ao estudo em questão, analisou-se o ato de fala pedidos, aqui tratados como “diretivos”, considerando-se também os elementos linguísticos que os acompanhavam, tais como: as estruturas de polidez, as locuções verbais, marcas de formalidade e informalidade, entre outros. Para tanto, foram extraídas formulações de diretivos, do contexto de encontros de serviço, em dois diferentes materiais: livros didáticos de língua espanhola e *corpus* oral da Universidad Autónoma de Madrid. Para melhor compreender as características desse contexto, faz-se necessário apresentar a conceitualização de encontros de serviço. Segundo Merrit (1976),

uma instância de interação face-a-face entre um atendente, que é encarregado oficialmente de uma área de serviço, e um cliente, que está presente em uma área de serviço, sendo essa interação orientada para a satisfação do suposto desejo do cliente por algum serviço. Um encontro de serviço típico é aquele em que um consumidor compra algo em uma loja. A transação ou troca de dinheiro e mercadorias realiza-se através da interação entre cliente e atendente. Se o cliente entra em uma loja ou área de serviço para comprar algo que a loja não vende, ou escolhe não comprar algo que a loja vende, a interação entre cliente e atendente também é um encontro de serviço. Portanto, a unidade de interação que eu denomino de encontro de serviço, equivale basicamente a um encontro que é, em certo sentido, oficialmente orientado para a transação de serviço, sendo ou não essa transação realmente consumada⁶ (MERRIT, 1976, p. 321, tradução minha).

Os diálogos provenientes do contexto de encontros de serviço, coletados nesse estudo, apresentam a característica de interação entre vendedor e cliente, pautada nos objetivos de obter e/ou oferecer informações diversificadas acerca de um ou mais produtos, solicitar e/ou oferecer informações acerca da existência ou não de diferentes mercadorias, negociar as especificidades de itens comerciais (cor, tamanho, preço), entre outros.

5. A coleta de dados

A coleta de dados foi realizada em dois tipos de corpora: a) *corpus* de língua oral espanhola da Universidade Autónoma de Madrid, para coleta de enunciados de diretivos presentes em diálogos

⁶ Texto original no inglês: “*an instance of face-to-face interaction between a server who is “officially posted” in some service area and a customer who is present in that service area, that interaction being oriented to the satisfaction of the customer’s presumed desire for some service and the server’s obligation to provide that service. A typical service encounter is one in which a customer buys something at a store. The transaction or exchange of money and goods is carried out through the interaction of server and customer. If a customer comes into a store or service area to buy something that the store does not sell, or chooses not to buy something that the store does sell, that interaction that I call a service encounter is roughly equivalent to an encounter that is in some sense “officially” oriented toward the transaction of service, whether or not such a transaction is actually consummated.*”

espontâneos; b) *corpus* escrito de 6 volumes de 2 livros didáticos (*Nuevo Ven* 1, 2 e 3 e *Gente-Nueva Edición* 1, 2 e 3) e seus respectivos CDs.⁷ A escolha destes livros justifica-se pelo fato de se constituírem como exemplos de materiais didáticos utilizados no curso de Letras/Espanhol da Universidade Federal de Alagoas, onde atuo como docente. Busquei, com esta combinação de coleta, estabelecer uma análise comparativa entre as formulações espontâneas de diretivos e as ocorrências do mesmo ato de fala nos livros didáticos, considerando-se as similaridades e diferenças discursivas, como foi ressaltado anteriormente.

O “*corpus oral de referencia de la lengua española contemporánea*” da Universidad Autónoma de Madrid foi desenvolvido por um grupo de seis pesquisadores, sob a direção de Francisco A. Marcos Marín⁸, entre janeiro de 1991 e fevereiro de 1992. Ele contém um total estimado de 1.100.000 palavras de registros sonoros de diferentes gêneros textuais, abrangendo desde os diálogos provenientes de conversações até exemplos de textos orais oriundos de eventos acadêmicos, tais como palestras, conferências e aulas. Este *corpus* foi organizado de acordo com alguns requisitos e dentro de um grupo de frequências de gêneros textuais, previamente determinado. A equipe responsável pela coleta do *corpus* oral considerou seis critérios para definir os textos que se integrariam a base de dados: 1- oralidade; 2- espontaneidade; 3- adequação; 4- representatividade; 5- autenticidade; 6- padrão.

No que diz respeito às convenções adotadas para a transcrição dos textos, os pesquisadores responsáveis pela coleta deste *corpus* se basearam nas normas da TEI (*Text Encoding Initiative*) e em suas capacidades como linguistas para marcar algumas características da linguagem falada, tais como: pronúncia, sons fáticos, barulhos e simultaneidade.

Segundo Marcos Marín (1992, p.14), captar a espontaneidade é uma das principais dificuldades que representa o trabalho com o *corpus* oral. Na concepção do autor, nos textos orais espontâneos, “é comum encontrar palavras na ordem distinta da norma; repetições, cortes bruscos dentro do ato comunicativo... e, claro, cortes de palavras, palavras inventadas, ininteligíveis” (MARCOS MARÍN, 1992, p.14, tradução minha).⁹ Assim, portanto, transcrever todas estas características da linguagem

7 Hoje, encontramos edições mais atualizadas do material didático *Gente*. Entretanto, este estudo analisou os livros da coleção anterior (2008), pois, apesar de desatualizados, ainda são amplamente utilizados, mesmo que de forma fragmentada (exemplos de diálogos e exercícios extraídos dos materiais), tanto no curso de Letras/Espanhol da FALE/UFAL, quanto em projetos de extensão de ensino-aprendizagem de língua espanhola, onde atuo como coordenadora.

8 Francisco Marín é coordenador do *corpus* de referência de língua espanhola contemporânea da Argentina e do Chile e do *corpus* oral de espanhol do Centro-Peninsular.

9 Texto original no espanhol: “*Los hablantes no se sujetan a ningún tipo de regla estilística, retórica, ni siquiera gramatical... (...) es frecuente encontrar palabras en orden distinto del norma.; repeticiones, cortes bruscos dentro del acto comunicativo... y, por supuesto, cortes de palabras, palabras inventadas, ininteligibles.*”

espontânea exige um esforço do pesquisador de entender e registrar o diálogo como ele ocorreu, sendo, sem dúvida uma tarefa complexa.

Nesse sentido, o cuidado depositado no trabalho de transcrições dos textos orais, a fim de captar, de forma fidedigna, a espontaneidade da linguagem oral espontânea, torna o corpus oral da Universidad Autónoma de Madrid, confiável para o desenvolvimento deste estudo.

A seguir, será apresentada a metodologia utilizada para a identificação e classificação dos dados coletados e, posteriormente, a análise desenvolvida a partir da comparação entre as formulações espontâneas e os enunciados elaborados para fins didáticos.

6. Metodologia de identificação e classificação dos dados

A coleta de enunciados de diretivos, provenientes do contexto de encontro de serviços, foi realizada no material que compõe *corpus* oral espontâneo da Universidad Autónoma de Madrid e em 6 volumes de 2 diferentes livros didáticos: Nuevo Ven 1, 2 e 3; Gente 1, 2, 3 (Nueva Edición), conforme ressaltado anteriormente. A opção pelo trabalho com enunciados de diretivos presentes no banco de dados de corpora em espanhol justifica-se pela facilidade de obtenção de uma grande amostragem de diferentes enunciados representativos da fala espontânea, que são armazenados neste sistema.

O *corpus* da Universidad Autónoma de Madrid é composto por dados provenientes dos contextos do espanhol da Espanha, do Chile e da Argentina. A preferência pelo trabalho com o *corpus* espanhol, em detrimento ao do argentino e do chileno, ocorreu pelo fato de os livros didáticos adotados pela Universidad Federal de Alagoas, objetos de análise deste estudo, terem sido produzidos na Espanha. A hipótese de que possa haver diferenças discursivas na construção de enunciados de pedidos na Espanha e nos demais países hispano-americanos, justifica também esta opção.

Após a obtenção dos materiais necessários para o trabalho, deu-se início à coleta inicial dos dados. Como ponto de partida, foram extraídos diálogos, do *corpus* oral espontâneo e dos materiais didáticos, de vários contextos de encontro de serviço – bares, restaurantes, supermercados, lojas, bancas e pedidos ao telefone.

Quanto ao banco de dados orais, fez-se necessário consultar aproximadamente 500 diálogos que estavam disponíveis no sistema. Isto devido ao fato de que, embora houvesse siglas de identificação para os tipos de textos (ADM- administrativo (gravações em colégios eleitorais em um dia de eleições; conversas em uma tesouraria de segurança nacional; conversa telefônica em uma empresa; conversa em uma delegacia) / CIE- científicos (debates, conferências, palestras) / CON- conversacionais e familiares (conversas familiares durante o café da manhã, durante o almoço, em

lojas, supermercado, entre amigos na rua), entre outros, nenhuma das siglas presentes no *corpus* espontâneo consultado correspondia, diretamente, ao contexto de “encontro de serviço” (restaurante, bar, lojas, supermercados, mercados, entre outros), o que tornou necessária a consulta de todo o material coletado.

Nos materiais didáticos foram coletados 40 enunciados de diretivos, em 19 diálogos. Já no *corpus* oral espontâneo foram extraídas 47 ocorrências, em apenas quatro diálogos. É importante ressaltar que essa discrepância entre o número de diálogos coletados nos livros didáticos e no *corpus* oral espontâneo é resultante do número de palavras presentes nos textos de cada material. Enquanto o *corpus* oral espontâneo reúne, em seus diálogos, um total de 3.777 palavras, os diálogos dos livros didáticos trazem apenas 812 palavras, já que, proporcionalmente, são muito menores que os diálogos espontâneos.

Em seguida, após o trabalho de identificação de diálogos em contextos de encontros de serviço similares nos materiais didáticos e no *corpus* oral espontâneo, partiu-se para a classificação dos diretivos coletados. Para tanto, foi seguido o modelo de diretivos utilizado por Aguiar (2002, p. 57)¹⁰:

- a) Diretivo de conteúdo proposicional: o falante se refere à realização de ato demandado, sendo que o agente, a ação e, às vezes, o beneficiário são explicitados. Ex: “ce vê o carimbo pra mim”;
- b) Diretivo elíptico: o falante expressa diretamente o objeto ou o serviço demandado, não explicitando o verbo que o antecede. Ex: “envelope”.
- c) Diretivo de ação própria: o falante descola a ação para si, investindo-se da condição de agente. Ex: “eu vim buscá minha carteira (carteira de biblioteca)”;
- d) Diretivo de sinceridade: o falante expressa seu desejo ou necessidade. Ex: “eu queria vê uma esferográfica”.
- e) Diretivo de permissão: o falante pede permissão para fazer algo que depende de uma ação do ouvinte. Ex: “deixa eu vê um trinta e seis (número de sapato)”.
- f) Diretivo preparatório: o falante se refere a uma condição que o ouvinte precisa satisfazer para realizar o ato. Ex: “Cê tem papel gramatura noventa”;
- g) Diretivo de terceira voz: o falante transfere para uma terceira pessoa a responsabilidade da demanda. Ex: “ele pediu pra você dá uma olhada nele (alicate amolado)”.
- h) Diretivo de razão: o falante expõe as razões para a realização do ato desejado. Ex: “elas num tão abrindo (cópias da chave)”;
- i) Diretivo de posse: o falante caracteriza o objeto solicitado como seu. Ex: “a minha é a da moto. (chave encomendada)”;
- j) Diretivo situacional: o falante pergunta por uma situação necessária para a realização do ato demandado. Ex: “os professores da pós (+) de ensino já entregaram as notas (AGUIAR, 2002, p. 57).

¹⁰ Embora o *corpus* coletado Aguiar (2002) seja referente ao espanhol da Argentina, a classificação dos diretivos criada pela pesquisadora foi utilizada neste trabalho por dois motivos: 1- pela presença de exemplos similares aos diretivos argentinos, localizados no *corpus* oral espanhol da Universidad Autónoma de Madrid e nos materiais didáticos consultados; 2- pelo fato de não haver encontrado outra classificação de diretivos em pesquisas envolvendo dados orais espontâneos e materiais didáticos de língua espanhola.

Entretanto, das dez classes de diretivos elaboradas pela autora, apenas cinco estiveram presentes nos diretivos coletados nos corpora aqui analisados, sendo elas: a) diretivos preparatórios; b) diretivos elípticos; c) diretivos de conteúdo proposicional (diretivos imperativos); d) diretivos de permissão; e) diretivos de sinceridade.

Os diretivos preparatórios foram divididos em três subclasses: a) diretivos preparatórios estruturados com o verbo *tener*; b) diretivos preparatórios estruturados com o verbo *poder* e c) diretivos preparatórios como pedido de informações quanto a preços. Esta divisão foi realizada para facilitar o trabalho de análise de dados, considerando-se as especificidades linguísticas de cada uma das três classes.

Após a classificação dos diretivos coletados dos materiais didáticos e do *corpus* oral espontâneo nas cinco classes acima referidas, partiu-se para a análise qualitativa discursiva gramatical. Nesta, primeiramente, cada formulação de classes de diretivos foi analisada separadamente, em ambos os materiais. Posteriormente, deu-se seguimento à análise estrutural comparativa entre as ocorrências, com o intuito de verificar as diferenças e similaridades estruturais nas formulações dos enunciados em ambos os corpora.

7. Análise de dados

A seguir apresento a análise qualitativa dos exemplos de diretivos em espanhol coletados no *corpus* oral espontâneo da Universidad Autónoma de Madrid e em materiais didáticos. As análises serão expostas a partir da apresentação de uma tabela que sintetiza as informações provenientes dos dados coletados.

Tabela 1 - Diretivos dos materiais didáticos e do *corpus* oral espontâneo

Materiais didáticos			Corpus oral Espontâneo
Diretivos	Livro Gente (nueva edición)	Livro Nuevo Ven	Exemplos de diretivos
1- D. P. “poder”		1-“Ya, pero yo quería probarlo. ¿Podría sacarlo?”	1-“Mire, yo vengo a ver si pueden... me pueden decir qué le pasa a esto. Esta cámara es muy antigua... 2-Por favor le podrían dar algún tipo de prioridad y estar esta semana? Es que claro, yo lo traje con tiempo porque para mí es urgente usarlo esta Semana Santa Y no me puedes...”
2- D. P. “tener”	1-¿Tiene pilas?		1-“¿tienes más variedades de dibujos? 2- Almohadones, tenéis?” 3-“No tienen almohadones?”

3-D. P de pedidos de informações quanto a preços	<p>1-¿cuánto vale esta? 2- ¿y cuánto valen? 3- ¿Cuánto valen estas? 4- ¿Cuánto vale este? 2- ¿Qué precio tienen? 3- Sí, me llevo esta cafetera. ¿Podría cobrarme? 4-¿Me puede decir el precio de este abrigo? 5-Nada más, gracias. ¿Me dice cuánto es? 6-¿Qué precio tiene las de cuadros más pequeños? 7-¿Cuánto cuestan las bandejas? 8- No, ya está. ¿cuánto es todo? 8-“¿Qué precio tiene este bolso?”</p>	<p>1-Me quedan bien. Me los llevo. ¿Qué precio tienen? 2-¿Me puede decir el precio de este abrigo? 3- Nada más, gracias. ¿Me dice cuánto es? 4-¿Qué precio tiene la de cuadros más pequeños? 5- ¿Estos de cerámica son muy caros? 6- ¿Cuánto cuestan las bandejas? 7- Sí, es verdad, ¿qué precio tiene este bolso?</p>	<p>1-“¡Ah! Muy bonita. <i>Qué precio tiene ésta?</i>” 2- No, ésta es muy bonita. <i>Y el precio de ésta?</i> 3- <i>También es muy bonita, me dice también el precio <risas></i> 4-¡Ah! Ésta es muy bonita. <i>Qué precio tiene ésta?</i> 5- <i>Éste qué precio tiene?</i> 6-¿Qué precio tiene este vestido? 7- <i>Pero es muy bonito realmente. Qué precio tiene este vestido?</i> 8- <i>A cómo están los puerros?</i> 9- <i>Eso cuánto pue<palabra cortada> puede costarme?</i></p>
4- Elípticos	<p>1-¿Y un perfume? 2-“Pues venga, sí, quesadillas.” 3-“Sí, sí, quesadillas.” 4-“Ya, no. El muelle, mejor.” 5-“Sí, ese. 200 gramos.” 6-“Algún sujetador o una braga de color...” 7-“Y la braga amarilla también.”</p>	<p>1-“Pues, no sé... la 44 ó 46, creo.” 2-“Estos azules están bien.” 3-“Y éste de cristal, ¿Qué tal?” 4-“Pues, no sé, algo para la cocina, una batidora nueva o una plancha moderna.”</p>	<p>1- Vamos a ver, y conjuntos? 2- Vamos a ver, de vestir, más de vestir 3- <fático+dúvida> éste <fático>=<dúvida>, es que detrás...- <simultáneo> (...) Este 4- Este..., este 5- Algo más fina, sí 6- Más fina, sí. (Mais fina, sim) 7- Las dos azules o las dos salmón 8- Lo de dentro, la almohada... 9- De esos <simultáneo> para freír, de los pequeños 10- Médio. <silencio> 11- Y a mí un puerro y <initeligible> 12- Pues, un kilo... 13- más pequenitos <vacilación> este...ese...ese es inmenso. 14- Un kilo de mandarinas 15- Una botella de vino... caja de galletas... dos cajas de leche... 16- Mandarinas... <silencio> zanahorias... patatas... y nada más</p>
5- Permissão	<p>1-“¿Me lo puede poner en una bolsita?”</p>	<p>1-“¿Me los puedo probar?” 2-“¿Puedo probarme estas faldas?” 3-“¿Me lo puedo probar?”</p>	<p>1-“Me permite um momentito la blusa?” 2-“... Se lo podíamos dej<palabra cortada> Lo dejamos aqui um momento”</p>
6- Imperativos	<p>1-“Pues, póngame dos kilos. 2-“Sí, deme un paquete de azúcar y 200 gramos de ese jamón.”</p>	<p>1-“Pues, póngame este...” 2- “Nos trae un arroz con leche y un helado, por favor.”</p>	<p>1-Déme médio de pimientos 2- Déme... un puerro, que sea Bueno. 3- Sí, pero no lê <vacilación> corte el rabo. 4- Y... póngame mandarinas .. Póngame médio, pero... como... como... uste<(d)> sabe como me gusta a mí/ Mañana llamo a ver qué ocurre, 5- pero por favor intentadlo porque... <simultáneo> es que lo necesito...</p>

7- Sinceridade	1-A ver, quería estos.	1-“Quería un jarrón para regalar”. 2- ¿Quería ver se tenéis algo para el día de la madre? “Sí, De primero, queríamos una ensalada mediterránea y un gazpacho andaluz. De segundo, una merluza a la romana y unas chuletas de cordero.” 2- “De beber queríamos una botella de agua. 3-“Quería unos pantalones.” 4-Perdone, quería un kilo de tomates para ensalada y una bolsa de naranjas, por favor. 5-Quería una camisa, por favor. 6-Me gustan mucho las camisas de cuadros. 7-“Quería un jarrón para regalar.” 8-“Quería ver si tenéis algo para el día de la madre.” 9-“Quería unas zapatillas jaguar de las de suela adaptable.” 10-“Hola, aquí traigo este juego de ordenador. Quería devolverlo.” 11-“Es que me gustaría verlo funcionar. No sé si le gustará a mi hija.” 12- Buenas Tardes. Quería unas zapatillas de deporte jaguar, de estas modernas con suela adaptable.	1-“Quería ver que tenía de faldas... largas principalmente.” 2-“No, eso ya me da igual, me interesa que sea bonito.” 3-“Quiero saber... ver modelos por ahora vestidos, me interesaría ver entonces ya que no hay conjuntos.”
----------------	------------------------	--	---

Fonte: elaboração própria

Conforme pode ser observado na tabela, os diretivos apresentam diferenças estruturais entre as ocorrências do *corpus* oral espontâneo e dos materiais didáticos. A seguir, apresento a análise linguística comparativa destes diretivos, nos dois materiais analisados.

7.1 Os diretivos preparatórios

Nos pedidos caracterizados como diretivos preparatórios, o falante prepara o ouvinte para realizar uma ação por meio de uma pergunta ou explicação, por exemplo: “tem cordas para violão?”. De acordo com Melo e Bodolay (2017, p.85), “a condição preparatória é responsável pelo que o locutor subentende ao executar um ato”. As autoras ainda esclarecem que “no ato de pedir, o locutor pensa que ouvinte pode realizar a ação solicitada, em contra partida no ato de ordem é necessário a relação hierárquica de autoridade para o que o ato se concretize com sucesso” (MELO; BODOLAY, 2017, p. 85).

No que diz respeito ao estudo em questão, foi observado que os diretivos preparatórios estruturados com o verbo *poder*, do *corpus* oral espontâneo, apresentaram estruturas mais diversificadas que os dos materiais didáticos. Nos primeiros, apenas um, dos sete exemplos de diretivos extraídos do *corpus* (“*le podrían dar algún tipo de prioridad y estar esta semana? Es que claro, yo lo traje con tiempo porque para mí es urgente usarlo esta Semana Santa Y no me puedes...*”), assemelhou-se ao único diretivo localizado nos materiais didáticos consultados (“*Ya, pero yo quería probarlo. ¿Podría*

sacarlo?”). Nos diretivos coletados no *corpus*, verificou-se a presença de adjuntos do ato de “razão” (“*Mire, yo vengo a ver si pueden... me pueden decir qué le pasa a esto*”) e de obtenção de um comprometimento (“...*le podrían dar algún tipo de prioridad y estar esta semana? Es que claro, yo lo traje con tiempo porque para mí es urgente usarlo esta Semana Santa Y no me puedes...*”) nos enunciados formulados.

Ainda no que diz respeito aos diretivos preparatórios formulados com o verbo poder, foram localizados elementos linguísticos em suas estruturas que marcaram importantes diferenças entre os dados coletados nos materiais didáticos e no corpus oral espontâneo: os adjuntos do ato de obtenção de comprometimento e o uso verbo poder na forma condicional.

Em relação aos adjuntos do ato de obtenção de comprometimento, verificou-se a presença da expressão de polidez “por favor” no enunciado que compõe o diretivo (*Por favor, ¿le podrían dar algún tipo de prioridad y estar esta semana? Es que claro, yo lo traje con tiempo porque para mí es urgente usarlo esta Semana Santa Y no me puedes...*). No diálogo do material didático, entretanto, este tipo de adjunto não foi localizado, talvez pelo tipo de diretivo proferido pela cliente que, por sua vez, não exigia nenhum tipo de negociação comunicativa mais complexa, tal como uma urgência em relação a obtenção de um serviço acerca do produto adquirido.

Quanto ao uso do verbo poder na forma condicional, o corpus oral apresentou um exemplo de diretivo preparatório que expressasse uma tentativa de obtenção de um comprometimento por parte do interlocutor (“*Mire, yo vengo a ver si pueden... me pueden decir qué le pasa a esto. Esta cámara es muy antigua y bueno...*”). Nesse diretivo, verificou-se que a forma condicional do verbo poder (“*si pueden*”) foi utilizada com o objetivo de suavizar o ato de fala.

Sobre a preferência pelo uso do condicional em pedidos, salienta Koike (1989, p.193) que, nas línguas portuguesa, espanhola, francesa e inglesa essa escolha acontece devido ao fato de este tempo verbal estar longe do centro dêitico, ou seja, do momento presente da fala do emissor, oferecendo ao receptor, opções de reações. A referência dêitica do condicional carrega em si a expressão de polidez e de não imposição. Assim sendo, no enunciado formulado com o elemento condicional, observou-se que, ao solicitar uma prioridade em relação ao serviço demandado, o cliente pôde ter se sentido constrangido e, ao mesmo tempo, considerado que seu pedido tivesse causado certo incômodo ao vendedor. Deste modo, é possível concluir que a opção pelo uso do elemento condicional, no diretivo formulado, representou uma tentativa de suavizar a imposição envolvida no ato de fala e, concomitantemente, o esforço de respeitar a face negativa do vendedor, ou seja, sua liberdade de

reação acerca do serviço demandado.

No seguinte enunciado coletado no corpus espontâneo (“*Y no me puedes? Por ejemplo, yo vengo ¿no? y me decís lo que hay y me dais el pre<palabra cortada> presupuesto que va a ser, para yo saber cuánto dinero me va a costar antes de arreglarlo*”), foi verificado que o cliente também manifestou o desejo em relação à ação de comprometimento do vendedor (um orçamento antes de fazer o serviço). Entretanto, o pedido por este tipo de serviço pareceu ser menos constrangedor e impositivo do que o primeiro (Pero... una cosa que es que... *por favor ¿le podrían dar algún tipo de prioridad y estar esta semana?*). Talvez, por este motivo, o verbo *poder*, no presente do indicativo, tenha sido usado no lugar da forma condicional. Além disso, constatou-se ainda que o uso do questionamento no diretivo formulado contribuiu para a suavização da imposição do pedido (“*Y no me puedes? Por ejemplo, yo vengo ¿no?*”). Sobre o uso da forma condicional em perguntas formuladas com o verbo *poder*, Matte Bon (1999, p. 314) esclarece que

usa-se as perguntas na forma condicional e perguntas com “poder” no condicional para se mostrar mais amável com o destinatário da mensagem, especialmente quando o enunciador se sente incomodado por ter que pedir algo, ou quando acredita que o que pede poderia ser desagradável para o seu interlocutor. O uso do condicional constitui, pois, algo próximo de uma maneira de pedir desculpas ao destinatário da mensagem pelo incômodo que lhe pode estar ocasionando. (MATTE BON, 1999, p. 314) ¹¹

Assim, portanto, acredita-se que o diretivo formulado com o verbo “poder”, no questionamento lançado ao vendedor, expressa não somente a característica impositiva do ato de fala, mas também a manifestação de uma desculpa em relação à solicitação realizada pelo cliente.

No que diz respeito aos materiais didáticos analisados, foi localizada apenas uma formulação de diretivo estruturado com o verbo *poder* (“*Ya, pero yo quería probarlo. ¿Podría sacarlo?*”). Tal como no banco de dados orais, verificou-se que o diretivo do material didático também apresentou o verbo *poder*, na forma condicional, acompanhado de um adjunto do ato. Possivelmente, tais elementos foram utilizados com a finalidade de suavizar a natureza impositiva do ato.

Em uma pesquisa similar desenvolvida em 2003, também foram localizados exemplos de diretivos preparatórios com o verbo *poder* na forma condicional, nos materiais didáticos consultados na época. Entretanto, estes diretivos não apresentavam adjuntos do ato, como no exemplo anteriormente citado

11 - Texto original no espanhol: “se usan las preguntas en condicional y las preguntas con poder en condicional para mostrarse más amable con el destinatario del mensaje, especialmente cuando el anunciador se siente incómodo por tener que pedir algo, o cuando cree que lo que pide podría resultar desagradable para su interlocutor. El uso del condicional constituye, pues, algo próximo a una manera de pedir disculpas al destinatario del mensaje por la molestia que se le puede estar ocasionando.”

(MENICONI, 2003). Este fator pode representar um avanço em relação à formulação de diretivos para diálogos criados com fins didáticos.

No que diz respeito aos diretivos preparatórios estruturados com o verbo “*tener*”, foram extraídos enunciados do corpus oral espontâneo, contendo as seguintes estruturas: 1- verbo *tener*, no presente do indicativo, conjugado na segunda pessoa do singular (*tú*) + objeto direto (“¿*tienes* más variedades de *dibujos*?”); 2- topicalização do objeto direto, seguido pelo verbo *tener* no presente do indicativo, conjugado na segunda pessoa do plural (“¿*Almohadones, tenéis*?”); 3- estrutura negativa, incluindo no enunciado o verbo *tener*, também no presente do indicativo, conjugado na terceira pessoa do plural (“*No tienen almohadones*?”) + objeto direto; 4- estrutura interrogativa, incluindo o objeto desejado + verbo *tener* no presente do indicativo (“*es preciosa. Y tallas. Qué tallas tiene*?”); 5- o objeto desejado antecede o pedido propriamente dito. (“*A la rodilla “Sólo </simultáneo>55 tienen, en rojo, éste, no? <simultáneo> Ah!, blanco también*”); 6- enunciado formulado com pronome demonstrativo (*este*), seguido do pedido por informação, formado pelo verbo *tener*, no presente do indicativo (“*éste, qué tienen... éste rosa... <simultáneo>, ah!, bueno, en este rosa en verde*”); 7- diretivo formulado como uma questão, seguida do pronome complemento direto de terceira pessoa (*la*) + verbo *tener*, na forma indicativa, conjugado na segunda pessoa do plural (“*Esta <vacilación> ya me has hecho... tenían el <ininteligible> chuchurrío. Ahora “cómo la tienen, igual?- (Esta você já me fez... não estava fresco. Agora, como estão, igual?*”).

Em relação aos materiais didáticos, foi encontrado apenas um diretivo preparatório formulado com o verbo “*tener*” (“¿*Tiene pilas?*”). Entretanto, o enunciado coletado diferenciou-se substancialmente das formulações espontâneas, uma vez que não apresentou elementos linguísticos tais como topicalizações do objeto direto, estruturas negativas, interrogativas ou uso de pronomes. Esse fator comprova, uma vez mais, a distância entre as formulações de diretivos elaborados para diálogos de materiais didáticos e os enunciados mais espontâneos.

Quanto aos diretivos preparatórios como “pedidos de informações quanto a preços” predominaram, no corpus oral espontâneo, enunciados formulados com o verbo *tener*, no presente do indicativo (“¿*Ah! Muy bonita. Qué precio tiene ésta?*”). Nos materiais consultados, contudo, apenas o livro *Nuevo Ven* apresentou exemplos deste tipo de diretivo (“¿*Qué precio tienen?*”; “¿*Qué precio tiene la de cuadros más pequeños?*”; “¿*Qué precio tiene este bolso?*”). Já no livro *Gente (Nueva Edición)* foi localizado apenas um tipo de diretivo de pedido de informação quanto a preço, com características semelhantes às formulações espontâneas (“¿*Qué precio tienen?*”).

Outro fator observado nos diretivos relativos a preços de produtos, coletados dos materiais didáticos, refere-se ao grande número de formulações precedidas de pronome interrogativo “*cuánto*”

(“¿*Cuánto vale esta?*; ¿*Y cuánto valen?*; “¿*Cuánto vale este?*”). Contudo, no *corpus* oral espontâneo esses exemplos de diretivos não foram localizados. Isto quer dizer que os materiais didáticos ainda apresentam poucos exemplos de diretivos preparatórios de “pedido de informações quanto a preços” semelhantes ao *corpus* oral.

Ainda no que tange aos enunciados formulados para a obtenção de informações sobre os preços dos produtos, foram localizados adjuntos dos atos, estruturados como elogios ao objeto de interesse do cliente, em cinco tipos de diretivos extraídos do *corpus* oral espontâneo (1- “¡Ah! *Muy bonita. Qué precio tiene ésta?*”; 2- *No, ésta es muy bonita. Y el precio de ésta?*; 3- *También es muy bonita, me dice también el precio <risas>*; 4- ¡Ah! Ésta es muy bonita. *Qué precio tiene ésta?*; 5- *Pero es muy bonito realmente. Qué precio tiene este vestido?*). Nos materiais didáticos consultados, foi encontrado apenas um enunciado com os mesmos tipos de adjuntos (1- *Me quedan bien. Me los llevo. ¿Qué precio tienen?*). Outros tipos de adjuntos também antecederam os enunciados coletados dos materiais didáticos, caracterizados como negação de mais ofertas e respostas de clientes a pedidos de informações dos vendedores (1- *No, ya está. ¿Cuánto es todo?* / 2- *Nada más, gracias. ¿Me dice cuánto es?* / 3- “*Sí, me llevo esta cafetera. ¿Podría cobrarme?*”). No *corpus* oral, contudo, nenhum outro tipo de adjunto foi localizado na formulação dos pedidos de informação quanto a preço, o que, uma vez mais, comprova a distância das formulações orais espontâneas dos diálogos elaborados para fins didáticos.

7.2- Os diretivos Elípticos

Segundo Ervin- Tripp (1976, p. 30), os diretivos elípticos são tipos de imperativos presentes em situações nas quais as ações são óbvias, explicitando somente a nova informação, ou seja, o objeto direto ou indireto. Ex: “Café com leite” (pedido em uma lanchonete). Brown e Levinson (1978, p. 111) esclarecem que a compreensão das formas elípticas está intrinsecamente associada ao conhecimento mútuo compartilhado por um grupo, em determinados contextos. Por exemplo, para que o elíptico “maquineta” seja compreendido, o falante e o ouvinte precisam compartilhar certo nível de conhecimento sobre o contexto em que o enunciado foi proferido (por exemplo, o cliente está com o cartão de crédito e precisa da maquineta para registrar sua compra). Aguiar (2002, p. 57) acrescenta que, por meio do diretivo elíptico, “o falante expressa diretamente o objeto ou o serviço demandado, não explicitando o verbo que o antecede. Ex: “envelope;” a autora constatou a predominância dos diretivos elípticos nos enunciados de pedidos coletados com os clientes argentinos.

Na análise de dados desta pesquisa, dez (10) dos dezesseis (16) diretivos coletados no *corpus*

oral apareceram como informação mais específica do produto anteriormente solicitado. Por exemplo, a vendedora traz o produto de um tipo muito grosso e, então, as clientes solicitam-no mais fino, usando os seguintes diretivos: “...*Algo más fina, sí-/ 2- Más fina, sí*”. Nos materiais didáticos, por sua vez, apenas três (3) dos dez (11) elípticos coletados introduzem um pedido mais específico do produto anteriormente solicitado (1-“*Algún sujetador o una braga de color*”; 2-“*Pues, no sé... la 44 ó 46, creo*”; 3-“*Estos azules están bien*”). Este mesmo problema também foi averiguado na análise realizada na pesquisa que realizei anteriormente. Dos sete (7) diretivos elípticos coletados, apenas três (3) apresentaram estruturas similares as do *corpus* oral espontâneo da Universidade Autônoma de Madrid (MENICONI, 2003).

Além disso, dois diretivos elípticos foram encontrados em um único diálogo, posteriores aos pedidos por liberação formulados pelo vendedor (*¿Algo más?; Muy bien. ¿Algo más?*). Nos dados orais espontâneos, este tipo de pedido não apareceu com a mesma estrutura em que foi apresentada nos materiais didáticos. Em apenas um momento, este exemplo de formulação esteve presente no *corpus* oral no contexto de supermercado, e com a seguinte estrutura: “*Qué más quería?*”. Na pesquisa que realizei em 2003, três (3) pedidos por liberação formulados pelo vendedor (“*¿Algo más?*”) também foram coletados dos diálogos do contexto de encontros de serviço, nos materiais didáticos consultados (MENICONI, 2003).

Tais fatores indicam que os problemas em relação à elaboração de diálogos mais reais, com objetivos didáticos, ainda estão presentes nos materiais didáticos, o que pode representar uma barreira para o desenvolvimento das habilidades comunicativas dos estudantes de língua espanhola, já que os materiais didáticos são importantes recursos didáticos utilizados para o ensino e aprendizagem de idiomas estrangeiros.

7.3 Diretivos de permissão

De acordo com Aguiar (2002), “nos diretivos de permissão, o falante pede permissão para fazer algo que depende de uma ação do ouvinte. Ex: deixa eu vê um trinta e seis (número de sapato)” (Aguiar, 2002, p. 57). Ervin – Tripp (1976, p. 37) constatou que, dos seis tipos de diretivos coletados, o diretivo de permissão se apresentou com uma frequência relativamente baixa de ocorrência em relação a outros tipos de diretivos, sendo mais comum nas falas das crianças, devido ao alto controle que os adultos exercem sobre elas.

No que diz respeito aos diretivos de permissão, observou-se também diferenças estruturais entre as formulações coletadas no *corpus* espontâneo e nos materiais didáticos. Nos enunciados

coletados dos diálogos dos livros didáticos, os diretivos de permissão estavam conjugados com o verbo “*poder*”, na primeira pessoa do presente do indicativo + o verbo “*probar*” + objeto do diretivo (1-“¿Me lo **puede poner** en una bolsita?”; 2-“¿Me los **puedo probar**?”; 3-“¿**Puedo probarme** estas faldas?”; 3-“¿Me lo **puedo probar**?”). Já no *corpus* oral, nenhum tipo de enunciado formulado com as estruturas linguísticas dos diretivos coletados nos materiais didáticos foi coletado.

Como mostras autênticas de diretivos de permissão, foram localizados dois tipos de enunciados no *corpus* oral espontâneo da Universidad Autónoma de Madrid: 1- pedido de permissão para se ver um produto (*me permite un momentito la blusa?*; 2- pedido para se deixar o produto com o vendedor (... *Se lo podíamos dej<palabra cortada> Lo dejamos aqui un momento*).

De forma similar à análise desenvolvida por este estudo, na pesquisa realizada em 2003, constatei que os diretivos de permissão coletados nos materiais didáticos, analisados naquela época, apresentaram-se também pedidos para experimentar o objeto desejado (MENICONI, 2003, p.88). Além da semelhança de conteúdo, todas as formulações coletadas estavam estruturadas com o verbo *poder*, conjugados na primeira pessoa do presente do indicativo + o verbo *probar* + objeto do diretivo.

Uma análise comparativa entre os diretivos de permissão coletados em materiais analisados em 2003 e as formulações encontradas nos materiais mais atuais evidencia, novamente, pouco avanço em relação à busca pela garantia da autenticidade em diálogos elaborados com objetivos didáticos, no idioma espanhol.

7.4 Diretivos Imperativos

Os diretivos imperativos incluem um verbo e, se for transitivo, um objeto, e às vezes um beneficiário (ERVIN-TRIPP, 1976, p.30). Brown e Levinson (1978, p. 69) apresentam uma distinção entre as características e os efeitos dos pedidos proferidos de forma mais direta (*on record*) com ação compensatória (*with redressive action*) e sem ação compensatória (*without redressive action*). O imperativo pode ser caracterizado como um ato direto sem ação compensatória, estando, geralmente, presente nas seguintes ocasiões: a) o falante e o ouvinte concordam que a preservação de faces pode ser interrompida para garantir a urgência e eficiência no atendimento do pedido (ex: “ajudem”); b) o risco da face do ouvinte é muito pequeno e é do seu interesse que o ato aconteça, sem sacrifícios por parte do falante (ex: “sente-se aqui”); c) o falante tem mais poder que o ouvinte, podendo destruir a face do mesmo sem perder a sua (ex: “Não coloque isto aí”).

Os diretivos imperativos coletados nos materiais didáticos (1-“*Pues, póngame dos kilos*”; 2-“*Si,*

deme un paquete de azúcar y 200 gramos de ese jamón”) e no *corpus* oral espontâneo (1- “*Déme... un puerro, que sea Bueno*”; 2- “*Y... póngame mandarinas*”), apresentaram-se com as mesmas estruturas: verbo (*dar/ poner*) + pronome pessoal (me) + objeto direto. A estrutura gramatical de formação dos imperativos localizados nos materiais didáticos se assemelhou a do *corpus* oral, ou seja, verbos (*poner/ dar*), conjugados no imperativo formal + pronome pessoal (me) + objeto direto. Além disso, tanto nos enunciados de imperativos coletados do *corpus* espontâneo quanto dos materiais didáticos houve a presença de diretivos preparatórios (1- *A ver, ¿a cuánto están las fresas?*), antecedendo dois dos imperativos formulados (1- *Pues póngame dos kilos*). Esta similaridade também foi observada na pesquisa realizada anteriormente (MENICONI, 2003).

7.5 Diretivos de Sinceridade

“No diretivo de sinceridade o falante expressa o seu desejo ou necessidade. Ex: eu queria ver aqueles anéis da vitrine” (AGUIAR, 2002, p.57). Segundo Ervin- Tripp (1976, p. 29), os diretivos de sinceridade, por ela denominados “diretivos de necessidade”, ocorrem entre pessoas que se diferenciam pelas posições sociais (hierarquia). Em sua pesquisa, os diretivos de sinceridade estiveram presentes em dois tipos de cenários: a) trabalho de negociação (*transactional work setting*), em que a afirmação de uma necessidade de um superior implica uma obrigação por parte do subordinado. Ex: (Chefe de um escritório e seu subordinado) – Eu quero que você confira as exigências para construir degraus; b) ambiente familiar, quando o pedido pode ser satisfeito pelo ouvinte. Ex: (uma criança de quatro anos pede a sua mãe) – “Eu preciso de uma colher. Mamãe, eu preciso de uma colher”.

Nos diretivos de sinceridade, foram observadas algumas diferenças na estrutura dos diretivos espontâneos, em comparação com os diretivos coletados dos materiais didáticos. Os primeiros foram estruturados da seguinte forma: verbos *querer* e *interessar*, conjugados na primeira pessoa do singular + verbos *ver* e *saber*, formando uma locução verbal (1- “*Quería ver...*”; 2- “*me interesaría ver entonces*”). No que tange aos materiais didáticos, apenas uma ocorrência de locução verbal foi localizada (“*Quería ver si tenéis algo para el día de la madre*”).

Nos diálogos dos livros didáticos analisados, todos os exemplos de diretivos de sinceridade coletados apresentam a seguinte estruturação: verbo *querer* + *una / uno* + objeto do diretivo (1-“*Sí, De primero, queríamos una ensalada mediterránea y un gazpacho andaluz. De segundo, una merluza a la romana y unas chuletas de cordero*” ; 2- “*De beber queríamos una botella de agua*; 3-“*Quería unos pantalones*”). Além disso, os livros didáticos também não trouxeram nenhuma ocorrência de diretivo formado com outros verbos diferentes do verbo “*interesar*”, como apareceu no *corpus* (“...

me interesaría ver entonces ya que no hay conjuntos.”). A predominância de diretivos de sinceridade formulados com os verbos querer + uno/una + objeto do diretivo também foi observada nos dados coletados dos materiais didáticos analisados na pesquisa anterior (MENICONI, 2003).

Nesse sentido, uma vez mais, observou-se um distanciamento entre as formulações advindas do contexto real de fala e os diretivos presentes nos diálogos elaborados para os materiais didáticos de espanhol, por meio das análises comparativas realizadas por este estudo.

Considerações Finais

Conforme ressaltado anteriormente, os professores de língua espanhola para brasileiros em particular, enfrentamos, às vezes, dificuldades para propiciar o desenvolvimento da competência pragmática dos alunos. Isso porque há uma carência de enunciados apropriados à situação comunicativa, nos materiais didáticos com os quais trabalhamos. Assim sendo, o trabalho descrito foi motivado, justamente, pela necessidade de mostrar as diferenças linguísticas presentes nas formulações de diretivos coletados nos materiais didáticos e no *corpus* oral espontâneo de língua espanhola, problema este que, por sua vez, já havia sido observado em pesquisas realizadas anteriormente (MENICONI, 2003, 2009).

A análise de dados realizada revelou importantes diferenças estruturais entre as ocorrências de diretivos do *corpus* oral espontâneo e dos materiais didáticos analisados. Além disso, foi possível observar que apenas os diretivos imperativos apresentaram estruturas semelhantes, em ambas as fontes de dados. Já os diretivos estruturados com os verbos *poder* do *corpus* oral espontâneo trouxeram estruturas mais diversificadas do que os dos materiais didáticos. Exemplos de diretivos preparatórios com a topicalização do objeto direto (*¿Almoaiones, tenéis?*), frequentes no *corpus* espontâneo, não foram identificados nos materiais didáticos, e os adjuntos de “razão” e de “obtenção de um comprometimento”, localizados nos diretivos preparatórios estruturados com o verbo *poder* nos dados espontâneos, também não apareceram nos materiais didáticos.

No que diz respeito aos diretivos preparatórios como “pedidos de informações quanto a preços”, no *corpus* oral espontâneo, averiguou-se a predominância de enunciados formulados com o verbo *tener*, no presente do indicativo. Nos materiais didáticos, alguns exemplos deste tipo de diretivo também foram localizados. Entretanto, em relação aos diretivos elípticos, a maior parte das ocorrências coletadas do *corpus* oral foi identificada como informações mais específicas do produto anteriormente solicitado. Nos materiais didáticos, contudo, poucos exemplos tiveram estas características.

Em relação aos diretivos de permissão, foi verificada a ocorrência de estruturas formuladas com o verbo “poder”, na primeira pessoa do presente do indicativo + o verbo “*probar*” + objeto do diretivo. No corpus oral espontâneo, porém, não foi possível localizar nenhum tipo de estrutura do diretivo semelhante aos enunciados extraídos dos diálogos dos materiais didáticos.

Problema similar foi constatado em relação aos diretivos de sinceridade. No *corpus* oral espontâneo, foram localizadas ocorrências com a utilização de locuções verbais (“*Quería ver...*”/ “*saber...*”/ “*Me interesaría ver...*”) e com outros verbos. Nos materiais didáticos, apenas um exemplo de formulação com locução verbal foi localizado. Entretanto, exemplos de diretivos com o verbo “*interesar*” não foram aparecerem nos diálogos dos livros consultados.

Em suma, pode-se dizer que a análise qualitativa dos diretivos realizada por este estudo revelou certa distância dos materiais didáticos em relação à linguagem oral espontânea, dado esperado, uma vez que os cursos de língua, de um modo geral, trabalham com o ensino da língua formal, a partir da exposição quase que, única e exclusivamente, às regras gramaticais do idioma. Tal fator acaba por distanciar o que é ensinado do que realmente ocorre no contexto comunicativo oral espontâneo.

Nesse sentido, torna-se de fundamental importância a utilização de banco de dados de *corpus* para a elaboração de diálogos de materiais didáticos mais espontâneos e contextualizados, já que a exposição às mostras reais, espontâneas e mais contextualizadas do idioma estrangeiro pode contribuir para o desenvolvimento da habilidade comunicativa de professores e alunos.

Referências

AGUIAR, L. *O ato de fala em culturas diferentes: convergências e divergências na formulação de diretivos em português e espanhol*. 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

Alonso, M. C. G P. *Corpus linguístico e a aquisição de falsos cognatos em espanhol como língua estrangeira*. 2006. 253 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/13826>. Acesso em: 19 jul. 2020

ASSUNÇÃO, C.; ARAÚJO, C. Linguística de corpus: teoria, perspectivas metodológicas e ensino de línguas. *Filologia E Linguística Portuguesa*, v. 21(2), p. 271-288, 2019. Disponível em: <<http://www.periodicos.usp.br/flp/article/view/163496>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: OUP, 1962.

- BARDOVI-HARLIG, K.; DORNYEI, Z. Do language learners reconize pragmatic violations? Pragmatic versus grammatical awareness in instructed L2 learning. *TESOL Quarterly*, v.32, nº 2, p. 233-262, 1998.
- BASTOS, LC. Power, solidarity and the construction of requests in service encounters. *ESPe-cialist*, v.17(2), p.151-174, 1996.
- BERBER SARDINHA, A. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.
- BETANCOURT, M. V. R. *Adquisición de pragmática em segunda lengua: un modelo didáctico para la enseñanza de la pragmática*. Dissertação de Mestrado (Arte e Ensino de Língua Espanhola) - Universidade Indiana. 2012. Disponível em: < <https://scholarworks.iupui.edu/bitstream/handle/1805/2968/MV%20Romero%20TESIS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 jul. 2020.
- BIBER, D; CONRAD, S.; REPPEN, R. *Corpus Linguistics: Investigating Language Structure and Use*. Cambridge University Press, 1998.
- BLUM-KULKA, S., HOUSE, J.; KASPER, G. (orgs.) *Cross-cultural pragmatics: requests and apologies*, Advances in Discourse Processes Series- Vol. XXXI, Norwood, N. J.: Ablex Publishing Corporation, 1989.
- Brown, P., & Levinson, S. C. Universals in language usage: Politeness phenomena. In: Goody, E. N. (org.), *Questions and politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- CANALE, M. e M. SWAIN. Theoretical Bases of Communicative Approaches to the Second Language Teaching and testing. *Applied Linguistics*, v. 1, p. 1- 47, 1980.
- CASTRO, F.; MARÍN, F.; MORALES, ROSA, S. *Nuevo ven* (Vol 1,2,3): Voces de Latinoamérica. Madrid: Edelsa, 2005.
- COHEN, A. Investigating the production of speech act sets. *Speech Acts Across Cultures*. New York: Mouton de Gruyter, p. 21- 43, 1996.
- ESCANDELL-VIDAL, Victoria. “Towards a cognitive approach to politeness”. In: *Language Sciences*, v.18, n. 3-14, 1996, pp. 629-650.
- ERVIN- TRIPP, S. Is sybil there? The structure of some American English directives. *Language and Society*, v.5, n.1, p.25-66, 1976.

GREEN, G. (1975). *How to Get People to Do Things with words: The Whimperative Question*. In Peter Cole & Jerry L. Morgan, 1975, p.107-142.

GOMES DA SILVA, Carolina; CARNAVAL, Manuella; MORAES, João Antônio de. Atos de fala diretivos em português e em espanhol: uma análise acústica comparativa. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 1, p. 326-345, 2020. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1751/688>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

JACOBI, C.C.B.D. *Linguística de Corpus e ensino de espanhol a brasileiros: Descrição de padrões e preparação de atividades didáticas (decir/hablar ; mismo; mientras /em cuanto/aunque)* - São Paulo, SP. Dissertação de Mestrado. PUCSP. 2001.

JUDD, E. L. Some issues in the teaching of pragmatic competence. In: HINKEI, E. (Ed.). *Culture in Second Language Teaching and Learning*. Cambridge, 1999, p. 152- 165.

KOIKE, D. A. Transfer of pragmatic competence an suggestions in Spanish foreign language learning. *Speech Acts Across Cultures*. New York: Mouton de Gruyter, p. 257- 277. 1996.

MARCOS MARÍN, F. (dir.). *COREC: Corpus de referencia de la lengua española contemporánea. Corpus oral peninsular (1991-1992)*. 1992. Disponível em: <<http://www.lllf.uam.es/~fmarcos/informes/corpus/corpusix.html>>. Acesso: 16 jun. 2020.

MATTE BON, Francisco. Gramática, pragmática y enseñaza comunicativa del español como lengua extranjera. *CARABELA*, Monográfico, n. 43, p.53-77, 1999.

MELO, M.C.; BODOLAY, A.N. Análise do ensino de prosódia dos atos diretivos de ordem e pedido para falantes estrangeiros de português brasileiro. In: Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala, v.4, p. 83 – 86, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_coloquio/article/view/13465>. Acesso em: 17 jun. 2020.

MENICONI, F. C. *Os diretivos nos corpora de língua espanhola oral espontânea e escrita (material didático)*. 2003. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2003.

_____. Los directivos en los diálogos de los libros didáticos de ELE. *MarcoELE. Revista de didáctica ELE*, n. 9, p. 1-13, 2009. Disponível em: http://marcoele.com/descargas/9/colen_directivos.pdf. Acesso em 16 set. 2014.

_____. Língua Espanhola e competência comunicativa. *Presença Pedagógica*, v. 99,

p. 13-17, 2011.

MERRIT, M. On questions following questions in service encounters. *Language in society*, v. 5, n.3, p. 315- 357, 1976.

OLIVEIRA, A.L.A.M; CARNEIRO, M.M.; AZEVEDO, A.M.T. Ensino de gramática baseado no uso: uma experiência de produção de materiais por professores. *Rev. bras. linguist. apl.*, Belo Horizonte , v. 16, n. 3, p. 441-459, set. 2016 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982016000300441&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 17 jun. 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-6398201610665>

PERES, E.M.; BAULENAS, N.S. *Gente* (nueva edición) 1,2,3. Difusión: Madrid, 2008.

SEARLE, J. R. “What is a speech act?” In: Searle (org.), *The philosophy of language*. London: out, p. 39-53, 1971.

_____. A classification of illocutionary actos. *Language in society*, v. 5, n. 1, p. 1-23, 1976.

_____. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1981. 95 p. Título original: *Speech acts: an essay in philosophy of language*.

SILVA, M. K. Autenticidade de materiais de ensino de línguas estrangeiras. *Pandaemonium*, São Paulo, v. 20, n.31, p. 1 – 29, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pg/v20n31/1982-8837-pg-20-31-00001.pdf> Acesso em: 11 mar. 2020. <http://dx.doi.org/10.11606/1982-883720311>.

TRIBBLE, C., (1997). Improvising corpora for ELT: quick-and-dirty ways of developing corpora for language teaching. In Melia, J. and B. Lewandowska-Tomaszczyk (ed.) *PALC 97: practical applications in language corpora*, Lodz: Lodz University Press.

VIDAL, R. T. Comportamento diretivo/ requisitivo do professor de inglês como língua estrangeira; foco no núcleo do ato. *Linguagem e ensino*. Pelotas, v.3, n.2, p.75- 107, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15524>> . Acesso em: 19 jul. 2020. <http://dx.doi.org/10.15210/rle.v3i2.15524>

WIERBICKA, A. Different languages, different cultures, different speech acts: English vs. Polish. *Journal of Pragmatics* 9, p. 145–178, p. 1985.

RESENHA DE THE GRAMMAR NETWORK: HOW LINGUISTIC STRUCTURE IS SHAPED BY LANGUAGE USE, DE HOLGER DIESSEL

Karen Sampaio Braga Alonso (UFRJ)¹

Diego Leite de Oliveira (UFRJ)²

Resenha de

DIESEL, H. The Grammar Network: How language structure is shaped by language use.

Cambridge: University Press, 2019

Há pouco mais de trinta anos, Ronald Langacker (1987) criava a definição de modelo baseado no uso, referente a uma abordagem teórica na qual importância substancial é dada ao uso real do sistema linguístico e ao conhecimento do falante em relação a esse uso. Para ele, a gramática representa, em uma base não reducionista, o conhecimento do falante sobre as convenções de sua língua, empregando redes esquemáticas totalmente articuladas e enfatizando a importância de esquemas de níveis mais baixos. Como podemos ver, a definição proposta pelo pesquisador, além de permanecer atual, pode ser hoje mais bem compreendida do que certamente foi no passado. As contribuições na área da linguística, assim como na da ciência cognitiva em geral, confirmam a atualidade da definição e trazem à luz uma concepção relevante sobre a forma como a língua emerge, se organiza e se transforma no decorrer do tempo, adaptando-se às necessidades comunicativas de seus falantes.

Faltava, porém, um trabalho que buscasse congregar as diversas contribuições multidisciplinares para um modelo de redes em um material sistematizado, coerente, didático e, ao mesmo tempo, permeado de reflexões teóricas importantes para a concepção de língua baseada no uso. Esse trabalho chegou em 2019 e foi publicado pela Cambridge University Press, na forma de um livro intitulado

1 Professora do Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras da UFRJ. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ e do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UFRJ. E-mail: karensampaio@letras.ufrj.br.

2 Professor do Departamento de Letras Orientais e Eslavas da Faculdade de Letras da UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. E-mail: diegooliveira@letras.ufrj.br.

The Grammar Network: How linguistic structure is shaped by language use, e que o presente texto busca resenhar.

Antes de nos debruçarmos especificamente sobre o livro, algumas palavras sobre seu autor podem nos ajudar a compreender melhor a relevância do material no cenário da Linguística Baseada no Uso. Holger Diessel é professor de linguística da língua inglesa, na Universidade de Jena, na Alemanha. Em 1998, defendeu sua tese de doutorado, a qual foi publicada com o título *Demonstratives: form, function and grammaticalization*, em 1999. A leitura do material revela o interesse de longa data do autor por questões como tipologia e mudança linguística, diante da análise do modo como formas pronominais com valor demonstrativo se desenvolvem nas mais diversas línguas do mundo.

O interesse do autor também se reflete no campo da aquisição da linguagem. Na primeira década dos anos 2000, Diessel desenvolveu pesquisas especificamente sobre como se dá a aquisição de orações complexas, como as encaixadas de infinitivo, as relativas e as adverbiais (DIESEL; TOMASELLO, 2000, 2001). Mais recentemente, o pesquisador tem se dedicado ao estudo sobre o impacto da frequência na emergência e representação do conhecimento linguístico, através de mecanismos de processamento, sem deixar de lado seu fascínio pelos aspectos da comparação translinguística (DIESEL 2009; DIESEL; HILPERT 2016).

Desde 2014 (DIESEL 2014, 2015), já é possível observar a sua preocupação com uma concepção de arquitetura gramatical coerente com um modelo de redes na perspectiva da Linguística Baseada no Uso, também proposto por linguistas como Langacker (1987, 2008), Bybee (1996, 2010) e Goldberg (1995, 2006, 2019). Observa-se, ainda, seu comprometimento com uma reflexão sobre a língua como um sistema adaptativo complexo (DIESEL, 2014; HOPPER 1987; BECKNER ET AL. 2009; BYBEE 2010).

Os aspectos da formação do autor acima referidos estão presentes em *The Grammar Network: how linguistic structure is shaped by language use*, um livro de 309 páginas, cuja leitura é impressionantemente leve, dada a complexidade dos temas tratados e a riqueza das referências bibliográficas nas áreas em que o autor possui experiência. Trata-se de um texto agradável e uma belíssima introdução ao modelo de gramática como rede, em que todos os aspectos da estrutura linguística, como bem aponta o autor, “são analisados em termos de relações associativas entre lexemas, categorias e construções” (DIESEL, 2019, p. 2).

Emendada nesta afirmação, o autor coloca a questão basilar para a compreensão da contribuição e mesmo dos limites de sua obra: o modelo de gramática que ele apresenta é “inspirado pela pesquisa

computacional com redes neurais” (DIESEL, 2019, p. 2). Entender esse ponto de partida é essencial para uma leitura mais direcionada do desenho de processamento linguístico que vem à baila ao longo de todos os capítulos do livro.

Após uma breve introdução sobre os pilares dos modelos baseados no uso (Capítulo 1), o livro se estrutura em quatro partes, a saber: (i) *Fundamentos*; (ii) *Signos como redes*; (iii) *Relações de preenchimento de slot*; e (iv) *Relações construcionais*, sobre as quais discorreremos mais detalhadamente a seguir. A organização do livro de tal maneira se justifica por razões didáticas: a complexidade das relações na rede construcional vai sendo apresentada de forma gradual ao longo dessas partes.

A primeira parte, *Fundamentos*, comporta dois capítulos, quais sejam: *Gramática como rede* (Capítulo 2) e *Processos cognitivos e uso da língua* (Capítulo 3). É nessa parte que o autor apresenta a definição de rede crucial para o entendimento das ideias constantes do livro: “(i) um conjunto de nós, às vezes referido como vértices, e (ii) conexões, também chamadas de arcos, links, relações ou arestas” (Diessel, 2019, p.10).

O capítulo 2 procura dar conta de um modelo de redes em que “todos os conceitos gramaticais são definidos por tipos particulares de *links*, ou relações, que indicam conexões associativas entre diferentes aspectos do conhecimento linguístico do falante” (DIESEL, 2019, p. 11). Assim, na proposta do autor, “nós em um dado nível são redes em outro nível de análise” (DIESEL, 2019:11). Nesse sentido, se tomarmos, por exemplo, um item verbal recrutado para uma construção de estrutura argumental, podemos considerá-lo como um nó; por outro lado, se tomarmos esse mesmo item isoladamente, ele poderá ser interpretado como uma rede de relações associativas (simbólicas, taxonômicas, sequenciais, etc). Como o modelo de gramática apresentado no livro é inspirado em modelos de redes neurais ou conexionistas, os *links* entre os nós possuem “pesos” ou valores de ativação, moldados pelo processamento. Dessa forma, quanto mais frequentemente um dado *link* ou padrão de *links* é processado, mais forte é o seu peso e maior é a probabilidade de ele ser utilizado no futuro (DIESEL, 2019, p.10).

A gramática do autor é comprometida com a perspectiva da Gramática de Construções tal como prevista em Langacker (1987), Goldberg (2006) e Croft (2001), ou seja, é concebida como um inventário de pareamentos de forma e sentido emergentes a partir do uso da língua. Tais pareamentos são caracterizados por Diessel como signos que constituem a base do conhecimento linguístico estruturado em níveis de representação cognitiva cada vez mais abstratos, de modo que todo signo é

conectado a outros signos, criando uma rede simbólica (DIESEL, 2019, p. 17). Essa categoria mais geral de *signo* seria subdividida em duas subcategorias: lexemas e construções.

Nesse contexto, lexemas são pareamentos de forma e sentido que constituem unidades significativas individuais, processadas a partir de links associativos ativadas por uma dada forma (por exemplo, palavras monomorfêmicas como *lua*, *sal*, etc.). Por sua vez, construções são pareamentos de forma e sentido que acomodam mais de um elemento significativo (por exemplo, construções morfológicas definidas por Diessel como palavras multimorfêmicas do tipo de *carcereiro* - formada por base + sufixo - e construções sintáticas do tipo de *livro de Pedro*, que apresentam um ou mais slots para lexemas livres). No caso das construções, o processamento se dá a partir da interação entre as diferentes unidades significativas que as compõem, as quais, por si só, são entendidas como rede. O processamento de construções, portanto, tem uma complexidade diferente do processamento de lexemas, porque envolve necessariamente uma relação entre, pelo menos, duas redes associativas e a posterior integração de um sentido complexo, o que, em si, resulta na emergência de uma nova rede. Se tomarmos o exemplo de *carcereiro* supramencionado, temos aqui uma relação associativa entre a base e o significado da base, o sufixo e o significado do sufixo, e ainda uma terceira relação do item lexical *carcereiro* como um todo e seu significado, que o diferencia em relação a *prisioneiro*, por exemplo, pois apesar de ambas as formações serem criadas com o sufixo *-eiro* a partir de bases semanticamente sinônimas (*cárcere* e *prisão*), como bem aponta Salomão (2002, p 66), suas significações apontam para uma antonímia funcional.

O terceiro capítulo aborda os processos cognitivos e o uso da língua e retoma a atividade linguística como cooperativa e conduzida pelas interações comunicativas entre os interlocutores. Nesse capítulo, Diessel propõe uma divisão interessante entre processos cognitivos de domínio geral comumente tratados na literatura. Essa divisão abarca processos relacionados à cognição social (atenção conjunta, base-comum, etc.), processos relacionados à conceptualização (metáfora, metonímia, segregação figura-fundo, etc.) e aqueles relacionados à memória (categorização, analogia, automatização, etc.). O capítulo trata, ainda, da forma como esses processos interagem na emergência da arquitetura gramatical enquanto representação cognitiva, dando destaque à competição entre processos de cognição social, com uma orientação forte para o interlocutor, e processos relacionados à memória, mais diretamente ligados ao processamento individual da informação. Por fim, é proposta uma discussão sobre a relação entre aquisição e mudança linguística, em que o autor argumenta que inovações diacrônicas não advêm de erros na língua da criança, mas sim emergem em decorrência de pequenas mudanças no uso que os adultos fazem da língua. Nesse sentido, a importância da aquisição na mudança diacrônica residiria na transmissão dos padrões estruturais de uma geração para outra.

A *Parte II* do livro, intitulada *Signos como redes*, é composta pelos capítulos *A rede taxonômica* (Capítulo 4), *Relações sequenciais* (Capítulo 5) e *Relações simbólicas* (Capítulo 6) e está pautada na concepção do autor já referida acima, qual seja, a de que nós em determinados níveis de análise constituem, em si, uma rede de relações associativas em outros níveis.

No plano taxonômico, que foi exposto no capítulo 4, essas relações associativas se dão de modo a formar representações esquemáticas, ou seja, generalizações sobre sequências linguísticas específicas que guardam similaridades semânticas, fonológicas e distribucionais entre si. Tais representações esquemáticas, caracterizadas pelo autor como esquemas construcionais, geralmente estão ancoradas em palavras ou morfemas específicos (lexemas), de modo que a abstração de um esquema não apaga da memória do usuário a experiência com unidades lexicais concretas que contribuíram para sua abstração. Assim, a representação do conhecimento linguístico é redundante e não redutiva; isto é, esquemas e unidades linguísticas específicas estão associados uns aos outros em uma rede em que informação linguística de um mesmo tipo é representada em níveis variados de abstração.

Podemos ilustrar esse caso, por meio da construção binominal quantificadora [SN de [SN]]. O falante se depara com diversas instâncias concretas da construção, como, por exemplo, *um monte de pessoas* e *um monte de coisas*, diante das quais é possível fazer uma generalização do tipo [um monte de [SN]]. Se comparada a outras generalizações do tipo [uma chuva de [SN]] ou uma [enxurrada de [SN]], a partir do contato com as respectivas instâncias específicas, é possível proceder a uma generalização ainda mais abstrata do tipo [SN de [SN]]. O fato de o falante ter chegado a esse grau mais abstrato de generalização não exclui ou apaga de sua memória aquelas generalizações de nível mais específico, as quais se ligam mais diretamente ao uso da língua.

O quinto capítulo procura demonstrar como relações associativas do tipo sequenciais são determinantes para o reconhecimento de unidades (lexemas ou construções) de uma dada língua. Assim, Diessel descreve como sequências de unidades que ocorrem frequentemente juntas tendem a ser automatizadas e, portanto, são previsíveis no discurso. No caso de lexemas, as relações sequenciais se estabelecem em sequências fonológicas (não significativas) que, por ocorrerem frequentemente juntas, passam a ser automatizadas, previsíveis, resultando na formação de um *chunk*. No caso de construções, como já dito anteriormente, o mesmo processo se dá, mas agora em sequências de lexemas (ou seja, com uma sequência de unidades que já são, em si, *chunks*) gerando outros *chunks* com níveis maiores de complexidade.

O sexto capítulo se debruça sobre as relações simbólicas resultantes de processos cognitivos de

domínio geral do campo da conceptualização e da cognição social, tanto para lexemas, quanto para construções. No que diz respeito a lexemas, a relação simbólica emergente advém da interpretação semântica que os usuários fazem a partir de uma rede de conhecimento enciclopédico nos moldes de *frames e domínios* (DIESEL, 2019, p. 96-99). Já as construções (por serem extraídas de cadeias de lexemas) representam generalizações a partir de interpretações semânticas e não evocam de imediato o conhecimento de mundo, como fazem os lexemas, mas servem como instruções para o processamento de cadeias de informação lexical em uma representação semântica coerente.

Depois de apresentar o modelo de rede (Parte I) e investir nas relações associativas mais básicas concernentes ao processamento de lexemas e construções (Parte II), o autor passa a investir em relações de níveis mais complexos em termos da organização cognitiva da rede, a saber: relações entre lexemas e construções (Parte III) e relações entre construções e famílias de construções (Parte IV). Passaremos, então, a tratar das duas últimas partes da obra, que trazem contribuições mais aplicadas ao tratamento da sintaxe no modelo de rede.

A terceira parte do livro, chamada de *Relações de Preenchimento de Slot*, inicia-se com o sétimo capítulo, intitulado *Estrutura argumental e produtividade linguística*. O capítulo começa com uma breve apresentação das abordagens lexicalista - em que a estrutura argumental é determinada pelas propriedades lexicais do verbo - e construcionista - em que a estrutura argumental é determinada pelas construções (DIESEL, 2019, p.116). A partir daí, o autor passa a tratar da abordagem em rede, reforçando a contribuição da relação entre léxico e construção para o processamento da estrutura argumental. No caso, além das propriedades da própria construção, itens específicos que são fortemente atraídos para ela assumem papel crucial sobre como os falantes de uma dada língua ativam processos analógicos para a interpretação de um padrão de estrutura argumental. Itens mais atraídos por uma construção impactam na sua força coercitiva, influenciando o recrutamento de novos itens, bem como elucidando propriedades idiossincráticas que restringem combinações entre lexemas e construções no uso da língua.

O capítulo 8, *Um modelo de rede dinâmico das partes do discurso*, apresenta uma abordagem *radical* para o tratamento das classes de palavras (com foco nos nomes, verbos e adjetivos) como estruturas dinâmicas moldadas pelo uso da língua. Nessa perspectiva, categorias sintáticas não seriam tratadas como primitivos linguísticos, mas sim como emergentes de padrões construcionais, se apresentando como uma alternativa às abordagens semântica (baseada em traços semânticos) e estrutural ou distribucional (baseada em propriedades estruturais ou distribucionais com implicações de ordem semântica).

Para entendermos, de forma geral, como categorias sintáticas como *nomes* e *verbos*, por exemplo, emergem do uso da língua, o autor demonstra que falantes abstraem certas propriedades de usos concretos com base na analogia, quais sejam: i) propriedades em termos de construal (falantes concebem geralmente *nomes* como se referindo a COISAS e *verbos* se referindo a PROCESSOS); ii) propriedades de natureza morfológica, sintagmática e sintática (falantes reconhecem a recorrência de determinados morfemas, etc.); iii) propriedades semânticas extraídas de lexemas (falantes associam *nomes* a objetos e seres animados, enquanto *verbos* a ações e eventos). Esse mesmo raciocínio se aplica a adjetivos, conforme é mostrado ao longo do texto. Vale ressaltar, em consonância com a própria formação do autor, a importância dada, de um lado, ao processo de gramaticalização, que dá conta do desenvolvimento de funções gramaticais a partir de formas lexicais; e, de outro, às evidências translinguísticas, que demonstram que mesmo línguas de famílias distintas parecem apresentar semelhanças em termos da percepção de propriedades emergentes em esquemas de classes de palavras.

O último capítulo da terceira parte do livro denomina-se *Estrutura sintagmática*. Para Diessel, sintagmas promovem uma relação de nós e links em que “os nós representam unidades sintáticas particulares e os links especificam como essas unidades estão relacionadas na sentença” (DIESEL, 2019, p. 172) e são tomados como um *chunk*. Para ele, sintagmas são motivados semanticamente e podem ser basicamente divididos entre sintagmas compostos e sintagmas gramaticais. No caso de sintagmas compostos, relações como a de *núcleo* e *categoria dependente*, por exemplo, podem ser entendidas da seguinte forma: uma unidade que elabora uma entidade do *frame* (funcionando como núcleo) e uma outra unidade que elabora um participante de um frame (funcionando como uma categoria dependente). Essa relação poderia ser ilustrada, por exemplo, por *livro*_{Núcl.} + *de Pedro*_{Cat. dep.}. Analogamente, nos sintagmas gramaticais, observamos que palavras de função gramatical elaboram o sentido de palavras de conteúdo a elas relacionadas (DIESEL, 2019, p. 178), como, por exemplo, na relação *de* + *Pedro*. Ainda, Diessel dá um tratamento em rede para a questão da ordenação vocabular, mostrando a importância da *analogia* (padrões sintagmáticos que emergem da associação com outros padrões de esquemas construcionais, resultando em tendências gerais de ordenação) e da *gramaticalização* (quando diretamente vinculada a padrões de ordenação) para a fixação de esquemas sintagmáticos.

Por fim, chegamos à quarta e última parte do livro, intitulada *Relações Construcionais*, que comporta os capítulos 10 - *Famílias de construções* - e 11 - *Codificando assimetrias de categorias construcionais*. Essa parte, diferentemente das demais apresentadas anteriormente, demonstra que, para além das relações taxonômicas comumente investigadas na literatura construcionista, há relações

entre construções de mesmo nível de abstração, seja em termos de similaridade, como, por exemplo, as relações entre construções que expressam futuro (*vou fazer vs farei*), seja em termos de oposição, como por exemplo, em construções de número (*casa vs casas*).

O décimo capítulo do livro é crucial para uma visão mais abrangente da arquitetura da rede construcional, no que tange a construções que mantêm entre si certo grau de similaridade. Seu argumento central é que a rede de construções pode ser pensada de forma semelhante ao modo como o léxico mental é organizado, ou seja, como uma rede de relações associativas de significado e/ou forma entre construções que se encontram em um mesmo nível esquemático, proporcionando a emergência de famílias de construções.

Com vistas a mostrar que o modo de organização horizontal das construções é semelhante ao modo de organização dos lexemas, Diessel discute um conjunto amplo de tarefas experimentais utilizadas na psicologia cognitiva, com foco especial no efeito *priming*. Nesse sentido, busca mostrar como a escolha do falante em relação a um tipo específico de construção é influenciada pelo uso prévio da mesma construção ou de construção similar, seja do ponto de vista da forma, seja do ponto de vista do significado. Com isso, o autor defende que as construções são armazenadas e processadas em uma rede associativa, de modo que o acesso às construções envolve a competição entre construções similares, influenciada pelo nível de ativação das construções em certo ponto na linha do tempo (DIESEL 2019, p. 204). Essa organização associativa complexa também é evidenciada por investigações no campo do processamento, da aquisição e da mudança linguística, que o autor apresenta de forma detalhada a partir da segunda metade do capítulo.

O capítulo 11, por fim, dedica-se às relações horizontais entre construções que guardam entre si algum tipo de oposição do ponto de vista semântico e que, portanto, tendem a exibir certo grau de assimetria, organizando-se na forma de paradigmas, como voz, número, tempo, entre outros. O rol de oposições a que se refere Diessel inclui construções como as de polaridade afirmativa e negativa, construções ativa e passiva, construções de singular e plural, entre outras. Tendo analisado dados de várias línguas, com base na noção de marcação estrutural bastante explorada em tipologia, correlacionada a aspectos gerais da gramática baseada no uso, tais como frequência, economia e cognição social, Diessel sugere que construções em oposição geralmente tendem a codificar membros da categoria que não são tão frequentes por meio de elementos formais adicionais. É o que ocorre em diversos tipos de relações assimétricas, como em construções de voz (ativa/passiva), em que a construção passiva, que é menos frequente que a ativa, tende a exibir conjunto maior de elementos formais do que a construção de voz ativa, ou em construções de número em que plural e dual tendem

a apresentar mais elementos morfológicos do que o singular.

Os capítulos resenhados acima dão conta de apresentar uma concepção de rede para a representação cognitiva da gramática como um sistema dinâmico. Diessel nos brinda com uma bela explicação do modelo teórico, fundamentada em evidências de áreas nas quais possui experiência. Além de didático, cumpre com louvor o que promete: aplicar esse modelo de rede gramatical dinâmico em uma descrição focada no nível sintático, o que certamente consiste na principal contribuição da obra. *The Grammar Network: How linguistic structure is shaped by language use* é um livro que tem tudo para se tornar um clássico da literatura linguística de base cognitivo-funcional. Recomendamos fortemente a leitura.

Referências

BECKNER, C., BLYTHE, R., BYBEE, J., CHRISTIANSEN, M., CROFT, W. ELLIS, N. HOLLAND, J. KE, J., LARSEN-FREEMAN, D. and SCHOENEMANN, T. Language is a complex adaptive system. *Language Learning* 59, 2009, Supplement: 1-26.

BYBEE, Joan. Modelo de redes en morfología. *Actas del XI congreso internacional de la Asociación Lingüística y Filología de América Latina*. Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. 1996. p.59-74.

_____ *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: University Press, 2010.

CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2001.

DIESSEL, H. *Demonstratives: form, function and grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1999.

_____ *Usage-based linguistics*. In Mark Aronoff (ed.), *Oxford Bibliographies in "Linguistics"*. New York: Oxford University Press, 2014.

_____ *On the role of frequency and similarity in the acquisition of subject and non-subject relative clauses*. In Talmy Givón and Masayoshi Shibatani (eds.), *Syntactic Complexity*. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 251-276. Disponível em: <http://www.personal.uni-jena.de/~x4diho/Frequency%20and%20similarity.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

_____ *Usage-based construction grammar*. In Ewa Dabrowska and Dagmar Divjak (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015, p. 295-321. Disponível em: <http://www.personal.uni-jena.de/~x4diho/Usage-based%20Construction%20Grammar.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

_____ The Grammar Network: How language structure is shaped by language use. Cambridge: University Press, 2019.

DIESSEL, H.; HILPERT, Frequency effects in grammar. In Mark Aronoff (ed.), *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2016, p. 1-30. Disponível em: <http://www.personal.unijena.de/~x4diho/Frequency%20effects%20in%20grammar.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

DIESSEL, H. TOMASELLO, M. The development of relative clauses in spontaneous child speech. *Cognitive Linguistics* 11, 2000, p. 131-151. Disponível em: <http://www.personal.unijena.de/~x4diho/The%20development%20of%20relative%20clauses%20in%20spontaneous%20child%20speech.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

DIESSEL, H. TOMASELLO, M. The acquisition of finite complement clauses in English: A corpus-based analysis. *Cognitive Linguistics* 12, 2001, p. 1-45. Disponível em: <http://www.personal.unijena.de/~x4diho/The%20acquisition%20of%20finite%20complement%20clauses%20a%20corpus-based%20analysis.pdf>. Acesso em: 01-07-2020.

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

_____ *Constructions at work – The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

_____ *Explain me this. Creativity, Competition and the Partial Productivity of Constructions*. Princeton: University Press, 2019.

HOPPER, P. J. Emergent Grammar. Berkeley Linguistics Society Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society 1987), pp. 139-157

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar, Vol 1: Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____ *Cognitive Grammar: a Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

SALOMÃO, M. M. M. Gramática de Construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. *Veredas* V. 6, N. 1. p. 63-74, 2002.